

Soy de D Domingo Antonio de Juniga Vef de  
P<sup>ro</sup> Pedro de la Yamallosa Jurisdiccion de  
Bayona, Cura actual del P<sup>ro</sup> Juan de Rubio  
año de 1796

Juniga



G. T. L. Debric sculp. 1745.

**VERA EFFIGIES CELEBERRIMI  
P. ANTONII VIEYRA,**

*e Societ. Jesus, Lusitanicorum Regum Concionatoris, et Concionato-  
ris Principis; quem dedit Lusitania mundo Ulyssipo Lusitanice,  
Societati Brasilia. Obiit Bahiæ prope nonagenarius die 12 Julii An.  
1697. Quiescit in regio Collegii Bahyensis templo, ubi sepultus frequen-  
tissimo urbis concursu æterno orbis desiderio.*

ARTE DE FURTAR,  
ESPELHO DE ENGANOS,  
THEATRO DE VERDADES,  
MOSTRADOR DE HORAS MINGUADAS,  
GAZUA GERAL

*Dos Reynos de Portugal.*

OFFERECIDA  
A ELREY NOSSO SENHOR

D. JOAÕ IV.

PARA QUE A EMENDE.

Compоста no anno de 1652.

PELO PADRE

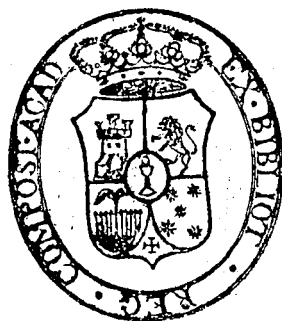
ANTONIO VIEYRA  
ZELOZO DA PATRIA.

Correcta , e emendada de muitos erros ; e assim  
tambem a verã o curioso leytor com as pa-  
lavras , e regras , que por inadvertencia  
faltaraõ na passada impressãõ.

AMSTERDAM,

NA OFFICINA DE MARTINHO SCHAGEN.

M. DCCXLIV.



Real Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales  
Vot. del Excmo. Sr. D. Juan de Vitoriano y J. de  
diciem de 1809

## SENHOR.

**H**Um Sabio disse, que não havia neste mundo homem, que se conhecesse; porque todos para consigo são como os olhos, que vendo tudo, não se vem a si mesmos: e daqui vem não darem muita fé em de suas perfeiçoens, nem advertirem em seus defeitos; e ser necessario, que outrem lhes diga, o que passa na verdade. Se V. Magestade não se conhece, nem o mundo, em que vive, e de que he Senhor, eu o direy em breves palavras. He V. Magestade o mais nobre, o mais valente, o mais poderoso, e o mais feliz homem do mundo; e este mundo he hum covil de ladroens. Digo que he V. Magestade o mais nobre; porque o fez Deos Rey, e lhe deu por Avó's Reys Santos, e poderosos, que elle mesmo escolheo, e ennobreceo, para a mais nobre acção de lhe augmentar, e estabelecer sua Fé. He o mais valente, assim nas forças do corpo, como nas do espirito: nas do corpo; porque não ha trabalho, a que não resista,

nem outrem, que possa medir valentia com V. Magestade: e nas do espirito; porque não ha fortuna, que o quebrante, nem adversidade, que o perturbe. He o mais poderoso; porque sem arrancar a espada, se fez Senhor do mais dilatado Imperio, tirando-o das garras de Leoens, que o occupavaõ; com tanta pressa, que não poem tanto huma pósta em levar a nova, quanta V. Magestade poz em arvorar a vitoria nas mais remotas partes do mundo. He o mais feliz; porque em nenhuma empresa poem sua Real mão, que lhe não succeda a pedir por boca; e se alguma se malogra, he a que V. Magestade não approvou; tanto, que temos já por unico remedio, para se acertar em tudo, fazer-se só o que V. Magestade ordena, ainda que a outros juizos pareça desacerto. E digo, que este mundo he hum covil de ladroens; porque se bem o considerarmos, não ha nelle couza viva, que não viva de rapinas: os animaes, aves, e peixes comendo-se huns aos outros, se sustentão: e se alguns ha, que não se mantenhaõ de outros viventes, tomão seu pasto dos frutos alheyos, que não cultivaraõ; com que vem a ser tudo huma pura ladroeira; tanto, que até nas arvores ha ladroens; e os Elementos se comem, e gastaõ entre si, diminuindo-se por partes, para accrescentar cada qual as suas. Assim se portaõ as creaturas irracionaes, e insensiveis, e as racionaes ainda peor que todas; porque lhes sobeja a malicia, que nas outros falta, e com ella trata cada qual de se accrescentar a si: e como o homem de si nada tem proprio, claro està, que se os accrescenta, muitos haõ de ser alheyos. E de todo este discurso nada he conforme á ley da natureza; a qual quer, que todas as couzas se conservem sem diminuição de alguma. Nem a Ley Divina quer outra couza; antes lhe aborrecem

recem tanto ladroens , que do Ceo ; do Paraiso , e do Apostolado os desterrou ; e a este ultimo desterro se accrescentou forza : e notese que a tomou o reo por sua maõ , sem intervir nisso sentença de justiça , para nos advertir o castigo , que merecem ladroens , e como não devem ser admittidos , nem tolerados nas Republicas.

Quer Deos , que haja Reys no mundo , e quer que o governem assim como elle , pois lh'es deu suas vezes , e os armou de poder contra as violencias ; e como a mayor de todas he tomar o seu a seu dno , em emendar esta se devem esmerar. E em V. Magestade corre esta obrigação mayor ; pois fez Deos a V. Magestade o mais nobre , o mais valente , o mais poderoso , e o mais feliz Rey do mundo. E deve por cuidado grande nesta empresa , porque a fazenda de V. Magestade he a mais combatida destes inimigos , que por serem muitos só com hum braço taõ alentado , como o de V. Magestade , poderãõ ser reprimidos , e castigados. A mayor difficuldade està no conhecimento delles ; porque como o officio de infante , e reprovado por Deos , e pela natureza , não querem ser tidos por taes , e por isso andaõ todos disfarçados ; mas será facil darlhes alcaçe , se o dermos a suas mascaras , que são as artes de que usaõ : destas faço aqui praça , e lhas descubro todas , mostrando seus enganõs como em espelho , e minhas verdades como em theatro , para fazer de tudo hũ mostrador certissimo das horas , momentos , e pontos , em que a gazua destes piratas faz seu officio. Não ensina ladroens o meu discursõ , ainda que se intitula Arte de furtar ; ensina só a conhecellos , para es evitar. Todos tem unhas , com que empolgaõ , e nas unhas de todos he de empolgar , para as descobrir por mais que escondaõ ; e serã taõ suavemente , que ninguem se

doa." *Vay muito no modo, e no estylo: a pirola amargosa não causa fastio, se vay dourada, e para que este Tratado o não cause, hir á prateado com tal tempera, que irrite mais a gosto, que a molestia. Sirvase V. Magestade de o entender assim, e de observar com seu grande entendimento até os minimos apices desta Arte; porque das contraminas della, que tambem descubro, depende a conservaçoã total de seu Imperio, que Deos Nosso Senhor prospere até o fim do mundo com as felicidades, que seus venturozos principios nos promettem. &c.*

AO SERENISSIMO SENHOR  
DOM THEODOSIO

Principe de Portugal.

DEPRECAC, AEM.

SENHOR.

**T** Ambem a V. A. Real, e Serenissima pertence a emenda desta Arte por todos os titulos, que a ElRey nosso Senhor pertence, pois não assim como elle o limite em suas grandezas; porque de tal Arvore não podia nascer menor ramo, e em nascendo mostrou logo V. A. o que havia de ser: e hum Mathematico instigou mo disse olhando, por lho eu pedir, para os horoscopos do Ceo, que V. A. havia de ser Rey da terra, e Sua Magestade, que Deos guarde, guardou este juizo. E ainda que estas razoes não militassem, que são certissimas, bastava vermos, que ha em V. A. poder, e saber para tudo: e são duas couzas muito essenciaes para emendar latrocínios; o saber para os aparbar, e o poder para os emendar. Digo que vemos em V. A.

poder: porque vemos, que a fim como Atlante cansado de sustentar as Esferas do Ceo, as entregou aos hombros de Hercules, para que as governasse: assim El Rey nosso Senhor, Atlante do nosso Imperio, descarregou as Esferas delle nos hombros de V. A. não para descansar, que he infalivel, mas para se gloriar, que tem em V. A. hombros de Hercules, que ajudaõ os de Atlante, e o igualaõ no poder. A Hercules pintou a Antiquidade ornado com huma Clava, que lhe arma as mãos, e com cadeas, e redes, que lhe sayem da boca, e levaõ preza infinita gente. Com a Clava se significaõ suas armas, e poder; cõ as redes, e cadeas, sua sabedoria: com estas duas couzas vencida, e dominava tudo. De armas, e sabedoria vemos ornado, e fortalecido a V. A. assim porque tem todas as de Portugal (que monta tanto, como as do mundo) á sua obediencia; como tambem, porque ninguem as menèa com tanto garbo, valor, destreza, e valentia; ou seja a cavallo brandindo a lança, ou seja a pé levando a espada, e fluminando o montante; e assim se demonstra, que ha em V. A. poder para emendar, e castigar. E porque este não basta, se não ha sciencia para alcançar, quem merece o castigo; digo que vemos em V. A. tanta sabedoria, que parece infusa: porque não ha Arte liberal, em que não seja eminente; não ha sciencia especulativa, em que não esteja consummiado; não ha habito de virtude moral, que o não tenha adquirido, e feito natural cõ o uso. E em todo o genero de letras, artes, e virtudes, se consummou com tanta facilidade, e presteza, que nos parecia ter nascido tudo com V. A. naturalmente, e não ser achado por arte, e assim se prova, que ha em V. A. saber para dar alcance aos latrocínios, de que aqui tratamos: e em os pescando com a rede da  
sabedo-

*Sabedoria, segue-se emeraldallos com a Clara do poder.*

*Sugeito por tanto esta Arte de furtar; ao poder, e a sabedoria de V. A. Ao poder, para que a ampare, e a sabedoria, para que a emende: porque só da sabedoria de V. A. foy que dará alcance ás subtiliza dos profyfferes desta arte. Em duas couzas peço a V. A. que ostente aqui seu poder: em castigar ladroens, e em me defender delles, pois foy arriscado com os descobrir; mas com me encobrir V. A. me dou por seguro. E em outras duas couzas torno a pedir ostente V. A. sua sabedoria, em emendar esta Arte, em quanto pertence aos ladroens; e tambem o estylo della, pelo que tem de meu. Levarey mal, que me argua outrem, porque não haverá, quem me não seja suspeito, salvo V. A. visto não haver outrem, que escape das notas, que aqui emendo. Dirão que fallo picante, ou lépido: isso he o que pertendo, para adoçar por todas as vias o desagrado da materia. Cuidava eu que fallar visto muito chumbado, e sério, seria o melhor; mas sendo o objecto de si penoso, porque he de perdas, e damnos, fazello mais penoso com o estylo, seria vestir hum capuz a este tratado, para todos lhe darem o pezame de o não poderem ver ás escuras. Vestirey de primavera o mez de Dezembro, para o fazer tratavel, tecendo os casos, e materias de modo, que não fação mayor pender para hum balanço, que para outra, para que alivie o curioso da Arte, e estylo, o molesto da materia sem tropas de sentenças Cabalisticas, nem infantaria de palavras cultas, e peneadas, que me quebrão a cabeça. Alguns libertes vejo deffes, que vão sabindo á moderna, e quando os leyo, tem os entendo; mas quando os acabo de ler, não sey o que me disserão: porque toda a sua habilitade poem em palavras. E ja disse o proverbio, que palavras,*  
*e plu-*

*e plumas o vento as leva. Outros toda a polvora gastaõ em dar conselhos politicos, a quem lhos naõ pede, e bem apertados, vem a ser melancolias do Autor, que por arrufos deiraõ em desvellos, ou por ambiçaõ em delirios; e poderamos responder aos taes, o que Apelles ao que lhe taxou as roupagens da sua pintura, sabindose da esfera do seu officio. Seja o que for, o que sey he, que nada me toca mais, que zelo do bem commum, e augmento da Monarquia, de que he herdeiro, e Senhor V. A. Ladrosens retardãõ augmentos, porque diminuem toda a couza boa: diminua-os V. A. a elles, e crescerã seu Imperio, que os bons desejaõ dilatado até o fim do mundo; porque todos amaõ mais que muito a V. A. que Deos guarde &c.*

PRO.

P R O T E S T A C , A M  
D O A U T O R

*A quem ler este Tratado.*

**E**M Ouguella , lugar de Alèm-Tejo , entre Elvas , e Campo Mayor , ha hum fonte , cuja agua não coze carne , nem peixe , por mais que ferva. E na Villa do Pombal , perto de Leiria , ha hum forno , em que todos os annos se coze hum grande fogaça para a festa do Espirito Santo ; e entra hum homem nelle , quando mais quente , para accomodar a fogaça , e se detém dentro , quanto tempo he necessario , sem padecer lesão alguma do fogo , que cozendo o pão não coze o homem. E pelo contrario na Tapada de Villa-Viçosa , retiro agradavel da grande Casa de Bragança , adverti hum cousa notavel , que haverá mais de dous mil veados nella , que todos os annos mudaõ as pontas , bastante numero para em pouco tempo ficar toda a Tapada juncada delles ; e no cabo não ha quem ache hum. Perguntey a razão ao Senhor D. Alexandre , irmão delRey nosso Senhor , grande perscrutador de couzas naturaes ? E me respondeo , o que he certo , que os mesmos veados em as arrancando logo as comem. Mais me admirou que haja animaes , que comaõ , e possaõ digerir ossos mais duros que pedras ! Mas que muito , se ha aves , que comem , e digerem ferro , quaes saõ as hemas ! Conforme a estes exemplos , tambem nos homens ha estomagos , que não cozem muitos manjares , como a fonte de Ouguella , o forno do Pombal , nem os admittem , por bons que sejaõ ; e abraçaõ outros mais grosseiros ,

feiros, com que se fazem, como veados, e hemas. E se perguntarmos ao Philosofo a razãõ destas desigualdades? Dirã, que sãõ effeitos, e monstruosidades da natureza, que obra conforme as compleiçoens, e qualidades dos sujeitos. O mesmo digo, se houver estomagos, que nãõ admittaõ, e cozaõ bem os pontos, e materias, que discursa este tratado, que nãõ vem o mal da qualidade das couzas, que aqui offereço, senãõ do mãõ humor, com que as mastigaõ, mais para as mor-der, que para as digerir: e como o mantimento, que se nãõ digere, o estomago o converte em veneno; assim os taes de tudo fazem peçonha, mas que seja triaga cordeal, e antidoto escolhido. Como triaga, e com o antidoto proponho tudo para remedio dos males, que padece a nossa Republica: se houver aranhas, que façãõ peçonha mortal das flores aromaticas, de que as abelhas tiraõ mel suave, nãõ he a culpa das flores, que todas sãõ medicinaes; o mal vem das aranhas, que pervertem, o que he bom. He o juizo humano, assim como os moldes, ou finetes, que imprimem em cera, e massa suas figuras: se o molde as tem de serpentes, toda a massa, por sãa que seja, fica cuberta de sevandijas, como se as produzira, e estivera corrupta; e pelo contrario, se o finete he de figuras boas; e perfeitas, taes as imprime, até na cera mais tofco. Quero dizer, amigo leitor, que se fordes inimigo da verdade, sempre vos ha de amargar, e nunca haveis de dizer bem della, com ella ser de seu natural muito doce, e formosa, porque he filha de Deos. Verdades puras professo dizer, nãõ para vos offender com ellas, senãõ para vos mostrar onde, e como vos offendeis vòs a vòs mesmo,

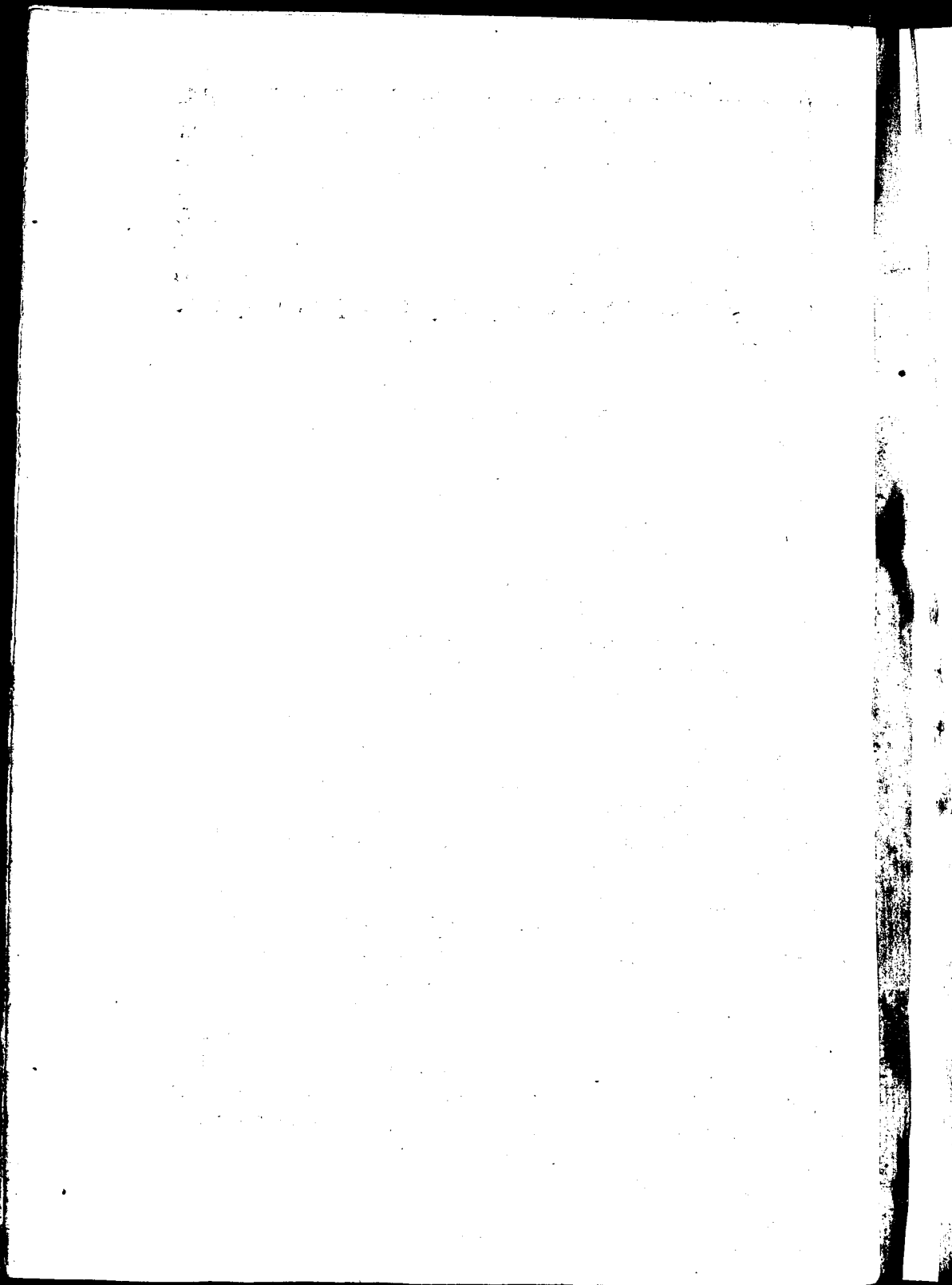
mesmo, e á vossa Republica; para que vós melhoreis, se vos achardes comprehendido.

E não me digais, que não convém tirar a publico affrontas publicas de toda huma Nação; porque a isso se responde, que se são publicas, nenhum discredito move, quem as repete, antes vos honra mostrando-vos disposto para a emenda, e vos melhora abrindo-vos caminho, para conhecerdes o engano, em que viveis. E assim protesto, que não he meu intento ensinar-vos os lanços, que nesta *Arte de furtar* ignoraveis, senão allumiá-los o conhecimento da deformidade delles, para que os abomineis. Nem cuideis, que vos conheço, quem quer que sois, nem que ponho o dedo em vossas couzas em particular: o meu zelo bate só no commum, e não pertende affrontar a nossa Nação; antes a honro muito por duas razoes. Primeira; porque tudo comparado com os defeitos de outras nesta parte, fica a nossa mais acreditada, pois se deixa ver o excesso dos latrocinios, com que assolão o mundo todo por mar, e por terra. Segunda; porque tratamos de emenda, e onde ha esta, ou dezejo della, he a mayor perfeição, que os Santos achão nas Religioens mais reformadas; e assim ficamos nós com o credito de Religiosos reformados, em comparação de gente dissoluta. Donde não me resulta daqui escrupulo, que me retarde. O que sinto he, que não sey, se conseguirá seu effeito o meu intento, que só trata de que vos emendeis, se vos achardes comprehendido: e se cada hum se emendar a si, já o disse hum Sabio, que teremos logo o mundo todo reformado: e melhorar assim o nosso Reyno, e emendallo, he o que pretendemos.

Dirá

Dirà o Critico , e tambem o Zoilo ( que tudo abocanhaõ , e róem ) que isto naõ he gazúa , com que se abrem portas para furtar ; mas que he montante , que escala de alto abaixo muita gente de bem para a deshonnar. A isso tenho respondido , que naõ tome ninguem por si o que lhe digo , e ficaremos amigos como dantes ; porque na verdade a nenhum conheço , e de nenhum fallo em particular : os casos , que aqui referir , saõ ballas de batalha campal , que tiraõ a montaõ sem pontaria. Só digo o que vi , o que li , ou ouvi , sem pesquisar autores , nem formalidades , mais que as que as couzas daõ de si : e se em algumas discreparem as circunstancias da narraçaõ , e naõ se ajustarem em tudo muito com o succedido , pouco vay nisso ; porque o nosso intento naõ he deslindar pleitos para os sentenciar , senaõ mostrar deformidades para as estranhar , e dar doutrina , e tratar de emenda. E estejaõ certos todos , que naõ dizemos nada , que naõ passe affim na verdade em todo , ou em parte principal. E naõ allegamos Autores para confirmaçaõ do que escrevemos ; porque os desta arte nunca imprimiraõ ; e de sua sciencia só duas letras se achaõ impresas nas costas de alguns , que saõ L. e F. e o que querem dizer , todos o sabem. E se algum me impugnar a mim para defender , o que estas letras denotaõ , mostrarà nisso , que he da mesma confraria , e negarfelhe-hà o credito por apaixonado , como parte , e darfeme-ha a mim , que o naõ sou ; porque só pertendo mostrar neste *Espelho* a verdade , e fazer publicas como em *Theatro* as mentiras , e embustes de ladroens passados , e presentes. Apresntem-se todos para ouvir com paciencia ; e porque trato de naõ molestar , quem isto lér , hirey tecendo-tudo

tudo em fórma, que o curioso dos successos ad-  
ce o azedo da doutrina : e em tudo teraõ todos  
muito que aprender , para sempre ferem virtuo-  
sos , se quizerem tomar as couzas , como as applico.  
Deos vos guarde de varas delgadas , que andaõ  
pelas ruas , e de tres pãos grossos , que vos es-  
peraõ , se naõ tomardes meus avisos. Entretanto  
estuday o Credo , e espertay a fé para o que se  
segue.



# I N D E X

## D O S C A P I T U L O S D E S T E T R A T A D O .

### C A P I T U L O I .

**C**omo para furtar ha arte, que he sciencia verdadeira. p. 1.

### C A P . II .

Como a arte de furtar he muito nobre. p. 7.

### C A P . III .

Da antiguidade, e professores desta arte. p. 10.

### C A P . IV .

Como os mayores ladroens são, os que tem por officio livrar-nos dos mesmos ladroens. p. 15.

### C A P . V .

Dos que são ladroens, sem deixarem, que outros o sejam. p. 22.

### C A P . VI .

Como não escapa de ladraão, quem se paga por sua mão p. 26.

### C A P . VII .

Como tomado pouco se rouba mais, que tomando muito. p. 32.

### C A P . VIII .

Como se furta às partes fazendolhes merces, e rendendolhes misericordias. p. 36.

### C A P . IX .

Como se furta a titulo de beneficio. p. 40.

\*\*

CAP.

C A P. X.

*Como se pódem furtar a ElRey vinte mil cruzados a titulo de o servir p. 46.*

C A P. XI.

*Como se pódem furtar a ElRey vinte mil cruzados, e demandalo por outros tantos. p. 51.*

C A P. XII.

*Dos ladroens , que furtando muito , nada ficaõ a dever na sua opiniaõ. p. 54.*

C A P. XIII.

*Dos que furtaõ muito accrescentando, a quem roubaõ, mais do que lhe furtaõ. p. 56.*

C A P. XIV.

*Dos que furtaõ com unhas Reaes. p. 61.*

C A P. XV.

*Em que se mostra, como póde hum Rey ter unhas p.66.*

C A P. XVI.

*Em que se mostraõ as unhas Reaes de Castella , e como nunca as houve em Portugal. p. 70.*

*Manifesto do Direito , que D. Philippe de Castella allega contra os pertendentes de Portugal. p. 72.*

*Razoens , que ElRey D. Philippe allega contra a Senhora Dona Catharina. p. 77.*

*Resposta da Senhora Dona Catharina contra as razoes delRey D. Philippe. p. 84.*

*Manifesto do Direito da Senhora Dona Catharina ao Reyno de Portugal contra D. Philippe. p. 99.*

*Razoes da Senhora Dona Catharina contra Philippe. p. 102.*

*Repos-*

*Resposta del Rey D. Filippe contra as razoes da Senhora Dona Catharina com seu desengano.*  
p. 112.

C A P. XVII.

*Em que se resolve, que as unhas de Castella são as mais farpantes por injustiças.* p. 120

C A P. XVIII.

*Dos ladroens, que furtaõ com unhas pacificas.* p. 130.

C A P. XIX.

*Profegue-se a mesma materia, e mostra-se, que tal deve ser a paz, para que unhas pacificas nos não damnifiquem.* p. 135.

C A P. XX.

*Dos ladroens, que furtaõ com unhas Militares* p. 140.

C A P. XXI.

*Mostra-se, até onde chegaõ unhas Militares, e quando se deve fazer a guerra.* p. 145.

C A P. XXII.

*Profegue-se a mesma materia das unhas Militares, e como se deve fazer a guerra.* p. 155.

C A P. XXIII.

*Dos que furtaõ com unhas temidas.* p. 160.

C A P. XXIV.

*Dos que furtaõ com unhas tímidas.* p. 168.

C A P. XXV.

*Dos que furtaõ com unhas disfarçadas.* p. 171.

C A P. XXVI.  
*Dos que furtaõ com unhas maliciosas. p. 174.*

C A P. XXVII.  
*De outras unhas mais maliciosas. p. 178.*

C A P. XXVIII.  
*Dos que furtaõ com unhas descuidadas. p. 184.*

C A P. XXIX.  
*Dos que furtaõ com unhas irremediaveis. p. 187.*

C A P. XXX.  
*Que taes devem ser os conselheiros, e conselhos, para que unhas irremediaveis nos não damnifiquem. p. 196.*

*Que taes devem ser os Conselheiros. p. 197.*

*Tribunal, como, e que tal. p. 202.*

*Voto, e parecer de cada hum. p. 207.*

*Resoluçaõ do Conselho. p. 210.*

C A P. XXXI.  
*Dos que furtaõ com unhas sabias. p. 218.*

C A P. XXXII.  
*Dos que furtaõ com unhas ignorantes. p. 217.*

C A P. XXXIII.  
*Dos que furtaõ com unhas agudas. p. 222.*

C A P. XXXIV.  
*Dos que furtaõ com unhas singelas. p. 227.*

C A P. XXXV.

*Dos que furtaõ com unhas dobradas. p. 231.*

C A P. XXXVI.

*Como ha ladroens, que tem as unhas na lingua. p. 235.*

C A P. XXXVII.

*Dos ladroens, que furtaõ com a maõ do gato. p. 238.*

C A P. XXXVIII.

*Dos que furtaõ com mãos, e unhas postiças, de mais, e accrescentadas. p. 246.*

C A P. XXXIX.

*Dos que furtaõ com unhas bentas. p. 251.*

C A P. XL.

*Em que se responde, aos que ao Fisco chamã Visco. p. 258.*

C A P. XLI.

*Dos que furtaõ com unhas de fême. p. 263.*

C A P. XLII.

*Dos que furtaõ com unhas fartas. p. 264.*

C A P. XLIII.

*Dos que furtaõ com unhas mimosas. p. 266.*

C A P. XLIV.

*Dos que furtaõ com unhas desnecessarias. p. 273.*

C A P. XLV.

*Dos que furtaõ com unhas demesticas. p. 278.*

CAP.

C A P. XLVI.

*Dos que furtaõ com unhas mentirofas. p. 282.*

C A P. XLVII.

*Dos que furtaõ com unhas verdadeiras. p. 288.*

C A P. XLVIII.

*Dos que furtaõ com unhas vagarosas. p. 292.*

C A P. XLIX.

*Dos que furtaõ com unhas apressadas. p. 299.*

C A P. L.

*Mostra-se, qual he a jurisdicçaõ, que os Reys tem sobre os Sacerdotes. p. 304.*

C A P. LI.

*Dos que furtaõ com unhas insensiveis. p. 309.*

C A P. LII.

*Dos que furtaõ com unhas, que naõ se sentem ao per-  
to, e arranbaõ muito ao longe. p. 314.*

C A P. LIII.

*Dos que furtaõ com unhas visiveis. p. 318.*

C A P. LIV.

*Dos que furtaõ com unhas invisiveis. p. 321.*

C A P. LV.

*Dos que furtaõ com unhas occultas. p. 327.*

C A P. LVI.

*Dos que furtaõ com unhas toleradas. p. 341.*

CAP.

C A P. LVII.

*Dos que furtaõ com unhas alugadas. p. 338.*

C A P. LVIII.

*Dos que furtaõ com unhas amorosas. p. 341.*

C A P. LIX.

*Dos que furtaõ com unhas cortezes. p. 344.*

C A P. LX.

*Dos que furtaõ com unhas polinicas. p. 348.*

C A P. LXI.

*Dos que furtaõ com unhas confidentes. p. 352.*

C A P. LXII.

*Dos que furtaõ com unhas confiadas. p. 355.*

C A P. LXIII.

*Dos que furtaõ com unhas proveitosas. p. 361.*

C A P. LXIV.

*Dos que furtaõ com unhas de prata. p. 366.*

C A P. LXV.

*Dos que furtaõ com unhas de não sey como lhes  
chame. p. 372.*

C A P. LXVI.

*Dos que furtaõ com unhas rediculas. p. 380.*

C A P. LXVII.

*Primeira tezoura para cortar unhas, chama-se Vigia.  
p. 386.*

CAP.

C A P. LXVIII.

*Segunda tezoura*, Milicia. p. 390.

C A P. LXIX.

*Terceira tezoura*, Degredo. p. 393.

C A P. LXX.

*Desengano geral a todas as unhas*. p. 397.

*Primeiro desengano*. p. 398.

*Segundo desengano*. p. 399.

*Terceiro desengano*. p. 403.

*Conclusão final, e remate do desengano verdadeiro*. p. 407.

(1)

TRATADO  
UNICO.

\*\*\*\*\*

CAPITULO I.

*Como para furtar ha arte, que he sciencia verdadeira.*

**A**S Artes, dizem seus Autores, que sam emulaçoens da natureza: e dizem pouco; porque a experiencia mostra, que tambem lhe accrescentão perfeiçoẽs. Deu a natureza ao homem cabelo, e barba, para authoridade, e ornato; e se a arte nam compuzer tudo, em quatro dias se fará hum monstro. Com arte repara huma mulher as ruinas, que lhe causou a idade, restituindo-se de cores, dentes, e cabelo, com que a natureza no melhor lhe faltou. Com arte faz o escultor do tronco inutil huma imagem tam perfeita, que parece viva. Com arte tiraõ os cobiçozos das entranhas da terra, e centro do mar a pedraria, e metaes preciosos, que a natureza produzio em tosco, e aperfeiçoando tudo, lhe dam outro valor. E nam só sobre couzas boas tem as Artes juridicçam, para as melhorar mais que a natureza; mas tambem sobre as más, e nocivas, para as diminuir em proveito de quem as exercita, ou para as accrescentar em

A

damno

damno de outrem : como se vé nas máquinas da guerra , partos da arte Militar , que todas vão dirigidas a affolaçoens , e incendios , com que huns se defendem , e outros são destruidos. Não perde a arte seu ser por fazer mal , quando faz bem , e a proposito esse mesmo mal , que professa , para tirar delle para outrem algum bem , ainda que seja illicito. E tal he a arte de furtar , que toda se occupa em despir huns para vestir outros. E se he famosa a arte , que do centro da terra desentranha o ouro , que se defende com montes de difficuldades , não he menos admiravel a do ladraõ , que das entranhas de hum escritorio , que fechado a sete chaves se resguarda com mil artificios , defencóva com outros maiores o thesouro , com que se melhora de fortuna. Nem perde seu ser a arte pelo mal que causa , quando obra com cilladas segundo suas regras , que todas se fundaõ em estratagemas , e enganõs , como as da Milicia : e essa he a arte , e he o que dizia hum grande mestre desta profissãõ : *Con arte , y con engaño , vivo la mitad del año : y con engaño , y arte , vivo la otra parte.* E se os ladroens não tiverem arte , busquem outro officio ; por mais que a este os leve , e ajude a natureza , se não alentarem esta com os documentos da arte , teraõ mais certas perdas , que ganhos ; nem se poderãõ conservar contra as invasõens de infinitas contrariedades , que os perseguem. E quando os vejo continuar no officio illezos , não posso deixar de o attribuir á destreza de sua arte , que os livra até da justiça mais vigilante,

gilante, deslumbrando-a por mil modos, ou obrigando-a, que os largue, e tolére; porque até para isso tem os ladroens arte. Assim se prova, que ha arte de furtar, e que esta seja sciencia verdadeira, he muito mais facil de provar, ainda que não tenha escola publica, nem Doutores graduados, que a ensinem em Universidade, como tem as outras sciencias.

Todos os Philosophos, e Doutores Theologos defendem, que merece o nobre titulo de sciencia verdadeira aquella arte sómente, que tem principios certos, por onde demonstra, e alcança, o que exercita: exemplo sejaõ a Sagrada Theologia, a Philosophia, Mathematica, Musica, Medicina, e outras, que nascem destas, as quaes são verdadeiras sciencias, porque nam só ensinam o que professaõ, mas tambem provam por seus principios, e demonstraõ por consequencias evidentes, o que ensinão. E admitindo nós esta regra, que todos os sabios admittem, devemos excluir do numero das sciencias só aquellas artes, que páraõ na materia, em que se occupão; tomando-a assim como se lhes offerece, sem discursarem as razoens, nem os principios, por onde se aperfeicção no alcance do seu fim. Exemplo seja a Jurisprudencia, que nam se detém em especular, ou demonstrar, o que propoem seus textos: donde nasce não haver evidencia publica da razam de seus preceitos: e se nos move a seguilos a obediencia, com que todos nos sujeitamos a elles, mais he por temor ás vezes, que por respeito. E ainda que todos sejam

fundados em razam, que os Principes acharaõ, e commumente apontão em seus decretos, paffão por ellas os Jurisconsultos ordinariamente tanto em silencio, que por fé lhe damos alcance. E ham-se nisto alguns Canonistas, e Legistas, como Deos, que obrigando os homens a huma ley de dez preceitos, em nenhum delles apontou a razam, porque os punha; deixando-a ao discurso da ley natural, que nenhum homem deve ignorar; ainda que ha alguns tam grosseiros, que nam atinão com ella. E por isso nunca ninguem disse, que a doutrina do Decalogo, pelo que pertence á observancia pratica, era sciencia, ainda que o seja no especulativo, pelo que descobre nobem para o abraçarmos, e no mal para o fugirmos. De todo este discurso se colhe com certeza, que a arte de furtar he sciencia verdadeira, porque tem principios certos, e demonstraçoens verdadeiras, para conseguir seus effeitos, posto que por rudeza dos discipulos, ou por outros impedimentos extrinsecos nam chegue ao que pertende. Mas se o ladram tem bom natural, e he perito na arte, arma seus syllogismos como rede varredoura, a que nada escapa. Com huma historia notavel faço demonstraçam desta verdade. Em certa Cidade de Espanha houve huma viuva fidalga tam rica como nobre: e como as matronas de qualidade por seu natural recolhimento não podem assistir a trafegos de grandes fazendas, dezejava esta muito hum feitor fiel, e intelligente, que lhe podesse governar tudo. E nam dezejava menos hum ladram cadino ter entrada em casa

tam

taõ caudalosa com algum honesto titulo, para se provér de huma vez de remedio para toda a vida. Lançou suas linhas, e armou suas traças em fórma, que nenhuma consequencia frustrou, assim para entrar com grande credito, como para sahir com mayor proveito. Achou por suas inculcas, que tinha a senhora hum Confessor Religioso, a quem dava credito, e obediencia por sua virtude, e letras. Prégava este certa festa de concurso, vestio-se o ladraõ de traje humilde, o rosto penitentes, e fez-se contradicção com elle hindo para o pulpito. Poz-lhe na mão huma bolça de dobroens, que disse achára perdida, e pedio-lhe com muita submissãõ, e modestia, que a publicasse ao auditorio, e a restituísse a quem mostrasse que era seu dono, dando os verdadeiros sinais della, e do que continha. Ficou o Reverendo Padre Prégador attonito com tal caso, que houvesse homem no mundo, que restituísse em vida, e disse aos ouvintes milagres do fugeito; e que podendo melhorar de capa com aquelle achado, o não fizera, estimando mais a paz de sua alma, que o commodo de seu corpo, e que em hum daquelles eraõ bem empregadas as esmolas. E assim foy, que acabada a prégacão, mandáraõ muitos Cavalheiros seus subsidios com mais de meya duzia de vestidos muito bons ao Reverendo Padre, para que dêsse tudo ao pobre santo, que lhe não pezou com elles: e foy a primeira consequencia, que colheo do seu discurso: e a segunda assegurar a bolça para si com sua máy, que era huma velha taõ artilosa, como elle, que já estava prevenida ao Padre do pulpi-

to, e muito bem adestrada pelo filho: e em descendo o Padre agarrou delle gritando: A bolça he minha; por final, que he de couro pardo, com huns cordoens verdes, e tem dentro seis dobroens, quatro patacas, e hum papelinho de alfinetes. Ouvindo o Prégador finais taõ evidentes, e vendo que tudo assim era, lhe entregou tudo, dando graças a Deos, que nada se perdéra: e a mãy fez em casa a restituição ao filho, que assegurou de caminho a terceira consequencia de estafar tambem o Religioso, que o levou á sua cella, onde o regallou, e melhorou de vestido, e fortuna, informando-se delle mesmo de seus talentos: e achando que sabia ler, e escrever quanto quera, e contar como hum Girifalte na unha, e que sobre tudo mostrava bom juizo: seguiu-se logo a quarta consequencia de o pôr em casa da sua confessada com mero, e mixto imperio sobre toda sua fazenda havida, e por haver abonandolho por quinta essencia de fidelidade, e intelligencia; com que a seu salvo colheo a ultima consequencia, que pertendia das rendas de sua senhora, que enfacou em ouro para voar mais leve: e com dez, ou doze mil cruzados, que dous annos de serviço lhe deparáraõ, se passou para outro emisferio, sem dizer a ninguem: Ficaivos embora: Digaõ agora os professores das sciencias, e artes mais liberaes, se formáraõ nunca syllogismos mais correntes. Negará a luz ao Sol, quem negar á arte de furtar o discurso, e subtileza, com que aqui lhe damos o nome de sciencia verdadeira.

\*\*\*\*\*

## CAPITULO II.

*Como a arte de furtar he muito nobre.*

**M**Ais facil achou hum prudente, que feria accender dentro do mar huma fogueira ; que esperar em hum peito vil fervores de nobreza. Com tudo ninguem me estranhe chamar nobre á arte, cujos professores por leys Divinas, e humanas são tidos por infames. Essa he a valentia desta arte, como a dos Alquimistas, que se gabaõ que sabem fazer ouro de enxofre : de gente vil faz fidalgos, porque aonde lúz o ouro, não ha vileza. A'lem de que não he implicação acharem-se duas contrariedades em hum fugeito, quando respeitaõ diferentes motivos. Que cousa mais vil, e baixa, que huma formiga ! Taõ pequena, que não se enxerga; taõ rasteira, que vive enterrada; taõ pobre, que se sustenta de leves rapinas ! Que cousa mais illustre que o Sol, que a tudo dá lustre; taõ grande, que he mayor que a terra; taõ alto, que anda no quarto Ceo; taõ rico, que tudo produz ! E se vê a mayor nobreza com a mayor baixaza em hum fugeito, em huma formiga. Baixeza ha, que não andaõ em uso, porque são só de nome: e nomes ha, que não põem, nem tirão, ainda que se encontrem, porque se compadecem para diferentes effeitos. Fazia Doutrina hum Padre da Companhia no pelourinho de Faro: perguntou a hum menino, como se chamava?

mava? Respondeo, chamo-me em casa Abrahão-finho, e na rua Joannico. Assim são os ladroens: na Casa da Supplicação chamaõ-se infames; quando os sentençaõ, que he poucas vezes: mas nas ruas, por onde andão de continuo em alcatéas, tem nomes muito nobres: porque huns são Godos, outros chamaõ-se Cábos, e Xarifes outros: mas nas obras todos são piratas.

Mais claro proponho, e deslindo tudo. A nobreza das sciencias colhe-se de tres principios. O primeiro he o objecto, ou materia, em que se occupa. Segundo: as regras, e preceitos, de que consta. Terceiro: os Mestres, e sугeitos, que a professaõ. Pelo primeiro principio he a Theologia mais nobre, que todas; porque tem a Deos por objecto. Pelo segundo he a Philosophia; porque suas regras, e preceitos são delicadissimos, e admiraveis. Pelo terceiro he a Musica; porque a professaõ Anjos no Ceo, e na terra Principes. E por todos estes tres principios he a arte de furtar muito nobre; porque o seu objecto, e materia, em que se emprega, he tudo o que tem nome de precioso: as suas regras, e preceitos são subtilissimos, e infalliveis: e os sугeitos, e mestres, que a professaõ, ainda mal que as mais das vezes são, os que se prezão de mais nobres; para que não digamos que são Senhorias, Altezas, e Magestades.

Alguns doutos tiverão para si, que a nobreza das sciencias mais se colhe da subtilidade das regras, e destreza, em que se fundaõ, que da grandeza do objecto, ou utilidade da materia, em que se occupão: como vimos até na maqui-

na

na do que em cortiça obra couzas delicadas, que em ouro, que porisso he mais louvado. Aquelle Artifice, que escreveu a Illiada de Homeo com tanta miudeza, que a recolheo em humanóz, alsombrou mais o mundo, que se a escrevesse com muitas laçarias em grandes laminas de ouro. Aquella não enxárceada com todo o genero de vélas, e cordoalhas, tão pequena, que toda se cobria, e escondia com as azas de huma mosca, fez a Mermitides mais famoso, que a outros as grandes esculturas dos mayores Colossos. Na formação de hum mosquito mostra Deos mais seu grande entendimento, que na fabrica do Universo. Quero dizer, que não engrandece tanto as sciencias a materia, em que se exercitão, como o engenho da arte, com que obrão. E como o engenho, e arte de furto anda hoje tão subtil, que transcende as aguias, bem podemos dizer que he sciencia nobre. E prouvéra a Deos, que não tivera tanto de nobre, não só pelo que lhe concedemos de suas subtilezas, senão tambem, pelo que lhe negão outros da materia, em que se occupa, e fugeitos, em que se acha; pois vemos, que a materia he a que mais se estima, ouro, prata, joyas, diamantes, e tudo o mais que tem preço; e os fugeitos, em que se acha, são por meus peccados os mais illustres, como pelo discurso deste Tratado em muitos capitulos hiremos vendo. E para que não engasgue algum escrupuloso nesta proposição com a maxima, de que não ha ladraão, que seja nobre, pois o tal officio traz consigo extincção de todos os fóros da nobreza

nobreza: declaro logo, que entendo o meu dito segundo o vejo exercitado em homens tidos, e havidos pelos melhores do mundo, que no cabo faõ ladroens, sem que o exercicio da arte os deflustre, nẽm abata hum ponto do timbre de sua grandeza. Naõ he assim, o que succedeo em Roma a hum Emperador? Que entrando no Templo a adorar a Apollo, achou, que no mesmo Altar estava Esculapio seu filho; este com grandes barbas, e aquelle limpinho; porque assim os distinguia a Gentilidade antiga. Advertio o Emperador, que as barbas de Esculapio eraõ de ouro, e postigas: cobiçou-as, e furtou-as; dizendo, que naõ era bem o filho tivesse barbas, quando o pay as naõ tinha: e nada perdeu de sua grandeza o Emperador com furtar as barbas ao seu Deos, antes a accrescentou, pois ficou com mais ouro, do que d'antes tinha: e assim a accrescentaõ outros muitos com muitos outros furtos, que cada dia fazem sem calunnia nas barbas do mundo.

\*\*\*\*\*

### C A P I T U L O III.

*Da antiguidade, e professores desta arte.*

**I**sto, que chamaõ antiguidade, he huma droga, que naõ tem preço certo; porque em tal parte vale muito, e em tal em nada se estima. Comunidades ha, em que a antiguidade rende; porque

que lhes daõ melhor lugar, e melhor vianda. E Juntas ha, em que a antiguidade perde; porque escolhem os mais vigorosos para as emprezas de proveito, e honra. Antiguidade, que conta só os annos, em cada feira vale menos: mas a que accumula merecimentos, para cargos tem mayor preço, e valêra mais, se fora de dura. Quando ólho para os que me cercaõ, festejo fer o mais antigo, porque me guardaõ respeito: mas se ólho só para mim, tomaram mais moderno. Este mal tem a antiguidade, que anda mais perto do fim, que do principio. Muitas couzas acabaõ por antigas, porque se corrompem de velhas: e muitas começaõ, aonde as outras acabaõ: isto he na antiguidade; porque só á custa della lograõ alguns *benè effes*, como as trempes do Japão, que as mais velhas saõ de mayor estima. A nobreza tem esta prerogativa, que a antiguidade mais apura, e vale mais por mais antiga. Homem novo entre os Romanos era o mesmo, que homem baixo: e o que mostrava imagens de seus antepassados mais velhas, carcomidas, e defumadas, era tido por mais nobre. Nas artes, e sciencias corre a mesma moeda, que andão mais apuradas as mais antigas; e saõ mais estimadas, as que tem mais antigos professores. Entre alfayates, e oleiros se moveo questão, quaes erão mais antigos na sua arte, para alvidrarem dahi sua nobreza. Vencerão os oleiros, porque primeiro se amaçou o barro, de que foy formado Adão, e depois se lhe talharão, e cozerão os vestidos. Aqui entrão os ladroens com a sua arte, allegando, que

que muito antes do primeiro homem a exercitação espiritos mais nobres. Mas deixando pontos que nos ficão álem do mundo antes de haver homens, de que só tratamos; fallemos das télhas abaixo, que he o que pertence á nossa esféra. Lem dando nos primeiros professores, colherémos logo a antiguidade desta arte; e dá nobreza daquelles, e antiguidade desta, faremos o computo, que buscamos. Mas como se professa ás escondidas, será difficuloso achar os mestres. Ora não ferà; porque não há, quem escape de discipulo, e os discipulos bem devem conhecer seus mestres. Na matricula desta escola não ha quem se não assente. Já o disse a ElRey nosso Senhor, que he este mundo hum covil de ladroens, porque tudo vive nelle de rapinas; animaes, e aves, e peixes, até nas arvores ha ladroens. E agora digo, que he huma Universidade, em cujos geraes cursaõ todos os viventes geralmente. Tem esta Universidade só duas classes, huma no mar; outra na terra. No mar dizem que léo de prima Jason aos primeiros Argonautas, quando passou á Ilha de Colchos, e furtou o velo de ouro taõ defendido, como celebrado: e destes aprenderão os infinitos piratas, que hoje em dia coalhão esses mares com a próa sempre nas prezas, que buscaõ. Na terra dizem os antigos; que poz a primeira Cathedra Mercurio, e que foy o primeiro ladraõ, que houve no mundo; e porisso o fizeram Deos das ladroices. Bem se vé a sem-razam desta idolatria, pois nam póde haver mayor cegueira, que conceder divindade ao vicio. Mas  
 por

por peor tenho , a que vemos hoje em muitos homens obrigados a conhecer este erro , que tem a rapina por sua deidade , pondo nella sua bem-aventurança , porque della vivem. Enganaraõ-se os antigos em darem esta primazia a Mercurio : primeiro que elle foy Adão primeiro ladram , e primeiro homem do mundo : e por isso pay de todos , que deixou a todos por herança natural , e propriedade legitima serem ladroens. Perguntará aqui o curioso , se haverá algum , que o nam seja? Responde-se que nam : pelo menos na potencia , ou propensam , porque he legitima , que se repartio por todos. He bem verdade , que huns participam mais deste legado que outros ; bem assim como nos bens castrenses , que se repartem a mais , e a menos pelo arbitrio do testador ; posto que cá o arbitrio livre he dos herdeiros ; e dahi vem serem alguns mais insignes na arte de furtar. E como não ha arte , que se aprenda sem mestres , que vam succedendo huns a outros , tem esta alguns muito sabios , e sempre os teve : e como nam ha escola , onde se nam achem discipulos bons , e máos , tambem nesta ha discipulos , que pódem ser mestres ; e ha outros tam rudes , que nem para máos discipulos prestaõ , porque logo os apanhaõ. De todos determino dizer alguma couza , nam para os ensinar , mas para advertir , a quem se quizer guardar delles , o como se deve vigiar ; e a elles quaõ arriscados andaõ.

Naõ me calunniem os que e tem por escoimados , queixando-se , que os ponho nesta refte  
sem

fem prova, nem certeza de delictos, que cõmettesem nesta materia , sendo certo que naõ ha regra fem excepçam. Meta cada hum a maõ em sua consciencia, e achará a prova do que digo , que este mundo he huma ladroeira, ou feira da ladra, em que todos chatinaõ interesses, creditos, honras, vaidades, e estas couzas nam as pôde haver fem mais, e menos; e em mais, e menos vay o furto, quando cada hum toma mais do que se lhe deve, ou quando dá menos do que deve. E procede isto até em huma cortezia, que excede por ambiçam, ou que falta por soberba. Ajustar obrigaçoens de justiça, e caridade, depende de huma balança muito subtil, que tem o fiel muito ligeiro: e como ninguem a traz na mão, tudo vay a esmo, e a cobiça pende para si, mais que para as partes. E daqui vem serem todos como o leão de Hisopete, que comia os outros animaes com o achaque de ser mayor. E temos averiguado que os professores desta arte faõ todos os filhos de Adam, e que ella he tam antiga como seu pay. Mas de tanta antiguidade, e progenitores, ninguem me infira serem nobres os professores desta arte, nem ser ella sciencia verdadeira: porque as sciencias devem praticar algum fim util ao bem commum, e esta arte só em destruir toda se emprega: contente-se com ser arte, assim como o he a Magia. E em seus artifices ninguem creya, que pôde haver nobreza, pois o vicio nunca ennobreceo a ninguem, porque por natureza he infame, e ninguem pôde dar o que nam têm. A verdadeira sciencia he a das  
Leys,

Leys, e Canones, que lhes dá caça, mete a faco todos os ladroens: e bastava tam heroico acto para se ennobrecer, e fazer estimar sobre todas a pezar dos ruins, com quem tem sua ralé: e se estes a defacreditam, não valem testemunha, porque os açouta.

Contra resolução tão alentada me botam em rostro, o que disse agora ha nada nos dous Capitulos antecedentes, que a arte de furtar era sciencia verdadeira, e seus professores muito nobres. Respondo que nunca tal disse de minha opiniam: e se o disse, estaria zombando, para mostrar o engenho dos sophismas, ou a illusam, com que má gente apoya seus erros. Infame he a arte de furtar, infames sam seus mestres, e discipulos: e ainda que sam mais que muitos, muitos mais sam, os que andam saõ desta lepra, principalmente os que se lavaõ com o Santo Baulimo, que nos livrou de todos os males, que herdámos de Adam. Ouçam bons, e máos este discurso, léaõ todos este Tratado, e verfe-haõ escritos, e retratados: os bons teraõ que estimar, por se verem limpos de tão infame lepra: e os máos teraõ que aborrecer, conhecendo o mal; que he impossivel não se detestar, tanto que for conhecido.

\*\*\*\*\*

#### C A P I T U L O IV.

*Como os mayores ladroens saõ, os que tem por officio livrar-nos de outros ladroens.*

**N**Aõ póde haver mayor desgraça no mundo, que converterse a hum doente em veneno

veneno a triaga, que tomou, para vencer a peçonha, que o vay matando. Ferir-se, e matar-se hum homem com a espada, que cingio, ou arrancou para se defender de seu inimigo; e arrebentar-lhe nas mãos o mosquete, e matallo, quando fazia tiro para se livrar da morte, he fortuna muito má de soffrer: e tal he, que acontece em muitas Republicas do mundo, e até nos Reynos mais bem governados: os quaes para se livrarem de ladroens, que he a peor peste que os abraza, fizeram váras, que chamam de Justiça, isto he, Meirinhos, Almotaceis, Alcaldes: puzeram guardas, rendeiros, e jurados: e fortaleceram a todos com Provisoens, Privilegios, e Armas: mas elles virando tudo do carnás para fóra, tomam o rasto ás aveffas, e em vez de nos guardarem as fazendas, sam os que mayor estrago nos fazem nellas; de forte, que nam se distinguem dos ladroens, que lhes mandam vigiar, em mais senam que os ladroens furtam nas charnecas, e elles no povoado; aquelles com carapuças de rebuço, e elles com as caras descobertas; aquelles com seu risco, e estes com Provisam, e cartas de Seguro. Declarome: manda a Ley aos Senhores Almotaceis, que vigiem as padeiras, regateiras, estalagens, e tavernas, &c. se vendem as coufas por seu justo preço. Anticipam-se todas as pessoas sobreditas, mandam a casa as primicias, e meyas natas de seus interesses, e ficam logo licenciadas, para maquinarem tudo, como quizerem. Tem obrigação os Meirinhos, e Alcaldes, de tomarem as armas defezas, prenderem os que acharem de noite

noite, e darem cumprimento aos mandados de prizoens, e execuçoens, que se lhes encarregaõ: dissimulaõ, e passaõ por tudo, pelo dobram, e pela pataca, que lhes mete na bolça; e seguem-se dahì mortes, roubos, e perdas intoleraveis. Corre por conta dos guardas, e rendeiros a defenção dos pastos, vinhas, olivae, coutadas, que naõ as destruaõ os gados alheyos; quem os tem avença-se com elles por pouco mais de nada, que vem a ser muito; porque concorrem os poucos de muitas partes, ficaõ livres para poderem lograr as fazendas alheyas, como se foraõ proprias, sem incorrerem nas coimas. E eis aqui como os que tem por officio livrarnos de ladroens, vem a ser os mayores ladroens, que nos destroem. Naõ fallo de varas grandes, porque as residencias as fazem andar direitas; nem das garnachas, que esperaõ mayores póstos, e naõ querem perder o muito pelo pouco: livrenos Deos a todos de offerecimentos secretos, que correm sua fortuna sem testemunhas, aceitos torcem logo as meadas até quebrar o fiado pelo mais fraco; e a poder de nós cegos o fazem parecer inteiro; até nas residencias, onde se daõ em se fazerem as barbas huns aos outros, fica tudo sem remedio, e com a mayor parte da preza em hum momento, quem nos hia restaurar dos damnos de hum triennio.

Milhares de exemplos ha, que explicaõ bem esta especie de furtos; e melhor que todos o que poderemos pór nos Physicos: mas manda a Sagrada Escritura, que os honremos: *propter sanitatem*; e assim he bem que lhes guardemos aqui

respeitos, ainda que a verdade sempre tem lugar. Digamolo ao menos dos boticarios. Tem estes hum livrinho, naõ he mayor que huma cartilha, e nada tem de sua doutrina; porque se devia de compor no Limbo: certo he que o naõ imprimio Galeno, que houvera de ser muito bom Christaõ, se naõ fora Gentio, porque tinha bom entendimento. A este livro chamaõ elles: *Qui pro quo*: quer dizer, *humã couza por outra*: e o titulo basta, para se entender, que contem mais mentiras, que verdades: antes só huma verdade contem, e he que em tudo ensina a vender gato por lebre, como agora: se lhe faltar na botica a agua de escorcioneira, que receita o Medico para o cordeal, que lhe podem botar agua de cevada cozida; e se naõ tiverem pedra de baazar, que pevides de cidra tanto montaõ: se naõ houver oleo de amendoas, que lhe ponhaõ o da candéa. E assim vay baralhando tudo, de maneira que naõ póde haver boticario, que deixe de ter quanto lhe pedem: e dahi póde ser que veyo o proverbio, com que declaram os a abundancia de huma casa rica, que tudo se acha nella como em botica. E já lhe eu perdoára tudo, se tudo tivera os mesmos effeitos; e se elles naõ nos levarãõ tanto pelos ingredientes suppostos, que nada valem, como haviaõ de levar pelos verdadeiros, que valem muito. Donde parece, que naceo a murmuraçaõ, de quem disse, que as mãos dos boticarios faõ como as de Midas, que quanto tocaõ, convertem em ouro; porque naõ ha arte chymica, que os vença em  
fazer

fazer de maravalhas metaes preciosos : nem pôde haver mayor destreza , que a de hum destes mestres , ou discipulos de Esculapio , que mandando pelo seu moſſo buscar hum molho de malvas ao monturo , com duas fervuras , que lhe dam no tacho , ou com as pizar no almofariz , as transformão de maneira , que não lhes fahem das mãos , sem lhe deixarem nellas tres , ou quatro cruzados , nam valendo ellas em si hum ceutil : e o mesmo corre em outras mil e trezentas couzas. Tem os Physicos môres obrigação de vigiarem tudo isto ; e assim o fazem correndo o Reyno , e visitando todas as boticas delle algumas vezes : chamão a isto dar varejo : e dizem bem ; porque assim como nós varejamos huma oliveira , para lhe apanhar a azeitona , assim elles varejam as boticas , para recolher dinheiro. He muito para ver a diligencia , com que os boticarios se acodem huns aos outros nestas occasioens , emprestando-se vidros , e medicamentos , para que os Visitadores os achem providos de tudo : e poderá succeder , por mais que tenham tudo bem apurado , e a ponto . se não andarem mais diligentes em peitar , que em se prover , que lhes quebrem todos os vidros por dá cá aquella palha. Por isso outros fazem bem , que visitam , antes de serem visitados , e com isso escusaõ o trabalho de se proverem , e apurarem ; e escapão os seus frascos , como vaso máo , que nunca quebra. Bem se vê , como responde tudo isto ao titulo deste Capitulo ; só huma cousa ha aqui , que a não entendo , nem haverá quem a declare ; que morra enforcado o homicida , que matou à espingarda,

pingarda , ou ás estocadas hum homem ; e que matem Boticarios , e Medicos cada dia milhares delles , sem vermos porisso nunca hum na forca: antes são taõ privilegiados , que depois de vos darem com as cóstas no adro , e com vosso pay na cova , demandaõ vossos herdeiros , que lhes paguem a peçonha , com que vos tiraraõ a vida , e o trabalho , que tiveraõ em vos apressarem a morte com sangrias peores , que estocadas , por serem sem necessidade , ou fóra de tempo. Hum ferrador vizinho do Cardeal Palooto defappareceo de Roma ; e hindo depois o Cardeal a Napoles com certa diligencia do Summo Pontifice , teve hum achaque , sobre que se fez junta de Medicos , e entre elles veyo o ferrador por mais afamado : conheceo-o o Cardeal , tomou-o á parte , e perguntou-lhe , quem o fizera Medico ? Respondeo , que só mudára de fortuna , e naõ de officio ; porque do mesmo modo , que curava em Roma as bestas , curava em Napoles os homens ; e que lhe succedia tudo melhor ; porque álem de acertar nas curas taõ bem , e melhor que os demais Medicos , se acertava por erro de dar com algum doente na outra vida , que ninguem o demandava por isso , como Sua Eminencia , que lhe fez pagar huma mulla do seu coche , por lhe morrer nas mãos andando em cura. O que mais succedeo no caso , naõ serve ao intento : mas do dito se colhe , que anda o mundo errado na materia de Medicos , e Boticarios , que haõ mister grandissima refórma ; porque tendo por officio assegurar as vidas , naõ só no las tiram , mas sobre

bre isso nos pedem as bolças. Nam fazia outro tanto o Sol Posto aos Castelhanos nas charnécas; e no cabo foy esquartejado por isso. E estes senhores ficam-se rindo, e aguçando a ferramenta para hirem por diante na matança, de que fazem officio.

Em França ha Ley, que nenhum Medico do Paço vença salario, em quanto alguma pessoa Real estiver doente; porque assim se apressem em tratar de sua saude: e os Portuguezes fomos taes, que quando estamos doentes, fazemos mais mimos, e damos mayores pagas aos Medicos, sem advertirmos, que por isso mesmo nos dilatarão a saude, e farão grave o mal, que he leve; como o outro, que curava de hum espinho certo Cavalleiro, e tinhalle metido em cabeça, que era postéma. Auzentou-se hum dia, e deixou hum feu filho instruido, que continuasse com os emplastos do espinho, a que chamavam postéma. Mas o filho na primeira cura, para se mostrar mais destro, arrancou o espinho; cessaram logo as dores, e fârou o doente em menos de vinte e quatro horas. Veyo o pay; pediolhe o filho alviçaras, que farára o doente só com lhe tirar o espinho. Respondeolhe o pay: pois dahi comerás para besta. Não vias tu salvagem, que em quanto se queixava das dores, continuavam as visitas, e se accrescentavam as pagas? Secaste o leite á cabra, que ordinhavamos? Bem se acodiria a isto, se se pagassem melhor as curas breves, que as dilatadas. E muito necessario era haver ley, que nenhuma cura se pagasse do doente, que morresse. Podera-se pelo menos pôr remedio a tudo,

com favorecerem os Reys mais esta sciencia, que anda muito arrastrada; porque não se applica a ella, fenaõ quem não tem cabedal para curfar outros estudos. No estado de Milaõ todos o Medicos tem foro de Condes: nos Estados de Mantua, Modena, Parma, e em toda a Lombardia, são ditos, e havidos por fidalgos, e gozão seus privilegios. ElRey Dom Sebastiaõ começou a applicar algum cuidado nesta parte mandando á Universidade de Coimbra, que escolheffem de todos os Geraes os estudantes mas habeis, e nobres; e que os applicassem á Medicina com promessas de grandes accrescentamentos. Por mais facil tivera mandar á China dous pares delles com as mesmas promessas para estudarem a Medicina, com que todo aquelle vastissimo Imperio se cura; que sem controversia he a melhor do mundo, porque sabe qualquer Medico pelas regras da sua arte, em tomando o pulso a hum doente, tudo o que teve, e hade ter por horas, sem lhe errar nenhum accidente; e logo levão consigo os medicamentos para a cura, se he que o mal tem alguma: e melhor fora hirmos lá buscar essa sciencia para raparar a vida, que as porcolanas que logo quebrão.

\*\*\*\*\*

### C A P I T U L O V:

*Dos que são ladroens, sem deixarem, que outros o sejaõ.*

**D**O Leão contão os naturaes, que de tal maneira faz suas prezas, que juntamente

te

te as defende, que lhes não toque nenhum outro animal, por féro que seja. Mais fazem os Açores da Noroéga, que conservam viva a ultima ave, que empolgam nos dias de Inverno, para terem com ella quentes os pés de noite; e como amanhece a largão; e observão para onde foge, e nam vão caçar para aquella parte, para nam acabarem a ave, de que receberão algum bem; e não reparaõ, em que vá dar nas unhas de outros Açores. Ladroens ha peores, que estes animaes, e são como elles os poderosos. Todos são como os Leoens, que não deixão, que outros animaes se cévem na sua preza; e nenhum como os Açores, que largaõ para outras aves a preza, de que tiraraõ proveito. Não admittir companhia no trato, de que se pôde tirar proveito, he ambição, e he interesse, a que podemos dar nome de furto. E he lanço muito contrario ao natural dos ladroens, que gostaõ de andarem em quadrilhas, e terem companheiros, e serem muitos, para se ajudarem huns aos outros: mas isto he em ladroens mecanicos, e villoens de trato baixo: ha ladroens fidalgos tam graves, que se querem sós, e que ninguem mais sustente o banco: vé-se isto por essas Ilhas, e Cõquistas, e tambem cà no Reyno. Ha em certa parte certa droga buscada, e estimada de estrangeiros, que em certo tempo infallivelmente a buisção para fazerem carregação della. Que faz neste caso o poderoso, abarca toda de antemaõ pelo menor preço, obrigando os lavradores della, que lha levem a casa, em que lhe pez: e como se vé

senhor de toda, fecha-se com ella, e talha-lhe o preço a seu pàdar, de forte que o estrangeiro ha de bebella, ou vertella a seu pezar. No pastel das Ilhas vemos isto muitas vezes, na coirama de Cabo Verde, no pão do Brasil, na canella de Ceilaõ, no anil, nos baafares, e outras veniagas: e neste Reyno o vemos cada dia no pão, na passa do Algarve, na amendoa, no atúm, e em quasi todas as mercadorias, que vem de fóra, como taboado, livros, baetas, sedas, telas, &c. as quaes os atraveçadores tomaõ por junto, e fazendo de tudo estanques, se fazem Reys; porque só os Reys pôdem fazer estanques, e porque só aos Reys pôde ser licito o engrossarem tanto. Isto de estanques he ponto, em que se deve hir muito attento, especialmente nas coufas necessarias para a vida, como saõ mantimentos, e roupas. Que haja estanque em solimaõ, cartas de jogar, tabaco, pimenta, e diamantes, pouco vay nisso; porque sem nada disso passaremos; mas que se permitta, que nõs atravessem o pão, e que se fechem com elle os ricos avarentos, para o venderem em quatro dobros, quando o povo brame por elle, he negocio, que se deve atalhar com todo o rigor, mandando por Ley estavel com pena capital, que ninguem venda trigo em nenhum tempo sobre tres tostoens: nem se seguirá daqui faltar o pão no Reyno, antes sobejará; porque os estrangeiros com esse preço se contentão; e os lavradores nunca o vendem por mais, e assim nunca desistiram de o trazer, nem de o semear: e desistindo os

atrave-

atraveçadores de sua cobiça , todos o têmam. Da mesma maneira se deve pôr taxa em todas as mercadorias ; porque na verdade vão todas sobindo muito sem razam , e queixão-se os povos sem remedio. Hum chapeo , que valia hum cruzado , custa hoje dous , e tres : hum covado de pano , que se dava por tres tostoes , não o largão por menos de sete : huns çapatos , que chegavaõ a doze vintens , sobiraõ já a quinhentos reis. E assim se procede em tudo o mais. E se lhes pergunto a causa destes excessos ? Respondem , que pagam decimas : e he o mesmo que responderem , que o fazem sem razão ; pois he quererem , que lhes paguemos nós as decimas , e não elles ; além de que o excesso , em que se satisfazem , he metade , ou mais , e não a decima parte. Fique isto advertido de passagem , ainda que tambem pertence aos ladroens , que nam deixão , que outros o sejaõ ; porque usurpando cada official no seu trato ganhos tão excessivos , nam deixa lugar , a quem com elles trata , para interessarem cousa alguma , nem aos agentes , e medianeiros , para cizarem hum vintem. E tornemos aos estanques , ou atraveçadores , que levam o mayor preço deste Capitulo , que acabo com dous exemplos , que andaõ correntes com grande detrimento da companhia da bolça sobre a compra , e venda dos vinhos para o Brasil : mandão hum agente diante á Ilha da Madeira , que os compra em mosto pelo menor preço : e quando chegaõ os navios para tomar a carga , entregalhos cozidos por outro tanto mais do que lhe custaram , como se o

man-

mandaraõ negociar só para si, e nam para toda a companhia, cujo era o cabedal, com que effeituou o primeiro lanço. Chegão ao Brasil, onde tem taixa, que nam passem as pipas de quarenta mil reis, atraveça-as hum todas pelo dito preço: e verifica á bolça que as vendeo pelo que orça o Regimento. E o senhor, que as embebeu em si, talha-lhes outro preço, que passa de cem mil reis; e fica, quem quer que he, com os ganhos em salvo, e a fazenda alheia com os riscos, sem deixar que logrem tam grandes lucros, os que puzerão o cabedal, e se expuzerão aos perigos. Nota para as de mais drogas: quem assim empolga no liquido, que fará no solido? E advirtã o todos os atraveçadores, como sam peores que as feras, porque os interesses, que reservam só para si, e védam aos outros da preza que empolgão; nos Leoens he por generófidade; e nelles por villeza, para que lhe nam chamemos; aleivozía. Peores sam que os Açores; pois estes largão a caça para outros, e elles tudo usurpão para si, sem deixarem que os outros medrem. Medrariamos todos, se houvesse ley, que perca tudo, quem abarcar tudo: e seria justa pela regra, que diz: *Que quien todo lo quiere, todo lo pierde.*

\*\*\*\*\*

## CAPITULO VI.

*Como não escapa de ladraõ, quem se paga por sua mão.*

**A** Hum cego, desses que pedem por portas, derão em certa parte hum cacho de uvas por

por esmola : e como se guarda mal cevadeira de pobres , o que se póde pizar , tratou de o assegurar logo repartindo igualmente com o seu moço , que o guiava : e para isso concertou com elle , que o comessem bago , e bago , alternadamente ; e depois de quatro hidas , e venidas , o cego para experimentar , se o moço lhe guardava fidelidade , picou os bagos a pares : o moço vendo , que seu amo falhava no contrato , calou-se , e deulhe os cábes a ternos : não lhe esperou muito o cego ; e ao terceiro invite descarrégou-lhe com o bordam na cabeça. Gritou o rapaz : porque me dais ? Respondeo o amo : porque contratando nós , que comessemos igualmente estas uvas bago , e bago , tu comes a trez , e a quatro. Perguntou-lhe entam o moço : e quem vos disse a vós , que fiz eu tal aleivozía ? Isso está claro , respondeo o cego ; porque faltandote eu primeiro no contrato comendo a pares , tu te calaste , sem me requereres tua justiça ; e não eras tu tão santo , que me levasses em conta , nem em silencio a minha sem-razam , senam pagandote em dobro pela calada. Aqui tomára eu agora todos os Reys , e Principes , Grandes , e Senhores do mundo , para dizer a todos em segredo , como andão cegos no ponto mais essencial de seu governo , que he o de suas rendas , e thesouros , sem os quaes não se pódem sustentar em seu ser , nem conservar suas Republicas , e familias. Tenhão todos por certo , que se não guardarem com seus subditos a devida correspondencia nos pagamentos , e remuneraçoens dos serviços,

viços , que lhes fazem , que se ham de pagar por sua mão. E boa prova disso seja , que devendo a tantos , nenhum os cita , nem demanda , porque ham medo do bastão da potencia , em que se firmão , com que lhes pódem quebrar as cabeças ; mas para remirem sua vexaçam , usaõ do direito natural , que õs ensina a refazer-se pela calada , e pelo mais quieto modo , que lhes he possível : e como a satisfaçam fica na sua révera , he ordinariamente em dobro ; porque o amor proprio os faz cuidar , que tudo he pouco para o que merecem. E daqui vem , o que temos visto muitas vezes neste Reyno em Embayxadas , e emprezas , que Sua Magestade manda fazer , dando sempre mais do necessario para os gastos , e no cabo não ha resultas , nem sobejos , que restituaõ. Nem ha razão que dar a este ponto mais , que a de dizermos , que tomão tudo para si por paga de seus serviços ; sem admittirem , que vam estes satisfeitos sobre outras mercés , que receberaõ de antemam ; e que pódem faltar estas , córam com este pretexto a sobeja diligencia , com que se pagaõ. Duas razoes ha muito evidentes , com que se prova o muito , que agazalhaõ dos cabedaes , que passaõ por suas mãos: primeira , que o fogo , onde está , não se póde esconder , logo lança fumo , e luzes ; e assim sam estes , que logo tem fumos de mayores grandezas , e brillhaõ lustres , que manifestaõ o proveito , com que sahiraõ da empreza , em que apregoam , que fizeraõ grandes gastos de sua fazenda , para deslumbrarem o luzimento , que a pezar de sua mentira descobre a

ver-

verdade. Se gastaſte tanto , e te atenuaſte , ir-  
 maõ , como engordaſte ? A ſegunda razam ainda  
 mais efficaz he , que ás vezes manda ElRey noſſo  
 Senhor Religioſos a taes emprezas com menos  
 cabedal , e nenhumas mercés , porque nam lhes  
 dá titulos , nem commendas , e com tudo no fim  
 dellas reſtituem grandes ſobejos. Dirá alguem que  
 he , porque gastaõ menos , e eu digo que he ,  
 porque guardaõ mais : e ambos dizemos o meſ-  
 mo ; mas com eſta declaraçam , que todos gastaõ  
 da fazenda Real , aquelles guardaõ para ſi , e  
 eſtes para ſeu dono : aquelles pagão-ſe por ſua  
 mão , e eſtes nam trataõ de paga , ſenam de reſ-  
 tituição. Mas deixando eſta materia , que me pô-  
 de fazer odioſo com gente grande , e poderoſa ,  
 e eu quero paz com todos , aſſim como trato de  
 os por em paz com ſuas conſciencias ; ſó nos Reys,  
 e Prinnipes grandes tomára perſuadir bem eſta ver-  
 dade , que paguem pontualmente o que devem ,  
 ſe querem que lhes luzãõ mais ſuas rendas ; por-  
 que he certo , que não ha , quem ſe não pague ,  
 ſe acha por onde : e quando nam acha , busca ou-  
 tro do ſeu lote , que dava ao Rey alguma couſa ,  
 e compoemſe com elle : daime duzentos mil reis ,  
 e dezobrigovos de mil cruzados , que deveis a  
 ElRey , porque elle me deve a mim outros tan-  
 tos. Já , ſe ſuccede , que o primeiro deva ao ſegun-  
 do alguma couza , ahi fica o contrato mais cor-  
 rente ; porque com pecunia mental ſe ſatisfaz tu-  
 do ; e ſó o Rey fica defraudado na Real ; porque  
 com eſtas , e outras traças nada ſe lhe reſtitue :  
 e vem a montar no cabo ao todo diſpendios mui-  
 to

to grandes; porque succedem serem mais que muitos estes lanços, e passarem de marca as quantias delles. E se buscarmos a raiz destas perdas grandes, havemola de achar no descuido das pagas pequenas, que occasionaraõ licença nos acrédores, para se pagarem de sua mão, sem repararem na censura de ladroens, que incorrem pelo que levão de mais: e se algum pezar os acompanha, he de não acharem mais, para se pagarem tambem de dous perigos, a que se puzerão; primeiro de perderem o seu, segundo de ganharem a força.

Esta farna, ou tinha, que pelas mãos se pega, he tam vulgar, que não ha pessoa, por ignorante que seja, que nam saiba pagar-se destrissimamente por sua mão, até em cousas muito leves; porque mais sabe o sandeu no seu, que o sabio no alheyo: e o mesmo he, quando cuida que o alheyo lhe pertence por algum serviço; e para que lhe pertença, e para o appropriar a si, sabe dar dous boléos ao que traz entre mãos, melhor que nenhum volatim: qualquer negocio, ou mandado, que vos fazem, hum emprestimo que seja, logo o julgam por digno de grande paga: e em lhes cahindo alguma couza vossa na mão, de que possam cizar, com ambas as mãos empolgam nella, para se remunerarem além das medidas: e nam basta dizerem, e protestarem que vos servem por cortezia, nem contratardes com elles em o tanto, que lhes pagais pontualmente: porque a cortezia verdadeira, que professão, he julgarem todos, que muito mais merecem,

recem, sem advertirem, que o dado he dado, e o vendido he vendido; e que nam podem alterar nas obras, o que assentão com as palavras. E já lhes eu perdoára tudo, aos que se pagão por sua mam, se levárão sómente, o que se lhes póde dever a juizo de bom varam; mas pagão-se pela sua almotaceria, que sempre he mayor, e occasiõ-naõ grandissimas perdas aos proprietarios; como se vê na pescaria do aljofar, e perolas no Oriente, que rendia mais de hum milhaõ em outros annos á Coroa de Portugal, e para os pescadores, que eraõ mais de quarenta mil, com quinhentas embarçaõens grandes; porque havia, quem pagasse aos ministros fielmente sem lhes abrir entrada, por onde enlopassem a mão em monte tam grosso. Tiverão estes traças para encorporarem em si a administração das despezas, e recibos, tirando-a de pessoas Religiosas fidelissimas, a titulo de mais facil expediente: e seguiu-se logo serem os mergulhadores mal pagos, e os ministros remunerados em dobro, porque se pagavaõ estes por sua mão, e aquelles pela alheya: fugirão os pescadores; e os que acodem forçados, são tam poucos em comparaçam do que erão, que não chegam a dez mil, com duzentas embarçaõens pequenas; e assim ficão os lucros tam tenues, que não podem avançar a duzentos mil cruzados; e só os ministros engordão, porque se pagão por sua mão. Na compra do Salitre, e Pimenta, succede quasi o mesmo lá nessas partes: vinhanos de Maduré o Salitre trazido por particulares a duas patacas o bar, que são dezaseis arrobas; com-

comprava-se todo para a Coroa de Portugal com grandissimo lucro : nam achavão os ministros Reaes polpa em droga tam barata , para empolgarem as unhas : trataram de a haver dos Naiques, que são os Reys daquelle Imperio , os quaes fazendo a estima , que faziamos do que elles arbitravaõ como se fosse aréa , fizeraõ logo estaque , de que não deixão sahir o Salitre por menos de vinte patacas o bar : e o mesmo succedeo na Pimenta por toda a India , por se cevarem mais do devido as unhas dos ministros em seus pagamentos.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O VII.

*Como tomando pouco se rouba mais , que tomando muito.*

**P**Arece que se contradiz o assumpro deste Capitulo , mas essa he a excellencia desta arte , que até de implicaçoens tira consequencias certas para os fins , que professa. E podera-se provar com o que furta a agulha ao alfayate em lugar , e occasião , que não , póde comprar , nem haver outra ; e porisso fica impossibilitado para trabalhar aquelle dia , e os que se seguem , com que perde os seus jornaes , e salarios , que vem a fazer quantia grossa. E he ponto este , que tem dado muito que suar aos Doutores Moralistas sobre a restituiaõ dos lucros cessantes , e damnos emer-

emergentes consideraveis do official, a que deu causa o ladraõ com taõ leve furto, como he o de huma agulha, que val quando muito real e meyo: e querem quasi todos, que seja furto de restituicaõ os damnos graves recebidos por taõ leve causa. Do mesmo modo discursaõ no que furtou a cabra, ou a galinha, de que seu dono esperava muitos frutos. E assim succede furtarem muito, os que tomaõ pouco. Mas naõ he minha tençaõ occupar a maquina deste Capitulo com ninharias. Võe a nossa penna a couzas mais altas. Todos sabem o dito commum: *Que tanta pesa merece o consentidor, como o ladraõ*: e nesta toada ha ladroens, que naõ furtando nada, porque nada lhes fica, furtaõ quasi infinito; como se vê nas Justiças, em Guardas, Meirinhos, e outros Officiaes, assim na paz, como na guerra; os quaes por dissimularem, ou naõ vigiarem, daõ causa a grandissimos furtos, e intoleraveis ladroẽces: já se vaõ forros, e a partir, com os que metem as mãos na massa até os cotovelos empolgando nas fazendas Reacs, nos direitos, nos tributos, nos fardos, que desbalizaõ, e nas drogas, que á força fazem ser de contrabándo; ahi digo eu que vay o furtar de monte a monte, e que tomaõ os taes ministros sobre si cargas irremediaveis de restituicaõ, cujos antecedentes naõ lograõ, e só com as consequencias das tiçoadas, que por tudo haõ de levar, se ficaõ. Ponhamos exemplos nas materias tocadas, e conhecerá todo o mundo os ladroens, que furtaõ mais, quando tomaõ menos.

C

Come-

Comecemos pelos mais graves. Sabe hum Mestre de Campo, que tem quatro Capitaens no seu terço, que recolhem os pagamentos de seus Soldados a titulo de os repartirem fielmente por elles, e que os jogaõ no mesmo dia, em que lhos entregaõ, ficando assim Soldados, e Capitaens sem bazarico, e dissimulaõ com isso? Pois saiba o Senhor Mestre de Campo, quem quer que he, que fica sendo em consciencia tão grande ladraõ, como os seus Capitaens. Respondeme negandome a consequencia; porque nada tomou para si. Mas a-isso lhe digo, o que já tenho dito, que ha ladroens, que não furtando nada, furtaõ muito, e elle he o mayor de todos, pois deu occasiaõ a mayores damnos, não só na fome, e desnudéz dos Soldados, e nos roubos, que lhes occasionou fazerem para se remediarem; mas tambem na batalha, que se perdeu a seu Rey, por não hirem alentados, e contentes.

Caso notavel, e que poderia acontecer! Veyo do Nórte a certo homem de negocio hum navio de bacalháo meyo corrupto, e tal que desesperou da venda, e gasto de tal droga: foy-se a hum Conselheiro, ou Provedor das fronteiras, meteo-lhe dous mil cruzados em ouro na mão para lvas com seu borclado, que em mayores empenhos o deseja servir, se lhe der passagem a huma partidazinha de bacalháo para os gastos da guerra, e o dará barato, por pouco mais do que lhe custou, por fazer serviço a Sua Magestade. Deixe v. m. estar o lanço, lhe responde elle com os dous mil nas unhas, que hoje o porey  
em.

em conselho, e feroã Sua Magestade, e v. m. servidos. Esperalhe pancada, e em vindo a pélo a fome dos Soldados, propoem muito fevero, e grave: Senhores meus, bacalhão he muito bom mantimento para campanha, e povoado; tem-se de reserva, e he fadio: e eu tenho, porque nada me escapa, quem nos dê huma partida grossa muito barata. Toca a campainha, acode o porteiro: chamay cá esse homem de veludo raso, que ahi está fóra: entra elle vendendo bullas, e fazendo-se de rogar, e que tem dous mil quintaes para provimento do povo, que ha de ficar bramindo; mas que o serviço de Sua Magestade hade hir diante, e que terá o povo paciencia, te que lhe haõ de dar vinte mil cruzados pela dia partida, e que se lhe derem hum real menos fica perdido. Va-se v. m. para fóra, temos ouvido, consultaremos. Sahe-se elle para fóra prometendo candeinhas a Santo Antonio, ou ao Mexias, que lhe depare boa sahida á sua fazenda perdida. Dá hum brádo o promotor do negocio: aqui veraõ VV. SS. como sirvo a Sua Magestade. Famoso lanço, respondem todos, não se perca, embarque-se logo todo para Aldea Galega, e contem-se lhe os vinte mil cruzados; e assim se effectúa. Vaõ diante ordens apertadas aos Juizes, e Corregedores, que prendaõ almocreves, que embarguem bestas, tudo se executa: e lá vaõ comendo todos do bacalhão por essas estradas até Elvas, onde o molhaõ, para que não falte no pezo; recolhe-se nos armazens molhado sobre corrupto, e ao segundo dia já enjôa a toda a Cidade

com o cheiro; os Soldados não o aceitaõ, nem os caens o comem. E se alguém não tiver isto por factível: veja lá não lhe provém, que lhe succedeo a elle. Digaõ-me agora os senhores Doutores, se he isto furto, ou esmola, que se fez a Sua Magestade. No Conselho o appellidaraõ por serviço, em Elvas lhe chamaõ perda, e poucas letras são necessarias para lhe dar o nome proprio, que he furto legitimo. Quem fez este furto he a mayor duvida? O mancebinho, que recolheo os dous mil cruzados, cuida que nada fez; e elle por estes algarismos vem a fer, o que tornando pouco furtou muito; porque deu occasião a arderem vinte mil cruzados delRey sem nenhum fructo. Na alma lhe não quizera eu jazér á hora da morte.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O VIII.

*Como se furta ás partes, fazendo-lhes mercês, e vendendo-lhes misericordias.*

**O**ffereceo-se o milhano á galinha para fer seu enfermeiro em huma doença, e em cada visita lhe siamava hum pinto pela calada; até que deu fé pela diminuição de sua família, e casa; que a mercê, que lhe fazia o seu Medico, tinha mais de furto, que de misericordia. São os Ministros, com que se governaõ as Republicas, como Medicos, que acodem a seus

traba-

trabalhos, que são as suas doenças; e accrescentar-lhe estas a titulo de cura, e de misericordia, he a leixozia, e he ladroice descarada, e acontece de mil maneiras. Toco algumas, que todas não pôde fer. Manda El Rey Nosso Senhor fazer infantaria pelas comarcas do Reyno para provimento das fronteiras, e do Brasil, ou da India: vão os Cabos muito bem providos de dinheiro, que lhes dá Sua Magestade para os pagamentos; levão seus officiaes em fórma com todos os requisitos, para que tudo se faça authenticico com razaõ, e justiça. Chegaõ a hum lugar, tomaõ noticias dos que ha mais aptos, e expeditos para as armas: são logo malignados, os que tem inimigos, e chovem escusas sobre os que são aparentados. Passa o Cabo cedula aos meirinhos, que lhes tragaõ alli todos; e se os não acharem, que lhe tragaõ os pays, ou as mãys por elles: e elles que gostãõ mais do ninho, em que se criaraõ, e levallõs á guerra he arrancar-lhe os dentes; poem-se em cobro, deixando seus pays nos piotes, que para remirem sua vexaçãõ, e a de seus filhos, lançaõ mil linhas; e vendo que as de intercessoens não montaõ, appellaõ para as do interesse: offerece cada qual os vinte, e os trinta cruzados, que não tem, e para os fazer vende até a capa dos hombros; e tanto que os dá por baixo da capa, logo escapa, e livra o filho a titulo de manco, sendo mais escorreito, que hum veado; e não são poucos, os que trineãõ a sedela desta maneira em cada terra; com que vem a fer mais que muito o cabedal dos milhafres, que em vez de fa-

zerem gente para a guerra, fizeram thesouro para a paz, e para o jugo. Muitos pays houve, que livraraõ seus filhos leis, e sete vezes deste modo, em diferentes annos; com que lhes vieraõ a custar tanto, como se os resgataraõ de Turquia.

O mesmo succedeo nos aprestos das armadas para a costa, e frotas para o Brasil, e India. Faltaõ barbeiros, falta marinagem? Alto sus: vaõ os sargentos por essa Ribeira, revolvãõ a Cidade, prendaõ, e tragaõ toda a couza viva, que possa prestar para os taes ministerios, e cá faremos a escolha: e como se o decreto fora rede varredoura para ajuntar dinheiro, vaõ empolgando em quantos achaõ geitozos, para pingarem quatro tostões, porque os deixem: vinde por alli, que sois marinheiro; e vós vinde tambem, que sois sangrador. Ha que delRey, grita este, que não estáõ ainda examinado! Que não sou marinheiro do alto, chora aquelle! Deixem-nos vossas mercês, eis aqui duas patacas para beberem. Que não ha patacas, instaõ os agarradores, todas são falsas, viva Deos, e tudo he falso, quanto allegais; bem vos conhecemos. Pois porisso mesmo, acodem os falteados, haõ vossas mercês de usar de misericordia connosco, pois nos conhecem; e ferem servidos de nos darem huma palavra aqui á parte de segredo, que importa ao serviço de Sua Magestade. E tanto que lhe untaõ as mãos com moeda corrente, logo os deixaõ escorregar dellas, avisando os, por lhes fazerem mercê á pureza, que não appareçaõ os oito dias seguintes até darem á vella, e aos circunstantes, que acodiraõ

a ver a morte da bezerra, dão satisfação com deixem passar senhores estes fidalgos, que são familiares. E eis aqui como estes, e outros fazendo mercês, e vendendo misericórdias, furtao a trocho: e vem a resultar de tudo, que fazem os provimentos, dos que não tiverão substancia para seu resgate, de quatro mãos trapilhos inúteis, e miseraveis; e porisso depois em seus postos ha as faltas, que chorámos: nem se devem imputar a elles, que são huns coitados, senão a quem taes provimentos faz, esfolando a nossa Republica para engordar a sua pelle, e encher a bolça.

Outro modo ha mais admiravel de furtrar fazendo mercês, que entra em mayor custo, e toca em sujeitos mais altos, assim nas perdas, como nos ganhos. Aprestaõ-se as náos para a India, não ha Pilotos, nem bombardeiros; porque são officios, cujas artes já se não professão, nem ensinão: offerecem-se os lacayos dos mayores senhores a seus amos, para que os fação prover nestes officios, em satisfação de seus serviços; porque sabem que tem mayores lucros nelles, que em pensar as mulas, e frizoens dos coches: e tal houve, que dizendo-lhe seu amo: como pódes tu ser Piloto de huma náó, se nunca entraste nella, nem sabes que cousa he Balestilha, nem Astrolabio? Não repare V. S. nisso, respondeo elle, porque as náos da India não ha mister Pilotos; sempre ouvi dizer, que Deos as leva, e Deos as traz. E fiados nisto, ou em seus intentos, que elles faherão quaes saõ, e nós tambem, provém os officios das náos de maneira, que quando vem á

praxe; è exercicio delles; nenhum sabe; qual he a sua mão direita: e por isso vão dar com as náos por essas costas, e se deixoã render nas occasiões da peleja; e vemos perdas tão grandes, e intoleraveis, que pelo serem muito, as attribuimos aos peccados, que não vemos, e se poderiaõ muitas vezes queixar de se lhe levantarem tantos falsos testemunhos; como lá, não sey onde, se queixou hum diabo de certo noviço, que deu a seu Mestre por escusa de huns óvos, que frigio em hum papel á candêa, que o tentára o demônio; o qual acodio logo por sua innocencia desmentindo-o, que tal fritada não sabia, como se podia fazer daquella maneira. Não nego, que peccados nos podem fazer, e fazer muita guerra; mas vejo que ignorancias são as que nos destroem, e quem favorece estas a titulo de misericordia, dá occasião a mayor crueldade: e fazendo esmolas, e mercês a seus criados, faz furtos; e dá perdas á Republica, que não tem reparo.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O IX.

*Como se furta a titulo de beneficio.*

**B**eneficios ha sem pensão, e beneficios ha com ella. Tomara eu os meus defobrigados, para não descejar a morte ao pensionario. Se o beneficio he tenue, e a pensão grossa, melhor me fora ser Cura, que Beneficiado, Isto he, que mel-  
 lhor

Ihor me estava curar de mim com trabalho, que  
 renderme a outrem com tributo. O interesse he  
 moeda, que todos os homens cunhaõ, e iõ entre  
 elles corre, e a falsificaõ de maneira, que por  
 cobre querem que lhe dem prata. Deos Nosso Se-  
 nhor está continuamente enchendo este mundo de  
 beneficios sem esperar outra pensaõ, mais que de  
 louvores em agradecimento. He hum milagre con-  
 tinuo a disposiçaõ, e providencia, com que o Ceo  
 governa os tempos do anno, fazendo com suas in-  
 fluencias sahir partos dos Elementos, animaes, e  
 plantas, com que os Racionaes se sustentaõ, e  
 vestem; sem porisso nos pensionar mais que em  
 louvores, que quer lhe demos; tributo facil,  
 porque depende de affectos, que saõ naturaes, e  
 porisso de nenhuma molestia ao agradecido. Os  
 Reys tambem saõ como Deos; e como a nature-  
 za nesta parte a tudo acode com universal pro-  
 videncia, dispondo as cousas com suas Leys de  
 forte, que se naõ houver quem as quebrante, naõ  
 haverá fome, que afflija os pobres, nem adver-  
 sidades, que inquietem os pequenos; todos, altos,  
 e baixos andarão satisfeitos, sem as pensoens de  
 tributos, que se occasionaõ de disbarates, que os  
 ambiciosos, e turbulentos movem; e para se re-  
 primirem he necessario que todos concorraõ, por-  
 que as forças de hum Rey às vezes naõ bastaõ,  
 para enfrear a violencia dos grandes, que sempre  
 traz pregoadas guerras com a fraqueza dos pe-  
 quenos. A opulencia he esponia, que se céva na  
 substancia da pobreza, e he hydropesia, que na-  
 da a farta: e dahi vem arrebentarem huns de gor-  
 dos

dos com a abundancia, e entificarem outros de magros com a esterilidade. E no cabo cuidão os grandes, que são como as sanguixugas, que fazem grande mal ao doente, quando lhe chupaõ o sangue; cuidão que fazem soberano beneficio aos pequenos, quando se servem delles até os aniquilarem. O beneficio, que vos fazem, he servirse de vós, e a pensão tomarvos a fazenda, como se a ganharaõ, quando vos admittiraõ ao serviço, que lhes fizestes. Não se vio mayor sem-razão. E eu lha perdoára (porque cuidão que vos authorizaõ, quando vos chegaõ a si, e que não ha em vós preço, com que lhe possais pagar este beneficio) senão accrescentaraõ a este delirio outro peor, de vos venderem tambem por beneficio o deixarem de vos affligir, quando os excita a isto a vingança injusta, que conceberaõ contra vós, por não vos professardes escravos seus, até quando não só a natureza, mas tambem a concurrencia das obrigaçoens, que sonhaõ, vos fez livre. E para que não pareça isto discurso fantastico, a quem o ler, pohnho-o na praxe de hum exemplo, e ficará claro, e bem entendido.

Não ha Reyno no mundo taõ bem provído como este nosso de Portugal; porque além do que dá de si bastante para seu sustento, lustre, e agrado, tem de suas Conquistas, com que se enriquece, e provem todas as Naçoens. E como o meneo de tantas cousas he grande, ha mister grandes homens, que lhe assistaõ com grande governo em todas as partes, aonde chegaõ seus commercios. Destes houye antigamente, e ainda ha alguns

taõ  
the  
affli  
me  
diz  
as l  
fe  
lo  
tan  
ver  
po  
don  
cel  
cru  
lho  
de  
ver  
lho  
ver  
de  
em  
dia  
me  
te  
tas  
qu  
xo  
liv  
tu  
cel  
lig  
re

taõ fidalgos, que estimando mais a honra, que  
 thesouros, trataraõ só de dar o seu a seu dono; e  
 assim tornaraõ para suas casas ricos só de bom no-  
 me, que he melhor, que muitas riquezas, como  
 diz o Sabio. Outros pelo contrario, antepo-  
 as leys da cobiça aos respeito da nobreza, naõ só  
 se fazem chatins, mas estendendo as redes até pe-  
 lo alheyo, se fazem ricos á custa dos pobres, com  
 tanta arte, que querem á força lhe fiquem a de-  
 ver dinheiro, depois de se servirem delles, e os des-  
 pojarem de quanto tinhaõ. Soube hum Governador  
 destes, que certo negociante tinha hum tran-  
 celim de diamantes, que se avaliava em cinco mil  
 cruzados: crececolhe a agua na boca, e mandou-  
 lho pedir só para o ver por curiosidade: e depois  
 de visto, torna outro recado, que estimará lho  
 venda: tenho-o para o dar em dote a huma filha,  
 lhe respondeo o dono. Seja assim, diz o fenhor Go-  
 vernador; e eisahi tem v. m. a sua pessa: e antes  
 de vinte e quatro horas o manda notificar, que se  
 embarque prezo para o Reyno, para dar conta  
 diante de Sua Magestade de certos cargos, e cri-  
 mes *lesæ majestatis*, provados com mais de vin-  
 te testemunhas. Lança o bom Portuguez suas con-  
 tas: eu naõ devo nada a ElRey; mas dizem lá  
 que á cadea nem por coima de figos, e se me dei-  
 xo hir, hey de gastar mais de dez mil cruzados no  
 livramento, e no cabo naõ ficarey bem limado de  
 tudo, sobre bem affligido. Leve S. Pedro o tran-  
 celim, que taõ caro me custa. Chama hum Rê-  
 ligioso desto, e de segredo, entrega-lho com hum  
 recado para sua Senhoria, que lhe faça merce de  
 se

se ferver daquella pella, e de tudo o mais, que ha em sua casa, porque estava zombando, quando lhe mandou o recado do dote. Aceita o senhor Governador o envoltorio, dando a entender, que cuida saõ reliquias, que lhe offerece o Reverendo Padre, e ajunta muito criminoso: Grande couza he ter hum amigo em Arronches. Póde agradecer a V. P. esse cavalheiro a mercê, que lhe faço de o absolver de culpa, e penna: e dê graças ai Deos, que escapou de boa. Por esta arte fazendo beneficio da maldade que urdiraõ, chupaõ em satisfacção, quanto ha precioso em ricos, e pobres. Faço-me merce, que lhes resistaõ, e veraõ, onde vaõ parar suas vidas, e fazendas.

De outras tretas usaõ ainda mais suaves para se fazerem senhores do alheyo a titulo de beneficios fantasticos, principalmente quando trataõ de se voltarem para o Reyno: fingem-se validos, e poderosos com os Ministros de todos os Conselhos, e até com as Altezas, e Magestades: offerecem-se aos que sentem de mais churume, que faraõ na Corte suas partes: e como nenhuma ha, que não tenha nella requerimentos, todos se dispendem com donativos, e offertas, que dizem com as pessoas; e elles vaõ agasalhando tudo, e pondo em listas (que nunca mais haõ de ver) seus negocios: e para os apoiar mostraõ cartas, que fingem dos Validos, e Ministros, onde vaõ topar os pleitos, e requerimentos, e fazendo dellas esporas, e garantos, despenhaõ os pertendentes, e os desbalizaõ de quanto tem: e assim os roubaõ a titulo de lhes fazerem beneficios, sem chegarem nunca os acredores

dores a colher os frutos de suas esperanças: porque  
 femearão em terra estéril, e matto maninho. Deos  
 nos ajude, e nos de a conhecer corações fingi-  
 dos; a natureza, e os elementos produzem tudo  
 para os homens, sem lhes pedirem nada por tão  
 grandes benefícios: e os homens são tão interessei-  
 ros, que sem lhe darem nada, lhe querem levar  
 tudo por huma mercê fingida. Não ha entre elles  
 beneficio sem pensão, e he ordinariamente tão pe-  
 zada, que nada me deixa para alivio. O Reyno  
 está sempre cheyo para elles, e para mim só vazio;  
 os Reys tratao de todos, e elles só de si, e nenhum  
 de mim, senão quando me sentem com churu-  
 me, que possaõ forver. Velos-heis visitarem-se  
 huns aos outros com alviteres de grandes ganancias,  
 se entratẽm ao escote nos empenhos, que trazem  
 por mar, e terra; e que vos fazem merce de vos  
 admittirem ao trato da sociedade, de que esperaõ  
 frutos, e lucros, que tirem a todos o pé do lo-  
 do: e o seu intento he pôr-vos de lodo, despojan-  
 do-vos da substancia, para a encorporarem em si;  
 e com pretexto de vos fazerem beneficiado, vos  
 deixaõ *Zote de requie*: e quando abris os olhos,  
 achaes, que o descanso se vos converteo em de-  
 mandas, com que acabaes de despenhar o ruço a  
 traz das canastras; estas vaõ cheyas para elles, e  
 aquelle fica dando-vos couces na alma: *Equo né cre-  
 dite Teucris. Timeo Danaas, & dona ferentes.*

\*\*\*\*\*

CAPITULO X.

*Como se podem furtar a ElRey vinte mil cruzados a titulo de o servir.*

**A** Era he taõ desarrezoada , que com summa *Habilidade*, digo humildade , ajunta soberba summa , tomando fatisfaçaõ atroz de hum serviço inutil , como se o que dá , fora muito , sendo nada ; e o que toma fora nada , sendo mais que muito . He por natureza taõ humilde , e rasteira , que se não tiver , quem lhe de a mão , nunca se levantará do pó da terra : e he por artificio taõ soberba , que não pára , até não sobrepujar a quem lhe deu o alento ; nem descança , até não destruir a seus bemfeitores , roubando-lhes a substancia , e arruinando-lhes o ser em fatisfaçaõ do leve serviço , que lhes faz do ornato de suas folhas . Levanta-se por beneficio das mais altas arvores , a que se encolta ; dilata-se com o favor das mais fortes muros , a que se arrima ; pagalhes com sua frescura , e paga-se desta ruina , e destruiçaõ total de todos seus Mecenas . Até aqui ingratiçaõ ! E taes são homens humildes por natureza , soberbos por artificio , que recebendo de seus senhores o ser , e beneficios sem conto , escassamente lhe fazem hum leve serviço mais de folhagem , que de substancia , e logo se pagaõ delle pondo-os no ultimo , e dando-lhes faco ao mais essencial , sem repararem ruinas , que a grandes dispendios necessariamente se

fe feguem. Naõ tolho que se paguem serviços:  
 mas estranho satisfagoens, que excedem; e que  
 as affectem ambiciosos, até onde naõ ha merecimen-  
 tos. Córando estes com a mesma acção perniciosa,  
 estaõ roubando a seu Rey, e a seu Senhor, e  
 querem que porisso vá cheya de merecimentos a  
 maõ, que enchem de rapinas; e que tudo seja  
 pouco para premio de sua aleivozia disfarçada  
 com mascara de serviço. E ainda que nelles hou-  
 vera serviços dignos de premio, faõ os pagamen-  
 tos, com que se satisfazem, taõ grossos, que exce-  
 dem todo o merecimento. Vinte mil cruzados  
 disse no titulo deste capitulo? Pois disse pou-  
 co, quando sey casos de quarenta, e de oiten-  
 ta mil cruzados levados de codilho em occasioens,  
 que a sabedoria do vulgo ficou cuidando, que  
 recebia ElRey no lanço hum serviço heroico de  
 grandissimo interesse. Succedeo o caso, naõ di-  
 rey onde, porque naõ trato de syndicar invalsens  
 de inconfidentes, senaõ de advertir Ministros fieis,  
 para que saibaõ, por onde se nos vay a agua: basta  
 saber-se, que além-mar recolhem os Reys de Por-  
 tugal para si todos os dizimos, como conquistado-  
 res; porque os Papas os largaraõ os Méstrados,  
 para levarem avante a conversão da Gentilidade,  
 e sustentarem o culto Divino naquellas partes com  
 magnificencia da Fé, e augmento da Christandade.  
 Em huma praça pois dessas mais opulentas se  
 põem em lanço cada tres annos as rendas dos di-  
 zimos, a quem dá mais por ellas, e andaõ orça-  
 das huns annos por outros em cento e quarenta  
 até cento cincoenta mil cruzados. Urdio hum  
 pode-

poderoso os lanços de maneira, que não sobiraõ  
 de sessenta mil cruzados; e nelles se rematou o ra-  
 mo a hum Prioste seu confidente, com quem lha  
 forro, e a partir: e para isso intimidou todos os  
 lançadores, e prendeo alguns, que tinha por mais  
 affoutos, para os impossibilitar naquelle tempo,  
 por lhe constar queriaõ lançar no tal ramo, cento  
 quarenta e tres mil cruzados, como no triennio an-  
 tecedente tinhaõ lançado, e no seguinte lançaraõ,  
 porque se lhes removeo o impedimento. Donde se  
 colhe, que não defraudaraõ a Sua Magestade mais  
 que em oitenta e tres mil cruzados, pondo em pés  
 de verdade, que lhe fizeraõ grande serviço, para  
 que se não perdesse de toda a arrendação dos di-  
 zimos, visto não haver quem dêsse por elles mais.  
 E destas ninharias ha por lá muitas guizadas com  
 taes escabeches, que he necessario muito ardil pa-  
 ra lhes dar na tempera: e ainda que ha quem a  
 entenda, assim como ha quem a goste, não ha  
 quem a declare, por se não encarregar de desgos-  
 tos, arriscando a vida, e a honra á ventura de ha-  
 ver, quem faça prevalecer suas mentiras contra  
 minhas verdades.

Outro modo ainda mais corrente, e menos  
 arriscado que este, com que se furtaõ a Sua Ma-  
 gestade todos os annos os vinte mil cruzados, que  
 propuz no titulo, sem se sentir a pontada, nem  
 abrir ponto, por onde se possa emendar a rotura.  
 E he assim, que os Reys de Portugal são Senhores  
 de todos os mattos do Brasil, e conseguintemente  
 de todas as madeiras, que se talhaõ nelles: e he  
 certo que todos os annos se fabricaõ mais de cin-

coenta mil caixas para vir o assucar, tabaco, gengibre, malagueta, &c. e que não se paga a Elkcy por tanto taboado, e madeira, nem hum ceitil, achando os interessados, que assáz o servem nos direitos, que de tantas drogas pagão, como se os não deverão por outra cabeça: e por esta arte, a titulo de o servir, lhe defraudão cincoenta mil cruzados, que lhes poderá levar por outras tantas caixas, que bem baratas hirião por este preço: e ainda que lhas não désse mais que a dous tostocens (que seria dallas de graça) faria vinte e cinco mil cruzados, que computados pelos annos, que tem aquelle Estado de nosso commercio, e passão de cento e cincoenta, fazem somma de dous milhões e meyo, e em tanto está defraudada esta Coroa a titulo de bem servida: e no cabo os seus Ministros, que se prezaõ de belizes, e que pescaõ atomos com lincees, não tem dado fé desta perda, se quer para fazerem della alvitre: nem eu o vendo por tal.

Ministros vigilantes, e intelligentes, não tem preço, com tanto, que não despontem de agudos para seu proveito, como hum, que me veyo á noticia ha poucos annos, que de hum sorvo engolio vinte mil cruzados de direitos em Lisboa, para que não cuidem que só por hi álem se fazem os bons saltos: fez este cadino o seu com pretexto de servir bem a Sua Magestade, e ajudaraõ-no sendo dos bisonhos, a quem o faraute da empreza perguntou, quanto queriaõ em bom dinheiro de contado por lhe esperarem quatro palavras tabaliõas com outras tantas trochadas pelas costas com

huma bengalla ? Confórme ellas forem , responderão elles , não se desavindo no contrato , feraõ de amigo: *Et citra sanguinis effusionem*. Tanto , mas quanto : com cinco mil cruzados se contentou cada hum , sahindo a cinco tostoens cada bengallada , como bofetada em peão. Accrescentavaõ elles a fazenda de huma não em huma barança ( se era para a Alfandega , ou Casa da India , elles o digaõ , que a mim me esquece ) e vindo com huma carga de drogas taes , que se estimava sua valia em mais de duzentos mil cruzados , paráraõ em parte certa de pensado , como quem tratava de dár conta de si , e descarregar sua consciencia : sahio-lhes o da bengalla ao encontro por entre outros barcos , que levavaõ fazendas despachadas para fóra ; e perguntando , e resolvendo á vista de Deos , e de todo o mundo , para mais assegurar o campo , lhes disse ; que fazeis aqui villoens muito ruins ? Deveis de estar hebados ! Pois trazeis cá o barco , que sahio daqui registrado : levay-o a seu dono , e desempachay o caminho : e porque não menearaõ os remos com tanta pressa , como o salto necessitava , accrescentou : estes mardraços fó ás pancadas se governaõ , e quem tem piedade delles , nenhuma tem da fazenda delRey , nem das partes : e passando das palavras ás obras , lhe fez a caridade , como tinhaõ concertado : confessando elles , que tinha sua merce muita razaõ , e assim ficaraõ todos justificados , e os circumstantes persuadidos , que tudo hia bem governado conforme aos regimentos da cartilha , e o barco sem ruim presumpçaõ foy dár consigo , onde Sua

Magaf-

Magestade perdeu vinte mil cruzados de direitos, dando-se em tudo por muito bem servido, e em que lhe pezo, porque não havia outra luz, que manifestasse a verdade.

\*\*\*\*\*

CAPITULO XI.

Como se podem furtar a ElRey vinte mil cruzados, e demandalo por outros tantos.

**T**errivel ponto he, o que neste Capitulo se offerece. Furtar, e ficar taõ fóra de restituir, que pertenda o ladraõ se lhe pague com outro tanto o trabalho que teve em fabricar, e embolçar o furto! He caso, que só na escola de Caco se pratica, e acha resolutos: e poderia acontecer (se não he que já succedeo) de muitas maneiras: ponhamos humia, que explicará todas. Eis lá vay hum Coronel mandado por Sua Magestade, não sey a que Comarca: vinte mil cruzados leva para levantar hum terço perfeito de Infantaria: escolhe elle os officiaes, todos seus criados, creados á mão como estorninhos, que só palraõ, e defcantaõ o que lhe metem no bico. Daõ consigo de affuada em hum granja sua, que nunca granjeou tanto em sua vida: e porque era quinta de prazer, regalaraõ nella suas almas quinze, ou vinte dias, com perdizes, cabritos, coelhos, galinhas, capoens, perús, e leitoens, á custa da barba longa. Escrevem alli os de melhor pena em hum livro branco mil e quinhentos nomes de sol-

dados, que nunca viraõ, com os nomes de pátrias, e pays, que taes filhos não geraraõ, tudo por Capitulos com finaes, e firmas diferentes, pondo muitos com diversas cruces por finaes, denotando, que não sabião escrever, como acontêee. Feito assim o livro da matricula, e authenticico com todos seus requisitos, sem lhe faltar huma cifra: annexando-lhe logo cartas, que com a mesma facilidade fizeraõ, e fingiraõ vindas das fronteiras cheias de agradecimentos do recibo de tão bizarra gente; e que logo a repartiraõ por varias praças, que estavaõ muito arriscadas: mas que já ficaõ seguras com mil e quinhentos leões; e outros tantos annos viva sua Senhoria para fazer semelhantes serviços a ElRey, e á patria, que lhos faberaõ agradecer, e pagar, como merece. E com estas cartas de quitação, e livro de receita, daõ consigo na Corte allegando a sua Magestade o grandifissimo trabalho, que tiveraõ, levando mács dias, e peores noites, botando o bofe pela boca, e labutando com repugnancias, escuzas, e murmuraçoens de pays velhos, mãys viúvas, irmaãs donzellas. Boto a tal, que se não póde fazer este officio por quanto ha no mundo: e que não nos paga Sua Magestade com as melhores Comendas de Christo o serviço, que lhe fizemos de mil e quinhentos rayos de Marte, tigres dezatados, que lhe puzemos nas fronteiras, em que gastamos de nossas fazendas muitos mil cruzados; porque os vinte mil, que nos mandou dar Sua Magestade, claro está que não bastavaõ, nem para as despezas dos caminhos, ferras, e charnécas, que andamos.

dámos com mãos gafalhados, e peores mantimentos. Recebe-os ElRey nosso Senhor com entranhas de pay; agradece-lhes liberal o trabalho com sua costumada benevolencia; enche-os de mercês; e despachos confiado a outras empresas. E accrescentaõ elles depois de satisfeitos, e contentes. Senhor he hum milagre ver, que de tantos infantes, nem hum só mostrou má vontade de hir servir a V. Magestade; tanto monta o bom modo, com que fizemos isto.

Vedes aqui irmão leitor, como podeis furtar a ElRey vinte mil cruzados, e demandallo logo por outros tantos em juizo, allegando, que vos pague, não só o que trabalhastes, senão tambem o que gastastes em seu serviço. Os soldados foraõ por letra fantasticos, e invisiveis: mas os vinte mil foraõ á vista reaes, e não encantados. O serviço foy roubo occulto; e por elle pedem, e levaõ satisfacão, e paga manifesta. E se lhes tardaõ com ella, queixaõ-se, e demandaõ, até que lhes daõ pelo trabalho do furto mais, do que interessaraõ na rapina. Deste, e de outros casos, que vaõ por esta esteira, se póde colher reposta para alguns zelozos, que estranhaõ as prolongadas demoras, que cada dia vemos em despachos. Admitto que he muito mal feito dilatar os requerentes na Corte fóra de suas casas: mas peor o faz, quem requerer, o que lhe não he devido: e para se averiguar a verdade de todos, e seus merecimentos, he necessario tempo, porque ha muitos enganos nas justificaçoens dos serviços, que se allegaõ. E acontece muitas vezes virem das Conquistas, e

das fronteiras carregados de certidoens de grandes serviços, os que mais roubáraõ a Sua Magestade, e á força querem que lhes pague com comendas, e officios de muitos mil cruzados os latrocinios, que lá fizeraõ, e vem provados atráz delles na retaguarda da sua fortuna; e se espera, que cheguem para rebater as batarias de certidoens falsas, que appresentaõ na vanguarda de seus requerimentos.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XII.

*Dos ladroens, que furtãõ muito, nada ficãõ a dever na sua opiniaõ,*

**H**A huma figura na Rethorica, que se chama *Gradatio*, porque vay como por degrãos atando as palavras, e pendurando-as humas das outras. Declaremos isto com hum exemplo, que servirá para a prova deste Capitulo. Todo o soldado Portuguez he brioço, todo o brioço he polido, todo o polido calça justo, todo, o que calça justo, não admite çapato de fancaria; e os çapatos, que os Assentistas mandaõ ás fronteiras para os soldados, são todos de fancaria, e carregaçãõ: logo bem diz, quem afirma, que he fazenda perdida, a que se gasta em taes çapatos. E que sejaõ de fancaria, prova-se com a mesma figura; porque os taes são de carregaçãõ, e toda a mercadoria de carregaçãõ he pouco polida, toda a coufa pouco polida he desalinhada, toda a  
coufa

couza desalinhada he de sancaria : logo bem dizia em, que he fazenda perdida ; porque soldados briosos, quaes saõ os Portuguezes, não usão couzas de fayanca. E prova-se mais ser fazenda perdida pela experiencia ; porque sabemos de poucos, que calçassem nunca taes çapatos ; e vemos muitos, que recebendo-os a razãõ de tres, e quatro toltens o par, porque lhes não daõ outra couza, os tornaõ logo a vender por cinco, ou seis vintens : e tornando-os os Assentistas a recolher por este segundo preço, os tornaõ a encaixar aos soldados pelo primeiro, revendendo-os seis, e sete vezes. O mesmo fazem com as bõtas, e meyas, couras, guarinas, carapuças, e outros aprestos, que Sua Magestade lhes permite levar ás Fronteiras, para melhor expediente da milicia : mas a malicia tudo corrompe, e até no provimento do pão bota terra, na farinha cal, na cevada joyo, na palha fisco ; para fazer de estercos prata, e vender com os ganhos o custo. E a graça de tantas desgraças he, que os authores destas empresas, depois de roubarem com ellas a ElRey, aos soldados, e a todo o Reyno, porque a todo abrangem tantas perdas, ficão-se saboreando da destreza, com que fizeram seu officio : e se a consciencia os pica, que venderão gato por lebre, alimpaõ o bico á mesma consciencia, que a ninguem puzeraõ o punhal nos peitos, nem venderão nada ás escondidas ; e o que se faz na bochecha do Sol com aceitação das partes, vay livre de coimas, e de escrupulos. Parece que ainda não leraõ, nem ouvirãõ, que ha vontades coactas, e forçadas sem punhaes

nhães nos peitos. Se vós lhes não daes outra cou-  
 ra, nem ordem, para que a busquem por sua via,  
 claro está que se haõ de comprar com vossa la-  
 droice, para remirem em parte sua vexação. Mas  
 isto não vos livra, de que ficæis obrigado a ElRey,  
 porque o enganastes; e aos soldados, porque os  
 defraudastes; e ao Reyno, porque o saqueastes,  
 enfacando em vós o dinheiro das décimas, e pa-  
 leando tudo com hum quartel, que expuzestes  
 de antemão, como se assim os arrifcaissem todos;  
 e como se nós não vissemos, que quando chegæis  
 ao segundo, já estæis pagos do primeiro. E ten-  
 des nas unhas cobranças seguras para o terceiro,  
 e quarto, havendo-vos em todos, como se os tragi-  
 nareis com vossa fazenda; e fendo a negociação  
 ao todo com fazenda alheya, vos pagæis nos inte-  
 resses, como se fora vossa. E lançadas vossas con-  
 tas, achæis na vossa opiniaõ, que nada ficæis a  
 dever, e que se vos deve muito, pelo muito que  
 ganhastes. Muito tinha eu aqui que discorrer, mas  
 fiquem estes torcicollos de reserva para o capitulo  
 20. §. *Seria immenso*, das unhas militares.

\*\*\*\*\*

### C A P I T U L O XIII.

*Dos que furtaõ muito accrescentando, e a quem rou-  
 baõ, mais do que lhes furtaõ.*

**E**M Braga houve hum Primaz Arcebispo, que  
 o foy tambem no Oriente: este costumava  
 dar

dar todos os provimentos de Abbadias, Igrejas, Benefícios, e officios aos pertendentes, por quem intercedião menos padrinhos; e deixava sem nada aos que tinham muitos intercessores. E a razão, em que se fundava, para se justificar com sua consciência, era, que ordinariamente ninguem intercede por zelo, senão por interesse: donde inferia, que quem tinha muitos abonadores, tinha, com que os comprava; e que os buscava, por se ver falto de merecimentos; e pelo contrario, quem pertendia sem padrinhos, hia pelo caminho da justiça, e fiava-se na verdade, e em seus talentos; e assim achava o bom Prelado, que pedia melhor, quando furtava a volta ás abonações que excedião, tendo-as por suspeitas. Mas teve hum Provisor, que lhe deu na trilha; e furtava-lhe a água com outra treta, abonandolhe, e que queria excluir, e desfazendo nos que queria prover, allegando, que assim lho dizia muita gente. E era o mesmo, que ficar de fóra, e destituido aquelle, a quem mais accrescentava, e ornava para ser provido. Valente desengano he este para Principes, que não cuidem, que poderão ter roteiro, que se lhes não contramine. *Pensata la lege, pensata la malicia*, disse o Italiano; que não ha ley, nem traça de governo tão considerada, a que a consideração da malicia, e especulação do discurso interessado não de alcance para a perverser, e torcer a seu intento. Hum caso, que me passou pelas mãos ha pouco tempo, explica isso admiravelmente. Crescerão queixas de mais de marca nesta Corte contra os Ministros Ultra-

tramarinos : tratou-se de lhes mandar hum sindicante, que as apurasse. Escolheo Sua Magestade hum Bacharel de encomenda : tinhaõ os Ultramarinos prevenido com valentes ságuas seus confidentes, para que armássem os páos de maneira, que o sindicante fosse homem venal, e não incorrupto. O eleito bem viaõ todos que era Rodamanto. Que remedio para lhe impedir a jornada? Destazer nelle era impossivel, porque sua opiniaõ vencia, e açamava até á propria inveja. Deraõ em fazerem elogios, e prégar encomios delle a Sua Magestade, e que o mandasse logo, que assim convinha. E porque sabião, que era homem de capricho, e brios, que não havia de evitar a empreza, sem os requisitos para ella; e para seu credito, e honra navegar direito, accrescentaraõ que não convinha dar-lhe Béca, nem Habito de Christo antes de hir : porque se lhe dessem logo o premio, não lhe ficava cá que esperar, e não serviria taõ diligente, nem tornaria taõ cedo, deixando-se engodar lá com outros lucros, e que perderiaõ hum sugeito de grandissimo prestimo. Quadrou a razãõ, por hir vestida de zelo de bem commum : e vendo o sindicante, que o mandavaõ desfameado de authoridade, e dos requisitos, para fazer bem seu officio, renunciou a jornada, que era o que pertendia, quem tanto o abonou, e accrescentou de cabedal, e talentos para os esbulhar de tudo. Deixo outras consequencias, que teve a historia, porque estas bastaõ para mostra que ha ladroens, que furtaõ accrescentando, a quem roubaõ, mais do que lhe furtaõ.

taõ. Por este rumo navegaõ, os que, para entabolarẽ seus aliados, quando competem com outros, que lhes vaõ diante nos merecimentos, abonaõ tanto os melhores, que os botaõ fóra da pertençaõ a titulo de ser pequena, e que he bem lhes dem cousas mayores; que aquillo he bastante para fulano; e assim o plantaõ no postor, e se esquecem do provimento mayor, que alvidravaõ, e prometiaõ, ao que botavaõ fóra com o applaudirem por melhor.

Tambem se estende esta subtileza por materias pecuniarias, fazendo vos rico para vos fintarem com todo o preço da contribuiçaõ: abonaõ-vos por Cresso, e Midas, para vos porem ás costas as perdas, que querem lançar das suas. Em Portalegre vi este caso por occasiaõ de huma alçada, cujos gastos não achou o Dezembargador quem os pagasse depois de feitos, nem quem comprasse as fazendas dos culpados, porque eraõ poderosos, e aparentados. Fez o sindicante seu officio rectissimamente, chamou os homens de negocio mais ricos da Cidade para os obrigar, a que déssem a quantia necessaria para a alçada, e que tomassem as fazendas para se pagarem com ellas logo, ou com seus frutos nos annos, que bastassem, descontando tambem a razaõ de cambio os lucros cessantes do seu dinheiro. Vendõ todos o risco a que se expunhaõ, porque em virando o Dezembargador as costas, haviaõ de revirar sobre elles os culpados com toda sua parentélla, que era da governança, e lhes haviaõ de fazer amargar os frutos, perder o dinheiro, e arriscar as vidas, deraõ

deraõ na traça deste capitulo de acrescentarem os  
 bens , a quem tratavaõ de os diminuir : differaõ  
 de hum certo , que tinha de seu mais de cem mil  
 cruzados , que elle só podia com taõ grande pezo,  
 e era poderoso a ter as pélas contra tudo , o que  
 succedesse : e seguiu-se daqui , que fazendo-o rico,  
 o meteraõ em riscos de grandíssimas perdas. Nos  
 lançamentos das décimas succede quasi o mesmo,  
 que vos fazem rico sendo pobre , para que pa-  
 gueis!o de que se eximem os ricos por poderosos.  
 O orçamento he justo , porque se me depélla  
 a substancia do que póde a freguezia , e que const-  
 ta até pelos livros dos dizimos : mas quando  
 vay ao repartir da contribuiçaõ , batalhaõ as car-  
 tas , os que estãõ senhores do jogo , e fazem sahir  
 triunfo de ouros , a quem naõ tem cobre com  
 que pague ; e páos , e espadas , a quem tem prata ,  
 para que a defenda ; e naõ faltaõ logo cópas , que  
 apagaõ as duvidas. E a galhardia he que com zelõ  
 do serviço delRey nosso Senhor tapa a boca a  
 todos , para que naõ grunhaõ. He terrivel maõ ,  
 a que se arma com azeiros Reaes , porque ainda  
 que naõ sejaõ mais , que apparentes , temem suas  
 unhas até os Leopardos , de cujas garras todos tre-  
 mem. Ninguem me repare na frase dos azeiros ,  
 ou unhas Reaes ; porque he certo que ha unhas  
 Reaes muito perniciosas , como explicará o seguin-  
 te Capitulo.

\*\*\*\*\*  
 CAPITULO XIV.  
 Dos que furtaõ com unhas Reaes.

Quando Alexandre Magno conquistava o mundo, reprehendeo hum Coslario, que houve ás mãos, por andar infestando os mares da India com dez navios: e respondeo-lhe discreto. Eu quando muito dou alcance, e faco a hum, ou dous navios, se os acho desgarrados por estes mares; e V. Alteza com hum exercito de quarenta mil homens vay levando a ferro, e fogo toda a redondeza da terra, que não he sua: eu furto, o que me he necessario, V. Alteza o que lhe he superfluo. Digame agora, qual de nos he mayor pirata, e qual merece melhor essa reprehensão? Quiz dizer nisto, que tambem ha Reys ladroens, e que ha ladroens, que furtaõ o que lhes he necessario; e que ha ladroens, que furtaõ tambem o superfluo; estes são ladroens por natureza, e aquelles o são por desgraça. Deos nos livre de ladroens por natureza, porque nunca tem emmenda; os que furtaõ por desgraça, mais sofriveis são, porque não são tão continuos. Se ha Reys ladroens, he questaõ muito arriscada. Certo he que os ha; e que não furtaõ ninherias; quando empolgaõ, são como as Aguias Reaes, que só em coufas vivas, e grandes fazem preza. Milhafres ha que se contentaõ com sevandijas; mas a Rainha das aves com coufas mayores tem sua

sua ralé. Quando ElRey Philippe , que chamaõ  
 Prudente, morreo ; dizem que só no Reyno de  
 Navarra engalhou , se pertencia ao Francez ; co-  
 mo se naõ tivera mais , que duvidar no de Por-  
 tugal , e outros , cuja posse , se bem se axaminára ,  
 pôde ser que lhes achára mais da rapina trans-  
 versal, que de linha direita. Os Reys de Portu-  
 gal tiveraõ sempre esta perogativa , e bençaõ de  
 Deos , que tudo quanto possuiraõ , e possuem  
 de Reynos, foy herdado com legitima successaõ,  
 ou conquistado com verdadeira justiça. E assim  
 naõ topaõ aqui entre nós as unhas, que chama-  
 mos Reaes: por outra via lograõ este nome com  
 que se acreditaõ , e armaõ , para empolgarem  
 mais a seu salvo nas prezas que fazem , as quaes  
 faõ tantas , e de tal qualidade , que naõ he possi-  
 vel referillas todas. Toco algumas.

Sahe de Lisboa hum enxame de officiaes dos  
 Assentistas , quando naõ tem pelas comarcas Va-  
 ras mayores , que lhe substituaõ no cuidado de  
 fazer trigo , e cevada para as fronteiras , e todos  
 levaõ nas mãos provisoens Reaes , para tomarem  
 o que for necessario , e lhe amainarem o preço:  
 correm no novo as eiras , e os celeiros de todos  
 os lavradores , e tambem dos Religiosos ; e fen-  
 do necessarios mil moyos , vg. recolhem tres mil:  
 e vendem depois em Abril , e Mayo os dous mil ,  
 dobrando-lhe o preço , e tambem quadruplicando-  
 lhe conforme a carestia , que elles causaraõ.  
 Hum Fidalgo de Bèja me contou , que virá hum  
 destes Doutores fazer huma peça digna de conto.  
 Attraveçou o celeiro de hum lavrador rico , e disse-

disse-lhe muito serio: Este trigo he muito fujo; não o hey de levar senão joeirado; porque não quero comprar má fazenda para os selcados de Sua Magestade, que he bem andem mimofos, pois nos defendem de nossos inimigos: mandou-o joeirar logo o lavrador, por se ver livre delle; e tirou de dez moyos mais de meyo mojo de alimpaduras; as quaes comprou logo o mesmo ministro dos Assentistas a vintem cada alqueire; e em as tendo por suas, deu com ellas no trigo limpo, e misturando tudo o ensacou. Não se vio mais pouca vergonha, nem mayor subtileza. Até no terreiro de Lisboa fazem preza esta aguias. São necessarios vinte, ou trinta moyos de cevada para as cavalhariças Reaes, e tomaõ mais de duzentos. O mesmo fazem na palha, que mandaõ vir em barcos do Riba-Tejo: não sey se será para venderem em Mayo a cruzado o panal, que lhe custou hum tostaõ; e a doze vintens o alqueire de cevada, que compráráõ a tres, ou a quatro vintens? Taõ Reaes como estas são as unhas de alguns Ministros, que retardaõ consultas de officios, para que occupem serventias, os que os peitaõ: e andaõ os pertendentes das propriedades annos, e annos requerendo debalde; porque tudo está empatado com despachos subrepticios, de que Sua Magestade não he sabedor; que se o fora, mandará restituir lucros cessantes, e damnos emergentes, e pagar ás partes, quem lhes foy causa contra justiça de se andarem consumindo, e lutando com enganos fóra de suas cazas tanto tempo. Neste passo me negaõ tudo, quanto tenho dito neste

nestes Capitulos, os que se sentem comprehendidos: e para que me deixem, retrato tudo, e só o digo, para que não aconteça, e passo a coufas notorias.

Passando eu ha poucos annos por Montemor o Novo, vi huma trópa de pádeiras hirem gritando atrás de dous meirinhos, que levavaõ ás costas de quatro negros outros tantos facos de paõ amassado: perguntey; que briga era aquella? Responderaõ-me, que as encoimaraõ, por fazerem o paõ menos da marca, que mandava Sua Magestade que o fizessem de arratel, e achou-se em huma meya onça menos. Mas sabida a historia mais de raiz, era que não queraõ dár paõ fiado a alguns senhores da governança, porque nunca lhes pagavaõ; e assim as ensinavaõ a serem cortezes. Mais humano se portou hum meirinho nesta Corte de Lisboa, que com hum dobraõ, que lhe servio de negaça, caçou mais de hum anno tudo, o que lhe foy necessario para o sustento de sua casa. Hia o criado por essa Ribeira com a moeda de ouro de trez mil e quinhentos, comprava aqui a perdiz, ácolá o cabrito, e o leiteaõ no dia de carne; e no dia de peixe a pescada, o sável, o linguado, e a lagosta; comprava até a couve; o nabo, a alface, o queijo, o figo, e a passa, e todo o genero de fruta, e nunca se defavinha no preço, e sempre offerencia o dobraõ: e como todas as regateiras haviaõ medo do amo, por não o aggravarem, faziaõ da necessidade cortezia, e diziaõ, que não tinhaõ troco, que outro dia fariaõ contas, como o tivessem;

fem; e este dia nunca chegava, porque não era do Kalendario. Mas tomaria a bulla da composição na Qstaresma, que he de temer lhe não valesse, visto serem vivos, e conhecidos os acredores.

Em Portalegre conheci hum mercador da ley cançada, que vendia não só panos, mas tambem todo o genero de doces: mandou pedir a este hum Vereador quatorze mil reis emprestados: temeo o trapeiro, que havia de ser o emprestimo a cobrar nas tres pagas ordinarias, de tarde, mal, e nunca; e mandou-lhe dizer que não tinha dinheiro. Baixou logo hum decreto da Camera com pena de quinhentos cruzados para o Fisco Real, que não vendesse couzas de comer, porque era suspeito ao povo em todas ellas. Outras unhas ha mais Reaes, que estas: o contrato das Almadras do Algarve paga de dez atuns sete para a Coroa, que se obriga porisso a defender a costa aos armadores com galés, e armada; e todos os annos os desbarataõ os Mouros levando-lhes as ancoras, rompendo-lhes as redes, queimando-lhes os barcos: mas os sete atuns sempre se pagaõ. E porisso não ha escrupulo no muito, que se furtta nos direitos. Que direy das obras pias? Melhor he não dizer nada. Invento-as ElRey Dom Manoel de gloriosa memoria, tirando hum real, ou dous de cada cento no Consulado, que vem a fundir cinco mil cruzados cada anno, quando muito, para os estropeados de Africa, para viuvas de Portuguezes, que serviraõ, para occasiõens de misericordia fortuitas: e carregãõ so-

bre ellas mais de dez mil cruzados de tenças, e donativos, que não pertencem á instituição das pias obras: e quando vão as partes cobrar, o que se lhes configna nellas, achão-se em branco, e quem anda mais diligente, se cobra hum quartel, dá graças a Deos, e os mais de barato. Também o Esmoler mór se queixa, que se lhe remetem petições aos milhares, não tendo cabedal, que se conte por centos. O certo he que muitas couzas não se emendaõ, porque se não sabem, e não se sabem, porque ha unhas, que as escondem, porque vivem dellas sobcapa de servirem a Sua Magestade, e assim se fazem Reaes.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XV.

*Em que se mostra, como pôde hum Rey ter unhas.*

**N**Aõ cuidem os Reys, que pelo serem são Senhores de tudo, como o Graõ Mogor, e o Graõ Turco, que se fazem herdeiros de seus vassallos com tal dominio em seus bens, moveis, e de raiz, que os dão a quem querem, deixando muitas vezes os filhos sem nada. Isto bem se vê, que he barbaria: ainda que dizem o fazem para terem os vassallos dependentes: mas tambem os teraõ descontentes; e porisso sabemos, que ha entre elles cada dia rebellioens; com que perdem Reynos, e tambem todo o Imperio, que só o possui, quem mais pôde. O Rey, que se governa

com

com verdadeiras leys , mas que não sejaõ mais que a da natureza , ha de presumir , que até o que possue , não he seu , e que lhe he dado para conservar seus vassallos ; e que se o defraudar fóra do bem commum com gastos superfluos , que poderá commetter nisso crime , a que se dê nome de furto. De tres maneiras póde hum Rey ser ladrão. Primeira furtando a si mesmo. Segunda a seus vassallos. Terceira aos estranhos. A si mesmo furta , quando gasta da Coroa , e dos rendimentos do Reyno em couzas inuteis ; aos vassallos , quando lhes pede tributo demasiados , e que não são necessario : e aos estranhos , quando lhes faz guerra sem causa. E está taõ fora de se aproveitar com estas execuçoens , que executa nellas sua perda , e de seu Reyno total ruina. Exemplo temos de tudo na Monarquia de Castella , cujo Rey porque gastou quinze , ou vinte milhoens , se não foraõ mais , nas superfluidades do Retiro , os acha menos agora , quando lhe eraõ necessarios para os apertos , em que se vê : e porque véxou os póvos com taes tributos , que chegou a quintar as fazendas a seus vassallos , se lhe alevantaraõ Portugal , Catalunha , Napoles , Sicilia , &c. e porque faz guerra a França , e a outros Reynos , e Estados , que lhe não pertencem , por sustentar caprichos , está em pontos de dar a ultima boqueada á sua Monarquia.

Os Romanos em quanto tiveraõ erario publico , em que conservavaõ os rendimentos do seu Imperio , conservaraõ-se invenciveis ; e tanto que os gastaraõ em superfluidades , e ambi-

çoens, perderaõ-se a si, e quanto tinhaõ: e porque para se terem maõ, apertaraõ demasiadamente com os pòvos, que dominavaõ, tirando-lhes a substancia, rebellaraõ-se todos: e porque crueis fizeraõ guerra sem causa, meteraõ em ultima dezesperação as Naçoens, que mancomunadas resistiraõ até defençaixarem de seus eixos todo o Imperio, cumprindo-se ao pé da letra o proverbio: *Male parta, male dilabuntur.* A agua o deu, a agua o leva. As Republicas conservaõ-se com fazenda, vassallos, e leys: e se a fazenda se desbarata, e os vassallos se offendem, e as leys se quebraõ, lá vay, quanto Martha fiou; e não lhe resta mais, que fiar em huma roca, quem se fiou tanto de sua fortuna, que arrebrandando de farto, não previo, que depois das vaccas gordas vio Pharaó as vaccas magras; como consequencia infallivel de prosperidades mal havidas, que sejaõ mal logradas, como thesouros encantados, que no melhor desapparecem, deixando carvoens nas mãos do ambicioso; que não contente com se ver farto, himpou de gordo, e inchou tanto, que arrebrandou como a rãa de Hisopete. Convém que o Rey ande sempre com o prumo na maõ sondando os baixos, e os altos da fortuna, e da Republica, que tem muitos altibaixos: deve computar o que tem de feu, e em que se gasta; os vassallos, que governa, e para quanto prestaõ os amigos, e inimigos, que o cercaõ, e de que valor saõ. E considere, que Rey sem fazenda he pobre, sem vassallos he só, e com inimigos he perseguido: e hum Rey  
pobre,

pobre, só, e perseguido, facilmente he vencido, e vay perto de não ser Rey. Mas se tiver fazenda, e a conservar, será rico; se tiver bons vassallos, e não os offender, achalos-ha a seu tempo: e sendo rico, e tendo vassallos que o sirvaõ, não tem que temer inimigos: e estando seguro destes, florecerá prospero, reinará poderoso: e a hum Rey prospero com riquezas, bem servido de vassallos, e poderoso em seu Imperio, pouco lhe falta para bemaventurado. E todos estes bens lhe vem de não ser ladraõ: e não o será, se não faltar a si, nem a seus vassallos, nem aos estranhos, como temos dito. E já que chegámos a estes termos de altercar, se ha Reys ladroens, convem que não passemos avante, sem resolvermos huma questã, que actualmente anda na praça do mundo sobre o nosso Reyno de Portugal, a quem pertence, se a ElRey Filippe IV. de Castella, se a ElRey D. Joaõ tambem IV. de Portugal? ElRey Filippe diz, que injustamente lho tomou ElRey D. Joaõ: e ElRey D. Joaõ affirma, que violentamente lho tinha usurpado ElRey D. Filippe: e neste conflicto de opinioens não escapa hum delles de ladraõ. Sim; porque tomar o alheyo he furto: e quem furta he ladraõ; qual o seja, dirá o Capitulo seguinte.

\*\*\*\*\*

## CAPITULO XVI.

*Em que se mostraõ as unhas Reaes de Castilla;  
e como nunca as houve em Portugal.*

**E**Ntramos em hum pégo sem fundo , em que muita gente de valor fez naufragio , e se affogou por ignorancia , covardia , e paixão. Huns por ignorancia perderaõ o léme , e tambem o nórtte : outros por covardia meteraõ tanto panno , que quebraraõ os mastros : outros por paixão fizeraõ-se tanto ao alto , que deraõ em baixos , e baixos miseraveis ; e todos encantados das Serêas cahiraõ em Sirtes , e Carybdes , que os sorvêraõ. Até os que navegaraõ estes mares , como Dedalo os ventos , se perderaõ : pelo meyo hirás seguro , dizia elle a feu filho Icaro : mas como he máo de achar o meyo entre extremos repugnantes , fizeraõ , como Icaro , naufragio em feu vôo por falta de azas , ou de Estrella que os guiasse. Naõ estou bem com gente neutral , que tira a dous alvos com a mesma frécha. He impossivel tomar huma náó no mesmo tempo dous pórtos : o de Castilla estava entaõ aberto , o de Portugal fechado ; este sem forças para guarnecer , quem nelle se acolhia , aquelle com armas , que a todos metiaõ medo. Picaraõ-se os mares , alteraraõ-se as ondas ; ninguem tomou pé em pégo taõ fundo : e só ficaraõ em pé alguns poucos , que tiveraõ boas bexigas para nadar , ou

azas.

azas melhores, que Icaro para se acolher. O que  
 mais admira he, que durasse o tempo turvo sessen-  
 ta annos sem haver Piloto, que governasse a car-  
 reira. Muitos fizeraõ carta de marear para am-  
 bos os pórtos, poucos se governaraõ por ellas,  
 e porisso todos vacilaraõ na esteira, que haviaõ  
 de seguir; até que os mares se socegaraõ, e o  
 tempo serenou, e se viraõ no Ceo Estrellas,  
 que abriaraõ caminho, com que se tomou terra.  
 Sobre esta tomadia ferve outra vez a tempestade re-  
 petida, se bem menos escura, porque já corre  
 vento para ambos os pórtos, que espalha as nu-  
 vens: e dahi vem que nem todos tomaõ o mes-  
 mo, e cada hum se recolhe livremente no que  
 lhe fica mais a geito. Qual seja mais seguro para  
 escapar, elles o digaõ, que o experimentaõ. Qual  
 tenha mais razaõ para dominar, o que vay ló-  
 grando, isso direy eu, porque o sey de certo. E  
 não usarey de embuços, como alguns, que fal-  
 laõ por escrito sem dizerem o mal, e o bem de  
 ambas as partes, havendo-se nisto como Advogados,  
 que só huma parte abonaõ. Não vi em Portu-  
 gal correr publico nenhum Manifesto, que por  
 si fizesse Castella: nem sey, quem visse em Cas-  
 tella Manifesto de Portugal. Se he por temer ca-  
 da hum, que as razoens do outro mascabem as  
 suas? Não lhe acho razaõ: porque a verdade he  
 como as quintas substancias, que nádaõ sobre to-  
 dos os licores; e com as mentiras mais se apura  
 a guiza dos contrarios, que juntos mais se esper-  
 taõ. Sondarey pois aqui, como em carta de ma-  
 rear, ambos os pórtos; não deixarey alto, nem bai-

xo, que não descubra; porque assim acertará cada hum melhor com a carreira direita, e segura: e fio da boa industria de todos, que vendo ao olho, onde está o perigo, que o saibão fugir, e que lancem ancora, onde se possaõ salvar mais defcançados na vida, mais seguros na fazenda, e mais quietos na consciencia. Ancora lançou Castella em Portugal, e ferrou a unha tão rijamente, que o não largou por espaço de sessenta annos. Sobre esta unha botou Portugal harpêo com tão boa preza, que se melhorou no partido; e ainda lutaõ sobre esta melhora. Qual destas duas unhas esteja mais segura, verá o mundo todo, se vir com attenção, o que aqui escrevo sem diminuir nas forças de cada hum, nem accrescentar fraquezas. E porque Castella começou a estender primeiro as unhas, com que empolgou neste Reyno, direy primeiro as razoens, que allega para a preza fer sua.

\*\*\*\*\*

*Manifesto do direito, que D. Philippe Rey de Castella allega contra os pertendentes de Portugal.*

**H**E notorio, que por morte do nosso Rey Cardeal ficou este Reyno como morgada de Clerigo, que não tem successor, exposto a herdeiros transverfaes, que sendo muitos, baralhaõ as razoens de todos, e armaõ pleitos, e discordias inextinguiveis. E para proceder-mos com clareza, deve-

devemos presuppor , que ElRey D. Manoel de gloriosa memoria cazou tres vezes; a primeira com Dona Isabel, filha primogenita dos Reys Catholicos. Segunda com Dona Maria, filha terceira dos mesmos Reys. Terceira com Dona Leonor, filha delRey D. Filippe o I. e irmãa do Emperador Carlos V. Os filhos do primeiro, e terceiro matrimonio morrerãõ sem successãõ: do segundo teve dez filhos: o primeiro foy o Principe D. Joaõ; que teve nove filhos da Senhora Dona Catharina filha delRey D. Filippe o I. de Castella: destes morrerãõ oito sem successãõ; e o nono, e ultimo, que foy D. Joaõ, houve da Senhora Dona Joanna, filha de Carlos V. ao fatal Rey D. Sebastiaõ, em quem se acabou esta linha. A segunda prole delRey D. Manoel foy a Infanta Dona Isabel, que cazou com Carlos V. Emperador; e de ambos nasceo ElRey D. Filippe II. e deste Filippe III. e deste Filippe IV. de Castella, que hoje faz toda a guerra a Portugal. A terceira prole foy a Infanta Dona Brites, que cazou com D. Carlos, Duque de Saboya; e de ambos nasceo Phelisberto Emmanuel Principe de Piamonte, oppositor com seus descendentes a Portugal. A quarta prole, o Infante D. Luiz, que não cazou, e teve de huma Christãa nova hum filho natural, que foy o Senhor D. Antonio, tambem oppositor a este Reyno. Quinta prole, o Infante D. Fernando, que cazou com Dona Guiomar Coutinha, filha dos Condes de Marialva: e extinguiu-se esta linha. Sexta prole, o Infante D. Affonso Cardeal Arcebispo de Braga, e Bispo de Evora.

Evora. Setima prole, o Infante D. Henrique, que foy Cardeal, e Rey sem successão. Oitava prole, o Infante D. Duarte: cazou com Dona Isabel filha de D. Jayme Duque de Bragança, e tiverão tres filhos: primeiro a Senhora Dona Maria, que cazou com Alexandre Farnes Principe de Parma; segundo a Senhora Dona Catharina, que cazou com D. Joaõ Duque de Bragança; terceiro D. Duarte Condestavel, e Duque de Guimaraens: da Senhora Dona Maria nasceo o Senhor Raynuncio Principe de Parma tambem oppositor: da Senhora Dona Catharina nasceo o Senhor D. Theodosio Duque de Bragança, e delle o Senhor D. Joaõ, que hoje he Rey de Portugal, onde tem jurado por Principe seu filho o Senhor D. Theodosio, que houve em legitimo, e Santo matrimonio da Senhora Dona Luiza, esclarecido ramo da Real Casa dos grandes Duques de Medina, e Sydonia, Propugnaculos invictissimos de toda a Christandade contra a Mauritania na Andaluzia, onde por suas heroicas obras alcançaraõ o admiravel appellido de *Buenos*; e bastava para o merecerem destinellos o Ceo para darem a Portugal tal filha para nossa Rainha, e Senhora.

As mais proles, que foraõ a Infanta Dona Maria, e o Infante D. Antonio, naõ deixaraõ successão, porque logo morrerãõ. E das que temos dito fecundas, se levantaraõ cinco oppositores a este Reyno, que ficaõ notados em suas linhas; e pela ordem da antiguidade dellas saõ o primeiro El Rey D. Philippe; o segundo o Duque de Saboya; terceiro o Senhor D. Antonio; quarto

o P  
gan  
ben  
por  
III.  
prin  
por  
fore  
tive  
aqu  
a ve  
filh  
tá  
esc  
de  
irm  
ça  
lho  
D.  
op  
tra  
ho  
e p  
da  
go  
D.  
lu  
do  
no  
na  
les

o Principe de Parma; quinto o Duque de Bragança. A Rainha de França Dona Catharina tambem pertendeo oppor-se, allegando, que descendia por linha direita delRey de Portugal D. Affonso III. Conde de Bolonha, e de Dona Metilde sua primeira mulher: mas foy excusa sua pertençaõ por improvavel, e prescripta; porque os successores do Conde de Bolonha (que não consta os tivesse) nunca fallaraõ nesta materia, depois que aquella linha de Bolonha se ajuntou a França: e a verdade he, que á Condessa Metilde não ficaraõ filhos, como consta do seu testamento, que está em Portugal na torre do Tombo, segundo se escreve. E o engano esteve no successor de Metilde, que foy Roberto seu sobrinho filho de sua irmã Alis. E este he o Roberto, de quem França queria tomar a nossa genealogia, fazendo-o filho de Metilde, e de D. Affonso III. irmão de D. Sancho Capello. Quanto mais que na presente opposição só de descendentes delRey D. Manoel se tratava, que era o tronco ultimo, e em quanto os houvesse, não tinhaõ lugar outros pertendentes; e porisso tambem se não fez caso da pertençaõ da Sé Apostolica, pois não estava o Reyno vago de herdeiros.

Dos cinco Oppositores descendentes delRey D. Manoel, foy havido por incapaz no primeiro lugar o Senhor D. Antonio Prior do Crato, por dous defeitos, ambos por parte da mãy, hum no sangue; outro no nascimento; são notorios, não os explico; e nunca houve supplemento para elles. O Duque de Saboya cedeo aos parentes mais  
chega-

chegados , e tambem de cá o excluiraõ por Estrangeiro. O Principe de Parma ficou atraz na pertençaõ por tres razoens ; primeira , por ser morta sua mãy , irmãa da Senhora Dona Catharina , que havia de fazer opposiçaõ. Segunda , por falta da representaçaõ , que só se admite nos descendentes immediatos do primeiro grão, e elle era já bisneto delRey D. Manoel , em comparaçaõ da Senhora Dona Catharina , que era neta pela mesma linha do Infante D. Duarte. Terceira , por ficarem excluidas as femeas cazadas fóra do Reyno ; como se mostra das Cortes de Lamego , celebradas no anno 1141. onde ElRey D. Affonso I. com todos os Estados ordenou , que as femeas , ainda que podessem herdar o Reyno , perderiaõ o direito a elle cazando fóra : e porisso nas Cortes de Coimbra de 1382. excluiraõ a Senhora Dona Brites , filha unica do nosso Rey D. Fernando , por cazar com D. Joaõ I. de Castella : e D. Joaõ I. de Portugal , que lhe succedeo , confirmou esta ley em seu testamento no anno de 1436.

Excluïdos assim todos os sobreditos , ficaraõ no campo sós a Senhora Dona Catharina , e ElRey D. Philippe : deraõ-se duas batalhas , a primeira como Anjos , a segunda como homens : a primeira com forças de entendimento , a segunda com violencia de braço : na primeira venceu a Senhora Dona Catharina , porque lhe sobejavaõ razoens : na segunda venceu Philippe , por ter mais armas : desta naõ se trata aqui , porque as armas entre Christãos naõ daõ Reynos , nem os tiraõ justamente , quando ha razoens , que resolvem o

direi.

dire  
ven  
tes.

\*\*\*

I

del

rec

por

zor

tier

tim

vo

toc

tes

Ca

y l

do

en

tin

R.

M

do

pe

ma

no

direito delles: e porisso pertende El Rey Filippe  
vencer tambien nesta parte con as razoens seguin-  
tes.

\*\*\*\*\*

*Razoens , que El Rey D. Filippe allega con-  
tra a Senhora Dona Catharina.*

I **R**azon. Por el casamiento del Rey Don Juan I. de Castilla con Dona Beatriz, hija del Rey Don Hernando de Portugal, quedò el derecho de dicho Reyno en los Reyes Castellanos, porque ella era la unica herdera legitima. II Razon; porque no pertencia el tal derecho en aquel tiempo a Don Juan I. de Portugal, por ser illegitimo, sinò a D. Juan I. de Castilla, por ser ceta-vo nieto del primero Rey de Portugal. III. De todos los nietos del Rey Don Manuel pretendientes de Portugal, que vivian, quando murió el Rey Cardenal, Phelipo Prudente era el mas viejo, y legitimo; por esso el mas habil a la Corona.

IV. Porque demas de vencer Phelipo a todos en general en la edad, vencia tambien a cada uno en particular: al Senor Don Antonio por legitimo, a la Señora Dona Catalina por varon, a Raynuncio, por ser nieto, y el visnieto del Rey Don Manuel, y por esso mas llegado al ultimo poseedor; y al Duque de Saboya con la edad de la Emperatriz su madre, hermana mas vieja de Beatriz madre del Saboyano. V. Porque siendo los Reynos del Derecho antiguo de las gentes, nó se deve regu-

regular la sucesion dellos por el Derecho Civil lleno de sutilezas, y ficciones, que tantos años despues formaron los Emperadores; y que si bien los Reyes supremos lo avian introducido en los Reynos por el buen gobierno de los vassallos, no avian por esso alterado las simples reglas naturales de la sucesion Real, las quales afirmaban averie de seguir en este caso, como si úviera sucedido primero que naciera Justiniano, que fue el inventor de la Representacion; a que no obsta aver algunos Doctores querido temerariamente tugetar la sucesion de los Reynos a la Cívil Institucion; y assi siguiendo esta consideracion hacia Phelipo su derecho indubitable. VI. Dado que valga la representacion en Portugal, esta nõ se admite, sinò quando el nieto del Rey litiga con su tio hermano del tal Rey; y nõ entre primos hijos de dos hermanos, quales eran Phelipo, y la Señora Catalina; y confirmase com exemplo, y ley: con exemplo, porque por muerte de Don Martin Rey de Aragon, que no tuvo hijos legitimos, pretendieron su Corona la Infanta Doña Violante su sobrina, hija del Rey Don Jaymes su hermano mas viejo, y el Infante Don Hernando de Castilla su sobrino, hijo de la Reyna Doña Leonor su hermana: y dieron sentencia los Estados, y sus Juezes por el Infante Don Hernando, por ser varon, nõ haciendo caso de la representacion; que si valiera, avia de dar el Reyno a la Infanta, por ser sobrina, y hija de hermano mas viejo; el qual si fuera viva, avia de excluir a Doña Leonor su hermana, y madre de Hernando. Con ley;

por-

por  
en A  
nò  
nion  
serv

la p  
repr  
fuce  
el I  
luga  
nun  
mue  
Don  
Alfo  
pres  
viej  
repr  
May  
en c  
y e  
de  
los  
pue  
fuy  
y c  
la f  
don

17.  
feec  
var

porque el Emperador Carlos V. la hizo particular en Alemania, que nõ valga la representacion, si nõ concurriendo sobrinos con tío vivo; y es opinion de Azon, y muchos Doctores, que se observa em Francia.

VII. Demas de que la representacion solo la pueda aver, quando el padre, que se pretende representar, úviera tenido el primer lugar en la sucecion, de que se trata. Donde supuesto que el Infante Don Duarte en su vida nõ tuvo tal lugar, nõ podia dexar a sus hijos el derecho, que nunca se radicò en su persona. VIII. En Portugal muerto el Rey Don Joan II. le sucediò su primo Don Manuel, excluyendo al Duque de Viseu Don Alfonso: y si valiera la representacion, avia de ser preferido, por hijo de Don Diego hermano mas viejo de Don Manuel. IX. El beneficio de la representacion nõ se admite en la sucecion de los Mayorazgos, y bienes avinculados para andarem en el pariente mas cercano de cierta generacion: y es cierto, que los Reynos tienen naturaleza de Mayorazgos en la manera dicha. Demas que los Reynos se heredan por concesion de los pueblos, que transmitieron el poder Real, que era fuyo, a los primeiros Reyes, y a su generacion: y consta que la representacion nõ tiene lugar en la sucecion de las cosas, que vienen *ex concessione dominica*, como resuelve Bartholo.

X. La Ordinacion de Portugal lib. 2. tit. 17. §. 1. dize que por muerte del ultimo poseedor entrará en los bienes de la Corona el hijo varon mas viejo, que della quedare; y consecutiva-

tivamente echa fuera al nieto , y excluye la representacion. Y confirma-se con exemplo de heredamiento de Reynos ; porque en Castilla Don Alonso el Sabio excluyendo su nieto hijo del Principe muerto , hizo jurar su segundo hijo. Item. Mas. La misma Ordenacion lib. 4. tit. 62. §. 3. dispone , y manda , que quedando por muerte del que pagava fueros , hijo , ò hija , nõ entre en el prazo nieto , ò nieta , aunque sean hijos de algun hijo mas viejo ya difunto. XI. El beneficio de la representacion es privilegio concedido contra las reglas ordinarias del Derecho , y es una ficcion de la ley , por la qual contra la verdad se finge , que el hijo està en el lugar de su padre , y es con èl a misma persona ; y por ser privilegio , y fingimento , nõ puede aver lugar , sinò , quando se hallare expressamente introducido por Derecho : y es cierto que nõ està introducido expressamente , sinò en la sucecion de los heredamientos , y feudos , aunque nõ sean hereditarios. Donde , no siendo los Reynos de Portugal feudos , ni si desfriendo la sucecion dellos en todo , como heredamiento proprio , y ordinario , por ser cosa de mayor momento , y mas calificada , y de que se devia hacer expressa mencion , nõ puede aver lugar en èl la dicha representacion. XII. Para nõ parecer que huye Phe- lipo del Derecho , prueba , que en los Reynos mas propriamente , que en ninguna outra cosa , se fucede por el derecho , que llaman de la sangre , mirando al primer instituidor ; y que en este derecho se consideran las personas por si mismas  
fin

sin representacion , como si fueffen hijos del ultimo poseedor ; y desta manera queda Phelipo en lugar de primogenito de Henrico.

XIII. Dado que la Señora Catalina pudiesse representar el grado de su padre , nõ podia representar el sexo : y era duro de admitir , que la hembra igual solamente en el grado , y inferior en lo demas , fueffe preferida al varon para gobernar Reynos , quando el proprio defecto della le hacia mas dano que a Phelipo el de su madre. XIV. Conforme al Derecho las hembras nõ pueden ser admitidas a officios publicos , ni tener jurisdiccion , ni administracion de la Republica ; porque en ellas falta fortaleza , constancia , prudencia , liberdat , y outros dotes necesarios : y tenemos exemplo en la Reyna de Castilla Doña Beatris , que siendo hija unica del Rey Don Hernando de Portugal , nõ fue admitida , y se diò el Reyno por vacante , y lo heredò Don Juan I. donde se colige , que son las hembras incapazes de representar en Portugal , pues son incapazes de heredar. XV. Visto nõ declarar Henrico suceffor , era dividida à Phelipo la suceffion sin sentencia , por ser su persona suprema , izenta , y libre de qualquier juicio coercivo , y solamente obligado a justificar su derecho con Dios , y declararlo al Reyno : ni avia en el mundo , a quien pudiesse pertencer la judicatura deste caso , por nõ tocar al Papa , por ser materia puramente temporal sin circunstancias , que le pudiesse dar derecho : menos pertencia al Emperador , por nõ le ser reconociente del Reyno de Portugal,

tugal , y mucho menos a los Juezes , que avia nombrado Henrico ; porque eraõ todos parte material , y integral del Reyno , sobre que se litigava , como Portuguezes : demas de que nõ avia Portuguez alguno , que nõ fuesse sospechoso , y recusable por el odio publico , que tienen todos a la Nacion Castellana : ni avia lugar de se comprometer en Juezes loados , por la imposibilidad de hallar personas , de quien se pudiesse fiar cosa tan grande , y tan peligrosa ; y porque la obligacion de comprometer nõ caye sinõ en cosa dudosa , y Phelipo ninguna duda tenia.

XVI. Dado que fuesse necessaria sentencia , Phelipo la tuvo por los mismos Juezes , que nombrò Henrico ; porque de cinco que eran , tres le juzgaron la Corona. XVII. Sobre toda allega Phelipo , que quando el derecho es dudoso , y corre opinion probable por entrambas partes , que las armas lo resuelven todo ; y que con ellas tomò la possession , y los pueblos lo admitieron , y juraron en las Cortes de Thomar por Reys ; conque se quitò toda la niebla , y razon de dudas. XVIII. Llevando Dios viente e dos herederos , que precedian al Rey Catholico , dava a entender , que queria unir Portugal a los Reynos de Castilla , para fortificar un braço en su Iglesia , para resistir a los insultos de los infieles , y de los hereges ; y mejorar desta manera el mismo Reyno , haciendolo inexpugnable con tantas fuerzas juntas contra sus enemigos , y en sus conquistas. XIX. Finalmente allega por si la possession prescripta de sesenta años , bastando treinta , sin-

contra-

contradicion alguna. Y quien lo quitare de la tal possession, merecerá titulo de tirano, y de ladron, porque de hecho es tirania, y robo enorme, quitar un Reyno a su dueño sin causa, razon, ni justiza.

Estas são as razoens, que por si allega o Rey de Castella, para entrar na herança de Portugal. Nenhum Portuguez abafe com ellas, que logo lhas desfarey como sal na agua: mas primeiro quero responder ao candido Leitor, que me pergunta, que razaõ tive para mudar de estilo neste Manifesto, e fallar por outra linguagem differente da em que himos tirando á luz este Tratado. A isso poderá responder, que o Manifesto he de Castella, e porisso o puz na sua lingua: mas para explicar melhor a razaõ mais principal, que me moveo, contarey huma historia, que aconteceu em hum Tribunal de tres, que tem o Santo Officio neste Reyno. Prenderão hum bruxo, por ter trato com o diabo, e consultado em muitas duvidas: Reprehenderão-no os Inquisidores, porque sendo Christão baptizado dava credito ao diabo, sendo obrigado a ter, e crer, que he pay da mentira. Pay da mentira he, respondeo o bruxo, e por tal o conheço: mas com tudo isso, ainda que muitas vezes me mentia, não deixava algumas vezes de me fallar verdade, e eu pelo uso alcançava logo tudo; porque me fallava em duas linguas, que eraõ a Portugueza, e Castelhana: e todas as vezes que me fallava em Portuguez, era certo que dizia verdade; e só quando me falava em Cas-

telhado, era certissimo que mentia. Naõ fey, fe me declaro? Quero dizer, que a lingua Castellhana he estremada, e unica para pintar mentiras, como escolhida por quem he pay, e mestre dellas; e a Portugueza para fallar verdades: e porisso puz em Castelhana o Manifesto de Castella, e porey em Portuguez a resposta da Senhora Dona Catharina.

\*\*\*\*\*

*Resposta da Senhora Dona Catharina contra  
as razoens delRey D. Philippe.*

I. **R**eposta contra a primeira razao he, que naõ vem a proposito a herança da Senhora Dona Brites: porque a nossa questao procede sobre descendentes delRey D. Manoel, e naõ sobre os delRey D. Fernando, cujas duvidas se averiguaraõ nos campos de Aljubarrota: além de que a Senhora Dona Brites naõ deixou filhos, e assim necessariamente havia tornar a Portugal o direito. II. Resposta contra a segunda razao he, que deveraõ advertir, como na successao tao prolongada de D. Joao I. de Castella, oitavo neto do primeiro Rey de Portugal havia o mesmo defeito de illegitimidade em seu pay D. Henrique, além de outros avós: e mais perto estava do ultimo avô o nosso D. Joao I. e do ultimo possuidor no primeiro grao de irmao, que o seu no oitavo; e o nosso houve dispensação da illegitimidade, e naõ sabemos que o pay, e  
avós.

avós do feu a houvessem. III. Contra a terceira he que diz bem, se todos os Oppositores foraõ filhos do mesmo pay, assim como eraõ netos do mesmo avô; porque entãõ o mais velho feria o Morgado, Principe, e legitimo herdeiro: mas sendo filhos de diferentes pays, como eraõ, devia-se o direito só áquelle, cujo pay o tinha á Coroa: e como os pays da Senhora Dona Catharina, e D. Philippe, por onde lhes vinha a successãõ, eraõ de huma parte varaõ, e da outra femea, claro está, que o varaõ havia ter o primeiro lugar: e este era o Infante D. Duarte, pay da Senhora Dona Catharina legitima herdeira, por se achar em melhor linha, que Philippe, filho da Emperatriz Dona Isabel irmãã do Infante D. Duarte. Quatro cousas se consideraõ aqui, linha, sexo, idade, e gráo: e no primeiro lugar se busca a melhor linha, e só quem nella prevalece, prevalecerá na causa, ainda que seja inferior ao outro pertendente no sexo, idade, e gráo: e sempre a linha, que procede de varaõ, he melhor, que a que procede de femea.

IV. Reposta contra a quarta razaõ. Admittimos o argumento contra os outros Oppositores, e negamo-lo contra a Senhora Dona Catharina por razaõ da melhor linha, em que se achava, com que vencia a Philippe, como fica explicado na reposta proxima contra a terceira razaõ. V. Contra a quinta. Quer ElRey Philippe hum Santo para si, e outro para a outra gente, admittindo a representaçaõ para os vassallos, e negando-a para os Reys: se admitte, que se go-

vernaõ melhor aquelles com ella, deve admittir, que se governaráõ mal os Reys, se a naõ admittirem em suas successoens : e assim he, que por fugirem esta calumnia, a admittem quasi todos os Reys, e Estados da Europa, e até os mesmos Reys: e bastava terem-na admittido em Portugal ElRey D. Affonso I. nas Cortes de Lamego anno de 1141. e confirmada por ElRey D. Joaõ I. no seu testamento anno de 1436. e Affonso V. no anno de 1476. aprovando-o os tres Estados, todos sem paixãõ, nem occasiãõ de controversia, que lhes pudesse perturbar a razaõ; e sendo assim ley praticada neste Reyno, deve admittilla Philippe, em que lhe pêz. E porque este ponto da representaçãõ he o Aquiles desta demanda, convêm que o expliquemos, para melhor intelligencia della. Representaçãõ he hum beneficio inventado pela ley, que por elle ordenou nas heranças, que se differem *ab intestado*; que os filhos entrem no lugar de seus pays defuntos; e representem suas pessoas, succedendo em todo o direito, que elles houveraõ de ter, se vivos fôraõ. Esta representaçãõ na linha direita de ascendentes naõ tem limite: e nas transversaes sómente se concede aos filhos, ou filhas dos irmãos, ou irmãs do defunto, de cuja successãõ se trata: e assim ficaõ exclusos os mais parentes collateraes, que se acharem fóra deste segundo grão, porque naõ se estende a elles a representaçãõ. E conforme a isto fica claro o direito da Senhora Dona Catharina, que he melhor, que o de Philippe; porque representa varaõ, que houvera de ser

Rey,

Rey, se fora vivo; e elle representa femêa, que não havia de entrar na Coroa, com ser mais velha, ainda que vivera. Antes digo mais, que dado que fora viva a Senhora Dona Isabel, e morto o Infante D. Duarte, ainda a Senhora Dona Catharina tinha mais direito ao Reyno, que sua tia, por representar a seu pay, que a vencia no sexo, e havia de entrar na herança diante de sua irmã: e he a razão; porque Fernando Rey de Napoles julgou o Reyno a sua neta de seu filho mais velho defunto, excluindo outros filhos mais moços: e Philippe Rey de Inglaterra deu sentença pela sobrinha do Duque de Bretanha, filha de seu irmão mais velho, excluindo os varoens mais moços, irmãos do mesmo Duque. E não temos necessidade de exemplos forasteiros, quando temos em casa o nosso Rey D. Manoel, com quem se oppoz o Emperador Maximiliano, estandô ambos em igual gráo, e este mais velho, mas em linha inferior por femêa, e D. Manoel por varaõ, que representava; e julgou-se, que porisso prevalecia ao Emperador.

VI Os Doutores Castelhanos defendem o contrario admittindo a representação entre primos: e a razão o mostra; porque o sobrinho, que excluía a seu tio, ou tia, por representação de melhor gráo, ou melhor sexo, muito melhor excluirá a seus primos filhos do tal tio, pois são já mais remotos, e não podem representar couza, que a outro não tenha já vencido. Ao exemplo se diz, que não deixou a Infanta Dona Violante de herdar, por não se admittir á

representação no caso, fenaõ por ser inhabil por ley particular, que ElRey D. Pedro seu avô fez em Aragaõ, com que inhabilitou as femeas, para poderem herdar aquella Coroa. E a ley de Carlos V. procedeo sómente nas terras fugeitas ao Imperio, ao qual naõ he fugeito Portugal; e ainda que em outras partes se pratique a opiniaõ de Azam, como em França, que por costume antigo naõ admittre representaçã nos collateraes em caso algum; naõ em Portugal, onde seguimos o contrario com o direito cõmum, e opinioens de Acurfio, e Bartholo: donde se vem a concluir, que o beneficio da representaçã ha lugar na successãõ destes Reynos, quando os sobrinhos pertendem succeder a ElRey seu tio irmaõ de seus pays, sem haver outro irmaõ do mesmo Rey, que concorra com elles.

VII. Naõ he necessario que o pay possuiffe, o que se pertende herdar por via da representaçã; porque aqui naõ se leva a herança por transmissãõ, em que naõ póde o pay fazer bom ao filho, o que naõ possuio: e que no nosso caso naõ entre a herança do Reyno por transmissãõ, mostra-se; porque por ella nem o filho do primogenito haveria a herança de seu avô, a qual naõ ha duvida, que lhe pertence: e assim entra o tal por virtude da representaçã, que o poem em lugar do pay ao tempo da successãõ.

VIII. O exemplo de D. Affonso naõ vem a proposito; porque além de ser illigitimo, se lhe negou a representaçã, naõ porque ella se naõ use em Portugal, fenaõ porque estava fóra do grão,

gráo , a que se concede ; pois não era irmão , nem filho de irmão delRey D. João , mas filho de seu primo ; com que ficava já no terceiro gráo , em que se não admittre representação nas linhas transverfaes ; e assim lhe foy preferido D. Manoel , por se achar hum gráo mais chegado. IX. Concedemos , que não ha representação na herança dos Mórgados vinculados , para andarem no parente mais chegado de certa geração ; porque não procede *Jure hæreditario* , mas *ex concessione dominica* , que os póde dár a quem quizer : e os póvos deraõ aos primeiros Reys o poder Real , e á sua geração , para que os possuifsem , e se deferissem como herança sua a seus descendentes : e assim o fente o mesmo Bartholo. E no que diz que na successão dos Reynos feudaes não ha lugar á representação , he communmente reprovado ; além do que o Reyno de Portugal não he feudal , nem pódem militar nelle as razões das *Concessoens dominicas* ; como em seu lugar mostrarey logo na reposta da razaõ X.

X. Os documentos , e Ordenaçoens , que alléga , não se entendem assim. O primeiro lugar da Ordenação , que aponta , procede nos bens da Coroa , que são havidos por *Concessão dominica* do Rey ; e conforme a Ley Mental , porque se deu ordem de succeder nos bens da Coroa , não se differem *Jure hæreditario*. Donde El-Rey D. João I. que foy o Autor da Ley Mental , porisso lhe negou a representação. E tratando depois em seu testamento da successão destes Reynos , declarou , que havia lugar á representação ;

taçaõ ; porque procediaõ *Jure hæreditario*, e não *ex concessione dominica*. Ao exemplo do Rey de Castella D. Affonso o Sabio se diz , que foy julgada aquella acçaõ até em Espanha por injusta ; tanto, que permittio Deos lhe tirasse a Coroa o segun lo filho , que elle fez jurar em odio do neto. E as Leys de Castella dispoem, que morrendo o filho mayor , antes que herde, deixando filho, ou filha, vá a estes a herança, e não ao tio irmaõ de seu pay , e ha muitos exemplos. A segunda Ordenaçãõ prova sómente não haver representaçãõ nos prazos de nomeaçãõ, em que o foreiro *ex concessione dominica* os póde deixar a quem quizer sem respeito a herdeiro, que succede *ab intestado*, e não prova nada no que vay por herança. XI. Concedemos tudo, e negamos só a consequencia, que nada colhe de ser a herança dos Reynos materia exorbitante, e qualificada : pois com isso esta, que he verdadeira herança, e como tal se comprehende sem extensãõ alguma nos casos, em que o Direito concede este beneficio da representaçãõ. XII. Não admittimos o direito do sangue, que allega; porque o Direito dos Reynos, e suas possessoens procedeo do antigo Direito das gentes, segundo o qual tudo se deferia como herança, sem se conhecerem outros modos de successoens, que por Leys mais novas foraõ inventados. Isto he doutrina commua dos Doutores, e praticada em Espanha pelos Reys de Castella D. Fernando, Don Alonso o VI. e D. Alonso VIII. D. Jayme Rey de Aragaõ o Conquistador, que dividio os Reynos. entre  
feus

seus filhos , D. Alonfo o Sabio, e D. Henrique III. de Castella ; aquelle desherdando seu filho, e este pondolhe gravames: e em Portugal o declarao as bullas dos Summos Pontifices de sua fundacao, assentos de Cortes do Rey D. Joao o I. e testamento del Rey D. Affonso V. onde tudo se leva por heranca verdadeira, que admite representacao, como temos mostrado.

XIII. O beneficio da representacao esta concedido na linha collateral da mesma maneira, que na dos descendentes: na dos descendentes he certo nestes Reynos, que succedem as femeas a seus pays com a prerogativa de varao; de modo, que se o pay, por ser varao, havia de excluir outras pessoas, exclua a filha as mesmas, como tios, primos, &c. Prova-se esta representacao dos descendentes em Portugal pela Carta patente del Rey D. Affonso V. em que ordena lhe succeda o filho, ou filha do Principe seu primogenito, e nao seus segundos filhos, o que tem forza de ley, e direito, por assim o declarar o mesmo Rey: e ha exemplos do mesmo em outras partes, que ficao apontados no fim da reposta da terceira razao. E que nos collateraes seja o mesmo, consta do texto *in Auth. de hered. §. Si autem*. E da razao da equidade, em que as leys se fundao, para conceder este beneficio aos descendentes, essa mesma tiverao para o concederem aos collateraes: e ha exemplos, como o em que o Rey Philippe de Inglaterra, por conselho de Letrados declarou, que o Ducado de Bretanha pertencia a sobrinha filha do irmao mais velho do Duque defunto, contra

contra outro irmão do mesmo Duque: e ha leys, como a ley quarenta do Touro em Espanha, que diz: *Siempre el hijo, y sus descendientes ligimos por su orden representen las personas de sus padres*: & *Molina lib. 3. c. 7.* resolve que a dita ley procede na successão dos Reynos, como na dos Mórgados. Nem he deformidade, nem impossivel, que a femea represente sexo de varaõ; porque mais difficultoso he fazer, que hum filho tenha a idade de seu pay, que huma filha alcançar o sexo masculiano; porque a natureza faz muitas vezes das femeas machos, e naõ póde fazer, que o filho iguale a seu pay na idade, e com tudo o Direito poem o filho diante do tio mais velho, só porque representa a seu pay mais velho que o tio; logo muito melhor poderá fazer o que he menos, que a femea represente varaõ.

XIV. O que diz o Direito, que femeas naõ entrem em officios, nem jurisdicoens, entende-se, onde se naõ succede *Jure hereditario*. Tambem os Ecclesiasticos naõ pódem haver dignidades seculares, e com tudo possuem as herdades, como se vio no neto Cardeal Rey. Nem as femeas saõ taõ destituidas, como as fazem, principalmente as bem criadas: e os bons Conselheiros supprem seus defeitos. E aos Doutores da Universidade de Coimbra resolveraõ, que a Senhora Dona Catharina devia ser preferida a Philippe confórme as Leys do Reyno confirmadas por Innocencio IV. que fazem capazes, e habilitaõ as femeas para a successão destes Estados, e excluem aquellas, que  
 cazaõ

cazaõ fóra do Reyno ; e porisso foy excluida a Senhora Dona Brites , e naõ por ser femea , e tambem illigitima , e schismatica , e quebrar os contratos jurados , que ao tempo de seu cazamento foraõ feitos : schismatica aqui quer dizer de humor Castelhana. XV. Se Filippe por ser Rey fora izento de Juizes na pertençaõ deste Reyno , naõ o mandarã notificar o Papa Gregorio XIII. pelo Cardeal Riario Legado , que naõ affrontasse o nome Catholico com se fazer Juiz , e parte , por parecer dos seus , que com ambição do favor , e temor do defagrado o enganavaõ ; e se naõ queria Juizes Portuguezes , por considerar nelles alguma paixãõ , que elle lhe daria Juizes desinteressados , e incorruptos : e bastava deixar ElRey D. Henrique devoluta a Juizes a questaõ , que elle só podera resolver , para o Rey de Castella ser obrigado a estar pela sentença ; e naõ a declarou o Cardeal Rey , naõ porque tivesse alguma duvida na materia , mas por evitar a guerra , que já o Castelhana ameaçava : e naõ tinha duvida ; porque quando ElRey D. Sebastiaõ foy a Africa , deixou feito testamento , em que nomeava o Cardeal D. Henrique por seu successor no primeiro lugar , e no segundo a Senhora Dona Catharina ; e naõ manifestou isto , por divertir a furia de Castella , que estava muito poderosa com vitorias , e Portugal muito debilitado com a perda da Africa , e peste. Fiado pois o Cardeal por tantos principios na justiça da Senhora Dona Catharina , por evitar discordias nomeou Juizes , e requereo ao Catholico : o qual  
ter-

tergiverfando-lhe a razaõ o conftreageo , e intimidou a que , ou lhe julgaffe a cauza , ou a naõ decidiffe : naõ confeguiu o primeiro , alcançou o fe-  
gundo , porque estava muito poderoso com riquezas , e armas. Morto o Rey Cardeal , ficou a Senhora Dona Catharina só ; e o Castelhana para fe córar com o mundo , pôz a cauza em juizo , afegurando a bolada por todas as vias ; porque escolheo os Juizes que quíz , os quaes em Aya-  
monte , territorio de Castella , com evidente nul-  
lidade deraõ a fentença de maneira , que sendo cinco , só tres se renderaõ á corrupçaõ : e para defalfombrar a consciencia a todos , fumiraõ o tes-  
tamento delRey D. Sebastiaõ ; e boa prova he que nunca appareceo ; e tambem he certo , que dizem , e se escreve , que levarã para Castella o livro do *Porco spin* , que se guardava na Car-  
torio da Camera de Lisboa , em que estava o di-  
reito da fucceffaõ deste Reyno com as Cortes de Lamego , em que se decretava , que naõ entras-  
sem nesta Coroa Reys eſtranhos. Feitas estas di-  
ligencias , entrou em Portugal com hum exercito a tomar a poſſe como inimigo. Do dito se colhe ,  
que naõ repugnou a fer julgado , nem lhe eraõ fuſpeitos os Juizes , pois os escolheo , e fiou delles tudo : e dizer que nenhuma duvida tinha , he fal-  
ſo , porque ſe a naõ tivera , naõ mandara viſitar a Senhora Dona Catharina pelo Duque de Oſſuna com recados dobrados , que ſe a achaffe acclamada ,  
lhe deſſe o parabem ; e ſe por acclamar , o pe-  
zame da morte de feu tio o Cardeal Rey ; e a re-  
querreſſe para fer julgada a cauza da pertençaõ do  
Rey-

Reyno, que ambos tinhaõ. Nem pedira a Pedro Barboza, Doutor celebre em aquelles tempos, que escrevesse sobre o direito, que por varão tinha a esta successão; o qual lhe respondeo, que não tinha razoes na pertença da Coroa de Portugal em concurrencia de Dona Catharina; e porisso escreveo ao Duque de Gandia huma carta, em que por cifra lhe dizia, que lhe dava grande cuidado o direito de sua prima. E picado deste escrupulo deteve o Duque de Barcellos em Castella depois de resgatado, apoderando-se delle, pelo que temia de seu direito: dilatou-lhe tambem o resgate com côr de o fazer de graça a titulo de parente, para que cá não o declarassem por Principe, vendõ que difficultariaõ sua vinda com os Mouros, que pederiaõ por elle os lugares, que temos em Africa. Confirma-se mais o escrupulo de Filippe com os partidos, que commetteo á Senhora Dona Catharina, largando-lhe o Algarve, e as terras, que foraõ do Infantado, e franqueza para mandar todos os annos huma náõ á India por sua conta. E finalmente porque vio, que não tinha bom partido, se puzera a questaõ nos Juizes, que convinha, sem se lembrar, que ninguem he bom Juiz em causa propria, se fez Juiz, parte, e arbitro, usando de violencia; com que tudo ficou nullo conforme as leys, de que sempre fugio.

XVI. He a verdade, que juizes deraõ sentença por Filippe com as nullidades, que ficaõ ditas; e além dessas outra muito essencial, que não se acha escrita; e devia de escapar a todos os

Auto-

Autores , que trataraõ esta materia com serem muito diligentes : e naõ me admiro ; porque com maior diligencia sumio Castella todos os papeis , que podiaõ encontrar sua pertençaõ ; mas dous vieraõ á minha maõ ha poucos dias por hum caso estranho , andando eu com este ponto na forja : e tendo o Principe nosso Senhor noticia , como estavaõ na minha maõ , mos mandou pedir pelo Conde Regedor , e me consta , que os estimou , e mandou guardar : hum he o Regimento , com que ElRey D. Henrique de parecer , e aprazimento dos tres Estados , mandou se fizesse a Junta ; e declara quando , como , onde , e que haviaõ de ser onze Juizes , e esses letrados nomeados por elle , e escolhidos pelos Estados. Outro papel contêm outro Regimento delRey Philippe para fazer este Reyno todo de seu humor por via dos Prelados , Prégadores , e Confessores ; e porque contêm violencias notaveis , farey mençaõ dellas adiante no seu lugar no fim da decima razaõ do Manifesto da Senhora Dona Catharina. O Regimento do Cardeal Rey he feito pelo Secretario Lopo Soares em Lisboa a 12. de Junho de 1579. todo da sua letra bem conhecida , e firmado por ElRey , e sellado com o sello grande das Armas Reaes. E nelle mandava se fizesse a Junta em Lisboa no Mosteiro de S. Vicente de Fóra , por ser mais retirado , e observante na clausura ; e que delle naõ sahissẽ , nem communicassẽ com pessoa alguma , senaõ depois da causa julgada ; e que teriaõ vinte e cinco alabardeiros de guarda : e os obrigava a que antes de entrarem na Junta , se

con-

confessassem, e commungassem na Sé; e na Cappella mór della fizessem juramento de inteireza diante do Cabido, Camera, Procuradores, Prelados, Titulos &c. e nada disto se fez: bem se vê logo, que a sentença, que Philippe houve de tres Juizes, foy defectuoza, subrepticia, capeada, e de nenhum valor.

XVII. Ainda que Castella tivesse opiniaõ provavel nos seus Doutores, mais provavel era a que estava pela Senhora Dona Catharina; e assim tirava toda a duvida, que se não podia tirar com armas, quando as cousas se tinhaõ posto por consentimento das partes em juizo contraditorio com Juizes escolhidos, e louvados, e estavaõ *lite pendente*, e Philippe os perturbou, mudou, intimidou, e corrompeo até os desfazer, e diminuir. E he opiniaõ de innumeraveis Autores Castelhanos, como Vasquez, Molina, Sanches, Suares, Filiusio, Bonacina, e outros, que allegaõ; que se não póde tomar por armas o Reyno, em que ha opiniaõ. *Quod si unus* (conclue Suares disp. 13. de Bello, sect. 6. n.4.) *tentaret rem totam occupare, aliumque excludere: hoc ipso injuriam alteri faceret, quam posset juste retere, & eo titulo justii belli rem totam occupare.* E o juramento do Reyno nas Cortes do Castelhana foy irrito; porque em damno da Republica, e da Senhora Dona Catharina, e seus descendentes: e porque faltou o consentimento do Reyno livre, que foy extorto por medo do exercito, com que cá entrou. Nem obsta o não reclamar; porque nunca houve lugar disto até o dia da Acclamaçaõ, que foy antes dos cem annos, que se requeriaõ para a prescripçaõ de boa fé sem

contradição, e elles bem má fé tinhaõ ; e bem reclamou o Senhor D. Theodosio com seus filhos, cuja retratação se mostrou por escrito. E ainda que o juramento fora muito voluntario, ficava o Reyno desobligado de o guardar, tanto que os Reys de Castella não guardaraõ os que fizeraõ a Portugal, ajuntando, q̄ queriaõ perder o Reyno, se assim o não cumprissem.

XVIII. Ao que diz do braço, que se fortificava com Portugal em Castella para defender a Igreja, respondemos, que se for o braço, qual o deu seu pay, que deu faco a Roma, que ficará bem fortificada a Igreja, e que favoreceo tanto Castella a de Portugal, que em sessenta annos que o dominou, não sabemos que lhe levantasse huma, nem que lhe dêsse se quer hum Caliz. E se alguns politicos cuidavaõ, que melhoraria Portugal de forças contra inimigos, não foy assim; e a experiencia mostrou o contrario; porque Portugal conserva-se com a paz, que tinha com todos os Principes; e Castella com guerra, que mantêm a todos: donde perdemos os commercios, que nos enriqueciaõ, e ganhámos guerras com todas as Naçoens, que nos destruiãõ: e para que nem desta destruição nos poderemos livrar, tiravamos Castella as forças, levandonos nossas armas, thesouros, e soldados, para se servir de tudo em suas guerras, e conquistas, desamparando totalmente as nossas.

XIX. Finalmente ao que diz da prescripção, e posse, respondemos, que a não póde haver em Reynos; e he de todos os Doutores, que não se póde dar em nenhuma materia sem boa fé, titulo, e consentimento das partes tacito, ou expresso. Não  
foy

foy boa fé a de Filippe; pois com sentença nulla, e armado com exercito tomou posse: nem houve consentimento da Real Casa de Bragança, pois consta, que reclamaraõ os Duques Dom Theodosio, e seu filho ao juramento, em que naõ foraõ perjuros, porque o fizeraõ forçados sem intenção de o cumprirem: além de que he do Direito, que quem com armas invade a posse, a perde com toda a causa. Donde dado, e naõ conseguido, que Filippe tivesse algum direito, todo o perdeo pela violencia. E naõ merece nome de tyranno, quem toma o que he seu: *Et habet jus in re*: antes merece titulo de Principe moderado; porque offerendose-lhe muitas occasioens de se restituir, dissimulou, esperando conjunção de o fazer com socego, e sem damno de seus póvos: os quaes hoje governa, conserva, e defende muito melhor que Filippe; porque nasceo, e vive entre seus vassallos, falla a sua lingua, conhece os de nome, bafeja-os como Senhor, defende-os como Rey, castiga-os como pay, augmenta-os como poderoso, sem lhes tomar as fazendas, como fazem Reys, que daõ em ladroens.

\*\*\*\*\*

*MANIFESTO DO DIREITO*  
 DA SENHORA DONA CATHARINA  
*Ao Reyno de Portugal contra D. Filippe.*

**A**S respostas da Senhora Dona Catharina, que demos contra as razoens delRey Filippe, baf-tavaõ por Manifesto de sua justiça: mas he taõ ma-

nifesto o seu direito, que por mais razoes, que demos, sempre ha mais razoes que dár: e para entendermos bem as mais fundamentaes, que aqui se seguem, devemos presuppôr, que a successão delRey D. Joaõ III. filho primogenito delRey D. Manoel, acabou em ElRey D. Sebastiaõ seu neto: e tornando aos filhos do mesmo Rey D. Manoel, não achou varaõ vivo, mais que o Cardeal D. Henrique, o qual morrendo sem successão, e sem irmãõ, ou irmãa, a quem deixasse o Reyno, necessariamente havia de hir a hum de muitos sobrinhos seus, e netos de seu pay. Viviaõ entaõ quatro, tres delles varoens, e huma femea, filhos de dous Infantes, e de duas Infantas: e pela antiguidade das Proles eraõ Philippe Prudente, filho da Infanta Dona Isabel, Philisberto filho da Infanta Dona Brites, D. Antonio filho do Infante D. Luiz, e a Senhora Dona Catharina, filha do Infante D. Duarte. Raynuncio tambem oppositor já era bisneto na linha do Infante D. Duarte; mas não se fez caso da sua opposiçaõ, por ser defunta sua mãy, que a devera fazer, e por não constituir linha differente da em que se achava a Senhora Dona Catharina, em melhor gráo que elle. E se nesta materia se atentára só para a linha masculina, o Senhor D. Antonio ficava de melhor partido; por ser varaõ, e filho de Infante; mas foy escuso por illegitimo, e indispensado; porque a dispensaçãõ só seria licita em defeito de oppositor legitimo: e logo se seguia a Senhora Dona Maria, por ser filha de varaõ, e mais velha, que a Senhora Dona Catharina sua irmãa: mas excluiraõ-na, por defunta, e a seu filho, que era o Senhor Raynuncio.

Prin-

Principe de Parma por estrangeiro, e por ficar fóra do gráo, em que se admitte representaçãõ; e principalmente por não constituir linha em oppoziçãõ com a Senhora D. Catharina; que ficava com a Senhora Dona Maria na mesma linha do Infante D. Duarte pay de ambas. Seguia-se logo a Senhora Dona Catharina, que era viva; e filha de varão: mas esbulhõa do direito com violencia notoria, e não a deixou tomar posse ElRey D. Philippe, dando por razãõ, que era varão, ainda que filho de Infanta, e que estava em igual gráo com ella: accrescenta estas palavras, que tenho escritas da sua letra no papel, de que adiante farey mençãõ: *Que para entrar en estos Reynos nõ tenia necesidad de aguardar sentençia de nadie, por ser el proximo suçessor en el Reyno, y nõ reconociete superior en lo temporal, que sançada, y satisfecha su conciencia de su justiça, pudo ocupar la possesson por su sola autoridad, conforme a Derecho; y que ya es cosa esta, de que nõ se sufre disputar, sinõ tenerlo por ley, y verdad manifesta, despues que los três Estados del Reyno le tienen jurado en Cortes Generales por su Rey, y Señor natural, como lo hicieron en Tomar.* Mas do que temos dito, e diremos, se colhe claramente, quaõ pouco fundamento tem, e quaõ fofisticas são estas razoens de Philippe, que na verdade se seguia logo depois da Senhora Dona Catharina, excluindo o Principe de Piamonte, e Duque de Saboya, por ser filho da Senhora Dona Isabel mais velha, que a Senhora Dona Brites mãy do Piamonte Saboyano. Posto isto: por muitas razoens tomou o neto da Senhora Dona Catharina o Reyno de Portugal a

Filippe com muita justiça: e nem por serem muitas; fazem melhor causa. O ponto está em serem boas: e entãõ huma até duas bastaõ, e tres sobejaõ. As melhores neste caso se reduzem a quatro, que são Linha, Patria, Representaçãõ, Acclamaçãõ: e porque destas nascem outras, direy todas por sua ordem, e faõ as seguintes.

*R A Z O E N S*  
DA SENHORA DONA CATHARINA  
*Contra Philippe.*

**I** Razaõ. Porque este Reyno era devido ao neto, ou neta delRey D. Manoel, que se achasse em melhor linha: e entãõ só a Senhora Dona Catharina o estava, como filha legitima do Infante D. Duarte, que houvera de ser Rey, se vivera com a Infanta Dona Isabel mãy de Philippe, e preceder-lhe por varaõ, ainda que ella fosse mais velha. II Razaõ. Porque as Leys de Portugal prohibiraõ passar a Coroa a estranhos ( como já dissemos, ou provámos das Cortes de Lamego ) e entãõ só a Senhora Dona Catharina era natural deste Reyno. E que esta ley seja justa, prova se da ley natural; porque não ha cousa mais natural, que governarem-se as cõmunidades por seus naturaes, que lhes sabem os costumes, e inclinaçoens. Da ley Divina; porque no Deutoronomio mandava Deos ao seu povo, que não admittisse Rey estranho: *Constitues Regem, quem Dominus Deus elegerit de medio fratrum tuorum; non poteris alterius gentis hominem Regem facere, qui non sit frater tuus.* Deut. 17. Das letras humanas: os Garçcens diziaõ, que não estavaõ obri-

obrigados a obedecer a ElRey de Inglaterra, senão quando assistia entre elles. Sandoval na Historia dos Reys de Castella diz de Affonso VI. que elle não cazaria suas filhas com estrangeiros, se foubera, que não havia de ter filhos; e de seu neto filho de D. Ramon fazia pouco caso, por ser filho de estrangeiro: e não levava em paciencia, que saltasse em Castella a successão Real. O nosso Rey D. Affonso Henriques assentou com os Estados, e povos, que na Coroa de Portugal não succedesse estrangeiro, nem se admittisse a ella filho de filha, que cazasse fóra do Reyno; e em tempo delRey D. Affonso V. não quizerão os tres Estados, que fosse sua tutora a Rainha Dona Leonor sua mãy, por ser Aragoneza: e ElRey D. João III. teve feita ley para estes Reynos, em que não só excluía os estrangeiros, mas tambem as femeas filhas dos Reys destes Reynos, por tirar as duvidas pertendendo algum Rey estrangeiro, ou outro cazado no Reyno, succeder nelle; mas a Rainha Dona Catharina a estorvou pelo amor que tinha a Castella, estando para se promulgar. A este ponto tiraõ as leys deste Reyno, que prohibem terem officios publicos estrangeiros; e porisso ElRey Philippe jurou que os não daria senão a Portuguezes; e podiaõ os Reys Portuguezes fazer estas leys neste Reyno, não só por serem conformes á ley natural, e divina, em semelhante caso, senão tambem, porque as punhaõ em cousa propria, que podiaõ dispôr com as condiçoens, que quizessem porque ganharaõ á força do seu braço, e custa de seu sangue Portugal aos Mouros, que injustamente o possuíaõ, e assim como em bens proprios lhe puzeraõ as con-

diçoens , que se lêm nas Cortes de Lamego.

III. Porque só dispensando-se com a ley, que prohibia eſtranhos, podia ſer admittido ElRey Philippe , a qual nunca ſe tinha diſpenſado: e havendo-se de entrar no Reyno com diſpenſação, mais direito tinha o Senhor D. Antonio para ſer diſpenſado; porque além de ſer natural deſte Reyno, era filho de Infante varaõ, e só neceſſitava de diſpenſação na illigitimidade, que já em ElRey D. Joaõ o I. ſe tinha dado; e a razaõ de ter por ſua mãy ſangue Hebreu, não estava prohibida, nem iſſo nos Reys avulta: donde de *primo ad ultimum* a Senhora Dona Catharina só devia entrar na ſucceſſão deſta Coroa, por não ter neceſſidade de diſpenſações por neta legitima delRey D. Manoel, e Reyno. IV. Porque o beneficio da representaçãõ ha lugar na ſucceſſão deſtes Reynos, aſſim como por Direito cõmun eſtá concedido nas heranças, que ſe differem *ab inteſtado*: e prova-se; porque eſtá geralmente induzido por Direito em todas as ſucceſſõens hereditarias, porque o filho he huma meſma couſa com ſeu pay: e eſtes Reynos ſão herança do ultimo Rey poſſuidor: logo bem ſe ſegue, que ha nelles lugar á representaçãõ, aſſim como nas heranças, que ſe differem *ab inteſtado*. Confirma-se; porque tambem ſe admite representaçãõ nos Mõrgados, e bens vinculados *jure ſanguinis*: logo tambem nos Reynos, poſto que foſſem *jure ſanguinis*; porque foraõ inſtituidos pelos pòvos, em quem ſe não póde considerar, que tivesſem mais amor ao filho, ou irmaõ do Rey, por mais chegados, que ao neto, ou ſobrinho, por mais remotos. Donde *Molina*

*lib.*

*lib.3. cap. 7. q. 1. n. 28.* tendo, que a successão dos Reynos se differe *jure sanguinis*, admite o beneficio da representação. E a ley dispoem em Espanha, que o neto será preferido ao filho segundo do Rey; e ha exemplos disto em Inglaterra, França, Hungria, Bretanha: e em Aragoão fez El Rey D. Jaymes II. jurar por seu successor a D. Pedro seu neto, filho do Principe D. Affonso, sendo vivo o Infante D. Pedro seu filho segundo; e neste Reyno D. Joaõ o I. ordenou em seu testamento, que os filhos, e netos do Senhor D. Duarte seu primogenito precedessem ao Infante D. Pedro seu filho segundo; e El Rey D. Affonso V. ordenou o mesmo por sua carta patente, escrita aos Estados, acrescentando, que o filho, ou filha do Principe D. Joaõ seu primogenito, sendo legitimos, herdassem o Reyno, e não filho segundo seu. Posto isto, bem se infere, que á Senhora Dona Catharina pertencia a Coroa deste Reyno, por representar a seu pay, que se vivêra, havia de ser Rey diante da Senhora Dona Ifabel, que a perdia, ainda que mais velha, por ser femea.

V. Dado, que em Portugal não houvesse ley, nem Ordenação expressa, que admitta representação na successão dos Reynos; ha com tudo ley, que o caso, que não estiver nas Ordenações delle decidido, seja julgado pelas leys Imperiaes; e se nestas não estiver, pelas Glosas de Acurfio; e se nestas não, por Bartholo, ou pela cõmum opiniaõ dos Doutores. E o caso presente da maneira que o resolvemos, ainda que não está na Ordenação deste Reyno, colhe-se do Direito Civil, e está determinado por Acurfio, Bartholo, e os Doutores, e admit-

tido,

tido, e praticado em Portugal, e muitos outros Reynos, como mostramos. VI. Porque as femeas pódem ser admittidas á successão dos Reynos de Portugal; e se prova, de que a successão destes Reynos se difere *jure hereditario*, como herança do Rey ultimo possuidor: e consta conforme a Direito, que as femeas por testamento, e *ab intestado*, são admittidas ás heranças hereditarias, assim pela ley das doze Taboas, como pelo Direito novo dos Emperadores, que se hoje guarda: e pois neste Reyno não ha ley, que as prohiba, claro está, que pódem ser admittidas, assim como o são em todos os Reynos, e Estados da Europa, de que ha innumeraveis exemplos, que traz *Tiraquel. tom. I. q. 10. á n. 4.* e assim está declarado em Portugal, e se colhe da doação feita ao Conde D. Henrique, e sua mulher Dona Theresa, que dizia: *Para elle, e seus successores*. E conforme a Direito esta palavra (*successores*) admite tambem femeas, como a palavra (*herdeiros*) com a qual ElRey D. Affonso II. em seu testamento admite a sua filha Dona Leonor, para lhe succeder no Reyno: e no Reyno do Algarve se prova particularmente da doação delRey D. Affonso o Sabio de Castella a ElRey D. Affonso o III. Conde de Bologna seu genro, para seus filhos, e filhas para sempre. Destes exemplos ha muitos, o melhor me parece o da Carta, que ElRey D. Affonso V. escreveu aos Estados do Reyno, pela qual, quando entrou em Castella, determinou o modo, que se havia de guardar na successão destes Reynos, dizendo assim: *Se em algum tempo acontecer, o que Deos não mande, que o Principe, meu sobre todos muito amado, e prezado filho,*

*filho, faleça antes de meu passamento deste mundo, e delle fiquem filhos, ou filha legitimamente havidos, que aquelles, ou aquella herde os ditos meus Reynos de Portugal, e dos Algarves, e não outro algum meu filho, ou filha. De tudo o dito se colhe, que as femeas em Portugal são habeis para herdarem esta Coroa, e que a Senhora Dona Catharina não a podia perder por femea.*

VII. Os Reynos herdaõ-se mais pelo direito hereditario, que pelo do sangue. Em Castella querem muitos que prevaleça o direito do sangue, e que fóra della tenha mais força o hereditario. Donde os Castelhanos pegaraõ do direito do sangue, para darem a Filippe o Reyno de Portugal: mas achando, que tambem por esta via tinha a Senhora Dona Catharina mais direito, pegaraõ do hereditario; e parece que os moveo o verem, que possuía Filippe, Navarra, Leão, e Castella com direito só hereditario, e não ficava consoante occupar hum Reyno com direito contrario ao com que se possuía os outros. Donde se deve notar, que com o direito, que allegaraõ contra a Senhora Dona Catharina, perdiaõ os Reynos, que possuíaõ: e em qualquer dos direitos ficavaõ de peor partido, e a Senhora Dona Catharina de melhor condição.

VIII. Direito do sangue he aquelle, que vem por instituição antiga, que dispoz fosse correndo a herança pelos parentes mais chegados em sangue ao instituidor, como se vê nos Morgados. Direito hereditario he aquelle, que sem attentar para as taes instituições, dá a fazenda do defunto ao parente mais chegado, ou quem o tal defunto nomea. De  
manei-

maneira que no direito do fangue succede ao primeiro instituidor, e no hereditario ao ultimo possuidor; e se bem attentarmos em ambos estes direitos, estava a Senhora Dona Catharina diante del Rey Filippe: no do fangue, por vir por linha masculina, que he preferida á feminina, por onde ella vinha; e no hereditario; porque a instituição do nosso Reyno era, que dêsse ao natural, como era a Senhora Dona Catharina, e não a estrangeiro, como era Filippe. E prova-se da causa; porque elegeo Portugal o seu primeiro Rey natural, que foy, por se eximir do governo de Leão. E que este discurso, e opiniaõ esteja confôrme a Direito, e razaõ, confirma Castella com semelhante caso, em que tirou a S. Luiz Rey de França a herança de sua Coroa, que lhe vinha por sua mãy Dona Branca, filha mais velha do Rey Catholico, e a deo aos filhos de Dona Berenguera mais moça, que assistiaõ em Castella.

IX. O Duque D. Joaõ, marido da Senhora Dona Catharina, era descendente por linha masculina do primeiro Rey de Portugal D. Affonso Henriques; e he certo, que quando de alguma herança he excluída a femea a favor de varaõ, não tem isto lugar, quando ella he cazada com agnado da mesma familia. Donde tambem por esta cabeça de successaõ hereditaria vinha o Reyno á Senhora Dona Catharina; e só podia haver duvida entre o Duque Dom Joaõ, e a Senhora Dona Catharina sua mulher, por terem ambos o direito do fangue, e serem agnados, e precedello ella em ser mais chegado ao ultimo possuidor, e elle a ella, em ser varaõ: mas toda a duvida se solta no filho, que de ambos nasceo, o Senhor

nhor D. Theodosio, no qual se ajuntaraõ ambas as  
 razoens, que se cõmunicaraõ a seu neto ElRey D.  
 Joaõ IV. o qual fundado nellas tomou posse pacifica  
 do Reyno, que por pays, e avós lhe vinha direita-  
 mente. X. Faz muito pelo direito da Senhora Dona  
 Catharina a força, e violencia, com que ElRey Phi-  
 lippe invadio este Reyno, e tomou posse delle; e já  
 mostrámos, que a força em causas juridicas tira o di-  
 reito, a quem a faz: e esta se prova em Philippe; por-  
 que mandou declarar por rebeldes, e traidores, com  
 privação de vida, e fazenda a todos, os que com opi-  
 niaõ mais que provavel tratareaõ da defençaõ de sua  
 patria, sem lhe terem jurado a elle, nem promettido  
 fidelidade: e por este principio deo garrote secreto  
 a immensos Religiosos, que mandou lançar no mar  
 com pedras aos pescoços. E que fosse injusta, ou  
 tyrannica esta violencia, mostrou-o nõ Ceo negando  
 por muito tempo o peixe aos pescadores, que foraõ  
 ao Arcebispo D. Jorge de Almeida queixar-se, que  
 estava o mar excõmungado, porque lançando mui-  
 tas vezes as redes nelle, em lugar de peixes tiravaõ  
 muitos corpos de Frades. E foy assim, que mandan-  
 do o Arcebispo abólver o mar com as ceremonias  
 da Igreja, começou a dar pescado, e cessou a maldi-  
 çaõ, que melhor abrangeria a quem tal justiça exe-  
 cutou. Mais fez para violentar naõ só os corpos, se-  
 naõ tambem as almas, que mandou a todos os Pre-  
 lados Ecclesiasticos deste Reyno, que revogassem  
 logo todas as licenças a todos, quantos houvesse ap-  
 provados para confessar, e prégar; e que as naõ con-  
 cedessem de novo, senaõ aos que fossem conhecidos  
 por de humor Castelhana; e que puzessem censuras  
 refer-

reservadas, de que com nenhuma Bulla se pudessem absolver, os que de palavra, ou por escrito significassem opiniaõ contraria á de Philippe. E disto tenho na minha maõ hum papel, ou Regimento, que já atraz toquey, digno de se imprimir pelas muitas cousas desproporcionadas, que contém, e por ser da maõ, e letra del Rey Philippe o Prudente, que nestes pontos mostrou, que o naõ era muito; pois mandava aos Prelados inferiores ao Papa, que revogassem os poderes das Bullas, e as licenças, que só os Summos Pontifices pôdem tirar: mas como a pertençaõ principal, era nulla, naõ ha que espantar, de que os meyoys para ella fossem tudo nullidades.

XI E porque de hum absurdo se seguem muitos, como diz o Filosofo: deste da força, e violencia, se seguirãõ tantas injustiças, em que logo se desempenhou Castella, que menos bastavaõ para lhe tirar o direito, dado, e naõ concedido, que algum tivesse; e para corroborar o da Senhora Dona Catharina, ainda que foisse fraco. Vinte e quatro Capitulos cheyos de promessas, que Philippe jurou a este Reyno, quasi todos se quebraraõ, tendo no fim delles, que sendo caso, o que Deos naõ permittisse, nem se esperava, que o Serenissimo Rey D. Philippe, ou seus Successores, naõ guardassem a tal concordia, ou pedissem relaxaçaõ do juramento, os tres Estados destes Reynos naõ seriaõ obrigados a estar pela dita concordia, e lhe poderiaõ negar livremente a sujeiçaõ, e vassallagem, e que lhe naõ obedecessem, sem porisso incorrerem em perjuro, crime de *lesæ Mijestatis*, nem outro máo caso algum. XII. Admittindo nós as injustiças allegadas em commum, que

que logo mostraremos em particular; e dado, e não concedido, que a Real Casa de Bragança não tivesse a este Reyno o direito, que temos mostrado, estava o Serenissimo Duque neto da Senhora Dona Catharina obrigado a tratar do bem deste Reyno, por ser natural, e o mayor Senhor delle. Do bem da Republica póde tratar qualquer do povo, procurando seu augmento, e fegurança: he ley certa deste Reyno, por ser opiniaõ de Bartholo, que não tem nisto, quem o contradiga. He tambem certo em Direito, que quando hum Reyno está affogado, e opprimido com injustiças, tyrannias, e inolencias do Rey, que o possue, e de seus Ministros; que o Rey mais visinho he o seu protector, e a quem toca, e compete acudir-lhe: e com mais razão os Senhores Duques de Bragança, Condestaveis deste Reyno, descendentes dos nossos Reys, podiaõ tomar á sua conta a liberdade da Patria, de seus parentes, e criados. Esta doutrina admittem até os Castelhanos, e he de todos.

XIII. Está hoje ElRey D. Joaõ o IV. em posse de boa fé; porque dado, que houvesse duvida no direito, ou violencia interposta de huma das partes, a resolução pertencia ao povo; que póde eleger por Acclamação, como elegeo o neto da Senhora Dona Catharina, usando de hum quasi postliminio no direito de eleger, que teve radicado do principio, e depois o transferio hereditario nos Reys; assim Portugal decidio a sentença, que o Cardinal Rey não deo, e que o Castelhanao nullamente fulminou. XIV. Sobre este fundamento da Acclamação voluntaria tiveraõ outro os Portuguezes não  
 menos

menos forçoço, para renderem obediencia aos Descendentes da Senhora Dona Catharina, e facudirem o jugo de Castella; e foy o das injustiças, com que esta os governava: e prova-se ser bom em toda Europa; em Castella com o Rey D. Pedro, em França com Gilperio, em Suecia com Christierno, em Dinamarca com Herico, em Portugal com D. Sancho Capello, que foy excluído do governo por sua frouxidão, e teve a seu irmão o Conde de Bolonha por seu substituto: com este titulo se livraraõ os Holandezes, e se livraõ os Catalans, se levantou Napoles, se amotinou Sicilia; e Portugal declarou por seu Rey, a quem por direito o era, para o governar, como natural sem tyrannias.

REPOSTA DELREY FILIPPE  
*contra as razoens*  
 DA SENHORA DONA CATHARINA  
*com seu desengano.*

**R** Eposta contra a primeira razaõ. *Terrible caso* (diz Filippe) *que quiten los Portuguezes un Rey Catholico, y tan buen Christano como ellos, de su silla, y que se jacten, lo hazem con razon, colgandola de una linea, y que arrastren con ella mi potencia, y mi derecho tan bien fundado en igual grado com mi prima, a quien devia yo preceder por Varon, y mas viejo que ella!* Mas esta reposta se desfaz, como nevoa á vista do Sol, com a ley, e razaõ da representaçãõ, que já descuti-mos. II. Contra a segunda. *Admito, que podia Portugal hazer ley, que estrangeiros nõ le herdassẽ;*

*sen;*

fen: mas niego, que la hizo, y lo pruevo con exemplo de la Reyna de Castilla Dona Beatriz, hija unica del Rey de Portugal D. Hernando; la qual por muerte de su padre fue jurada en Portugal por Reyna, y Senora suya; y confirma-se con el Rey D. Manuel, quando heredó los Reynos, y Estados de Castilla en nombre de su hijo D. Miguel: y siendo poderosos para defenderse, lo recibieron amorosamente, no obstante ser extranjero; y quando despues los heredó el Archiduque de Austria, aunque era Aleman, hizieron lo mismo: y que de la misma manera deve Portugal ser unido a Castilla. Mas estas repostas, e instancias tem facil resolução; porque a certeza da ley consta muito bem a Castella; que a sumio com as Cortes de Lamego, como fica dito: e a nós bastanos a tradição por certeza, que se prova com muitos documentos. E a Rainha Dona Brites porisso a jurou a Portugal; porque era natural, e logo a repudiou, porque se fez Castelhana: e se Castella admittia estrangeiros, era, porque não tinha ley em contrario, como Portugal tem: e tambien porque os fazia naturaes com a assistencia continua; e com esta faltou a Portugal, não pondo nelle pé, mais que para o opprimir, aggravando-lhe o jugo como estranho, e porisso com muita razaõ o sacudio.

III. *Que nõ tenia necessidad de dispensacion en esta ley, porque era Portuguez, hijo de madre Portugueza, y se hizo Portuguez hablando la lengua de Portugal en sus Provisiones, y despachos, conseruando las costumbres, y leys de los Portuguezes; con Palacio Real en su Reyno, y Tribunales; prometiendo asistir en él el tiempo necessario para ser tenido, y*

*avido por natural, y nõ por estrano.* Mas isto se bem o disse, mal o cumprio; porque nunca veyo a Portugal, mais que a tomar posse armado como inimigo, metendo presidios Castelhanos em todas as forças do Reyno, e Ministros Castelhanos nos Tribunaes, armando a que todos fossem Castelhanos; porque só assim tratava de ser natural nosso: e para hum homem ser natural requer a ley deste Reyno, que seja nascido nelle, e que seu pay tenha nelle bens de raiz, e domicilio por dez annos continuos, e nada disto teve Philippe. IV. *Al punto de la representacion negemos ficciones, y chimeras de Legistas, y tomámos posesion por la realidad.* Mas já fica delengañado na reposta, que demos á razão quinta do seu Manifesto; alem dos exemplos, que na quarta razão da Senhora Dona Catharina de novo apontámos, que bem mostraõ, quam praticada foy sempre a representação em todos os Reynos da Europa, e neste de Portugal muito particularmente, e estabelecida por ley.

V. *Que los Reyes, como Senores Soberãnos, nõ son sujetos a las leyes, que se hazen para governar inferiores, y que las pueden derogar, quando resultaren en dano de la Corona; que es la primera cosa, que se pretende conservar con el derecho.* E diz muito bem em Reys tyrannos, para os quaes não ha ley; mais que a de sua vontade, conforme aquelle texto, que só elles guardaõ: *Sic volo, sic Jubeo; sic ratione voluntas.* Mais de vera advertir, que na opposição presente não fazia figura de Rey, ainda que o era, senão de filho da Senhora Dona Isabel, e como tal em figura de particular pertendia este Reyno, e não como filho do Emperador; por onde, ainda que era Rey,

Rey, não lhe pertencia esta Coroa. VI. *Lo que toca, a que las hembras pueden ser admitidas a la sucesion de los Reynos de Portugal, lo admite todo en las hembras de la linea recta, y que lo niega en las collaterales, a quien preceden los varones, que se oponen en igual grado, y se prueva en Portugal de aquel Capitulo de las Cortes de Coimbra.* Mórmente que de tal devido, como o dito D. Joaõ Henriques havia com o dito D. Fernando, he da parte das mulheres; que segundo costume, e ley de Espanha, dos filhos a fóra não pódem succeder em tal dignidade. Mas este argumento bem se vê que não vem a proposito; porque se tomarmos o texto como sôa, tambem a filha do ultimo possuidor não poderia herdar o Reyno, contra o q̄ temos provado, e Philippe admite. Donde só se entende dos parentes collateraes, que não descendem do Sangue Real dos nossos Reys, como não descêdia D. Joaõ Henriques de Castella, e porisso não devia succeder a El Rey D. Fernando, posto que fosse seu primo com irmão; porque este parentesco era por parte das mãys que não descendiaõ dos nossos Reys.

VII. *Que todos los Reynos tienen sus leyes, y derechos particulares, que en sus hereditamētos observan; y que aviendo variedad en ellos, bien podia llevar unos Reynos por el derecho de la sangre. y otros por el hereditario.* Mas escusando nós agora esta questaõ, que devolve muitas fallencias, satisfazemos com averiguar, que assim em hũ direito, como no outro, tinha a Senhora Dona Catharina mais justiça, como mostra a oitava razaõ do seu Manifesto. VIII. *Que ay tiempos de tiempos, y que ay leyes diferentes para diferentes Reynos: que Francia nõ podia heredar Cas-*

*tilla, porque tienen estas leyes, y privilegios, que lo vedan: y Castilla podia heredar Portugal, porque nó avia impedimento de ley, que se lo estrovajse. Mas a isto ja dissemos, que temos leys, que não passe este Reyno a estranhos, e atraz na segunda razaõ do Manifesto da Senhora Dona Catharina ficaõ apontadas: e se as nega Philippe, tambem lhe negaremos as que allega contra França, e queremos, que nos valha neste caso, se foy bom o estylo, que entaõ ufou contra França.*

*IX. Yo lo heredé, yo lo compré, yo lo conquisté. Yo lo heredé, porque me lo resolvieron muchos Doctores; yo lo compré, para evitar repugnancias: yo lo conquisté, para quitar dudas. Y como lo heredado, comprado, y conquistado es, de quien lo heredó, compró, y conquistó: de la misma manera Portugal por todas as cabeças es mio, y nó de la Senora Catalina, que nó lo heredó, ni lo compró, ni lo conquistó, como yo. Diz bem que o herdou por ditos de Doutores, que corrompeo com dadivas, e terrores. Mas não rendeo a opiniaõ do melhor de todos, como já tocámos no fim da reposta quinze ao seu Manifesto; e o mesmo Jurisconsulto referindose-lhe huma vizaõ, que tivera huma pessoa louvada em virtude, que lhe mostrara Deos a alma de Philippe passando do Purgatorio para o Ceo, respondeo perguntando: Restituio elle já Portugal á Senhora Dona Catharina? Pois em quanto lho não restituir, não creyo, que está no Ceo. E este he o direito, que adquirio pela herança, compra, e conquista, que allega. Herdou, o que lhe não pertencia; comprou, a quem não era dono, que pudesse vender; conquistou contra direito, e assim o ficou perdend?*

perdendo a tudo pelas mesmas tres cabeças, por onde jacta, que se fez Senhor. X. *Al punto de la fuerza se dize, que vim vi repellere licet. Que una fuerza grande nõ se deshace sinõ con otra mayor.* E diz bem, que sentio grande força intrinseca no direito da Senhora Dona Catharina, porque força extrinseca naõ a havia nella: antes com paz, e socego se punha na razãõ, que Philippe naõ quiz admittir, nem ouvir; e porisso chamamos violencia á posse que tomou; com que na verdade perdeu todo o direito, que affectava.

XI. *Que tal juramiento de guardar capitulos, y perder el Reyno, si nõ los guardasse, responde, que nunca lo hizo, ni se mostrará autentico; y que lo prometido en las Cortes se cumplia, y quebramava conforme a las conveniencias del tiempo, y buen gobierno de las cosas, que nõ pueden siempre mirar a un solo fin, que los Reyes pueden alterar para mejor gobierno, y mayor provecho de sus Estados.* E falla verdade em dizer, que naõ está authentico o tal juramento, que fez nas Cortes de Thomar em Abril de 1581. porque o naõ deixou imprimir na Carta patente de confirmação dos vinte e quatro capitulos. Tralla porém impressa em Madrid o Autor da Ley Regia de Portugal fol. 129. E o certo he, que naõ he mayor o poder nos Reys, para condemnarem por traydores os vassallos, que no prometido, e jurado lhes faltarem; que nos mesmos povos, para lhes negarem a obediencia, e os excluirerem, quando os Reys lhes faltaõ com a palavra dada, e quebrantaõ o juramento de sua promessa. Está nos povos a eleição, e criação de seus Reys, e nella contrataõ com elles haverem-nos de administrar em sua conservação, e utilidade.

dade. Donde todas as vezes, que os Reys lhes faltaõ, no que lhes prometteraõ de os defender, e conservar, os pódem remover, e negarlhes a obediencia, como Portugal fez a El Rey D. Philippe, depois de o admittir intruso, e violento. XII. Redicula he a resposta, que Castella dá á XII. ração da Senhora D. Catharina; porque consta de opprobrios: *Llamandonos rebellados, prejuros, traidores, tiranos: y luego vendrá el Leon con sus garras invencibles a hacer justicia, y poner el derecho en su lugar, y punto, &c.* Mas bem claro fica do que temos discursado, a quem pertencem estas nomeadas, que mais se confirmaõ com as ameaças das novas violencias, que nos promette: e entre tanto nos consolemos com o que lá dizem em Castella: *Que del dicho al hecho vá gran trecho*: quanto mais, que onde as daõ: e naõ ha pé, que naõ ache forma de seu capato.

XIII. *Niega Pbelipo estar el pueblo en posesion de elegir Reyes; porque nõ tenían mejor privilegio de elegir Rey en Portugal, que en los otros Reynos de Hespanha, los quales son de sucecion, en quanto vive descendiente legitimo de la familia Real; y en esta parte tiene Portugal me nor libertad, que los otros Reynos; porque procede de donacion de los Reyes de Castilla, y de conquista de los Reyes de Portugal: y como el pueblo nõ diò el Reyno, nõ puede aver caso, em que sea posible elegir.* Bem está: assim he. Mas nas duvidas naõ ha duvida, que tem o povo direito para as decidir, quando naõ ha, quem as resolva limpamente, e se sente offendido: porque se haõ no tal caso os Reynos, como vagos, e reduzidos ao primeiro principio natural de sua instituiçaõ, antes.

tes de terem Reys, em que os póvos pôdem eleger quem quizerem: e bem se prova, que os de Portugal nunca quizerão a ElRey Filippe; pois nunca lhe deraõ hum viva, como notaõ até seus Chronistas, nem na mayor pojança do horrendo triunfo, com que entrou pela rua Nova de Lisboa. E vimos as acclamaçoens de vivas, com que ElRey D. Joaõ o IV. foy sublimadó ao Throno, para defengano do mundo todo, que sabe muito bem, que a concorde, e voluntaria acclamaçaõ dos póvos he o melhor titulo, que ha para reynar; porque assim se instituiraõ os Reynos, e fizeraõ os priméiros Reys: Donde havendo duvida entre herdeiros, e oppositores a huma Coroa, o melhor direito, que ha para as decidir, he a vontade do povo, que primeiro fez os Reys.

XIV. Finalmente responde Filippe: *Que nõ se pueden presumir tiranias de un Rey Catholico, ni injusticias de un Monarcha tan poderoso, que de nada necesita, para ajustarlo todo, dando medio con suavidad a lo violento, y salida facil a lo dudoso.* E diz bem; porque em duvida, de todos os Reys se ha de presuimir bem: mas quando as couzas saõ evidentes, naõ ha escusa, que as livre. A evidencia das injustiças, que Castella usou com Portugal sessenta annos, que o teve sugeito, mostrará o Capitulo seguinte: e neste damos fim aos Manifestos de huma, e outra parte; em que ficaõ averiguadas, e bem manifestas as unhas de Portugal, e Castella; e bem curto de visto será, e bem cego de paixãõ, quem com a luz destas verdades naõ vir, que Portugal naõ tem unhas, e que Castella sempre as teve, e para este Reyno muito grandes.

\*\*\*\*\*

## CAPITULO XVII.

*Em que se resolve, que as unhas de Castella são as mais farpantes por injustiças.*

**D**O que temos dito fica affaz claro, que Portugal nunca teve unhas para furtar, e que Castella sempre usou dellas. E porque póde haver, quem não alcance tantas razoens; assim porque sendo muitas confundem, como porque ha corujas, que não vêm luz, poremos aqui huma demonstração tão clara, que todos a vejaõ até com os olhos fechados, e a entendaõ, ainda que estejaõ dormindo. Cesteiro, que faz hum cesto, fará cento, diz o proverbio. E se isto he verdade, como o he; mais o será, se differmos: Cesteiro, que faz hum cento de cestos, quero dizer de furtos, he mais que certo; e não he necessario para os provar, trazermos aqui Cetros, nem Coroas, como a de Navarra, de que se intitula ainda Rey o Francez; nem Milão, que o mesmo appellida por seu: nem Napoles, sobre que fulmina o Papa, que lhe pertence: nem Castella, e Leão, sobre que recclamaõ hoje os Lacerdas em Medina Cæli: nem Sicilia, que tem Senhor, que a não logra por falta de poder: nem Aragaõ, que lá tem no seu Limoneiro o direito, que o certifica da violencia que padece, nem os mais: que se com estes se forem para seus donos, ficará Filippe como a gralha de Hisopete. Não nos he necessario discorrermos por Reynos alheyes, dentro no nosso diaremos pilhagens aos milhares, em que ensanguentou tanto suas unhas Castella, que bastaõ, para pro-  
var,

var, que as tem muito grandes ; e não repararia em levar este Reyno de hum golpe, sem fer feo; pois não reparou em o desbalijar por partes, depois de o possuir com unhas tiranicas. Das injustiças nasce a tyrannia, não para estar ociosa, mas para obrar mais injustiças. E he assim que os Autores a dividem em duas, quando a disinem. A primeira se dá, quando se occupa hum Reyno com violencia contra as leys. A segunda, quando o Rey o governa contra as mesmas leys. A primeira manifesta fica nos dous Manifestos, e em suas repostas. A segunda se manifestará nas injustiças seguintes.

Quando Portugal passou para Castella, hia aperfeiçãoando suas Conquistas com novos modos de tratos, que se descobrião; hia-se ampliando, e propagando nossa santa Fé. Tudo parou logo, e com o tempo foy tornando para traz. Tinha-mos poderosas armadas, immensas armas, muita gente de fora para tudo; quasi de repente, e sem o cuidarmos, nos achamos sem nada. Pôz-nos mal Castella com todas as Naçoens; com que se diminuiu o trato, as rendas das Alfandegas faltaraõ, as mercadorias encareceraõ; os estrangeiros não podendo vir a nossos portos buscar nossas drogas, hiaõ buscallas a nossas Conquistas, lançandonos dellas; porque não tinhamos forças, para lhe resistir; e ainda que tinhamos os antigos brios, faltavamos a direcção do governo, e o cabedal, que nos devorava Castella. Capitulou por vezes pazes com os Hollandezes da Linha para o Norte, deixando fóra dellas, o que fica para o Sul, onde cahe o principal de nossas Conquistas, como quem se não dolia dellas. Deu licença a estrangeiros para hi-  
rem.

rem commerciar a nossas Conquistas com grande perda, assim de particulares nossos, como das rendas Reaes: e no anno de 1640. mandou publicar nos Estados de Flandres obedientes, que podiaõ livremente navegar a quaesquer pórtos nossos: e mandou, que as nossas bandeiras variaassem de côr, para se differençaarem das suas. Diminuirãõ-se as náos da India; despachavaõ-se taõ tarde, que arribavaõ; proviãõ-se taõ mal, que pereciãõ, e as que vinhaõ, governaraõ-se de modo, que davaõ á costa: até as armadas naõ logravaõ effeitos, por má direcçaõ; e as que nos mandavaõ fazer, e preparar a titulo de acodirem a nossas Conquistas, feitas, as tomavaõ para as de Castella, e lá pereciãõ. A gente, que cá se alistava, mandavaõ, que cá se bulcasse o dinheiro para a pagarem; e o mesmo para as armadas, com que os hiamos servir. As nossas Fortalezas andavaõ taõ mal providas, que as tomavaõ os inimigos, como se vio na Bahia, Pernambuco, Mina, Ormuz, &c. Tomaraõ-nos mais de sete mil peffas de artelharia: e huma vez se viraõ na Ribeira de Sevilha mais de nove centas peffas de bronze com as armas de Portugal. Tomaraõ-nos todos os galeoens, galés, e armadas; de que resultou ficarem nossos mares saqueados, e naõ escapar embarcaçaõ nossa; até os pescadores nos tomavaõ os Mouros: até os direitos, e fintas particulares, que os homens de negocio davaõ para fabrica de armadas, que os defendessem, incorporaraõ em si; e comiãõ-nos os ordenados das galés sem as haver; e tudo, quanto adquiriamos de armas, tomavaõ para Castella. Dizem que nos acodiaõ em suas armadas, como se vio na restauraçãõ da Bahia. Respondemos que o fizeraõ  
para

para assegurar as suas Indias, e que se pagavaõ muito bem. E pelo contrario, quando nós os ajudavamos, que era mais vezes, sempre foy á nossa custa, como se vio na nossa armada, que foy a Cadiz no anno 1637. Os serviços da nossa Coroa feitos à de Castella, pagavaõ-se com premios de Portugal, e os serviços feitos á nossa Coroa nunca tinhaõ premio. Com isto, e com as continuas levas de gente de mar e guerra, para as emprezas de Castella, ficavaõ as nossas desamparadas, e se perdiaõ. Mandavaõ obedecer nossas armadas ás suas Capitanias, e Almeirantas contra nossos fóros; com que nenhum homem de bem queria servir, por não perder honra.

Tinha Portugal privilegio antigo, que se lhe não poria tributo, senão admittido em Cortes; e jurando Castella de nos guardar todos, nos pôz a titulo de regalía sem Cortes o real d'agua, accrescentou a quarta parte das cizas, nos sal novos, e intoleraveis tributos em Castelhano, e sobre as caixas de açucar. Incorporou-se na fazenda Real o rendimento das terças dos bens dos Conselhos, que os povos concederaõ para fortificar muros, e Castellos. Faziaõ estanques de muitas mercadorias, com que obrigavaõ o Reyno a comprar o peor, mandando para fóra o melhor. Andava isto de tributos taõ desaforado, que se atreviaõ os Ministros a lançalos sem ordens Reaes; como o das barcas pescadoras, que obrigaraõ em Lisboa a hir registrar ás torres, para pagarem novas imposiçoens, além das muitas, que já tinhaõ. Quizeraõ introduzir neste Reyno a  
moe-

moeda de Belhaõ, os despachos em Castelhano, o papel sellado, e nos Conselhos de Madrid naõ nos queriaõ despachar sennaõ nelle. Meteraõ os roubos de contrabando, e levavaõ para Castella o procedido delle; naõ se despendendo o seu em couza alguma de Portugal. O tributo do bagaço da azeitona, quem ha que o naõ julgasse por tyrannico, alem de rediculo: e ainda mais rediculo o das maçarocas, cujos executores apedrejaraõ as mulheres no Porto. A violencia das meyas anatas, que se pagavaõ até de titulos vaõs, e fantasticos, e inuteis, e do que era devido por justiça. Fizeraõ praticar neste Reyno couza nunca vista entre Portuguezes, venderem-se a quem mais dava os officios, que antigamente se davaõ de graça, sem olharem se as pessoas eraõ dignas. E porque as indignas saõ, as que por dinheiro sobem aos officios, ficava a Republica mal servida, e perturbada: o sobir sem meritos, e o naõ cahir por erros igualmente se vendia. Faziaõ jurar na Chancellaria, os que compravaõ os officios, que nada davaõ por elles, nem os que pertendiaõ por interposta pessoa: prohibiaõ ás partes virem com embargos a taes provimentos, e se alguem dava mais pelo officio já comprado, lho largavaõ sem restituirem o dinheiro ao primeiro comprador, a quem satisfaziaõ com que apontasse, e pedisse outra couza. Vendiaõ Habitos até gente indigna delles, e pertenderaõ inventar novas honras, para as vender, e habilitar com ellas gente infame ás mayores. Dos Nobres tomaraõ grandes pedidos, e dos que possuiaõ bens da Coroa a quarta parte:

te : negaraõ os quarteis das tenças, e dos juroz era muito ordinario. Obrigavaõ os Nobres, Comunidades, e Prelados, que dèsses soldados vestidos, armados, e pagos á sua custa, para fóra do Reyno. Ultimamente pertendiaõ tirar de Portugal toda a nobreza, todas as armas, e forças para a guerra de Cataluna; para o obrigar assim exhausto, desfarmado, e fugeito ao que quizessem. Avaliaraõ as fazendas de todos os Portuguezes, para as quintarem: mas amotinou-se Evora, resistiraõ os póvos de Alem-Tejo, e logo todo o Reyno; com que cessaraõ outros muitos tributos, de que estavaõ já provisõens pelas Comarcas. Cresciaõ as rendas Reaes com tributos por huma parte, e por outra multiplicavaõ-se as perdas: destrua-se a Monarquia, e tudo se gastava em appetites: faltavaõ as armadas, e nos tanques do Retiro navegavaõ baixeis. Triunfando os Hollandezes de Espanha pelas companhias, que contra ella levantavaõ; a da nossa India se consumio, e desappareceo, sem os póvos receberem ganho, nem se lhes restituir se quer, o que lhes tinhaõ feito contribuir, nem se tomar conta aos Ministros, que o devoraraõ. As necessidades, em que nos punhaõ com este modo de governo, tomavaõ por achaque de novas imposiçoens para as remediarem; do castigo faziaõ remedio, para que até o remedio fosse castigo:

Os Juizes Castelhanos julgavaõ, e sentenciavaõ os Portuguezes, que se achavaõ em Castella; e elles tinhaõ em Portugal Juizes Castelhanos. Chamavaõ a Madrid as demandas dos Portugues-

tuguezes; commettiaõ-nas a Juizes Castelhanos; e se algue n resistia a isto , era punido. Quando se lhes devaçava de algum caso commettido neste Reyno por Portuguezes, e Castelhanos; pagavaõ tudo os Portuguezes , se sahiaõ culpados , e os Castelhanos eraõ remettidos a seus Juizes , que sempre os absolviaõ livres de culpa , e pena. Inventaraõ huma companhia de S. Diogo , onde se matriculavaõ com quantos delles descendiaõ ; para que gozando dos privilegios de izento , se naõ extinguisse o nome Castelhanao , antes se augmentasse entre nós , e fosse mais estimado , e appetecido. Punhaõ olheiros Castelhanos nas nossas Alfandegas , naõ os havendo Portuguezes nas de Castella em nosso favor, sendo hum Ministro Castelhanao tido por menos limpo de mãos , que cem Portuguezes: e applicava-se a hum só delles mais ordenado , que a todos os Ministros nossos do Tribunal , em que se punhaõ , e se lhes pagava desta Coroa. Faltaraõ-nos com as promessas de nos libertar nos direitos dos Pórtos secos; e com outras mil de huns , e outros , que naõ conto. Levaraõ para Castella o provimento dos Corregedores , Provedores , e Juizes do primeiro banco , para os fazerem dependentes , e os divertirem para lá : tudo contra o promettido , e jurado. Faltou-se á Real Casa de Bragança com algumas preheminencias , e cortezias devidas á sua grandeza , e concedidas por Reys passados. Entregarãõ o menêo deste Reyno , e seu total governo a dous Ministros , cunhado , e genro , que correspondendo-se hum em Madrid , e outro em Lisboa,

com

com intelligenças diabolicas, nos tyrannizavaõ. Fuzeraõ por Vice-Rey a Duqueza de Mantua estrangeira, e que naõ era parenta do Rey no grão, que se requeria para tal governo: fuzeraõ-lhe Collateraes, e Conselheiros Castelhanos, que se naõ doessem de nós dependentes, para que fugeitassẽ seus votos. Fizerãõ que todos estes votos fossem fechados, e secretos, para que se podesse attribuir aos taes votos tudo, o que tyrannicamente ordenassem. Assim se fizerãõ os dous sobreditos, cunhado, e genro, como o valido, señores absolutos. Disse o Rey Philippe hum dia ao Conde Duque a solas: *Que haremos con estos Portuguezes? Nõ acabaremos con ellos de una vez?* O valido, que fabricava fazernos Castelhanos, e Provincia, para assim nos extinguir, respondeo: *Dexe V. Magestad esto a mi cuenta, que yo se le dare buena dellos.* Manifestou isto hum Grande, de quem entãõ se naõ acautelaraõ pela desestimação da idade.

Assim se portava Castella com Portugal no governo temporal, e menêo da Politica de seus Estados. E que direy do que obrou contra o governo espirital, e Ecclesiastico? Nas duvidas, que se moviaõ com os Colleitores, se davamos sentença em favor da Igreja, eramos privados por Castella dos cargos; se contra ella, deixava-nos estar excommungados, e com interditos, sem remediar nada, para que naõ só os corpos, fenaõ tambem nossas almas padecessẽ. Tiravaõ dinheiro das pessoas Ecclesiasticas com esperanças, que lhes davaõ dignidades; nem tiverãõ pejo de provocar

os Bispos com cartas , que ao que mais dèsse , levantariaõ com mayores honras , e dignidades. Naõ se tinha por illicito , nem indecente , o que trazia consigo algum lucro : e daqui vinha darem-se os premios da virtude á maldade , porque tinha esta dinheiro , com que as comprava. Os depositos das Ordens militares , que resultavaõ das Cõmendas vagas , consumiaõ-se em usos profanos contra os Breves Apostolicos. Promettiaõ-se as Cõmendas , antes de vagarem. Os rendimentos das Capellas , os legados pios e até das Missas das Almas se tomavaõ a titulo de emprestimo ; e a restituçaõ eraõ em tres pagas , de tarde , mal , e nunca. As Capellas eraõ premio , de quem as accusava , e ficavaõ as Religioens perecendo , e as Almas do Purgatorio sem suffragios penando. E porque o Colleiitor Castra-Cani resistio a isto , como Ministro fiel da Igreja , foy prezo , arrastado , e desterrado com grande affronta de todo o Estado Ecclesiastico , e escandalo da gente Catholica. Da residencia dos Prelados nenhum caso se fazia , gastando-os em ministerios temporaes com grãde damno espirital de suas ovelhas. A Bulla da Cruzada se applicava a outros usos fóra da defenõ de Africa , para que foy concedida : até das rendas da Igreja tomavaõ subsidios , e meçadas : para alguns pediraõ Breve , allegando que os pòvos queraõ , sendo assim , que reclamaraõ sempre. Multiplicavaõ as provisoens das Mitras , com que hia muito mais dinheiro para Roma , e elles multiplicavaõ as simonias.

E eu tenho dado conta das injustiças , e  
rou-

roubos, que Castella executou em Portugal; e porque estou já rouco de repetir tantos, deixo muitos mais, e concluo com a minha consequencia, de que, quem tal fez, que não faria? Quem teve unhas tão farpantes para destruir hum Reyno, que appellidava seu, peores as teria para o agarrar, ainda que lhe constasse, que era alheyo. E em conclusão: Castella se tem havido em tudo com Portugal tão desarrezoada, e cruel, que lhe pudera dizer Portugal, o que na Ilha de Cuba disse hum Indio Regulo Cacich chamado Hatuey, atormentando-o Castelhanos, queimando-o vivo com fogo lento, para que lhes dêsse ouro: cathequizava-o hum Religioso de S. Francisco neste estado, e tendo-o já reduzido a receber o baptismo, para hir ao Ceo: perguntou, se hiaõ lá Castelhanos? E respondeo-lhe o Religioso, que sim; disse, que não queria receber o baptismo, nem hir ao Ceo, por não ver lá tão má gente. Fr. Bartholameu das Cazas Author Castelhana, e da Ordem dos Prégadores, refere este exemplo com outros muitos das crueldades, que usaraõ em Indias: e nós dizemos, não tanto como este Regulo, mas pelo menos, que não queremos neste mundo trato, nem commercio com tal gente; e assim me despido della, e de suas unhas, para continuar na emenda das que nos tocaõ.

\*\*\*\*\*

## CAPITULO XVIII.

*Dos ladroens , que furtaõ com unhas  
pacificas.*

**N**As Republicas , que lograõ muitos annos paz , naõ ha duvida , que com a ociofidade se fomentaõ , e criaõ vicios ; porque faõ como as charnecas , onde porque nunca entra nellas a fouce roçadoura , tudo faõ malezas. Mal grande he a guerra , mas traz hum bem comfigo , que traz a gente exercitada , e divertida de alguns males mais perniciosos , e hum delles he o de furtos domesticos. E daqui vem naõ haver no tempo da guerra tantos ladroens fomigueiros , nem de estradas , como no da paz ; porque os que tem inclinação a furtar , applicaõ os damnos ao inimigo , onde naõ temem castigo , e deixaõ a sua Republica illeza. Mas como naõ ha estado , nem tempo , que escape desta praga mais , ou menos , todos os tempos tem unhas , que os infestaõ , assim na paz , como na guerra ; desta diremos logo : da paz digo agora , que naõ estou bem com ladroens , que furtaõ metendo espingardas no rostro , desparando pistólas , esfolando caras , como o ladraõ Gayaõ , e o Sol Posto , que sahiaõ ás estradas mais para matar , que para roubar. Mais humanos faõ , os que com boa paz faudando a gente lhe pedem a bolça por bem para seu mal. Tal foy aquelle , que nã charneca de Aldêa Galega

ga pondo chapéos pelas moutas com páos, que pareciaõ espingardas de longe, pedia ao perto aos passageiros com cortezia da parte daquelles senhores, que lhes fizessem mercê de os soccorrer com o que pudessem: e assim davaõ quanto traziaõ, para que os deixassem passar em paz: e taes eraõ, os que em tempo de Castella pediaõ donativos pelas portas a titulo de soccorros, e emprestimos, sem nos porem os punhaes nos peitos: mas quem não dava até a camiza, quando outra couza não tivesse, sempre ficava temendo o tiro, que fere ao longe. Pedir esmola com potencia, he pedir soccorro nas estradas publicas com carapuça de rebuço; e armas á destra, he querella levar por força, e com unhas pacificas. Outro houve taõ pacifico, que fazia exhibir aos passageiros o dinheiro, que levavaõ: e logo lhes perguntava, para onde hiaõ? E lançando as contas ao que lhes bastava para a jornada, isso lhe restituia, com nunca Deos queira que vossas mercês lhes falte o necessario para seu caminho, e com o mais ficava. Tres furtaraõ em huma feira de maõ commum outras tantas pessas de panno de linho, duas com trinta varas cada huma, e a terceira de trinta e seis. Ficou-se hum com esta, por ser o capatáz, e deu aos companheiros as outras, a cada hum sua: acharaõ-se defraudados nas seis varas, que levava de mais, e arguiraõ-no, que não guardava igualdade, nem justiça, com taõ seis companheiros. Respondeo que tinhaõ razãõ, e que não era elle homem, que se levantasse ás mayores com o alheyo; e partindo as seis

varas deu a cada hum duas dizendo: Ajude Deos a cada qual com o que he seu *pro rata*. Taõ pacificas como isto tinha este ladraõ as unhas. Por mais pacificas tenho as unhas dos que passeando em Lisboa vencem praças nas fronteiras; podemos-os comprar com as rameiras, que cheirando o almiscar, e fazendo praça de lizonjas, e afagos, estafaõ as mais inexpugnaveis bolças, e escorchaõ os mais privilegiados depositos.

Naõ sey, se pertencem a este Capitulo as piratagens, que se usaõ por esses Almoxarifados, e Alfandegas de todo o Reyno nos pagamentos dos juros, tenças, e mercês, que sobre as rendas Reaes se carregaaõ. Vaõ os acredores pedir os quarteis a seu tempo, e a reposta ordinaria, que achaõ, he: Naõ ha dinheiro; e com este cabe poem de ré até aos mais poderosos requerentes: mas se apertados da necessidade, que naõ tem ley, promettem a ametade do quartel, ou a terça parte, logo lhes sobeja, e vos despachaõ, passando-lhes vós provimento, ou escrito, de como recebestes tudo; e assim o carregaaõ na despeza, tirando para si do recibo as resultas, com que se guarnecem em bella paz livres de demandas, e contendas. Bem conhecido foy nesta Corte hum homem honrado, que se fez dos mais ricos della pela maneira seguinte. Lançava nas rendas Reaes sempre mais que os outros, e porisso sempre as levava: mas punha no contrato huma clausula, de que naõ se fazia caso, porque pagava adiantado, e era de muita importancia para elle, que lhe haviaõ de aceitar nos pagamentos a terça parte

te em papeis correntes. Divulgava logo, que quem tivesse dividas para cobrar del Rey, que viessem ter com elle, e que á vista lhas pagaria, se fossem de receber os creditos dellas. Choviaõ-lhe em casa os acredores; que sempre os ha desesperados de nunca cobrarem, porque a fazenda Real he parte rija: via-lhes os papeis, marchava em todos: concertava-se por fim de contas, que lhes daria a ametade; e taes havia, que por cem mil reis lhe largavaõ papeis liquidos de mil cruzados, e por mil cruzados lhe largavaõ facilmente dous contos; e por esta arte taõ quieta, e pacifica, sem se abalar de sua casa, veyo a medrar mais, que os que levaõ grossos cabedaes ao Brasil, e navegaõ com grandes riscos á India.

Venha aqui o Duque de Lerma, que com grande valimento, e mayor paz governou a Monarquia de Espanha por muitos annos, livrando todos seus Estados de muitas guerras. A traça, que tomou para taõ louvavel empreza, foy de furtar hum milhaõ á Coroa com approvaçãõ do Rey todos os annos, e este despendia em peittas, com que comprava o segredo de todos os Reys, Principes, e Potentados da Europa. Tinha em todas as Cortes da sua maõ hum Confe-lheiro, que lhe correspondia com os avisos de tudo, o que se tratava; e a cada hum dava por isso cincoenta mil cruzados, que era muito boa propina. Corriaõ estes canos muito occultos; e tanto que tinha assopro, que se maquinavaõ guerras, logo lhes divertia a agua com cartas, e embaixadas a outro proposito tam bem armadas,

que defarmavaõ tudo , apagando temores , extinguindo suspeitas , e grangeando de novo amizades : tanto monta a destreza , e ardil de hum bom Ministro , sagaz , e prudente ! E assim dizia este ao seu Principe : Senhor as couzas levadas por mal , arrebentaõ em guerras , e levadas por bem , florecem com paz. Hum anno de guerra gasta muitos milhoens de dinheiro , abraza muitas fazendas de particulares , extingue muitas vidas dos vassallos : e a paz sustenta tudo em pé , saõ , e illezo : e com hum milhaõ , que se gasta cada anno em peitas , compramos este bem taõ grande , e nos livramos dos gastos de muitos milhoens , e das inquietaçoes , que traz consigo a guerra. Neste passo me pergunta o curioso Leitor : aonde estaõ aqui as unhas pacificas ? Perguntastes bem : mas responderey melhor : que estaõ nos Senhores Conselheiros , que gualdriparaõ o milhaõ a cincoenta mil cruzados cada hum , vendendo por elles o segredo dos seus Principes , que he huma joya , que naõ tem preço ; porque depende delle o augmento dos seus Estados , que muitas vezes se apoya na execuçaõ prompta de huma guerra justa. Mas podemos-lhe dar escuza nas consequencias da paz , que sempre he mais proveitosa para os póvos ; cujo bem , e conservaçaõ deve ter sempre o primeiro lugar nos discursos de todo o bom governo , se naõ touxer consigo mayor perda , como a com que nos enganou Castella. Alguns Estadistas tiveraõ para si , que fora grande ventura passar a Coroa de Portugal a Castella pela paz , com que nos

con-

conservava sua potencia dentro no Reyno. He verdade , que não entraraõ cá inimigos com exercitos , que nos inquietassem o somno : mas lá lavrava ao longe a concordia inimiga , e como lima furda nos hia gastando , e consumindo , sem darmos fé do damno , senaõ quando já quasi que não tinha remedio. Deos nos livre de tal paz : paz fingida he peor , que guerra verdadeira , e esta he melhor ; porque a boa guerra faz a boa paz. A boa paz he a melhor droga , que nos trouxe o commercio do Ceo á terra , e como tal a applaudiraõ os Anjos em Belém depois da gloria de Deos : e porisso he bem que digamos os frutos della , e os documentos , com que se grangêa.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O   X I X .

*Profegue-se a mesma materia , e mostra-se,  
que tal deve ser a paz , para que  
unhas pacificas nos não dam-  
nifiquem.*

**O** Officio do Principe he procurar , que seus vassallos vivaõ em paz : e porisso quando o juraõ , leva na maõ direita o Septro , com que ha de governar o povo em paz. Os Romanos traziaõ o anel Militar na maõ esquerda , que he a do escudo , para denotar , que as Republicas bem governadas tem mais necessidades de se defenderem , para conservarem a paz , que de of-

fenderem a outros para acenderem guerras. O al-vo de todo o governo politico deve ser sempre a paz; porque a guerra he castigo de peccados: e assim se devem considerar sempre as causas, que houve para se romper a paz; e tratarem de as reparar. Para ser firme a paz haõ de procurar, os que a fazem, de terem a Deos propicio: e tello-haõ, se lhe pedirem, que lhes de juizo, e entendimento para administrar justiça. Será a paz de dura, se as condiçoens della forem honestas, e se se assentar com vontade verdadeira sem enganos. Melhor he a paz com condiçoens honestas, que guerra perigosa com interesses incertos. Os Lacedemonios, e Athenienses diziaõ: Prouesse a Deos que nossas armas estivessem sempre cheyas de têas de aranhas. Quem trata de paz, se a naõ poder concluir, faça pelo menos tregoas; porque por meyo das tregoas se alcança muitas vezes a paz; porque daõ tempo a se considerarem, e alcançarem de ambas as partes os inconvenientes da guerra: e deve-se advertir, se quem pede a paz, he gente de sua palavra: e quem está victorioso deve concedella, porque se lhe admittem mais facilmente as condiçoens que quer. A guerra faz-se para ter paz, e porisso he melhor sempre admittir esta, que fazer aquella. As condiçoens da paz são de grande momento para ser de dura. Os Romanos na paz, que fizeraõ com os Carthaginezes, puzeraõ-lhes por condiçaõ, que lhes entregassem a armada, que tinhaõ: puzeraõ-lhe o fogo, e ficaraõ todos quietos. Ninguem se deve fiar muito na paz feita com inimigo.

por-

porfiado ; porque a malicia , e a ambição com pretexto de paz se valem de enganos , e cautelas , peores que a guerra : e porisso o Principe prudente no tempo da paz não deve deixar os enfiados da guerra , e exercicios militares , nem que os seus vassallos se dêem ao ocio , e regalos ; porque , como diz Tito Livio , não fazem tanto damno á Republica os inimigos , quanto fazem os regalos , e deleites. Na mayor paz ter as armas , e armadas prestes enfrêa os inimigos. Paz desarmada he mais arriscada , que a mesma guerra. Não estão ociosos os galeoens no estaleiro , nem as armas com bolôr nos armazens : dalli sem se moverem , estão reprimindo os impetos do inimigo , que se acanha só com cheirar , que ha de achar resistencia. O Emperador Justiniano tem , que os Principes haõ de estar ornados com as armas da guerra , e armados com as leys da paz , para governarem bem os povos , que tem a seu cargo. Começa a ruina de huma Republica com o desprezo das leys , onde acaba o exercicio das armas. Quando Xerxes rendeo Babylonia , não matou , nem cativou , os que lhes resistiraõ : mas só mandou para se vingar delles , que não exercitassem mais as armas , e que se occupassem em tanger , cantar , e dançar , e em serem jograes , e taverneiros ; e com isto conseguiu , que a gente daquella Cidade taõ insigne no mundo fosse vil , e fraca. Tal foy a paz , que o governo de Filippe trouxe a Portugal com o perdaõ geral , que deu a todos os que lhe resistiraõ : e houve Estaditas taõ sabios , que tiveraõ isto por felicidade.

Da.

Da maneira que os corpos, e substancias terrestres nascem, crescem, e morrem; e quando não tem de fóra, quem os gaste, dentro em si criaõ, quem as consume: assim as Republicas quando não tem inimigos de fóra, dentro em si criaõ, quem as destroe. Dizia o Emperador Carlos V. que da maneira, que no ferro nasce a ferrugem, que o gasta, se o não usaõ, e no páo o gurgulho, que o come, se o não movem, e até o mar se corrompe em si mesmo, onde lhe faltaõ as marés que o abalem; assim nas Republicas nascem bandos, e dissençoens, que as inquietão, e consomem, se com a paz deixaõ entrar nellas a ociosidade. O Principe dos Filozofos no cap. 7. lib. 5. da sua Politica adverte tres cousas, partos da ociosidade, que affolaõ as Republicas. Primeira: admittem-se poucos ao governo, havendo muitos dignos. Segundo: excluïrem os ricos viciosos aos pobres virtuosos. Terceira: levantar-se hum valido com o meneo de tudo. De tudo resulta, que com tyrannia se izentaõ; com ambiçaõ roubaõ, e com soberba atropelaõ os inferiores; e fazendo-se odiosos movem revoluçoens, como em nuvem prenhe de exhalaçõens, que não socega, até que não arrebenta com trovoens, e rayos, affolaçoens, e ruinas. Plataõ diz, que a Republica ociosa cria muitos pobres, que logo daõ em ladroens, e sacrilegos, mestres de maldades. Convem que assim como as abelhas não consentem zangaõs na sua Republica; assim os que governaõ a nossa, não devem consentir gente ociosa exposta a vicios, novidades, e inquietaçõens.

Aristo-

Ar  
Pla  
bli  
por  
ley  
mo  
tar  
xa  
con  
cer  
a t  
con  
e v  
pu  
fog  
da  
ma  
rac  
de  
mi  
pe  
o  
de  
fan  
(d  
ley  
op  
Se  
di  
fan  
ne  
Q

Aristoteles, que sempre contradiz a seu Mestre Plataõ, afirma que mais mal fazem á Republica os ricos no tempo da paz, que os pobres; porque com o poder se eximem da obediencia das leys, e com a ociosidade estaõ prestes para motins, e com as riquezas aptos para os sustentar: impedem a reformaçaõ dos costumes, relaxaõ a modestia do povo com gastos superfluos no comer, e vestir, incitando o vulgo a desobedecer. E se o Principe os não vigiar para os trazer a todos em regra com temor, e amor, dar-lhe-haõ com a Republica, e com a Monarquia atravéz, e vem a ser consequencia infallivel, que peccados publicos tollerados affolaõ as Republicas como fogo: não saõ os dos Reys, os que fazem o mayor damno, senaõ o descuido, com que toléraõ as demazias dos povos, que Deos castiga com Pharaões, Caligulas, e Neroens, que lhe servem de algozes: e quando o Principe he bom, permite, que tenha Ministros taes, como estes Emperadores, e que os não possa atalhar, porque o enganaõ com a hypocresia mascarada com cõr de virtude, e zelo. Livrar-se-ha destes enganõs, far-se-ha admiravel, e florecerá invencivel o Rey (disse hum Sabio) que guardar inviolavel quatro leys. Primeira, que não consinta que os grandes opprimaõ aos pequenos, e será tido por justo. Segunda, que não dissimule nenhuma desobediencia, por leve que seja, sem castigo pezado: e far-se-ha temido. Terceira, que não deixe passar nenhum serviço sem premio: e será bem servido. Quarta, que ninguem de sua presença se aparte

des-

delconfolado: e ferá de todos muito amado. E hum Rey juſto, temido, bem ſervido, e amado, conſervará ſua peſſoa ſegura, ſeu Imperio inexpugnavel, ſua fazenda com augmentos, e ſeus vaſſallos ſem faltas. E em chegando a eſte auge, logrará proſpero ſeu Septro em paz, livre dos damnos, e unhas, que chamamos pacificas.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O XX.

*Dos ladroens, que furtaõ com unhas Militares.*

**S**anto Agoſtinho lib. 1. *de Civitate Dei* cap. 3. diz, que aſſim como os Medicos curaõ aos doentes com diétas, evacuaçoens, ſangrias, e fogo; aſſim Deos cura os peccados do mundo com fomes, que ſaõ as diétas; com peſtes, que ſaõ as evacuaçoens, com guerras, que ſaõ as ſangrias, e o fogo. E vem a ſer os tres açoutes, que Deos moſtrou a David, com os quaes coſtuma caſtigar os homens: e por mayor ſe póde ter o da guerra; porque a nada perdõa, tudo leva, ſagrado, e profano, fazendas, honras, e vidas. E como na agua envolta achaõ mayor ganancia os peſcadores; aſſim nas revoltas da guerra achaõ mais, em que ſe empolgar ſuas unhas, que chamamos Militares. Na reſtauracão da Bahia entregou o Monarcha dous, ou tres milhoens a D. Fadrique de Toledo para as deſpezas da guer-

guerra. Houve depois desgosto entre elle, e o Conde de Olivares, que governava tudo: e ajudando-se este do valimento para se vingar do Fradique, mandou-lhe tomar contas; e alcançando-o em meyo milhaõ apertou com elle, que o pagasse, ou dèsse descarga: deu elle esta em huma palavra, que gastára o resto em Missas ás Almas, em esmolas, e obras pias, para que Deos lhe dèsse a vitoria, que alcançou, que muito mais valia. E poderá dizer tambem, que grande parte se foy por entre os dedos das unhas militares, que a forveraõ; porque o dinheiro, que corre por muitas mãos, he como o pez, e breu, que logo se pega aos dedos, e mete por entre as unhas.

Seraõ estas por ventura sua, ou desgraça nossa as unhas dos pagadores; os quaes se se mancomunãõ, ou descuidaõ huns dos outros, na volta de duas planas fazem tal revolta no dinheiro delRey, que o deixaõ em passamento, e os soldados em jejum; fazendo-lhes de todo o anno quaresma? Se não são estas, pôde ser que ajudem, porque escrevendo despesas, onde não houve recibos dos soldados, recebem para si todos os restos, que com serem grossos, não se enxergaõ no fim das contas, que capeaõ sua malicia com titulo de milicia: e ficando esta taõ defraudada no cabedal, e porisso nos soldados, vale-se tambem das unhas, que mais propriamente são Militares, para que não falte aos soldados o necessario, e tambem o superfluo; e daqui vem, que o mesmo he ser soldado, que não vos fiardes delle.

Tem

Tem a guerra grandes licenças , não lho nego, mas nunca he licito fazer preza no alheyo sem titulo , que cohoneste a pilhagem ; e não pôde haver este , onde se não falta com o necessario. Os póvos concorrem com o tributo das décimas para a sustentação dos soldados , que he bastante , e de sobejo ; e porisso os soldados são obrigados a defender os póvos , que não padeçam injurias , danos , nem perdas. E sobre esta obrigação , sahirem da mesma milicia unhas , que destruaõ os póvos , he grande injustiça , a qual vem a cahir , sobre os que occasionaõ nos soldados com defeito das pagas taes necessidades , que os obrigaõ a buscar remedio para não perecerem ; e o que se lhes offerece logo mais á mão , he meter a mão até o cotovello pelo alheyo , quando se lhes falta com o proprio. Metaõ todos os Ministros , Cabos , e Officiaes as mãos em suas consciencias , e acharaõ , que tanta pena como o ladraõ merece , quem lhe dá occasião semelhante para o ser. E se achar que fallo escuro , não mo tache ; porque o tempo anda carregado ; accenda huma candea no entendimento , e verá logo , que he obrigado a restituir , não só o que embolçou , mas tambem o que o soldado furtou , por elle lhe não pagar.

Não são os pagadores , nem os soldados sós , os que jogaõ unhas militares : tambem os senhores Capitaens , e Cabos mayores tem suas unhas , tanto mayores , quantos o são os cargos. Offerece se hum destes a Sua Magestade , que lhe de huma gineta , e que elle levantará a Bandei-

ra

rá  
Co  
fób  
pli  
zer  
e  
go  
os  
qu  
mã  
qu  
ou  
tro  
qu  
de  
vid  
cri  
zin  
qu  
tro  
car  
ter  
en  
off  
no  
de  
fu  
ça  
da  
ta  
lá  
m

rá de infantes á sua custa. Contenta o alvitre no Conselho, porque fórra de gastos a fazenda Real: sóbe a consulta; desce a provisaõ: parte o supplicante com ella; aguarda duzentos, ou trezentos mancebos solteiros, filhes de pays ricos, e pouco poderosos: chovem intercessõens; e logo as peitas, para que os largue: vay largando os que daõ mais, naõ por esse titulo, mas porque diz lhe provaõ que tem o pay aleijado, a mãy cega, ou irmãas donzellas: e o menos, que tira de duzentos, que liberta, saõ quinze, ou vinte mil reis por cabeça; e ajunta assim quatro, ou cinco mil cruzados: gasta delles mil e quinhentos, quando muito nas pagas, e comboy de cem infantes, que naõ se puderaõ livrar da violencia por miseraveis, e fica-se com tres mil cruzados de ganancia ao menos, com que vay luzindo na marcha, poem em pés de verdade, que tudo he á sua custa: e deste serviço, e outros semelhantes faz outra unha, com que alcança huma Commenda. E como estas pilhagens tem propriedade de crescerem ao galarim, vem a engrossar tanto, que por meyo dellas dá caça a officios, e beneficio, com que enche, e ennobrece toda a sua geraçaõ: e vem a ser tudo destreza sua; que aonde outros achaõ a forca, por furtarem sem arte, elle acha thronos com esperanças de mayores acrescentamentos. Nos Vice-Reys da India vimos em tempos passados exemplos desta fortuna prosperos, e tragicos; porque os que lá naõ furtavaõ, para cá remirem sua vexaçã, morriaõ no Castello com ruim nomeada; e os  
que

que traziaõ milhoens furtados, de tudo se escoli-  
 mavaõ galhardamente com nome de muito intei-  
 ros. Em fim o que reza este paragrafo já naõ cor-  
 re. Seria inmento, se quizesse esgotar aqui todas  
 as unhaõ militares, assim em naõ pagarem o que  
 devem, como em cobrarem o que naõ he feu,  
 ajudando-se para isso da jurisdicaõ das armas.  
 Acabo este Capitulo com huma habilidade dos  
 Assentistas, e contratadores, a que poucos daõ  
 alcance, e nenhum o remedio. He certo em to-  
 das as econõmias humanas, ( e tambem nas di-  
 vinas ) que quem mayor cabedal mete, mayor  
 premio merece: e porisso ninguem repara nos  
 grandissimos lucros, que os Assentistas colhem da  
 obrigaçaõ que tomaõ de prover as fronteiras;  
 porque se suppoem que empregãõ nisso ao me-  
 nos hum milhaõ de dinheiro; e a hum milhaõ  
 de emprego claro está que deve corresponder  
 hum grandioso lucro; e tal lho deixaõ recolher,  
 sem se advertir, que he mayor o arruido que as  
 nozes; porque cem mil cruzados, que tenhaõ de  
 cabedal, bastaõ, e sobejaõ para todo o menêo de  
 dous milhoens. E he assim, que Sua Magestade  
 lhos vay pagando *pro rata* aos quarteis dentro no  
 meismo anno; de sorte, que quando os acabaõ de  
 gastar, os acabaõ tambem de cobrar: e a diffi-  
 culdade está só no principio, e no primeiro quar-  
 tel das pagas, que se fazem antes de cobrarem  
 da fazenda Real alguma cousa; e para darem  
 principio ás primeiras pagas da milicia, bastaõ  
 os cem mil cruzados, que temos dito, com que  
 entraõ de cabedal: e quando naõ cheguem ao  
 fiado,

fiad  
 tel  
 con  
 pon  
 os  
 do  
 mer  
 mui  
 yor  
 ras  
 ami

\*\*\*

M

H  
 o d  
 affin  
 dec  
 pill  
 si a  
 se  
 dec  
 ra,  
 unh  
 taõ

fiado, e ao puxado, remedeão o primeiro quartel; e quando vem o segundo, já tem cobrado das conſignaçoens delRey, o que basta para navegar por diante, e ſupprir atrazados; e aſſim fazem os gastos com a fazenda Real, e cuida o mundo, que os fazem com a ſua, e que ſão poriſſo merecedores do que ganhaõ, que he mais que muito. Alvidrem agora là os Eſtadistas, ſe he mayor guerra, a que nos faz o inimigo nas fronteiras com ferro, e fogo, ſe a que nos fazem eſtes amigos com o dinheiro.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XXI:

*Moſtra-ſe, até onde chegaõ unhas militares,  
e como ſe deve fazer a  
guerra.*

**H**E a guerra hum de tres açoutes, com que Deos caſtiga peccados neste mundo, já o diſſe: e poriſſo traz comſigo grandes trabalhos, aſſim para quem a faz, como para quem a padece; e hum dos mayores he o dos latrocínios, e pillagens, que de parte a parte, e ainda entre ſi as partes exercitaõ. E porque nem tudo o que ſe toma he furto, e na guerra muito menos, declarey tudo, o que permitem as leys da guerra, e logo ficarã claro, até onde pòdem chegar as unhas militares. Já que o Reyno de Portugal he taõ guerreiro, que nasceo com a eſpada na maõ;

K

armas

armas lhe deraõ o primeiro breço, com as armas cresceo, dellas vive, e vestido dellas como bom Cavalleiro ha de hir para a cova no dia do Juizo; bem he, que saiba tudo, o que permitem, e tambem o que prohibem as leys verdadeiras da guerra, que ordinariamente tiraõ a conservar o proprio, e destruir o alheyo, para que com a potencia naõ destrua o contrario.

He erro cuidar, que ha prohibiçaõ de guerra entre Christãos; e he heresia dizer que he intrinsicamente maõ, ou contra a caridade fazer guerra: porque ainda que se sigaõ della muitos males, saõ menores, que o mal, que com ella se pertende evitar. A guerra, ou he aggressiva, ou defensiva. A defensiva naõ só he licita, mas he obrigaçaõ fazella: he licita pelo preceito natural: *Vim vir repellere licet*. E he obrigaçaõ fazella, quem tem a seu cargo defender a Republica. A aggressiva naõ he maõ fazer-se, antes póde ser bom, e necessario. naõ he maõ, porque temos muitas na Sagrada Escritura mandadas fazer por Deos; e he necessario fazer-se, porque a razãõ a dicta para evitar injurias. Para qualquer dellas ser justa, saõ necessarias tres circumstancias. Primeira, que se faça com poder legitimo; segunda, com causa; terceira, que se guarde a moderaçaõ devida. Só o Rey, ou Principe, que naõ tem Superior, e seus Ministros com vontade expressa, ou presumpta de sua cabeça, podem fazer guerra; porque lhes pertence a defenfaõ.

O mesmo dizemos dos Ecclesiasticos, que tem

ten  
nel  
lho  
bur  
der  
ille  
isso  
fort  
se  
jar  
póc  
o I  
der  
va l  
por  
que  
rest  
por  
pec  
fica  
con  
lhaõ  
ra f  
secu  
por  
tes  
par  
ceit  
gul  
caõ  
  
por

tem poder supremo no temporal ; porque militaõ nelles as meſmas razeons , e naõ ha direito , que lho prohiba : e como pòdem pór Juizes nos Tribunaes , que ſentenceem cauſas criminaes , pòdem pór exercitos em campo , que conſervem illeza a ſua Republica ; porque naõ intentaõ com iſſo directamente homicidos , ſenaõ actos de fortaleza , que he virtude. Mayor duvida he , ſe pòdem os Eccleſiaſticos tomar armas , e peleijar ? Na guerra defenſiva naõ ha duvida , que pòdem ; porque o direito Natural permite , e o Poſitivo naõ prohibe aos Eccleſiaſticos defenderem ſuas vidas , e fazendas. A guerra aggreſſiva he prohibida pela Igreja aos de Ordens Sacras , por ſer indecente ao eſtado : mas dado , que quebrantem eſte preceito , naõ ſeraõ obrigados a reſtituir o que pilharem ; ſe a guerra for juſta ; porque ainda que peccaõ contra Religiaõ , naõ peccaõ contra juſtiça : e pela meſma razeõ naõ ficaõ irregulares , ſe naõ matarem peſſoalmente ; como nem os que exhortaõ á peleija , ou aconſelhaõ aos ſeculares , que vaõ á guerra. Se a guerra for injuſta , todos ficaõ irregulares , até os ſeculares , e os que naõ cõmetterem homicidio , porque baſta , que o corpo do exercito o cometteſſe. O Papa pòde dar licença aos Eccleſiaſticos para militarem , porque pòde diſpensar nos preceitos da Igreja : e em tal caſo naõ incorrem irregularidade , porque diſpensados no principal , ficaõ livres no acceſſorio.

O Papa ainda que naõ tem jurifdicçaõ temporal fóra do ſeu dominio , tem direito para avocar

car a si as causas da guerra dos Principes Christãos, e julgalas, e são obrigados a estar pela sua sentença, se não for injusta: e daqui vem que raramente succede ser justa a guerra entre Principes Christãos, porque tem o Papa, que pôde determinar suas causas: mas muitas vezes não convém interpor o Summo Pontifice sua authoridade, para que não se sigão outros inconvenientes maiores, qual seria rebellár contra a Igreja a parte desfavorecida: e em tal caso não são obrigados os Principes a esperar definiçoens do Papa, nem pedillas, e podem levar a cousa por força de armas; e fica de melhor partido para a consciencia o Principe, que não deu occasião ao Papa, para se abster no juizo da tal demanda.

A guerra, que se faz sem legitima authoridade, he contra a justiça, ainda que seja com causa legitima; porque o acto feito sem jurisdicção não he valioso: e será obrigado a restituir os damnos da guerra, quem a faz, se não recompensou com elles alguma perda, que o inimigo lhe tivesse dado. Se o Papa prohibir ao Principe a guerra, como contraria ao bem commum da Igreja, pecará contra justiça o Principe fazendo-a, e será obrigado a restituir os damnos; porque no tal caso já não tem titulo para levar a cousa por força, pois está dada sentença.

A Gentilidade antiga teve para si, que bastava para fazer guerra o titulo de adquirir nome, e riquezas; mas isto bem se vé, que he contra o lume natural; pois nunca he licito tomar o alheyo sem causa, que o possuidor desse. A tres cabe-

cabeças se reduzem todas as causas justas. Primeira : se hum Principe toma a outro , o que não he seu. Segunda : se causou lezaõ grave na fama , ou na honra. Terceira : se nega o direito das gentes , como são passagens , e cômercios ; porque o Principe tem obrigação de conservar os seus illesos nestas couzas. Da mesma maneira pôde soccorrer o Principe ao que se meteo debaixo de sua tutêla , se tiver alguma destas causas por si. Quem fizer guerra sem alguma destas causas , pecca contra justiça , fica obrigado a restituir os damnos : e tendo causa justa , se se seguirem da guerra mayores damnos à sua Republica , que lucros á sua vitoria , não pôde fazer em consciencia a tal guerra , porque he obrigado a olhar pelo mayor bem da sua Republica : e não se segue daqui ser necessaria certeza da vitoria , porque esta he contingente , e menor poder alcança muitas vezes.

Os Principes Christãos pôdem fazer guerra aos Principes infieis , que impedem ás suas Republicas receber a Ley de Christo ; porque nesta parte defendem innocentes , que tem direito para a tal guerra pela injuria , que se lhes faz. E por esta via conquistou Portugal os Reynos , e Estados , que tem Ultramarinos. O exame das causas da guerra pertence ao Principe ; que a faz , e não aos Vassallos : os Conselheiros são obrigados a tomar plenario conhecimento de todos os fundamentos ; porque a Republica he como o corpo humano , onde à cabeça pertence o governo , e aos mais membros obedecer-lhe. Se a materia , de que se trata , for duvidosa igualmente

mente por ambas as partes , prevalecerá a que estiver de posse ; porque assim se julgaõ as de mais causas civeis em todos os Tribunaes ; e se nenhuma das partes estiver de posse ; partirse-há a contenda , se for de cousa partivel ; e se o não for , lançar-se-hão fortes , ou pagará a metade á outra parte , que quizer ficar com tudo. Assim o dicta a razão natural , e o direito cõmun.

Os soldados , e vassallos não são obrigados a examinar as causas da guerra : e pôdem hir a ella , se lhes não constar , que he injusta ; porque os subditos são obrigados a obedecer a seu Superior ; e devem presuppór , que elle terá averiguado tudo em razão , e direito , como he obrigado. E o mesmo se ha de dizer dos soldados estipendiarios , que não são subditos , que se pôdem deixar hir , por onde vaõ os outros ; além de que pelo estipendio ficaõ subditos. O modo , que se deve guardar na execuçaõ da guerra , depende de tres grãos de gente , que são : o Principe , os Capitaens , e os Soldados , em tres tempos distintos , que são : antes da batalha , no actual conflicto , e depois da victoria. E em tudo isto se devem considerar tres couzas ; o que se pôde fazer ao inimigo , o como se deve haver o Principe com os Soldados , e como se devem haver os Soldados com o Principe. O Principe he obrigado a sustentar os Soldados , e estes a peleijar por elle sem fugir , nem largar os seus póstos : e daqui se segue , que não pôdem fazer pilhagens ao inimigo sem licença do Principe , e que serãõ obrigados a restituillas : mas depois da victoria pôdem

pòdem partir os despojos segundo o costume. Antes de se começar a guerra, he obrigado o Principe a propór as causas della á Republica contraria; e pedir-lhe por hem a satisfacção, que pretende: e se lha der, he obrigado a cessar; mas poderá demandar os gastos feitos: e se a não der, procede a guerra justamente, e com direito á mayor satisfacção pela nova injuria de não aceitar o contrato pacifico; e poderá pedir, e tomar o que parecer necessario, para ter o inimigo enfreado no futuro.

Depois de começada a guerra até se alcançar a vitoria, he licito, e justo fazer ao inimigo todos os damnos, que se julgarem necesarios para a satisfacção, ou para a vitoria, sem offensa de innocentes. Depois de alcançada a vitoria, tambem he licito dar aos vencidos todos os damnos, que bastem, para vingança, e satisfacção dos damnos que deraõ: e não se devem computar aqui as pilhagens dos soldados, porque assim o tem o uso, e se lhes deve, por expórem suas vidas: mas deve ser permittendo-lho o Principe, que póde ainda depois da vitoria matar aos inimigos rendidos, se não se der por satisfeito; e captivallos, e tomar-lhes seus bens. E daqui vem o direito, que faz aos vencedores senhores de todos os bens dos vencidos: e tudo se deve regular pela offensa preterita, e paz futura. Se entre os bens dos inimigos se acharem alguns de amigos, devemse-lhes restituir. Se os damnos feitos aos inimigos bastarem para a satisfacção, não se podem estender aos innocentes. Innocentes são os

meninos, e as mulheres, e os que não podem tomar armas, e todas as pessoas Religiosas, e Ecclesiasticas. Os peregrinos, e hospedes, não se contaõ por membros da Republica; mas se os taes damnos não bastarem, bem se podem estender aos bens, e liberdade dos innocentes, porque são partes da Republica. Entre Christãos já o uso tem, que os cativos não sejaõ escravos; mas podem ser retidos para castigo, para resgate, ou troco. E porque este privilegio se introduzio em favor dos fieis, podem ser escravos, os que apostatarão para o paganismo, não para a heresia; porque de alguma maneira ainda retém o nome Christão. Não só as pessoas Ecclesiasticas, mas tambem os bens das Igrejas são izentos da jurisdicção da guerra pela reverencia, que se lhes deve; e porque a Igreja he outra Republica espiritual distinta, e izenta da temporal. E accrescenta-se, que tambem os bens, e pessoas seculares, que se recolhem nas Igrejas, ficaõ livres pela immuidade: mas se fizerem da Igreja fortaleza, para se defenderem, podem ser arrazados, despojados, e mortos; porque não usaraõ bem do favor.

Será justa a guerra, em que se guardarem todas as cautélas, que temos dito: e por remate se perguntaõ quatro couzas. Primeira, se he licito usar de cilladas na guerra? Responde-se que he licito occultar os conselhos, e esconder as traças, mas não mentir. Segunda, se he licito quebrar a palavra dada ao inimigo? Não he licito, salvo falando elle em algum concerto. Terceira, se se pode

pòde dar batalha em dia Santo? Sim, se for necessario, e a obrigaçã da Missa segue a mesma regra. Quarta, se pòde o Principe Christão chamar infieis, ou dar-lhes foccorro para guerra justa? Bem pòde ambas as cousas, se naõ houver perigo nos fieis se perverterem; porque quem pòde ajudar-se de feras, tambem poderã de animaes racionaes.

Guerra Civil entre duas partes da mesma Republica nunca he licita da parte aggressiva; e muito menos contra o Principe, se naõ for tyranno: porque falta em ambos os casos a potestade da jurisdicçã; e daqui se segue, que pòde o Principe fazer guerra contra a sua Republica com as condicoens requisitas, que temos dito. Desafios entre particulares nunca são licitos, assim porque são prohibidos, como porque ninguem he senhor da vida allheya, nem da sua, para a pòr em taõ evidente perigo. Nem val o argumento de defender sua honra, para naõ ser tido por covarde, se naõ sahir ao desafio; porque isso são leys do vulgo imperito, que naõ devem prevalecer contra as do direito: e mayor honra he ficar hum valente tido por Christão entre prudentes, que por desfalmado deferindo a ignorantes. Serã licito o desafio com authoridade publica, como quando a batalha, e vitoria de dous exercitos se poem em dous soldados escolhidos por consentimento de todos, como em David, e o Gigante: porque a causa he justa, e o poder legitimo: e sendo licito pelejar todo o exercito, tambem o serã a parte delle; com  
tanto,

tanto , que não seja evidente a vitoria no todo , e a ruina na parte.

O primeiro homem , que meneou arma offensiva para matar , foy Caim contra feu irmão Abel. Os Assyrios foraõ os primeiros , que capitaneados por EIRey Nino fizeraõ guerras a Naçoens estranhas. Paõ , hum dos Capitaens de Baco , inventou as alas nos exercitos , e ensinou o uso dos estratagemas , e o vigiar com sentinellas. Sinon foy o primeiro , que usou fachos. Lycaon introduzio as tregoaas ; Theseo os concertos ; Minos deo principio às batalhas navaes ; e os Thessalos ao uso da cavallaria. Os Africanos inventaraõ as lanças ; os Martinenses as espadas : e esgrimir estas armas ensinou Demeo. E sobre todos campearaõ Constantino Anclitzen Friburgense , e Bartholo Suarez Monacho , que descobriraõ o invento da polvora , e máquinas de artilharia , e fogo , para destruição do genero humano. E todos quantos na guerra empregaraõ suas forças , e industrias , bem examinados , nenhuma outra cousa pertenderaõ mais , que accrescentar-se a si á custa alheya : e vem a fer as unhas militares , a que dediquey este Capiulo , para que se saiba até onde se pôdem extender , e aonde he bem , que se encolhaõ.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O   X X I I .

*Profegue-se a mesma materia do capitulo antecedente.*

**E** Sponja de dinheiro chamou hum prudente á guerra, e isso he o menos, que ella sórve; vidas, fazendas, e honras são o seu pasto, em que como fogo se céva: e tudo se toléra pelo bem da paz, que com ella se pertende, e alcança, quando não a pica a tyrannia do interesse. A boa guerra faz a boa paz: e porisso he mal necessario o da guerra. Como se pôde fazer, já o disse no Capitulo precedente: como se deve executar direy agora, para que as unhas militares não desbaratem, e malogrem milhões de ouro, q̄ nella se empregão.

Traz a guerra consigo muitos perigos, trabalhos, e gastos; e porisso nenhum Principe a deve fazer, salvo quando as condiçoens da paz são mais prejudiciaes a seu Estado, e reputaçãõ. Sendo necessario fazer-se, se considerar os damnos, que della resultaõ, nunca se resolverá em a fazer; e não se resolvendo, accrescentará as forças ao inimigo, e debilitará as suas. E assim convém, que resolvendo-se em tomar armas, se resolvaõ todos a vencer, ou morrer com ellas. Meça primeiro em conselho suas forças com as do inimigo: e conhecellas-há em sabendo, qual tem mais dinheiro, porque este he o nervo da guerra, que a começa, e a acaba. Tres couzas lhe são muito necessarias para a vitoria, e sem ellas não trate da batalha,

batalha ; porque será vencido. A primeira he dinheiro ; a segunda dinheiro ; a terceira mais dinheiro : com a primeira terá quanta gente quizer de peleja ; e tendo mais gente que o inimigo, vencerá mais facilmente. Com a segunda terá armas de fobejo : e quem as tem melhores , assegura a vitoria. Com a terceira terá mantimentos ; e exercito bem provido , tarde , e nunca he vencido. Veja logo que Capitaens tem , porque se não forem esforçados , prudentes , e venturosos , perderá tudo : e não basta isto ; porque he necessario tambem , que os soldados sejam alentados , escolhidos , e bem disciplinados. Quando Julio Cesar deu batalha a Petreyo em Espanha , disse , que pelejava com hum exercito sem Capitaõ : e quando pelejou com Pompéo , disse que dava batalha a hum Capitaõ sem exercito. Tanto monta ser tudo escolhido , e não introduzido a caso , e de tumulto ! Faça rezenha das armas , que tem , e saiba as do inimigo , porque a vitoria segue ordinariamente , a quem tem melhores armas. Os soldados bem armados , e vestidos cobraõ brios , e concebem esforço : çapato , e camiza nunca lhes falte : he conselho de hum grande Capitaõ Portuguez. Tres esperanças deve ter o soldado sempre certas , para pelejar com esforço , e ser leal a seu Principe : primeira do soldo ordinario. Segunda da remuneraçãõ extraordinaria. Terceira da liderdade , quando lhe for necessaria. A primeira alenta ; porque pela boca se aqueça o forno : e não devemos querer , que sejam os soldados , como os fornos da Arruda , que sãõ huma  
vez

vez na semana os aquentaõ , e isto lhes basta para cozerem o paõ de domingo a domingo : tem-se isto por prodigio grande , e por mayor se deve ter , que aturem os soldados mezes , e mezes , sem receberem hum real de foldo , para se vestirem , e manterem. A segunda os faz constantes ; porque o dezejo de montar , e crescer he natural ; e com a certeza , de que haõ de melhorar de posto , e alcançar bons despachos , fazem pelos merecer , e naõ temem arriscar as vidas ; porque o estimulo da honra he o melhor alicate que ha para avanças a grandes emprezas ; e tambem o do interesse. A terceira os faz leaes ; porque se se imaginaõ cativos , e que nunca poderãõ renunciar o trabalho da milicia , vestem-se da condiçaõ de escravos , e he o mesmo que de odio a seus Senhores , e ham-se como forçados da galé. E naõ só he conveniente esta razaõ , mas tambem he justo que os soldados sejaõ voluntarios , e que tenhaõ caminho para se libertarem , quando lhes for necessario , porque naõ saõ escravos comprados : nem o preço de quatro mil reis na primeira praça iguala o da liberdade , em que nascerãõ , e de que estaõ de posse : nem a obrigaçaõ de servirem á patria prepondéra , quando de serem livres resulta acodirem mais , e servirem melhor. Haja correspondencia igual de ambas as partes : isto he , que o Principe pague , como o soldado serve , e acodiráõ logo innumeraveis a servilo , sem ser necessario buscallos : porque nisto saõ como as pombas , que acodem todas ao pombal , onde achãõ bom provimento , e fogem da casa , onde as depennaõ.

Se

Se examinarmos as causas , porque os soldados fogem das fronteiras para suas casas , e tambem para o inimigo , acharemos , que pela mayor parte são duas desesperaçoes ; huma da liberdade , e outra do provimento , e que para ambas as cousas tem justiça : para o provimento , porque quem serve , o merece ; e para a liberdade , porque nenhuma Nação do mundo os obriga mais , que a tempo limitado : França em se acabando a facção , mas que não seja mais que de tres mezes , logo os desobriga , e liberta , por mais soldo , e pagas , que tenham recebido : e tambem Portugal usa o mesmo estylo com os soldados das suas armas , que em se recolhendo , os deixa hir para suas casas : e não ha mayor razão para não se praticar o mesmo estylo , com os que servem na campanha pondo-lhe seus limites. Castella não faz exemplo ; porque se obriga seus soldados para sempre , tambem lhes dà privilegios equipolentes : e se os leva amarrados com cordas , e algemas , não são esses os que melhor peleejam ; e de taes extorçoens lhe vem perder tantas facçoens. Quanto mais , que se lá tratao os vassallos como escravos , Portugal sempre se prezou de os tratar como filhos. Nem se acharà Doutor Theologo , que approve o uso de Castella , e que não diga que he injustiça , indigna até de Turcos , não dar liberdade aos soldados depois de algum tempo ; quando até aos forçados das galés se concede depois de dez annos , mas que sejam condemnados a ellas por enormes delictos por toda a vida.

Ter o Príncipe amigos , e espias na terra do inimigo , e conhecimento dos lugares , por onde marcha , e ha de ter encontros , he muito necessario. Faça muito por sustentar a reputação , e credito de sua pessoa , porque terá quem o sirva , e todos se lhe sujeitarão. Alexandre Magno divulgou , que era filho de Jupiter , para ser respeitado , e obedecido ; justifique a causa que tem para fazer guerra , e divulgue-a com Manifestos ; porque dá animo aos soldados , que o servem , e acovarda os contrarios. As causas da guerra ao todo em geral ordinariamente são quatro. A primeira para cobrar , o que o inimigo tomou. Segunda para vingar alguma afronta. Terceira para alcançar gloria , e fama. Quarta por ambição. A primeira , e a segunda são justas : a terceira he injusta : a quarta he tyrannia. Quem for vencido , deve examinar a causa de sua ruina , se foy por falta dos Capitaens , se dos soldados , para emendar o erro : e se o não houve , nem no inimigo mayor poder , deve aplacar a Deos , tendo por certo , que o irritou contra si com as causas da guerra. E se com tudo foy por estar o inimigo mais poderoso , deve dissimular até se melhorar de forças : porque melhor he soffrer dez annos de guerra furtandolhe o corpo , que hum dia de batalha , em que se perde tudo. Conservar-se ha em pé nestas demoras conservando o amor dos soldados , e a benevolencia dos povos ; esta ganha-se administrando justiça , e aquelle usando liberalidade.

Esta ha , qual será melhor , se fazer a guerra.

guerra na terra do inimigo, se na propria. Fabio Maximo affirmava, que melhor era defender a patria dentro nella. Scipiaõ dizia, que mais util era fazer-se a guerra fóra de Italia. As conjunçoens das emprezas, e urgencias dos tempos enfiuaõ, o que será mais conveniente. Ajudar hum Principe a outro na guerra, quando he amigo, ou contederado, he muito ordinario. Dom Fernando Quinto Rey de Castella favorecia sempre ao que menos podia, para naõ deixar crescer o contrario: nem entrava em ligas, de que naõ esperava proveito. Os Romanos, diz Appiano, que naõ quizerãõ aceitar por vassallos muitos povos, porque eraõ pobres, e de nenhum proveito. No proveito do interesse, e credito da honra, devem levar sempre a mira os que fazem guerra. E executados bem os documentos, que temos dado, terãõ menos em que empolgar unhas militares: isto he, que naõ haverá tantas perdas; quantas a guerra mal governada traz consigo.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XXIII.

*Dos que furtaõ com unhas temidas.*

**E**Xcellencia he de todas as unhas o serem temidas; e tanto mais, quanto mais fêro he o animal que as menéa. Quem ha, que naõ tema as unhas de hum tigre assanhado, e as garras de hum leaõ rompente? Até as de hum gato teme qualquer  
homem

homem de bem , por valente que seja ; quanto mais as de hum ladraõ , que escala o que mais se guarda , e o que muito mais se estima. Temidas são todas as unhas militares , de que até agora tratámos , porque as acompanha a potencia , e violencia das armas fulminando favor. Com tudo armas offensivas nas mãos de hum Pigmeo não as temo ; e ha soldados Pigmeos , que não passão de formigueiros : livrenos Deos das que movem Gigantes : destes fallo : Gigantes ha ladroens , e ladroens Gigantes : e assim são as unhas suas tão agigantadas , que nada lhes pára diante ; e porisso com razaõ todos as temem , e tremem. Estes são os poderosos por nobreza , por officio , por titulo , e outras qualidades , que os fazem affoutos , intrepidos , e izentos : e quando dão em furtar , não ha outro remedio , que o de pôr em cobro com temor , e pavor , ou aprestar paciencia , e render á sua reveria as armas , e as fazendas ; e comprar com a perda dellas o ganho da vida propria. Sabeis o que faz hum destes , irmaõ leitor ? Vê-se falto de vestido , e librés para seus criados : chama a sua casa o alfayate mais caudaloso , e diz-lhe : Bem vedes como andamos , assim eu , como toda a minha familia : bem me sabeis o humor : compray lá pannos , e sedas ao costume , fazeime tudo á moderna , e o preço de tudo corra por vossa conta , até que me venha dinheiro da minha Cômenda : tomay logo as medidas , e fazeime prazer , que dentro de oito dias venha tudo feito : quando não entendey , que o sentirey muito , já me entendeis. Vay-se o

L official ,

official, sem levar por principio de paga mais que as medidas, e ameaças, de que lhe haõ de medi-o corpo como hum polvo, se discrepar hum pon-to de tanta costura. Vem a obra feita no dia af-finalado; vestem-se todos como palmitos; e só o alfayate fica despido, e empenhado até à morte, e se fallar mais no custo, custa-lhe a vida. Ou-tros milhafres destes de unha preta, e mais alen-tados poderá haver, que empinem mais o vóo, e para que os não tenhaõ por lagarteiros empol-guem no mais bem parado. Vaõ-se a casa do mercador mais grosso, escolhem as peßas que que-rem de téllas, sedas, e pannos, tudo ao fiado, e que ponha tudo em receira para os quarteis dos juros, que ha de cobrar dia de S. Serejo: leva para sua casa, corta largo à custa da barba longa, e rasga bizarro brilhando na Corte: chega o tem-po de cobrar o mercador, o que o poderoso já rompeo, para corresponder a Milaõ, Flandres, e Inglaterra: responde-lhe, que não seja impor-tuno, se não quer que lhe seja molesto, e que lhe custe mais cara a venda, que a elle a com-pra; e assim se vay deixando esquecer com a fa-zenda alheya: e se o acrédor boqueja, lança-lhe huma mordaçã, de que lhe ha de mandar cortar as orelhas, e tirar a lingua pelo cachão.

Outros fazem a sua ainda melhor, com cor-tezia, e mais pela manfa. Já sabem os homens de negocio, que tem dinheiro, fazem-lhe huma visita a titulo de amizade, com que os deixaõ des-vanecidos: ainda que alguns ha taõ advertidos, que logo dizem: de donde vem a Pedro fallar gale-

ga  
de  
dia  
qu  
cr  
ob  
da  
La  
&c  
aff  
nu  
na  
se  
o  
cr  
qu  
va  
qu  
tro  
re  
ço  
as  
en  
to  
pa  
de  
lh  
go  
ro  
hu  
ta  
ac

galego ? E segundaõ logo com outra , a titulo de necessidade , que representaõ , e para a remediar pedem emprestado , e tambem a razaõ de juro , que para elles tanto monta cinco , ou seis mil cruzados , de que lhe passaõ escrito , porque se obrigaõ a pagar tudo dentro em hum anno , e daõ à fiança , quantos moinhos de vento ha em Lagos , e que là tem huns figueiraes no Algarve , &c. E como no tempo dos figos naõ ha amigos , assim no tempo da paga ; porque alem de que nunca mais lhe cruzou a porta , mandalhe dizer na primeira citaçaõ , que lhe ha de cruzar a cara , se fallar na divida , ou se queixar á justiça. E o pobre do homem , porque lhe naõ paguem com cruces os seus cruzados , dará cutros seis mil , e que o deixem lograr suas queixadas sans , e levar suas brancas limpas ao outro mundo , ainda que vâ com a bolça limpa , e sem branca. Outros , e saõ estes já mais que muitos , para se forrarem de tantos custos , e riscos , recopilaõ os lanços ; esperaõ em paragens escuras , ou a des horas as pessoas , que sabem tem moeda copiosa , põemlhe duas pistolas , ou dous estoques , nos peitos , e que faça alli logo hum escrito : e eisaqui papel , e tinta , e lanterna de furta fogo , e he de noite ; com todo o encarecimento a sua mulher , ou ao seu caixeiro , que entregue logo logo à vista ao portador dous mil cruzados em ouro : e assim se estaõ a pé quedo , até que volta hum delles com a reposta em effeito. E andaõ taõ affoutos , que em suas proprias casas envestem aos que sentem capazes destes assaltos. Testemu-

nha seja o Abbade de Pentens em Traz dos Mon-  
 tes, a quem levaraõ por esta arte huma mula car-  
 regada de dinheiro, deixando-o a elle amarrado  
 em huma tulha. Que direy dos que lançaõ em  
 remataçoens de fazendas, que fazem pór em lei-  
 laõ por mil tranquilhas? Ha neste Reyno Ley,  
 que prohibe aos Ministros da Justiça, que não  
 lancem nas fazendas, que se executaõ (e guarda-  
 se exactissimamente nos officiaes da Santa Inqui-  
 sição) porque com o respeito, que se lhes deve,  
 e temor, que outros lançadores tem delles, defrau-  
 daõ muito nos preços, e ficaõ as partes enorme-  
 mente lesas: mas como as leys saõ téas de ara-  
 nha, que caçaõ moscas, e não pescaõ tritoens:  
 logo estes buscaõ traças: *De pensata la lege, pen-*  
*sata la malicia*; e fazem os lanços por terceiras  
 pessoas, manifestando pela boca pequena, que  
 o lanço he de hum poderoso, com que todos se  
 acanhaõ: e assim lançaõ cincoenta, no que  
 val duzentos, levaõ as couzas por menos da ame-  
 tade do justo preço; defraudaõ, e roubaõ as par-  
 tes, não só no substancial dos bens moveis, e da  
 raiz, que se vendem, senão também os direitos  
 Reaes, e as cizas, que se diminuem muito com  
 taõ grande diminuição nos preços. Também as  
 unhas temidas, que empolgaõ affoutas nos tribu-  
 tos Reaes: taes saõ, as que se levantaõ com as  
 décimas, porque não ha justiça, que se atreva a  
 executalas; e porque saõ mais que muitas, fundem  
 as décimas muito pouco: saõ muitos os que as  
 cobraõ, e poucos os que executaõ a si mesmos:  
 saõ muitos os poderosos, que se eximem, e pou-  
 co

co o cabedal dos pequenos, que as pagaõ. Entre pessoa Real nesta empreza, a quem todos respeitem, temaõ, e logo crescerãõ as décimas em dobro: nem ha outro remedio para unhas temidas, que opporfe-lhe quem ellas temaõ. Escrito está este remedio no que fez hum Rey de Portugal a certo fidalgo, que tomou huma pipa a hum lavrador, e lhê entornou o vinho, que tinha nella para recolher o seu, que tinha por mais privilegiado. Era o lavrador de boa tẽpera, que naõ se acanhava a medos, nem ameaças; deu comfigo na Corte, lançou-se aos pés delRey, contoulhe o caso: mandou-o ElRey agafalhar com hum tostaõ por dia, e hum cruzado para sua mulher, e filhos á custa do fidalgo, que mandon logo chamar à Beira: veyo muito contente esperando grandes mercês, que todos cuidaõ as merecem. Seis mezes andou requerendo entrada, sem achar audiencia; e no cabo o fez ElRey apparecer pareante si com o lavrador: e perguntandolhe, se o conhecia? Lhe mandou pagar a pipa, e o vinho em dobro; e todos os custos; e que naõ lhe dava mayor castigo por outros respeitos; mas que advertisse, que em sua cabeça levava a vida, e faude daquelle homem, e que lha havia de tirar dos hombros, se alguma desgraça lhe succedia, e que rogasse a Deos, que nem adoceffe; porque tudo havia de resultar em mayor desgraça sua. E resultou daqui, que as unhas temidas ficaraõ tímidas: e este he o remedio que as açama, nem ha outro.

Este mesmo remedio de aspereza me disse

hum prudente, que se devera applicar ás unhas de Hollanda, e Inglaterra. Ao ladraõ mostraõ-se os dentes, e não o coração. E ben se vé, que quanto mais buscamos estas Naçoens com embai-xadas, e concertos, tanto mais insolentes, e des-arrazoadas se mostraõ, pagando com descortezias, e ladroíces nossos primores; porque lhes cheiraõ estes a covardia, e consideraõ-se temidos, e bla-fonaõ. Se elles não nos mandaõ a nós Embaixa-dores, sendo piratas, e canalha do Inferno, por-que lhos havemos nós de mandar a elles, que fomos Reyno de Deos, e Senhores do mundo? Esta razaõ não tem reposta; e a que daõ alguns Politicos do tempo, he de cobardes bisonhos, que ainda não sabem, que caens só às pancadas se amansaõ. Mas diraõ que não temos páos para espancar tanto caens. A isso se responde, que antigamente hum só galeaõ nosso bastava para envestir huma armada grossa, e botando fogo, e despedindo rayos, a rendia, e desbaratava toda. Sete gurumetes nossos em huma bateira bastavaõ para envestir duas galés; e renderaõ huma, e puzeraõ outra em fugida. Poucos Portuguezes mal armados comendo couros de arcas, e solas de çapatos sustentavaõ cercos a muitos mil ini-migos, que venciaõ: e sempre foy nosso timbre com poucos vencer muitos. Hoje somos os mes-mos, e assim fica respondido, que temos páos, com que espancar a todos. Ainda me instaõ que estaõ mudadas as cousas, porque ainda que somos os mesmos, saõ os inimigos muito diffe-rentes: aquelles eraõ cobras, e estes saõ leoens, e mais

e mais déstro que nós na artellharia, de que tem mayor copia; e de galeoens, e náos, com que inçaõ effes mares, pelejaõ nossas barras, e tudo nos tomaõ sem termos cabedal, com que resistamos. Respondo, que possio o não temos, porque lho deixamos tomar: o certo he que com nossa substancia engrossaõ: haja entre nós piratas para elles, assim como elles o saõ todos para nós: dé-se licença aos Portuguezes poderosos para armarem navios, que andem ao corso, como se deu antigamente aos de Vianna, que em quatro dias alimparaõ os mares. A mesma Vianna arma hoje como entaõ, se quer tres navios, o Porto quatro, Lisboa seis, Setuval tres, o Algarve outros tres, e ElRey ajuntelhe dous galeoens por Capitãnas: e eistahi huma armada de vinte velas com duas esquadras; e arme-se huma bolça só para isto de gente voluntaria, e livre, e veremos logo as nossas barbas sem vituperios. Mas dirãõ ainda os zelosos Criticos, que isto de bolças he pernicioso invento, que hereges introduziraõ, e que na do Brasil ha muito que emendar. Negolhe todas as consequencias. A do Brasil he muito boa, e só poderia ter de mal, se entrasse nella alguma gente, que tratasse só de seu interesse, ou nos pudesse fer suspeita: mas seriaõ inconvenientes faceis de emendar, e o tempo os curaria. Ser o cabedal della tirado daqui, ou dalli, he ponto que me não pertence: Doutores tem a Santa Madre Igreja, que està em Roma, e poderá supprir, e tirar os escrupulos. Quanto mais que o que aponta de novo, nada leva desses es-

L iv

cabeches,

cabeches , porque ha de fer de gente escoimada. E prouvéra a Deos que tiveraõ os fidalgoes Portuguezes estomago , para fazerem outra bolça só para a India , pois he empresa sua : e ferlhes-ha facil , se puzeraõ nella só , o que gastaõ em vaidades , e o que perdem na taboa do jogo , e daõ a rameiras , e consomem na cura de males , com que estas lhes pagaõ : e ficariaõ elles de ganho , e o nosso Reyno sem tantas perdas temido , e venerado. Deos sobre tudo.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XXIV.

*Dos que furtaõ com unhas tímidas.*

**T**Enho por mais crueis , e damninhas estas unhas , que as passadas ; porque os tímidos , e covardes , para se affegurarem fazem mayor estrago , que os temidos , e valentes , que leuaõ carta de seguro em seu braço. Hum leão contenta-se com a preza , que lhe basta para aquelle dia , ainda que tenha diante das unhas muito mais , em que as possa empregar. A rapoza , quando dà em hum galinheiro , tudo degola , e espedaça até o superfluo. Nem ha outra causa desta disparidade , senaõ que a rapoza he covarde , e o leão he generoso , e valente. Taes saõ as unhas tímidas , mayores danos causaõ com seu temor , que as temidas com sua potencia. E daqui vem as mortes que daõ , e as caras que esfoláõ  
ladro-

ladroens formigueiros por essas estradas: temem o ser descobertos, que lhes dêem na trilha, e para se assegurarem, nada deixão com vida: a mesma arte, que os ensina a furtar, para sustentarem a vida, lhes deu esta regra, para a assegurarem, que arredem testemunhas com as mesmas garras. Nem paraõ aqui os damnos, que adiante passaõ; porque nas mesmas rapinas executaõ crueldades: como aquelles de Arrayolos; que furtando hum relógio de ouro, que hia de Lisboa para hum Rey de Castella, por não serem conhecidos pela qualidade do furto, que era notorio, o fizeraõ em pedaços, e o lançaraõ de huma ponte abaixo em hum rio. E os que furtaõ a prata de S. Mamede na Cidade de Evora, pela mesma causa a enterraraõ amaçada na estrada de Villa Viçosa, junto ao poço de entre as vinhas, sem se aproveitarem della para nada.

Dà hum ladraõ destes tímidos em huma Alfanega, tira o miolo a duas caixas de açúcar, e não repara em derreter huma duzia dellas com agua que lhes botou por cima, para que se cuide, que o mesmo caminho levarãõ as duas, cuja substancia elle encaminhou para sua casa, e que as humidades do mar, e do sitio obraraõ abuelle mão recado. Tira hum marinheiro dous almuques de vinho de huma pipa, e para que não se finta a falta, bota-lhe outro tanto de agua salgada, e faz isto mesmo a vinte, ou a trinta, porque assim se foy brindando, e a seus companheiros toda a viagem; e não repara no damno, que deu de mais de quatro mil cruzados, por poucos almu-

almudes, de que se aproveitou, porque no fim tudo se achou corrupto. Da mesma covardia nasce não reparar hum ladrao destes tímidos, em fazer rachas hum escritorio de madre pérola, que val mais que o recheyo, quando não póde levar tudo debaixo do braço; nem em pôr fogo a huma casa, para que se cuide, que se foy no incendio a pessa rica, com que elle se foy para sua casa, &c.

O remedio singular, que ha para todos estes, he a forza, porque como saõ tímidos, só o medo della os póde enfrear: e se a nenhum se perdoar, todos andarão compostos, como lá disse hum Poeta: *Oderunt peccare mali formidine pœnæ*. E huma Rainha de Portugal dizia, que taõ bem parecia o ladrao na forza, como o Sacerdote no Altar. Ainda que eu não sou de opiniao, que se enforcem homens valentes, quando ha outros castigos taõ rigorosos como a forza, quaes saõ os degredos para as conquistas, onde podem ser de prestimo: e em seu lugar discutiremos melhor este ponto, quando tratamos das tesouras, com que se cortaõ todas as unhas. Agora só digo, que havendo-se de enforçar alguns, sejaõ os tímidos, covardes, gente inutil, que bastarãõ para documento, e freyo, que sustente em regra os mais.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O XXV.

*Dos que furtaõ com unhas disfarçadas.*

**O**S Padres da Companhia de Jesus crearaõ no seu Convento de Coimbra hum gato taõ déstro no seu officio de caçar , que até as aves do ar sujeitava à jurisdicão das suas unhas. Este como se tivera o discurso, que os Filozofos negaõ a animaes , que carecem de entendimento, revolvia-se em lama , e com ella fresca dava comfigo no guarnel do paõ , e espojando-se nelle levava pegado na lama , e entre as unhas quanto podia , e deitava-se ao Sol como morto , até que os pardais acodiaõ aos grãos de trigo , que lhes offerencia por esta arte : e como os sentia de geito, tirava o disfarce ás unhas de repente , e agarrava hum , ou dous , com que se fazia prato todos os dias regalando a vida , como corpo de Rey com aves de penna. Tres disfarces se notaõ aqui ; hum da lama , com que se vendia pelo que não era ; outro da dissimulaçãõ de morto , com que armava a tirar vidas ; e outro da iguaria , que offerencia às aves , para fazer dellas vianda. Traça he esta muito ordinaria em caçadores , e pescadores , que disfarçaõ o anzol , e o laço para assegurarem a preza á sua vontade. E os ladroens por estes modos disfarçaõ tambem as unhas para o mesmo intento , e para se assegurarem a si , que isso tem de tímidas : e até as mais temidas , e affoutas buscaõ  
disfar-

disfarces, para evitarem pejos, e escandalos. E vimos a concluir, que não ha ladraõ, que se não disfarce para furtar; porque até os mais descarados, que salteão nas charruecas, cobrem o rosto com mascaras, e rebuços: e os de capa preta, que no poveado nos salteão, se não cobrem a cara com carapucas de rebuço, ao menos o disfarçãõ com mil mascaras, de que usãõ, cores, e capas, que tomãõ para encobrirem sua maldade, e fazerem a sua boa.

Chega o pertendente ao Ministro, por cujas mãos sabe, que correm os despachos de certo officio, ou beneficio, que pertende; e fazem hum concerto entre si, que perderá o Ministro duzentos mil reis, se não lhe houver o officio; e que lhe dará o pertendente cem mil reis, se lho alcançar: asseguraõ-se com escritos, que se passãõ de parte á parte, cuja letra, ou solfa, nem eu a sey descantar, nem o diabo lhe entende o compasso: e com este disfarce acreditaõ seus primores, e encobrem os barrancos, que se seguem; e o que he simonia, usura, ou furto mero, taes enfeites lhe poem, que parece virtude. E com dizerem, que se arriscaõ a perder mais nos duzentos, gualdripaõ os cento, a que chamamos menos, e ficaõ muito serenos na consciencia, pela regra dos contratos onerosos; como se no seu houvera algum risco, quando elles tem todo o jogo na sua maõ, e baralhaõ as cartas, e fazem o que querem *à dextris, e à sinistris*.

Senhor, diz o outro, eu darey a v. m. huma Quinta, que tenho muito boa, e dizima  
a Deos,

a Deos , ou a Vossa Senhoria ( que tambem entraõ Senhorias nisto ) ja que he omnipotente na Corte , se me livrar de huma tormenta de accusaçõens , que actualmente chovem sobre mim , em que me arrisco a sahir conficcado , ou com a cabeça menos. Sou contente , responde o Ministro ; mas ha-me Vossa Mercê de fazer huma escritura de venda , em que confesse , que lhe comprey a tal Quinta com dinheiro de contado. Feita a escritura , toma com ella posse da propriedade ; e mette velas , e remos , para livrar o donatario ; e não descança , até o pôr em gemeas escoimado , e limpo , como huma prata. E porque não ha couza occulta , que tarde , ou cedo , se não revéle , e os murmuradores tudo deslindaõ , veyo-se a descobrir o feito , e o por fazer na materia : chegaraõ accusaçõens , a quem puxeu pelo ponto : deraõ-lhe logo com a escritura nas barbas : fizeraõ mentirosos os zeladores , e ficaraõ-se rindo ; se não he que ficou chorando , o que perdeu a Quinta , por ver quaõ caro lhe custou o disfarce da escritura , com que o seu valido capeou o conleyo. Outros com hum ságuate de nonada , com hum açafate de figos disfarçaõ fidelidade , para confiardes delles cem dobroens emprestados , que vos pagaõ com mil figas. Do zelo , e serviço delRey fazem luvas , que encobrem unhas , que agarraõ emolumentos grossissimos dos bens da Coroa. Estou-me rindo , quando os vejo fervorosos , e diligentes no manéo da fazenda Real : não dormem , nem comem , antes se comem com o cuidado , e diligencia,

gencia , que mostraõ em tudo , naõ perdoando a trabalho ; e eu estou cá comigo dizendo : assim tu barbes , como tu tens mais amor ao proveito delRey , que a ti meímo : que tens tu amor á fazenda delRey , eu o creyo , e que lhe armas algum bom lanço para ti capeado com elles merecimentos. Quem introduzio cambios no mundo , disfarce inventou para palear usuras , quando passaõ dos limites : e pratica de remir vexaçoens com peitas nas pertençaens de beneficios , capehe , com que se disfarçaõ simonías. Mudaõ os nomes às couzas , para enganarem remorffos. Desmentem humas maquinas com outras : architectaõ castellos de vento , para renderem à força da consciencia , e zombarem do preceito : *Sed Dominus non irridetur.*

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XXI.

*Dos que furtaõ com unhas maliciosas.*

**A**S unhas disfarçadas muito cheiraõ a maliciosas , mas tem estas de mais , que aquellas hum grande palmo , se naõ he covado : e por isso lhe damos particular Capitulo. Naõ ha furto sem malicia , nem peccado sem malicia ; donde se colhe , que se o furto he peccaminoso , tambem ha de ser malicioso : e porque em tudo ha mais , e menos , poremos aqui os de mayor malicia. Por taes tenho os que escondem , e repre-

prezaõ o paõ , para que naõ se veja abundancia , e appareça a carestia , e suba o preço . O mesmo fazem os mercadores com sedas , e pannos : mostraõ-vos só huma pessa da cór , ou lote , que buscais , e juraõ-vos por esta alma , ponde a maõ na dos botoens da roupeta , que naõ ha em toda a rua Nova mais que este retalho , e affirmo lo talhaõ pelo preço , que querem ; e em gastando aquelle , apparece logo outro , e outro cento delles : como ramo da Sibylla de Eneas , que quanto mais nelle cortavaõ , tanto mais renascia cada vez mais formoso . Mas que muito que façaõ isto na rua Nova , quando até os que naõ professaõ a ley velha , fazem o mesmo nas carnes , vinhos , e azeites , que vem vender a Lisboa : vem trazendo tudo aos poucos , porque se o trazem junto , ha abundancia , e em a havendo abatem os preços : e para que subaõ , e enchaõ bem as bolças com affolaçaõ do povo , ajudaõ-se da malicia , que esta descoberta , e serà remedida , se se der por perdida toda a fazenda , que andar retida , e atraveçada com semelhantes estanques .

Arrendastes huma vinha por hum anno , puxastes por ella na póda , e fizestes-lhe dar para vós , o que havia de dar no anno seguinte , e furtaastes com unhas maliciosas ao proprietario a substancia de hum anno , e póde ser que de muitos . Em Béja vi huma estalajadeira comprar por dez reis duas cóves murcianas ; lançou-as em huma tigela com dous pimentocens bem pizados , e outros dez reis de azeite , deu-lhe duas fevuras ,  
e sem

e sem se erguer de hum tanho , fez trinta pratos, a vintem caia hum , com que banqueteu hospedes , e almocreves , que se deraõ por bem servidos : mas mais bem servida ficou a malicia da hospeda , que com hum vintem , que dispendeo, interessou seis tostoens , que embolçou. Não sey se diga , que se estende tambem a malicia destas unhas a crime *lese majestatis* , quando chegaõ a tanto atrevimento , que fazem , e vendem cartas , e provisoens falsas , com firmas , e sellos Reaes? Hum freguez destes conheci no Limoeiro por fazer moeda falsa , e cercear a verdadeira : pedio-me lhe houvesse hum pequeno de chumbo em segredo ; e sabida a couza , tratava de livrar-se appellando para outro foro : dizia que era Religioso de certa Ordem de Italia ; e já tinha armada a Patente , e só lhe faltava o sello , e queria o chumbo para fazer delle o finete.

Em materia de contratos ha tambem unhas muito maliciosas. Pedio em Evora Cidade hum lavrador , do termo a certo ricaço hum moyo de trigo fiado , para semear : sou contente , mas haveis-mo de pagar para o novo pelo mayor preço , que correr na praça todo este anno , e nisso ficaraõ com assento feito. Succedeo , que nunca sobio o trigo de trezentos e vinte : mas o Cidadãõ mandou pór na praça meyo moyo feu escolhido com ordem á vendedeira , que o não desse por menos de cinco tostoens : e para que não estivesse ás moscas , mandou logo seus confidentes com dinheiro , que para isso lhes deu , que comprassem todo aquelle trigo , como para si pelo

pelo preço , que a medideira pedisse : e assim recolheu outra vez para sua casa o seu pão , e o seu dinheiro , e tomou testemunhas de como se vendera toda aquella semana a quinhentos reis na praça. Veyo o lavrador a seu tempo pagar pontualmente a razão de trezentos e vinte , que era o preço verdadeiro : sahio-lhe o seu acreedor defoslayo com a tramoya ; convenceo-o em Juizo com as testemunhas , e fez-lho pagar a quinhentos , em que lhe péz. E ainda fez mais , que não tendo o lavrador dinheiro , lhe tomou o preço da divida em trigo , que então valia a dous tostoens : e tudo bem somado veyo a fazer a quantia de dous moyos e meyo , que recolheu em boa satisfação do moyo , que tinha emprestado havia poucos mezes.

Quasi semelhante a este he outro contrato , que vi fazer muitas vezes no Reyno do Algarve : Vem os lavradores da Serra às Cidades prover-se do que lhes he necessario dos mercadores , que lhes daõ tudo fiado até às colleitas do figo , e passa , mas com tres encargos muito onerosos. Primeiro , que lhes encaxaõ , o que levaõ da loge , pelo mais alto preço a titulo de fiado. Segundo , que haõ de pagar em passa , e figo avaliando-o pelo mais baixo a titulo do beneficio , que receberaõ , quando lhes gastaraõ as mercadorias , que lhes apodreciaõ em casa. Terceiro , que lhes haõ de pòr tudo na Cidade à sua custa. Mais malicioza està outra onzena , que vi exercitar na Ilha da Madeira. Embarcaõ-se alli muitos passageiros para o Brasil , e os que não tem cabedal para se

aviarem de matalotagem, e outros aprestos, pedem aos mercadores dinheiro emprestado a responder com açúcar. Respondeo hum: vendo pannos, não empresto o dinheiro, com que trato: se v. m. quer panno fiado darlho-hey, buscará quem lho compre, e fará seu negocio com o dinheiro, de que necessita. Seja como v. m. quizer: ouro he, o que ouro val, e por ser fiado, talhoulhe o preço por cima das gavias: e feita a compra, de que havia de fazer os cincoenta mil reis revendendo-a, ajuntou o mercador: para que v. m. se não canse com hir mais longe, eu lhe comprarey esse panno pelo preço, que o costume comprar em Londres, e contarlhe-hey logo o dinheiro, que he outro beneficio estimavel, e abateo-lhe em cada covado mais, do que lhe tinha levantado na venda; e pagou-se logo do cambio, que havia de vencer naquelle anno o seu emprestimo, para ficar livre daquelle cuidado, e assegurou o capital com boa fiança; e ficaraõ custando ao passageiro os cincoenta mil reis mais de cento: e o mercador interessando na correspondencia, e revenda do açúcar, com que do Brasil lhe pagou mais de duzentos; e a isto chamo eu malicia refinada mais que açúcar em ponto.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XXVII.

*Dos que furtaõ com unhas maliciosas.*

**G**Rande malicia he a das unhas, que agora tocamos; mas ainda ha outras mais maliciosas.

fas. Se houvesse contratador , que tivesse pe-  
zoz grandes para comprar , e pequenos para ven-  
der , e todos marcados pela Camera , não ha du-  
vida , que o poderiamos marcar por ladraõ de  
unhas mais que maliciosas ; e para que não se te-  
nha isto por impossivel entre gente de vergonha ,  
conheci hum não longe de Thomar , que tomava  
muita fazenda ás partes com dous alqueires que ti-  
nha ; hum grande , com que comprava , e outro  
pequeno , com que vendia. Em varas , e covados  
ha muito que vigiar nesta parte , e nisto de me-  
dir , e pezar , são alguns taõ céstros , que ar-  
remecendo na balança o que pezaõ de pancada , e  
dando hum solavanco na medida , ou apertando  
mais , e menos a razoura , e estirando a pessa com  
o covado , e vara , defraudaõ as partes em boa  
quantidade , com bem má consciencia.

Peço licença ao nosso Reyno de Portugal  
para escrever aqui a mais detestavel malicia , que  
ha ; nem pôde haver entre Turcos , quanto  
mais entre Catholicos , e Portuguezes ; a qual  
por ser publica , e notoria , a ninguem fará ef-  
candalo referilla. Nem eu créra , se me não con-  
stara já por muitas vias : e a primeira foy em  
Barcellos , aonde fuy de Braga ha muitos annos  
ver as Cruzes , que milagrosamente apparecem  
em hum campo nos dias da Santa Cruz , assim de  
Mayo , como de Setembro , e festa feira de En-  
doenças. A ver esta maravilha veyo tambem de  
Vianna Joaõ Daranton Inglez Catholico , do qual  
me contaraõ , que enfadado da fortuna , que o  
perseguiu com grandes perdas , se embarcára pa-

ra o Brasil com sua mulher , e quatro filhos , e todo o cabedal , que tinha , que sempre chegaria a dez mil cruzados. O Piloto do navio com seus adjuntos , Mestre , e marinheiros confidentes deraõ com as fazendas da partes em suas casas desembarcando-as de noite secretamente. Deraõ à vela , e deixaraõ-se andar mais de oito dias pela cósta com naõ sey que achaques , sem acabarem de se fazerem ao alto , atè que os passageiros entraraõ em suspeitas , que buscavaõ piratas para se entregarem , e os requereraõ apertadamente que fizessem sua viagem. Deraõ entaõ com o navio á cósta á meya noite , que he o segundo remedio , que tem para se escoimarem dos furtos , quando naõ achaõ ladroens que os roubem. O navio se fez em dous com a primeira pancada : a gente do mar se afogou quasi toda com o Piloto ; e só Joaõ Daranton se salvou com toda sua familia por justo juizo de Deos , para dar nas casas dos mareantes , onde achou sua fazenda. E tenho-vos descoberta a maranha , irmaõ Leitor , e assim passa na verdade ; e assim costumaõ fazer este salto homens do mar neste Reyno , no Brasil , na India , e em todas nossas Conquistas , com afronta grandissima da nossa Naçaõ , encargo irremediavel de suas consciencias , e escandalo atroz de estrangeiros ; que com serem ladroens por natureza , profissaõ , e arte , naõ sabemos , que usem de taõ horrenda , e detestavel malicia , e modo de furtar.

Estando eu na Ilha da Madeira , chegou á vista huma Urcaça de S. Thomé , a qual se dei-

XOU

xou andar tres, ou quatro dias barlaventeando; sem tomar o porto, até que o Governador, que entaõ era o Bispo D. Jeronymo Fernando, a mandou reconhecer, e notificar que entrasse, como entrou em que lhe pez; e sabida a causa pelo aranzel da carga, constou que lhe faltavaõ as mais das drogas, que tinha deixado, onde lhe serviaõ mais que na Urca; e porisso buscava mais os piratas, que o porto, para se entregar, e ter descarga, que dar aos cõrrespondentes, se lhe pedissem a carga: porque satisfaz hum destes a todos com dizer, e mostrar que foy roubado: o seu ganho mayor consiste na mayor perda; roubaõ mais, quando saõ roubados: e quando daõ á costa, e fazem naufragio, trazem mais fazenda para si a salvamento. O que mais me affombra, e deixa estupidos todos os meus sentidos, e potencias, he ver que naõ repara hum destes labizomes em dar com huma naõ da India a travèz, e affogar dous, ou tres milhoens delRey, e das partes, pelo interesse de quinze, ou vinte mil cruzados, que poz em polvorosa.

He a maldade destas unhas maliciosas mais detestavel, quando toca no bem cõmum, e da Corea, que nos conserva, e sustenta a todos. Naõ sey se o sonhey, ou se mo contou pessoa fidedigna: caso he que me affombra! Valha o que valer: se naõ succedeo, servira de documento, para que naõ aconteça. Poderia ser affim: Que hum Ministro, que tinha por officio pagar quarteis de juros, e tenças a todo o mundo, foy sonegando muito a titulo de naõ haver

dinheiro ; e em poucos annos com esta , e outras  
 industrias tão maliciosas , como esta , ajuntou mais  
 de cem mil cruzados , de que deu oitenta mil a  
 ElRey nosso Senhor , gabando-se que os poupara  
 aos poucos , e que eraõ frutos ( melhor dissera  
 furtos ) da pontualidade , e primor , que guar-  
 dava em seu Real servirço. Estimou Sua Magesta-  
 de o lanço , tendo-o por legitimo ; tanto , que lhe  
 deu por elle huma cõmoda de cem mil reis. No  
 cabo de sua velhice apertou com elle o escrupulo ,  
 e tratando de sua salvação , se foy à Mesa da Fa-  
 zenda , e disse que devia mais à sua alma , que  
 a seu corpo ; e que para descargo de sua conscien-  
 cia declarava alli , que toda , quanta fazenda ti-  
 nha , era furtada dos bens da Coroa , e das tenças,  
 e juros de todo o Reyno ; que mandassem logo  
 tomar posse de tudo em nome de Sua Magestade.  
 Tinha este hum filho , que já servia o mesimo of-  
 ficio do pay , e lograva a fazenda , que era mui-  
 ta. Sabendo o que passava , põem em pés de  
 verdade , que seu pay estava doudo : prendeo-o em  
 casa , amarrou-o com huma cadeya , sem o deixar  
 fallar com gente , e tal trato lhe deo , que era  
 bastante , para lhe dar volta o miolo ; e com esta  
 arte evitou a restituição , que o pay queria fazer a  
 ElRey , e às partes , do que maliciosamente tinha  
 furtado. Digão-me agora os zelosos sabios , que  
 isto tiveraõ por doudice , prescindindo della :  
 quaes foraõ mais maliciosas , as unhas do pay ,  
 que ajuntou tanta fazenda para o filho , ou as  
 unhas do filho , que impediraõ a restituição do  
 pay ? Venha o dêmo á escolha , taes me parecem  
 humas ,

humas, como as outras; e por taes tivera as de quem sabendo isto, se o dissimulasse por respeito, que não cabem aqui.

Tres generos de gente abominavaõ os Romanos, assim no governo da paz, como no da guerra; ignorantes, maliciosos, e desgraçados. Ser hum Capitaõ, hum Piloto, e hum Ministro sabios, e venturosos, he grande couza, para conseguirem bom effeito suas emprezas: mas se com isso forem maliciosos, desdouraõ tudo; e dos que são tocados desta farna, se devem vigiar os Principes, Reys, e Monarcas, mais que de peste; porque nunca se vio peste, que levasse de coalho todo hum Reyno, ou Republica: e huma traizaõ forjada com maliciã degola de hum golpe todo hum Reyno, ou Imperio: e por serem taõ arriscadas as unhas maliciosas, se devem vigiar mais, que nenhuma outras; porque trocem todo o governo para seus intentos, deslumbrando os discursos do Principe com razoes paliadas, e empatando as execuçoens rectas com cores de mayor bem da Coroa: e bem examinado, he mayor damno; e se algum bem resulta, he para os particulares, que mechem a treta. Mil casos pudera tocar, que deixo, por não ferir a quem se poderã vingar rasgando esta folha, que no mais nada lhe temo; mas direy hum por todos, e seja o fomenos. Correo hum pleito mais de vinte annos neste Reyno, e na Curia de Roma entre a Mitra de Evora, e o Convento de Aviz, sobre os beneficios de Coruche, que são muito pingues, qual os havia de prover. Che-

gou Aviz a tomar posse : veyo Evora com força esbulhalo della : interpoz seu braço ElRey, como Graõ-Mestre, favorecendo Aviz, que lhe pertencia : acodio o zelo por parte de Evora : Senhor, veja Vossa Magestade o que faz ; porque a manhã quererá Vossa Magestade prover hum Infante neste Arcebispado, e será bom que ache nelle estes beneficios, para ter Sua Alteza que dar a seus criados. E melhor dissera : Senhor ficando estes beneficios em Aviz, são todos de Vossa Magestade, que os poderá prover em quem quizer, como Graõ-Mestre ; e ficando em Evora, são as vacancias de Roma oito mezes do anno pelas alternadas, e só quatro são de Evora ; e em Sé vacante he tudo de Roma, e de Evora nada : e assim sempre lhe fica melhor a Vossa Magestade serem os beneficios de Aviz. E esta he a verdade ; mas a malicia calla tudo isto, e só representa o que lhe arma para seu intento, palliando tudo com razoens affectadas, e sophisticas, até dar caça ao que pertende em favor da parte, que lhe toca, ou que o peita.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XXVIII.

*Dos que furtaõ com unhas descuidadas.*

**A** Té agora reprehendemos a malicia, e vigilancia de todas as unhas ; porque não ha furto sem malicia, nem malicia sem cautela. Donde

Donde se segue, que o ladraõ descuidado, ou não he ladraõ fino, ou anda arriscado a pagar a cada passo o capital, e as custas: com tudo torno a dizer, que ha unhas descuidadas, e que são peores, que as maliciosas, e muito vigilantes, nos damnos que causaõ. Tem obrigaçaõ, os que apréstaõ náos, e armadas, de as proverem muito bem de tudo em abundancia; e elles descuidando-se das quantidades necessarias, cizaõ de tudo hum terço, se não for a ametade: dizem elles, que para ElRey: mas Deos sabe para quem, e nós tambem. Descuidaõ-se na eleição da qualidade das couzas; e até dos lugares, onde as devem arrumar, se descuidaõ. E resulta de tudo faltar o biscouto, e agua no meyo da viagem; porque acertaõ os tempos de a fazerem mais comprida; faltar polvora, bala, e corda na occasiaõ da melhor peleja; não se acharem as couzas, quando são necessarias, e serem ás vezes taes, que melhor fora não as haver, porque são corruptas, e de tal sorte, que causaõ mayores males, e doenças com seu uso. O mesmo succede nos medicamentos, de que não ha provimento por descuido, que mal se póde livrar de malicia crassa, e maldade supina: porque não ha Ministro taõ ignorante, que não saiba, que no mar se adoece; e que se morre, onde não ha remedio conveniente para o mal.

Outros descuidos, e esquecimentos ha muito geraes, e damninhos, que correm nas posses de fazendas, Mórgados, e Capellas, as quaes se tomaõ muitas vezes sem titulo legitimo, por

por estarem auzentes as partes , a quem pertenciaõ; ou porque puderaõ mais os que as tomaraõ: e remordendo-lhes a consciencia no principio , se deixaõ hir ao descuido , até que esquece o escrupulo ; e assim passa o esquecimento de filhos a netos. Muitas fazendas Reaes , e bens da Coroa andaõ desta maneira sonogados; tanto, que se se fizer hum exame geral de titulos , poucos haõ de apparecer cabaes; salvo se se acolherem á posse immemoravel , a qual naõ val contra Reys , porque tem privilegio de menores , e força de mayores; mas naõ usaõ della às vezes, por naõ inquietar seus Estados. Rendellos, e esbulhalos hum, e hum, facil couza seria; mas naõ se acabaria em cem annos a empreza: investillos todos juntos he perigoso; porque muitos unidos faraõ guerra a este mundo, e mais ao outro: e para se defenderem, naturalmente se ajuntaõ, ainda que sejaõ entre si contrarios. Peleja hum elefante com hum rinoceronte: acõmette-os hum leaõ na mayor força da batalha, e logo poem ambos de parte o odio, e se amigaõ em hum corpo, para resistirem ao mayor contrario; e tanto se esforçaõ, que o vencem com as forças unidas. Hum Rey de Castella mandou pedir a todos os Fidalgos, e Grandes dos seus Reynos todos os titulos, escrituras, e provisoens do que possuiaõ, porque por descuido dos tempos andavaõ muitas couzas destrahidas, e desanexadas da Coroa. Fizeraõ seu conselho, e louvaraõ-se todos no Duque do Infantado, que estavaõ pelo que elle respondesse: e respondeo, que mostrasse ElRey  
os

os titulos; com que possuía, quanto tinha de seu nos Reynos, e Estados, que governava: e que elles se obrigavaõ a mostrar outros titulos muito melhoeres do que possuíaõ. Ficou entendido o motim, e recolheo-se o decreto de Rey com boa ordenança por duas razões, que se deixaõ ver: Primeira, porque de dous males se deve escolher o menor: e menor mal achou, que era possuírem alguns, o que se lhes tolerava por descuido, ainda que naõ fosse seu, que dar occasiaõ a todos se perderem, e naõ ganhar a Coroa, nem o Reyno nada com isso. Segunda, porque se se examinarem bem os bens, que possuem os Reys, ninguem ha taõ arriscado a possuir o alheyo; porque a potencia os faz izentos, e a cobiça he cega, e amiga de embolçar, e tudo parece devido á mayor superioridade. Perigoso foy sempre bolir com o caõ que dorme: e porisso muitas vezes as couzas passaõ por alto até as sepultar o esquecimento: mas isso naõ tira ser furto, o que por esta via se arrastra. E estas saõ as unhas, que chamamos descuidadas; porque até quando mais lembradas, a avareza por huma parte, e o medo por outra, as poem em estado de descuidadas, e esquecidas: e assim fica tudo sem remedio.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XXIX.

*Dos que furtaõ com unhas irremediaveis.*

**D**igo que ha unhas irremediaveis, naõ porque admitta neste mundo demazia, que  
naõ

não tenha remedio para se emendar ; mas porque  
 muitas vezes não ha quem lho applique : e quan-  
 do as unhas crescem em mãos poderosas , são mui-  
 to más de cortar. Declararme-hey com huma pa-  
 rabola , que ainda que he ténue , tem muita sub-  
 stancia , para todos me entenderem. E he , que a  
 Republica dos ratos entrou em conselho , e fez  
 huma junta , sobre que remedio teriaõ para se ve-  
 rem livres das unhas do gato ? Presidio hum  
 arganáç de bom talento : affentaraõ-se por suas  
 antiguidades os adjuntos : votou o mais velho :  
 Mudemos de estancia ; vamo-nos para os Arma-  
 zens delRey , onde não ha gatos , e sobejaõ baf-  
 timento , biscouto arrodo , queijos a fatar ,  
 chacinas de toda a sorte : e onde muitos homens  
 de bem achaõ seu remedio , sem lhes custar mais  
 que tomallo ; tambem nós o acharemos , que  
 nos contentamos com menos. Enganais-vos ,  
 disse o Presidente , comer à custa delRey nunca  
 he barato , nem seguro ; porque quem a gali-  
 nha delRey come magra , gorda a paga ; e nos  
 seus Armazens ha unhas peores , que as dos  
 gatos , que nada lhe escapa. Votou o outro ; de-  
 via de ser alentado : Sou de parecer , que corte-  
 mos as unhas ao gato. Acodio o Presidente : Ca-  
 lay-vos là murganho : cortar-lhas-heis vós ? Não  
 dizeis nada ; porque logo lhes haõ de nascer ou-  
 tras mayores , e mais peçonhentas. Isto de unhas  
 faõ como enxertos de mato bravo ; faõ como or-  
 tigas , e tojos , que nascem sem que os semeem :  
 por mais unhas que corteis , nunca vos haveis de  
 ver livre de unhas. Vote outro. Levantou-se  
 entaõ

então hum de cauda larga muito reverendo, e disse: O meu voto he, que lancemos hum cascavel ao pescoço do gato; e assim sentiremos, quando vem, e pornos-hemos em cobro; como fazem os Tapuyas no Brasil, quando ouvem as cobras, que chamaõ de cascavel. Bellamente dizeis, acodio o Presidente; mas quem ha de lançar o cascavel ao gato? Lançarho-heis vós? Eu não, respondeo elle: nem eu, nem eu: Pois malhadeiros, se nenhum de vós ha de fazer, o que diz, para que me votais aqui couzas impossiveis? Não vedes, que nos destruiremos a nós, e á nossa Republica, se intentarmos cousas, que não pôdem ser, porque nos haõ de dar na cabeça todos effes remedios? E acabou-se a junta; e vêm a ser, que a mayor, e mais irremediavel ruina de huma Republica succede, quando os medicamentos, que applica para a vida, se lhe convertem em veneno para a morte, e isto he, quando os conselhos, que toma para se defender, disparaõ em maquinas para se destruir: e não cahe no erro, senaõ quando vé os effeitos despropositados nas forças gastadas com paradoxos, e no cabedal consumido em desvarios. E estas são as verdadeiras unhas irremediaveis; porque trazem a peçonha no remedio: e então mais irremediaveis, quando são incontrastaveis os Juizes, que meneaõ as perdas com applauso de ganancias.

Para eu me declarar ainda mais, e todo o mundo me entender melhor, vinha-me vontade de armar aqui hum Conselho de Estado, ou de Guerra, ou do que vós quizeides, para verdes  
o mal,

o mal, que nos resulta das unhas, que chamo irremediaveis; e quem me tolhe a mim agora fazer aqui hum conselho? Faça-se, e seja logo. Arrojem-se cadeiras para todos. Eya Senhores Conselheiros, assentem-se Vossas Senhorias por suas dignidades. Quanto saõ por todos? Dez, ou doze; melhor fora duzentos, ou trezentos? He isto aqui parlamento de Inglaterra? Onde se daõ tantas cabeçadas, por serem muitas as cabeças, que mereciaõ cortadas, por cortarem huma, que bastava. Naõ havemos mister tantos Conselheiros: bastaõ quatro, ou cinco: vaõ-se os mais para as suas Quintas, onde naõ lhes faltará que fazer em suas ganancias: e quem nos ha de presidir neste concelho? Isto está claro: ha de presidir a ley: qual ley; a do Reyno, ou a de Machavielo? Ainda ha memorias desse caõ! Vá-se presidir no Inferno. Sabeis vós quem he este perro? He o mais máo Herege, que vomitaraõ neste mundo as Furias de Babylonia: e com ser este, he de temer, que o trazem na algibeira mais de quatro, e mais de vinte e quatro. Naõ queremos, que nos presida a ley de taõ máo homem, que tem assolado, quantas Republicas o admittiraõ. A nossa ley, e Ordenaçã do Reyno he a melhor, que se sabe no mundo; ella he a que ha de presidir, e assim propoem para tratar tres couzas. Primeira, a fortificaçã desta Cidade de Lisboa. Segunda, o presidio das fronteiras. Terceira, o cômercio da além-mar. E quanto á primeira, diz o primeiro Conselheiro, que naõ havemos mister fortificaçã, onde estaõ nos-  
fos

fos peitos. Se o senhor Conselheiro, que tal vota, tivera o peito de bronze, tamanho como o campo de Alvalade, dizia muito bem, e duzentos peitos iaes bastavaõ para fortificar, e defender Lisboa, e o Reyno todo: mas he de temer, que não tomou nunca a medida a peitos mais que de perdizes, e galinhas, e que na occasiaõ se retire, ou vã calçar as esporas, para atar as cardas. Diga o segundo, como nos havemos de fortificar? Parece-me, diz elle, que tomemos todas as bocas das ruas com cestas. Tende mãõ, não vades por diante: cestos? Cheyos, ou vazios? Cheyos de terra. Melhor fora de uvas, teriaõ os soldados que comer. Só hum bem acho nesses vossos cestos, que não deixarãõ cursar os guarda infantes pelas ruas taõ livremente, como andaõ. Diga o terceiro: Sou de parecer, que nos cerquemos com trincheiras de faxina. Esperay: fortificamo-nos nós para dous dias, ou para muitos annos? Não vedes vós, que a primeira invernada ha de levar tudo isso de enxurrada, e que haveis de ficar á porta inferi. Diga o quarto: Digo que melhor he nada, e eu digo que boca, que sahe com nada, que a houveraõ de condemnar a que nunca entrasse por ella nada; e entãõ veria como lhe hia com nada. Ouçamos a quem perfide, o que lhe parece, e isso faremos. Parece-me, diz a ley, que a fortificaçaõ se faça de pedra, e cal, com muitos, e bons baluartes, e artilharia nelles, porque tudo o mais he impossivel defendernos. Oh como diz bem! Mas ha de ser á custa do publico, e não do particular, para ser possivel; e todos os mais

votos

votos são juízos occultos, que vão dar em roubos manifestos, e irremediáveis. Irremediáveis digo, porque os apoya o Conselho, de donde só podia fahir o remedio. E não obstante esta opiniaõ, que he a mais segura, accrescento, que fortificaçoens grandes, que demandaõ quinze, ou vinte mil homens de guarniçaõ, que mais barato he não se tratar dellas; porque posta essa gente em campo, faz hum exercito capaz de dar batalha, e alcançar victoria, e Portugal assim se defende sempre.

Vamos á segunda couza. Que presidio poderemos nas fronteiras? Vinte mil Portuguezes, diz o primeiro voto, e he o de todos. É de donde havemos nós de tirar vinte mil Portuguezes? Vem cá mão homem, não vés que se fizermos isso duas, ou tres vezes, que ficará o Reyno despovoado, e ermo? Quem ha de cultivar os campos? Quem ha de guardar os gados? Quem ha de trabalhar nas officinas de toda a Republica? E faltando isto, que has de comer, que has de vestir, e calçar? Que Naçaõ viste tu nunca, que fizeisse guerra só com os seus naturaes? Os mais guerreiros Reys do mundo se ajudaraõ de estrangeiros, que sempre são mais comparados connosco; porque lá não ha Frades, nem Freiras, e porisso são tantos como mosquitos, e acodem muito bem ao cheiro dos nossos ramos; e se morrem, não pomos capuzes por elles, nem deixaõ filhos, que peçaõ mercês. Trata-se aqui da conservação dos naturaes; e porisso elles fazem os gastos. De maneira, que quereis, que façaõ os gastos, e dem os filhos para ficarem sem fazendas,

das  
do  
atr  
fer  
tas  
do  
con  
cili  
Ca  
nio  
zav  
cifi  
os  
ra  
Ro  
ma  
vel  
do  
  
cõ  
ro  
tas  
nan  
raz  
fêr  
jeje  
naõ  
dêr  
he  
vo  
cer  
no

das, e sem herdeiros, e o Reyno extincto de tudo. Esse vosso voto está muito bom para darmos através com toda a Republica, mas para a conservarmos, e defendermos, he impossivel. Muitas Republicas depois de seus Capitaens, e Soldados serem vencidos, vencerão com estrangeiros; como os Calcidonentes com Brasidas; os Sicilianos com Gelippo, os Asianos com Lisandro, Callicrate, e Agathocles, Capitaens Lacedemonios. E se alguns Capitaens estrangeiros tyrannizavaõ as Republicas, que ajudaraõ, como os da citta Othomana, foy, porque não tiveraõ forças, os que os chamaraõ, para se defenderem delles: para evitar este inconveniente, não consentiaõ os Romanos, que os que os vinhaõ ajudar, fossem mais que elles; e para evitar hum mal irremediavel, ha-se de votar algum inconveniente, quando he menor, que o mal que se padece.

Vamos à terceira couza. Que me dizeis do comércio de além-mar? O primeiro Conselheiro diz, que não podemos com tantas conquistas, que larguemos algumas; como agora Pernambuco, porque: Atalhou o Presidente a razaõ, que hia dando: e perguntou-lhe muito sério: Almoçastes vós já? Pois havia de vir em jejum ao Conselho? Assim parece, e mais que não bebestes agua de neve. Hum conselho vos dera eu mais saudavel para vós, do que esse vosso he para nós: que vos guardeis dos rapazes, não vos apedrejem, se souberem que fostes de parecer que larguemos aos inimigos, o que nossos avós nos ganharaõ com tanta perda de seu sangue. Senhor,

nhor, tenho que dizer a isso, replicou o Confe-  
 lheiro. Calay-vos, não me insteis; que vos man-  
 darey lançar hum grilhaõ nessa lingua: bem sey  
 o que quereis dizer: não tendes que me vir aqui  
 com conveniencias de cortar hum braço, para  
 não perdermos a cabeça: são isso discursos velhos,  
 e caducos. A maxima das conveniencias he ter  
 maõ cada hum no que he seu até morrer, e não  
 largar a mãos lavadas, o que outrem nos ga-  
 nhou com ellas ensanguentadas. Sois muito ba-  
 charel: não me sejaes *Petrus in cunctis*; olhay que  
 vos farey *Joannes in vinculis*. Ide-vos logo por  
 aquella porta fóra. O' de fóra! Está ahi algum  
 porteiro? Chamai-me cà quatro archeiros, que  
 me dêm com este zeloté no Limoeiro, e vote o  
 segundo. O segundo diz, que se trate do que  
 haõ de trazer as náos, e frotas do Brasil, e In-  
 dia. Porque aqui não se trata (acodio o Presi-  
 dente) do que haõ de levar, senaõ do que haõ de  
 trazer; vem a trazer pouco mais de nada, e fal-  
 taõ là as forças para conservar o conquistado.  
 Levem, disse o terceiro, muito bacalháo, muito  
 vinho, azeite, e vinagre. Esperay: ides vós lá  
 fazer alguma celada, ou merenda? Ainda não  
 diffemos tudo, acodio o quarto. Levem muitos  
 soldados, farinhas, traparias, e muniçoens, e  
 isto basta. Aqui acodio a ley Presidente, dando  
 hum grito: Justiça de Deos sobre taes Confelei-  
 ros! Porque não dizeis todos, que levem Préga-  
 dores Evangelicos, que conquistem o Gentio  
 para Deos, e Deos vos darà logo todos os bens  
 temporaes dessas conquistas, que venhaõ para  
 vós:

vòs: *Querite primùm regnum Dei, & hæc omnia adjicientur vobis.* Matth. 6. Sentença he de eterna verdade, que estabaleçamos primeiro o Reyno de Christo, e logo ficará estabelecido o nosso Reyno, e tudo nos sobejarà. He Portugal patrimonio de Christo, que fundou este Reyno, para lhe propagar sua fé. E cança-se de balde, quem trata de suas conquistas por outro caminho: furtada a Deos, e ao Reyno o cabedal, quem emprega em outros intentos, que nunca haõ de ser bem succedidos, porque vaõ fóra dos eixos proprios, e do centro verdadeiro. Todos os remedios, que applicar, para indireitar as rodas da fortuna, haõ de servir de mayor despenhadeiro; e acabemos de cahir nisto, pois somos Christãos Catholicos: naõ desmintamos nossa propria profissãõ; e acabemos de entender, que de nós nasce o mal, e porisso naõ tem remedio; porque o estorva, quem lho houvera de dar. E já que as perdas saõ irremediaveis; porque nascem de Conselheiros, que tem por officio dar-lhes o remedio, e naõ ha outros, que emendem estes, e os melhorem; ponhamos aqui hum Capitulo, que nos descubra o segredo da abelha, e jarrete todas estas unhas.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O    X X X .

*Que taes devem ser os Conselheiros , e conselhos , para que unhas irremediaveis nos não damnifiquem.*

**H** Um Alvitrista , ou Estadista foy a Madrid , haverá vinte annos , e disse , que tinha achado hum remedio singular , para se dar fim brevemente ás guerras de Flandres com grande gloria de Castella. Estimou-se o alvitre , cõmo merecia : fez se huma junta de todos os Grandes , e Conselheiros ; para ouvirem o discurso do novo Apollo , que o recopilou em breves razoens ; e disse a todos sem nenhum empacho. Senhores , todos vemos muito bem , que não prevalece Espanha contra Hollanda huma hora , mais que a outra , hã tantos annos , e sabemos , que o nosso poder he mayor , que o seu : donde se colhe que todas as ventagens , que nos fazem , procedem , de que se sabem governar melhor que nós : pelo que eu era de parecer , que a Magestade delRey Philippe mande seus Conselheiros para Flandres , e que venhaõ os Conselheiros de Flandres para Espanha ; e logo tudo nos hirã vento em popa , e Hollanda de cabeça abaixo , e teraõ melhora as perdis irremediaveis , que nos assolaõ ; porque as obraõ os Conselhos , por cuja conta corre applicar-lhes o remedio. Assim passa , que o que assola as Republicas sem remedio , saõ os conselhos , quando erraõ.

Esta

Esta palavra *Conselho* tem dous sentidos ; hum material , e outro formal : no sentido material significa os Conselheiros juntos , e o Tribunal , em que se assentaõ : no formal he o voto de cada hum , e a resoluçaõ , que de todos se colhe : e vem a ser quatro couzas distinctas. Primeira , Conselheiros ; segunda , Tribunal ; terceira , o parecer de cada hum ; quarta , a resoluçaõ de todos. Digo logo de cada huma , o que releva.

*Que taes devem ser os Conselheiros.*

Q Uestaõ he , se ha de ter o Principe muitos Conselheiros , se hum só ? Hum só he arriscado a errar , mas que seja hum Architofoel. Ter hum valido , de quem se fie , para o ajudar , he prudencia , e he necessario. Os Papas tem seus *Nepotes* , e os Principes devem ter seus confidentes para cada materia ; como hum para a paz , outro para a guerra ; hum para a fazenda , outro para o trato de sua pessa , &c. E não seja hum só para tudo , porque não pôde assistir a tantas couzas , nem comprehendelas : e sendo varios , estimulaõ-se com a emulaçaõ a fazer cada qual sua obrigaçaõ por excellencia. Os Conselheiros devem ser muitos sobre cada materia , porque huns alcançaõ , e suppiem o a que não chegaõ os outros ; mas não sejaõ tantos , que se confundão , e perturbem as resoluçoens ; quatro até cinco bastaõ. Outra questaõ he , se devem ser os Conselheiros letrados , se idiotas ; isto he , de capa , e espada ? Huns dizem , que os letrados ,

com o muito, que sabem, duvidaõ em tudo, e nada resolvem; e que os idiotas com a experiencia sem especulaçoens daõ logo no que convém. Outros tem para si, que as letras daõ luz a tudo, e que a ignorancia está fugeita a erros: e eu digo, que não seja tudo letrados, nem tudo idiotas: haja letrados Theologos, e Juristas, para que não se cõmettaõ erros: e haja idiotas, que com a sua astucia, sagacidade, e experiencia descubraõ as couzas, e dêem expediente a tudo. Poucas vezes acontece, que concorraõ na mesma pessoa engenho para discorrer sobre o que se consulta, e juizo para obrar, o que na consulta se determina: muitos são de fraco juizo consultados, mas para executar, o que se resolve, são destrissimos. Muitos excedem na agudeza dos pareceres que daõ, mas na execuçaõ delles são tão inefficazes, que os perdem. E porisso digo, que he melhor terem todos lugar no Conselho, para se ajudarem, e supprirem huns aos outros, e ficar tudo bom.

Outra questaõ se segue a esta (dado que não póde neste mundo tudo ser perfeito, e cabal, porque não ha, quem não tenha seu pé de pavaõ) se he melhor para a Republica ser o Principe bom, e os Conselheiros máos; ou serem os Conselheiros bons, e o Principe máo? Se o Principe se governar por seus Conselheiros, diz Elio Lampridio, que pouco vay em que o Principe seja máo, se os Conselheiros forem bons; porque mais depressa se faz bom hum máo com o exemplo de muitos bons, que muitos máos bons com o exemplo, e conselho de hum bom: e como a  
 reso-

resolução, que se segue, he dos bons, tudo fica bom. Mas se o Principe governar sem respeito aos Conselheiros, melhor he ser o Principe bom, ainda que os Conselheiros sejaõ maõs; porque o exemplo do Principe tem mais força para reduzir à sua imitação, os que o servem; e como diz Plataõ, e refere Tullio, quaes saõ os Principes, taes saõ os vassallos: se o Principe he virtuoso, todos trabalhaõ por serem virtuosos; e se he vicioso, todos se daõ ao vicio. Quando o Principe he Poeta, todos fazem trovas: quando he guerreiro, todos trataõ de armas: por monstro se tem em huma Corte haver, quem faça, ou diga couza, de que o Principe não goste. E dado, que os Conselheiros não se refõrmem com o exemplo do Principe, nem sejaõ quaes pede a razaõ, para isso tem o Principe o poder na escolha dos fugeitos, não se limitando aos que o cercaõ, senão estendendo o conhecimento até os mais remotos; e lançando maõ dos mais aptos. E para isso devem os Principes considerar, que da bondade de seus Conselheiros depende a sua fama, honra, e proveito de seus povos. Se o Principe erra na escolha dos Conselheiros, perde a sua reputação, e podemos presumir, que errará em tudo. De ter bons Conselheiros, se segue bom successo em suas empresas, bom nome em suas obras, e grande reputação com os estrangeiros; dos quaes terá venerado, e temido, assim como amado, e obedecido dos seus. E para que o Principe possa acertar na escolha dos Conselheiros, digo em duas palavras as suas qualidades, de que os Au-

tores ; e Estadistas fazem grandes volumes.

O Conselheiro ha de ser prudente , e secreto ; sabio , e velho , amigo , e sem vicios : não cabegudo , nem temerario , nem furioso. Quatro inimigas tem a prudencia. Primeira , Precipitação , segunda Paixão , terceira , Obstinção , quarta , Vaidade : a primeira arrisca , a segunda cega , a terceira fecha a porta á razão , a quarta tudo tífna. Tres inimigos tem o segredo ; Bicho , Venus , e o Interesse. O primeiro o descobre , o segundo o rende , o terceiro o arrasta. E perdido o segredo do governo , perde-se a Republica. A sabedoria , e velhice se ajudam muito , esta com a experiencia , e aquella com o estudo ; com tanto , que a velhice não seja caduca , e a sabedoria inutil. Se for amigo do Principe , e da Republica , tratará do bem cômum , e não do particular , em que consiste a maxima da mayor virtude , que deve professar hum Conselheiro , com que extinguirá todos os vicios , que o podem deslustrar. E para assegurar este ponto , devem os Principes acautelar-se de pessoas , que tenham aggravado ; por mais talentos que tenham , não fíem delles os postos , em que podem ter occasião de se vingarem : Platao diz , que os Conselheiros haõ de estar livres de odio , e amor. Virgilio canta , que o amor , e a ira derrubão o entendimento. Salustio escreve , que devem estar apartados de amizade , ira , e misericordia ; porque aonde a vontade se inclina , alli se applica o engenho , e a razão nada pòde. Cornelio Tacito tem , que o medo desbarata todo bom governo , e conselho.

lho. Carlos V. queria, que deixassem à porta do Conselho a dissimulação, e o respeito. Thucydides, que entendaõ a materia, em que votaõ; que não se deixem corromper com peitas, e que saibão propor os negocios com graça, e destreza. Innocencio III. quer que saibão tres couzas. Primeira, se o que se consulta, he licito segundo justiça. Segunda, se he decente segundo honestidade. Terceira, se cumpre segundo Direito. E assim votarão sem temor de respeitos, que os possuão encontrar: porque, como diz Santo Agostinho, melhor he padecer por dizer verdade, que receber mercês por lisongeas: e he conselho de Christo, que temamos a perda da alma, e não a do corpo.

Devem ter os Conselheiros todos [seus bens nas terras do Principe, a quem servem, e todas suas espetanças póstas nelle; e o Principe não deve manifestar sua opiniaõ, para votarem livres. E póstos nesta liberdade, não sejaõ faceis de variar no parecer, nem afferrados ao que deraõ: movaõ-se por razãõ: porque não muda, nem varia conselho, diz Tullio, quem o varia, e muda para escolher o melhor. Covardes ha, para que não lhes chamemos traydores, que capeaõ sua mã tençaõ no conselho com astucias, que nuaca lhes faltaõ, encobriendo sua natural fraqueza, que nelles póde sempre mais, que a razãõ, e que a experiencia; que muitas vezes lhes mostra, que não tiveraõ causas para temer, e que lhes sobejou má vontade para enganar, e porisso variaõ. Livrar-se ha destes o Principe, se

os vigiar, não lhes admittindo o conselho para effectuar couzas illicitas; nem meynos illicitos, para conseguir couzas licitas: e assim he, que nesta pedra de toque vão sempre esbarrar seus quilates. Alguns Autores querem que os Conselheiros saibão muitas linguas, ou pelo menos as dos povos, que o seu Principe governa, ou tem por aliados, e amigos; porque corre perigo descobrirem os interpretes o segredo, ou declararem mal as Embayxadas. Pedro Galatino diz, que eraõ obrigados os Juizes de Israel a saberem setenta linguas, para não fallarem por interprete aos que diante delles litigavaõ. Devem ter lição das historias, e corrido muitas terras, e Naçoens; saber as forças do seu Principe, de seus vizinhos, amigos, e inimigos. Sejaõ liberaes, porque o povo paga-se muito desta virtude, e a ama, e a adora: o avarento sempre he aborrecido, e por acodir á sua cobiça tudo faz venal. Favoreçaõ os que o merecem, sem que lho peçaõ: tenhaõ a porta aberta para ouvir a todos, sem escandalizar com palavras, nem dar occasião de desesperarem as partes. E finalmente seja o Conselheiro bom Christaõ, e terá todos os requisitos; porque a pureza da Religiaõ Christãa Catholica não permite vicio, que não emende.

*Tribunal como, e que tal.*

**A** Ristoteles no lib. 1. da sua Rhetorica diz, que toda a Republica para ser bem governada deve ter cinco Tribunaes. Primeiro da Fazenda

da publica, e particular. Segundo da Paz. Terceiro da Guerra. Quarto do Provimento. Quinto da Justiça. E nesta parte estamos melhor que a Republica de Aristoteles; porq̃ temos doze Tribunaes, que bem examinados, se reduzem aos cinco apontados. Para o primeiro da Fazenda publica, e particular, temos dous; hum se chama tambem da Fazenda, e outro he o Juizo do Civel com sua Relação, para onde se apella, e agrava. Para o segundo da Paz temos cinco, tres delles para o sagrado, e saõ o Santo Officio, o do Ordinario, e o da Consciencia; e dous para o profano, que saõ a Mesa do Paço, e a Casa da Supplicação. Para o terceiro da Guerra temos dous; hum que se chama tambem da Guerra, e outros Ultramarino. Para o quarto do Provimento temos outros dous; hum he o da Camera, e outro o dos tres Estados. E para o quinto da Justiça temos outros dous, que já ficaõ tocados, e saõ a Mesa do Paço, e a Relação. E para melhor dizer, todos os Tribunaes tiraõ a hum ponto de se administrar justiça às partes. E finalmente sobre todos hum, que os comprehende todos, e he o do Estado.

Os Romanos tinhaõ hum Templo dedicada à Deidade do Conselho, e era escuro, para denotar, que os conselhos devem ser secretos, e que ninguem deve ver, nem entender de fóra, o que se trata nelles. Licurgo não peimittia em Lacedemonia, que fossem magnificas, nem sumptuosas as casas, em que se faziaõ os conselhos, e punhaõ os Tribunaes, para que não se diventissem,

nem

nem ensoberbeceſſem os Conſelheiros. E até neſta parte ſe acõmoda Portugal muito aos antigos: e por credito ſeu não digo, o que me parecem os apoſentos, em que arma os ſeus Tribunaes. Em outras couzas tomaramos que imitara os antigos, como no magnifico, e grandioſo de obras publicas, fontes, pontes, torres, pyramides, columnas, obeliſcos, e outras, maquinas, com que ſe ennobrece as terras, e ſe affamaraõ Gregos, e Romanos. E em Lisboa; Promontorio mayor, e melhor do mundo, não haver huma obra publica, que leve os olhos! Se em minha mão eſtivera, já tivera levantadas columnas mais mageſtoſas, que as de Trajanos, e Agulhas mais grandioſas, que a de Xiſto; humas de marmores, e outras de jaſpes, que nos ſobejaõ; taõ altas, que vençaõ os montes, e cheguem ás nuvens, e ſe vejaõ até dos mares; e fobre ellas as Eſtatuas del-Rey noſſo Senhor D. Joaõ o IV. e da Senhora Rainha, e do Sereniſſimo Principe ſeu filho, que encheſſem, e authoriſſem com ſuas Reaes Mageſtades os terreiros, Rocíos, e praças, para eterna memoria, e gloria da felicidade, com que dominaraõ eſte Reyno, e nos livraraõ do jugo de Caſtella ſem arrancar eſpada, nem dar moſtras de acçaõ violenta, como rayos, que obraõ ſeu effeito, antes que ſe ouça o trovaõ. Nem feriaõ iſto gastos ſuperfluos, quando o credito, e admiraçaõ, que delles reſulta, cauſaõ nas Naçoens eſtranhas aſſombro, e reſpeito, com que ſe enfreaõ, conſiderando, que quem tem poſſes, e magnanimidade para couzas taõ grandioſas  
na

na paz , tambem as terá , para as que são mais necessárias na guerra. Mas elles vêm , que não temos hum Caes , que preste ; que não ha hum Mole em nossos portos , nem fortificação acabada em nossas fronteiras ; perdem o conceito , que deverião ter de nós , e tomaõ orgulhos , e audacias , para nos fazerem das suas , confiados mais em nosso descuido , e desalinho , que em seu poder. De donde vem isto ? He que não ha quem cure do publico : e porisso já não me espanto do pouco apparato , e lustre dos nossos Tribunaes , que correm nesta parte a fortuna das obras publicas. E só hum bco tem , que he estarem quasi todos juntos dentro de hum pateo , com que ficão menos trabalhosos os requerimentos das partes , para forrarem de tempo , e passadas na busca dos Ministros ; que tambem fora bom viverem arruados todos , e não tão espalhados , e remotos huns dos outros , que fará muito hum requerente muito ligeiro , se der caça a dous , ou tres no mesmo dia , para lhes lembrar o seu negocio. Ao bem de estarem juntos os nossos Tribunaes , se devera ajuntar outro de serem comunicaveis por dentro com o Paço Real ; de sorte , que pudesse ElRey nosso Senhor sem ter visto , nem sentido , ver , e ouvir o que nos Tribunaes se obra. O Emperador dos Turcos tem humma gelosia coberta com hum sendal verde , por onde vé , e ouve tudo , quanto os Baxás fazem , e dizem , quando se ajuntão em conselho ; os quaes só com cuidarem , que os estará espreitando o seu Rey , administram justiça , e não gastaõ  
o tem-

o tempo em praticas , que naõ pertencem ao ser-  
viço de seu Senhor , ou ao bem publico.

Em conclusãõ : as Republicas ricas devem  
mostrar sua grandeza na magestade de seus Tribu-  
naes com casas amplas de frontispicios magnificos ,  
e bem gurnecidos por dentro , claras , e sump-  
tuozas ; porque a excellencia dos apparatus exte-  
riores esperta no interior dos animos espiritos gran-  
dizos , e resoluçoens alentadas : alojamentos hu-  
mildes acanhaõ os brios , embotaõ os discursos , e  
atè nos intentos generosos lançaõ grilhoens , e  
algemas. Tamara lib. 1. cap. 7. dos costumes das  
gentes diz , que havia em França antigamente  
hum costume , que eu naõ posso crer , que o  
Conselheiro , que acodia muito tarde ao conselho,  
tinha pena de morte , a qual logo se executava.  
E que se algum se desentoava , ou fazia arroidos  
no Tribunal , lhe cortavaõ o topéte. Deviaõ de  
tomar isto dos Grous , que quando se ajuntaõ  
na Asia , para se mudarem de huma regiaõ para  
outra , depennaõ , e mataõ o que vem ultimo de  
todos. Juntos os Conselheiros no Tribunal, a pri-  
meira acçaõ , que devem fazer , antes de tratarem  
nenhum negocio , he oraçaõ ao Espirito Santo ,  
offerecendolhe hum Padre nosso , ou huma Ave  
Maria pedindolhe , que os allumie a todos , illus-  
trando-lhes o entendimento , para que saibaõ es-  
colher , o que for mais conveniente ao Divino ser-  
viço , e mais proveitozo para o augmento da  
Republica , e bem de seu Principe. Dar princi-  
pio a couzas grandes sem implorar auxilio do  
Ceo , he acçaõ de Satyros , ou de A'theos.

*Voto,*

*Voto, e parecer de cada hum.*

O Conselho, voto, e parecer dos Conselheiros he hum bom aviso, que se toma sobre couzas duvidosas, para não errar nellas: toma-se sobre couzas, que não estão na nossa mão; não se toma sobre couzas infalliveis, porque estas pedem execução, e não conselho; deve ser de couzas possiveis, e futuras; porque as impossiveis presentes, e passadas já não tem remedio. Não deixa o conselho de ser bom, por fahir o successo mão; nem o mão conselho deixa de o ser, por ter bom successo; porque os successos são da fortuna, e dependem das execuçoens; que muitas vezes por serem más, damnaõ a bondade dos conselhos; e também por serem boas, emendaõ ás vezes o erro do conselho. Os Carthaginenses enforcavaõ os Capitaens, que venciaõ sem conselho, e não castigavaõ aos vencidos, se consultavaõ primeiro, que depois obravaõ. Na guerra, que os Gregos fizeraõ a Troya, mais montaraõ os conselhos de Nestro, e Ulysses, que as forças de Aquilles, e Aias. Henrique III. de Castella dizia, que mais aproveitavaõ aos Principes os conselhos dos sabios, que as armas dos valentes; porque mais illustres couzas se ebraõ com o entendimento da cabeça, que com as forças dos braços: e allegava o que diz Tullio, que mais aproveitaraõ a Athenas os conselhos de Solon, que as vitorias de Themistocles. He muito prejudicial saberem os Conselheiros, o que o Principe quer; porque logo buscaõ razoens, com que o justifi-

tifiquem. O Conselheiro não ha de approvar tudo, o que o Principe differ; porque isso será ser lifongeiro, e não Conselheiro. Muitos não tem nos conselhos respeito ao que se diz, senão a quem o diz; se he amigo, vão-se com elle: senão he do seu humor, ou parcialidade, reprovão-no: e he muito prejudicial modo de governar este. Pequenos erros, que no principio não se sentem, são mais perigosos, que os grandes, que se vêm; porque o perigo, que se entende, obriga a buscar o remedio; mas os erros, que se não sentem, ou dissimulão, crescem tanto pouco a pouco, que quando se advertem, já não tem remedio; como a febre tyfica, que no principio não se conhece, e quando se descobre, não tem cura.

Conselhos bons são muito bons de dar, mas muito mãos de tomar: muitos os dão, e pouco os tomão. Conselhos mãos tem duas raizes: ou nascem de odio, ou de ignorancia: por peores tenho os primeiros; porque a ignorancia procede da fraqueza, e o odio resulta da malicia; e a malicia he peor inimigo que a fraqueza. E até nos bons conselhos pôdem reinar o odio, e a malicia, quando muitos os dão, e poucos os tomão; ou seja no termo *á quo*, quando se dá conselho, pois todos o lançaõ de si; ou seja no termo *ad quem*, quando se recebe, pois poucos o admittem. Que sejaõ tomados com aborrecimento, he couza muito ordinaria: que sejaõ dados com odio, não he tão commum; mas he grande mal; porque nunca pôde ser boa a planta, que nasce de má raiz, ou se enxerta em ruim arvore.

E

E com fer máo o conselho deslindado nesta fórma, era muito bom para fer dinheiro pela propriedade que tem ; e já difsemos , que muitos o daõ , e poucos o tomaõ. Em huma couza se parece muito o conselho com o dinheiro , e he , que ambos saõ muito milagrosos. Tres milagres muito grandes achou hum discreto no dinheiro ; naõ ha quem os naõ experimente , e por serem muito ordinarios , ninguem faz memoria delles. Primeiro , que nunca ninguem se queixou do dinheiro , que lhe pegasse doença. Segundo , que nunca ninguem teve nojo delle. Terceiro , que nunca cheirou mal. Digo que nunca ninguem se queixou delle , que lhe pegasse doença ; porque andando por mãos de quantos leprofos , farnosos , morbo gallicos , e empéstados ha no mundo , e passando dellas para as mãos do mais mimoso fidalgo , e da mais delicada donzella , nenhuma doença sabemos , que lhes pegasse , mais que fome de lhe darem mais. Donde colho que naõ he bom o dinheiro para paõ ; que se fora paõ , nunca houvera de matar a fome. Digo mais , que nunca ninguem teve nojo do dinheiro ; porque o recolhem em bolças de ambar , e seda , o guardaõ no feyo , e atè na boca o metem , sem terem asco delle , nem se lembrarem , que tem andado por mãos de regateiras , ramelozas , e de lacayos rabugentos , e de negros raposinhos. E digo finalmente , que nunca cheirou mal a ninguem ; porque bem póde elle fahir da mais immunda cloaca , respira nelle bemjoim de boninas ; ainda que venha entre enxofre , ha-lhes de cheirar a

O

ambar,

ambar, algalia, e amifcar. Tal he o conselho: se he bom, nenhum mal faz: se he máo, ninguem tem nojo delle, nem lhe cheira mal; ainda que venha envolto em fumaças do Inferno, parecem-lhe perfumes aromaticos do Paraíso: e entáo mais, quando vem deslumbrando com taes nevoas, que tolhem a vista de seu conhecimento. De tudo o dito se colhe, que se divide o conselho em bom, e máo: se he bom, recebe-se com aborrecimento, se he máo, dá-se por odio. Quando se recebe com aborrecimento, nada obra, por bom que seja: quando se dà por odio, pertende arruinar tudo, e alcança o intento, tanto que se aceita. Deos nos livre de ser odioso o conselho, tanto me dà por respeito de quem o dá, como por parte de quem o recebe. em manquejando por algum destes dous pólos, ou não temos fé nelle, ou executa a peçonha que traz; e de qualquer modo causa ruinas, e grandes perdiçoens. Para se livrar o Principe de todas estas Scylas, e Charybdes, deve conhecer bem de raiz os talentos, e animos de seus Conselheiros: e faça porisso, porque nisso está a perda, ou ganho total de seu Imperio.

*Resolução do Conselho.*

**A** Resolução he consequencia dos votos, e della nasce a execuão, e desta o bom effeito, que he o fim, que se pertende nos Conselhos. Nas empresas devem-se executar as resoluçoens, que tem menos inconvenientes; porque he impossível não os haver: e quem se não aventurou,  
nem

nem perdeu , nem ganhou : e hum perigo com outro se vence ; e atraz do perigo vem o proveito. Não devem os que consultaõ deixar de executar , o que se determina porque haja perigo na execuçaõ ; se he mayor o proveito , que de executar-se se segue , que o perigo , que de não executar-se , encorre. Prudencia he consultar com madureza , e executar com diligencia : *O Conselho na almofada* , diz o Proverbio , e *a execuçaõ na estrada* ; e porisso se dizia dos Romanos , que assentados venciaõ. Principes ha , que para que não lhes vaõ à mão no que determinaõ , não admitem a Conselho , os que sabem lho não haõ de approvar , para que não lhes debilitem os animos , dos que esperaõ os ajudem no seu parecer : prejudicial modo he este de governar. Tanto que se começa a executar o que se resolveo , não se devem lembrar do conselho , que deixaraõ de seguir ; para que não lhes esfrie o gosto , que dà alma à execuçaõ : e esta não se deve cõmetter nunca a quem foy de contrario parecer ; porque por fazer a sua opiniaõ boa , dá atravez com toda a empreza por modos illigitimos , que seu capricho lhe inculca , e capéa já com a pressa , já com o vagar , que prova sofisticamente serem meyoõs necessarios. Negocios ha , que he melhor deixalos hum pouco , que executalos logo ; porque executados se malegraõ , ou concluem tarde ; e diffimulados se esfriaõ mais cedo : muitas doenças fára o tempo sem mézinhas , e não o Medico com ellas : muitos negocios se perdem ; porque não se executaõ em seus lugares , e conjunçoens : deve

O ij

estar

estar a empresa fazoada para se effectuar , como a horta disposta para se semear.

Quando o governo começa a descahir , porque são mais os que resolvem mal , que os que resolvem bem , pouco impedimento basta , para que não se execute , o que na consulta se examina ; e ainda que alguns aconselhem bem , não bastão a ordenar , o que os mais desordenaõ : nem serve de mais o estar no Conselho , que participar da culpa , que tem os que governaõ mal : e só lhe fica por remedio ao Principe retratar tudo , conhecido o erro : e he hum remedio muito prejudicial ; porque diminue muito na authoridade do Principe , e augmenta impetos de desobediencia nos Ministros para a execuçoens , que mais importaõ. O Principe consulte , e cuide bem o que decreta ; porque não parece bem retratado , salvo for em quadro com bom pincel ; mas com penna nem de palavra , não fica gentil-homem. Se o erro for pequeno , melhor he sustentallo , se não se seguir delle grande damno , ou alguma offensa de Deos ; porque prepondéra mais o credito do Principe : e se for de qualidade , que peça emenda , haja algum Ministro fiel , que o tome sobre si , e tambem a pena , que o Principe moderará , ou perdoará a titulo de descuido ; e assim se dará satisfação a todas as partes , ficando illesa a authoridade mayor. Se houvesse Principe , que facilmente se retratasse , allegando que não he rio , que não haja de tornar a traz ? Respondera-lhe que ha tres R. R. R. que não tornaõ a traz , por mais montes de difficuldades , que se lhe ponhaõ diante : e são :

saõ : Rey, Rio, e Rayo, e o Rey muito mais, porque se dêr em dobrar-se, em dous dias perderà o credito, que consiste em sustentar sua palavra; que como dizem palavra de Rey deve ser inviolavel: e se o naõ for, saltarlhe-haõ os subditos com a intcizeza da obediencia, em que se apoya a Magestade, e naõ o conhecerãõ por Rey, nem por Roque. E seguirse-haõ damnos irremediaveis; os quaes pertendemos atalhar em todo o discurso deste Capitulo; que bem considerado vem a ser, que do bom conselho se segue o bom governo, que sustenta as Republicas illezas; e do maõ resultaõ afflilaçoens de Reynos, e ruinas de Imperios; e o mundo todo he pequena pelóta para o bote, ou rechaço de hum lanço de maõ governo.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XXXI.

*Dos que furtaõ com unhas sabias.*

**H**A no Brasil, e Cabo Verde tantos bugios, que saõ praga; e porque os estimaõ em Portugal, e em muitas partes por seus tregeitos, usaõ là hum modo de os caçar sem os ferir muito facil, e recreativo. Lançaõ-lhes cocos abertos, e providos de mantimento nas paragens, onde andaõ mais frequentes; mas abertos com tal proporçaõ, que caiba a maõ do bugio aberta, e naõ fechada; e com este animal ser taõ ardiloso, que cuidaõ os Tapuyas, que tem entendimento, tanto que empolga no miolo do cõco, nunca o larga, nem sabe abrir a maõ para a tirar fóra. Daõ sobre elles

les os caçadores de repente, tanto que os sentem enfrasados no fervo; e porque tem seu valha-couto nas arvores, fogem para ellas, e faltando-lhes as mãos para treparem, deixaõ-se apanhar, por não largarem a preza do mantimento. Mais ardilozas são as cobras, que para escaparem de animaes inimigos, que as preseguem, fazem minas, em que se guarnecem, largas no principio, e estreitas no cabo com sua sahida apertada, por onde escapaõ, deixando entallado seu inimigo; e logo voltando-lhe nas costas pela primeira via, lhe tiraõ a vida a seu salvo, e lograõ o despojo do cadaver. Fazer huma facção de grande porte he valentia, carregar nella de grande preza he felicidade; deixar-se render com preza nas mãos, e perdella com o credito, e vida, he desgraça, e he ignorancia de bogio. Levarem-me a preza, e illa tirar das garras do inimigo, mas que seja com emboscada, e estratagemas, he prudencia de serpente: e estas são as unhas de que trato, que sabem pescar com sabedoria, sem deixar rasto de que lhe peguem, nem porta aberta, por onde o cassem.

Ha outras unhas, que poem sua sabedoria em fazerem bem o salto, e darem logo outro, com que se ponhaõ em cobro; como os que andaõ de terra em terra vendendo unguentos para todas as enfermidades: em Castella os vi applaudindo seus medicamentos pelas praças; e para prova de sua efficacia passavaõ com estocadas suas proprias tripas (se não eraõ as de algum carneiro) e untando a ferida se davaõ logo por saõs: e a gente imensa, que isto via, comprava sem

repa-

reparo as unturas , que vinhaõ a ser azeite com cera , e alecrim pizado ; e os vendedores passavaõ avante a outra terra , deixando os compradores com as bolças vazias de dinheiro , e cheyas de unguentos , que naõ prestavaõ para nada. Melhor succedeo a hum , que vi em Évora ( Castelhana era ) fez hum theatro na praça , poz nelle dous caixoens de canudos de unguento milagroso , que servia para todos os males : bailou sua mulher , e huma filha , que volteava por cima de huma mesa ; fizeram entremezes , a que acodio toda a Cidade : disse elle no cabo taes gabos da mézinha , que naõ ficou pessoa , que a naõ comprasse a tostaõ cada canudo , até vazar de todo os caixoens , que encheo de prata : e ao outro dia deu comsigo em Castella , levando de caminho outros lugares : e fey que cegou huma pessoa com a mézinha , porque a poz nos olhos ; e outro acabou de entrévar de huma perna , porque a untou com elle.

Outras unhas ha taõ sabias como estas , para pilharem dinheiro vendendo sabedorias. Nesta Corte andou hum brixote vestido de vermelho na era de 642. pormettendo huma receita , selhe desfem tantos , e quantos , com que se conservaria carne fresca mais de hum anno , frutas , e hortaliças : excellente invento para as náos da India , mas nada vimos , que conseguisse effeito. Eu o vi em Évora fixar carteis impressos pelos cantos , que tinha hum medicamento para conservar os vinhos , e melhoralos : e hum curioso lhe deu algum dinheiro para fazer a experiencia em hum tonel ; e fora melhor fazella em hum quarto , pa-

ra não perder duas pipas de vinho, que se lhe damnou com a buxinifrada de aréa, e outros materiaes, que lhe mexeo. Outro mais sabichaõ que todos veyo vendendo, que saiba fazer bombardas de parafuzos, que pudessem levar cincoenta soldados cada huma em roscas, e armalla, e disparar aonde quizessem: poem-se a especulaçaõ em praxe; arrebenta o fogo pelas juntas, e crisma a quasi todos. Outro taõ sabio em pilhar dinheiro como este: prometteo fazer peffas de artilharia taõ leves, que pudesse levar duas huma azémola, como costaes em carga à campanha; e que as havia de fazer de couros crus, e cosidos, taõ fortes, que disparassem quatro tiros sem risco algum de arrebentarem: poz-se a maquina em effeito; e eu a ví em Elvas lançada em hum monturo, porque arrebentando com meya carga de prova nos descarregou a todos deste cuidado.

Outro gabando-se de engenheiro consumado, prometteo humas barcaças, que sahindo do Rio de Lisboa abrazariaõ todos effes mares, e quantas armadas inimigas nelles houvessem: encheo os de palhas, e chamiços, que estavaõ promettendo quando muito huma boa fogueira de S. João; e day cá por cada invento destes tantos mil cruzados. Tal como este foy outro em Campo mayor, que se gabou sabia fazer huma arca de foguetes em fórma de girandola; e que haviaõ de sahir della de foslayo todo juntos, como rayos, a ferir as barbas do inimigo com ferroens de settas. Por mais louco tive outro, que trouxe a este Reyno hum segredo de armas de papel, que disse  
 sabia

fabia fazer, untadas com certo oleo, que as fazia impenetraveis a prova [de mosquete, e taõ leves como a camiza. Que haja no mundo embusteiros, naõ he para mim couza nova; mas que haja em Portugal quem os ouça, e admitta, he o que choro; sem acabarem de cahir, que tudo saõ sonhos de Scipiaõ, enredos de Palmeirim, gigantes de palha, com que nos armaõ, mais a levar o ouro do Reyno, que a defender a Coroa delle; e nisto he que poem toda a sua sabedoria, que trazem escrita na unha.

Outras unhas andaõ entre nós taõ fabias, que despontaõ de agudas: e podemos dizer dellas, o que disse Pestõ a S. Paulo: *Multa te litera ad insaniam convertunt.* Actor. 26. Que os fazem doudos as muitas letras que alrotaõ. Estes saõ os Estadistas, Alvitristas, Criticos, e Zoilos, que tem por ley seu capricho, e por idolo sua opiniaõ; e para a sustentarem, naõ reparaõ em darem atravéz com huma Monarquia: e ha gente taõ cega, que levada só do sequito, que os taes por outra via ganharaõ, atè a seus erros chamaõ sabedoria, sem advertirem nos grandes damnos, que de seus conselhos nos resultaõ.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XXXII.

*Dos que furtaõ com unhas ignorantes.*

**D**Itosas unhas saõ estas, porque depois de fazerem immensos damnos no que desfazem, e desbarataõ com seus assaltos, ficaõ sem obrigaçaõ de restituir, se a ignorancia he invencivel; que

se he crassa, ou supina, corre parelhas com as dos ladroens mais cadinós. Ha humas ignorancias, que somos obrigados a vencellas pelas regras de nosso officio, que nos estaõ advertindo tudo: e quem he ignorante na arte, ou officio, que professa, todos os damnos, que dahi resultaõ ás partes, a elle imputaõ, e a quem conhecendo sua ignorancia, e devendo emendallo, o consente. Como póde ser Medico, quem nunca estudou Medicina? Como póde ser Piloto, quem não entende o Astrolabio? Como póde ser Advogado, quem nunca leo a Ordenaçãõ; e o mesmo digo de todos, quantos officios ha na Republica. Até o alfayate se não sabe talhar, deita-vos a perder o vosso panno: e hum sarralheiro, se não sabe dar a témpera ao ferro, ou aço, damna-vos a pessa, que lhe mandastes concertar. E na ignorancia de todos se vem a refundir innumeraveis, e infofri-veis perdas, que causaõ a todo o Reyno em vidas, honras, e fazendas, que saõ as couzas, que mais se estimaõ. Bem provído está tudo com Examinadores para todas as Artes, se não houvera peitas, e intercessoens, que corrompem até os mais escoimados Rodamantes. E se isto não basta, logo achaõ hum sabio na sua sciencia, que se examina por elles, mudando o nome por menor preço, e lhes alcança carta de examinaçãõ, com que fica graduada a ignorancia do candidato, e elle dado por mestre peritissimo. Como ha de haver no mundo, que se tolere, e permit- ta provarem cursos em Coimbra mais de hum cen- to de Estudantes todos os annos, sem pórem pé-  
na

na Univerfidade ? Andaõ na fua terra matando caens , e efcrevem a feuo tempo ao amigo , que os approveo lá na matricula , representando fuas figuras ; e nomes : e daqui vem as fentenças laftimofas , que cada dia vemos dar a Julgadores , que não fabem , qual he a fua mão direita , mais que para embolçarem com ella efportulas , e ordenados , como fe foraõ Bartholos , e Covas-Rubias. Daqui matarem Medicos milhares de homens , e pagarem-fe , como fe foraõ Avicenas , e Galenos. E a graça , ou mayor defgraça he , que nem o diabo , que lhes enfinou efes enredos , lhes faberà dar remedio , falvo for levando-os a todos , que he o que pertende.

No ferviço delRey não fe devem tolerar taes ignorancias , porque fe feguem dellas damnos graviffimos. Quem perdeo as náos ; que vinhaõ da India carregadas até às gaviãs de riquezas ? Dizem que o tempo : e he engano : não as perdeo , fenaõ a ignorancia dos Pilotos , que foraõ dar com ellas em baixos , e cachópos. Quem desbaratou a frota , que hia para o Brazil ? Dizem que os piratas : e he engano : não a desbaratou , fenaõ a ignorancia dos marinheiros , que não fouberaõ velejar a propofito. Quem perdeo a vitoria na campanha ? Dizem que a remiffaõ da cavallaria : e he engano : não a perdeo , fenaõ a ignorancia dos Coroneis , que não fouberaõ difpór as couzas , como convinha. Gente bisonha , e mal disciplinada occafionaraõ com ignorancias intoleraveis perdas ; e o que fe deve faber , e advertir , nunca tem boa efcuza : mas não ha morte fem  
acha-

achaque, todos sabem dar sahida a seus erros, fazendo homicida á fortuna, que está innocente no delicto. Mas como o mal, e o bem á face vem, logo se deixa ver a fonte da culpa: e he grande lastima, que arrebente esta ordinariamente da ignorancia.

Ha alguns ladroens taõ ignorantes, que sempre deixãõ rasto como lésimas, e a mesma preza os descobre; como o que furtou o trigo, sem advertir, que era o faco roto, e pelo rasto delle, que hia deixando, lhe deraõ na trilha, e o apanharaõ. Outros porque se carregãõ tanto, que naõ pôdem fugir, saõ alcançados. Outros porque se vestem do que furtaraõ, saõ conhecidos; e todos só por ignorantes saõ descobertos. Antes he propriedade da ignorancia, que por mais, que se esconda, naõ pôde muito tempo estar occulta. Como succedeo na Alfandega do Porto por descuido do Provedor, e incuria de seus Ministros, que a balança, em que se pézaõ os açucares, e drogas, que pagaõ direitos pelo pezo, se falsificou de maneira, que a em que se punhaõ os pezos, tinha menos duas arrobas, que a outra, em que se punhaõ as caxas, e fardos, sem se dar fé deste delirio, senaõ depois de ElRey perder muitas mil arrobas nos seus direitos. Isto de balanças deve andar sempre muito vigiado, e naõ excluo daqui a casa da Moeda: pudera referir aqui muitos modos, que ha de furta nelas, e deixo, porq̃ naõ pertencem a este Capitulo, seu lugar teraõ.

Naõ farey minha obrigacão, se naõ enxerir aqui huma ignorancia fatal, que anda moente,  
e cor-

e corrente neste Reyno , na emenda da qual temos muito que aprender nas outras Naçoens , ainda que ellas obraõ com injustiça , o que nós podemos imitar sem nenhum escrupulo. E he , que nenhuma gente ha taõ desmazelada , que fazendo huma frota , ou armada para alguma empreza , não assegure os gastos della por todas as vias ; de tal sorte , que se o primeiro intento não succeder , se recupere no segundo , ou no terceiro. Como agora : faz o Hollandez , ou o Inglez huma armada , para hir dar em certa parte de Indias , onde tem a malhada huma grande preza : e se esta lhes escapa das unhas , por ventura de huns , ou desgraça de outros , já levaõ destinada outra facção , e outra em outras paragens , sejaõ quaes forem , para onde viraõ logo as próas , e não se recolhem para seus pórtos , sem trazerem , com que refacção ao menos os gastos , quando não enchaõ as bolças. Sõ Portugal he nisto taõ pródigo , que tem por timbre ( chamara-lhe antes inadvertencia , ou ignorancia ) entregar todos os gastos de suas armadas ao vento , sem mais fruto , que o de dar hum passieyo com bizzarria por Val das Eguas , e torna-se para casa com as mãos vazias , e as frasqueiras despejadas. Quanto melhor fora levar logo no Roteiro , que se não acharem piratas , que os busquem até dentro em seus pórtos ; que vaõ a Marrocos , que vaõ às barras de nossos inimigos , que esperem , que fayaõ , e que não se venhaõ sem recuperarem por alguma via os gastos , pelos menos , os que vaõ fazendo ; e a estes sem fruto chamo tambem unhas ignorantes.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XXXIII.

*Dos que furtaõ com unhas agudas.*

**T**Oda a unha , que arranha , he aguda ; e toda a unha , que furta , arranha até o vivo : logo todás as unhas , que furtaõ , saõ agudas. Bom está o argumento , e bem conclue o syllogismo. Mas naõ fallo dessa agudeza , senaõ da subtileza com que alguns furtaõ , sem deixarem rasto , nem pépada de que lhes pegue : e aqui bate o subtil , e o agudo desta arte. O estudante , que vendeo a Imagem de S. Miguel da Capella da Universidade de Coimbra , como se fora sua , a hum homem do câmpo , naõ andou subtil ; porque ainda que fez o contrato no pãteo , e a entrega na Capella sem testemunhas , e se acolheo com dez mil reis nas unhas , logo se descobrio a maranha , e o apañharaõ pelos sinaes , que deu o villaõ , e lhe fizeraõ pagar o capital , e mais as custas. E menos agudo andou o outro , que talhando o preço das galinhas , a quem as vendia na feira , e levando-o a quem dizia lhas havia de pagar , o poz em huma Igreja , onde estava o Padre Cura confessando , e chegando-se a elle , lhe pedio por mercé á puridade , se lhe queria ouvir de confissaõ aquelle homem , e respondendo alto que sim , e que esperasse , que logo o despacharia , se deu o vendedor por satisfeito , cuidando o mandava esperar , para lhe dar o preço da compra , e teve lugar o ladraõ

ladraõ de se acolher com o furto ; mas não advertio , que o podia conhecer o Confessor , como conheceo , de que resultou fahir o ladraõ da alhadá com mais perda , que ganancia.

Mais agudo andou outro , que vendo entrar pela ponte da mesma Cidade de Coimbra hum forasteiro bem vestido , armou a lhe furtar o fato na volta : e armou bem para seu intento ; porque o esperou no bocal de hum poço , que está na estrada , por onde havia de passar , chorando sua desgraça , e que lhe cahira naquelle instante huma cadéa de ouro dentro no poço , e que daria hum dobraõ , a quem lha tirasse. Moveo-se a compaixaõ ao passageiro , que devia de ser homem de bem , se não he que o picou o interesse , e porisso não presumio malicia : gabou-se que sabia nadar como hum golfinho , e que lhe tiraria a cadéa de mergulho : despio-se , sem se despedir do vestido , que logo se despedio delle ; porque o matalote da cadéa , tanto que o vio debaixo da agua , tomou as de Villa Diogo com todo o fato , e cabana , deixando a seu dono como sua mãy o pario , sem lhe deixar rasto , nem pégada , por onde o seguisse : nem podia , ainda que quizesse , pelo deixar prezo sem cadéa , nem grilhaõ , como pintaõ as almas do Purgatorio. Menos cruel andou huma Matrona em Madrid , e não menos ardilosa , que mandou fazer duas bocetas com fechaduras , ambas iguaes , e semelhantes na guarniçaõ , e pregadura : meteo em huma tres mil cruzados de joyas , e na outra outro tanto pezo de chumbo , e pedras , que achou na

na rua ; e escondendo esta na manga , se foy com a outra a hum mercador rico ; que lhe dèsse dous mil cruzados a cambio sobre aquellas joyas : celebraraõ o contrato , sem reparar ella na quantidade dos redditos , porque naõ determinava de os pagar ; nem elle no capital , porque se assegurava com as joyas. Virou-se contra hum escriptorio para tirar o dinheiro , e com mayor velocidade a senhora harpia trocou as bocetas , pondo na mesa a das pedras chumbadas , e recolhendo na manga a das joyas ; e levando a chave comfigo , para que lhe naõ enxovalhassem as joyas , ou atirassem com as pedras , se foy com os dous mil cruzados , onde nunca mais appareceo , nem apparecerà , senaõ no dia do Juizo.

Naõ andou menos astuta outra Senhora na mesma Corte , para se vestir de còrtes os mais preciosos , que achou na calhe Mayor , à custa do mercador , que lhos cortou por sua boca sua medida. Alugaõ-se em Madrid amas , assim como em Lisboa escudeiros , para acompanhar : tomou huma , que tocava de mouca , e chamando-lhe madre mia , se foy com ella , aonde fez a compra de tudo o melhor que achou , sedas , télas , e guarniçoens , que passaraõ de quinhentos cruzados , sem reparar em medidas , nem em preços : e quando foy à paga disse : *Que nõ trahia caudal bastante , porque nõ pensava , que ballaria cosas tan lindas , que alli quedava su madre , y que luego bolvia com todo el diñero : quede-se aqui madre mia , que yo voy com esta niña , que lleva la ropa , y buelvo luego en hora buena* , responderaõ

déraõ ambos mercador , e velha , ignorantes da treta ; de que a velha se livrou em duas audiencias , provando , que era de Alquiler , e mouca , e servia a quem lhe pagava : e o mercador pagou as custas sobre o capital , que lhe acolheo , e naõ alcançou ainda. Em Lisboa certo picaõ tinha hum mulata mais amiga que sua , porque era forra , e grande conserveira , trato , com que vivia , e o sustentava a elle passeando sem nenhum trabalho ; e se algum tinha , era com os Confessores , quando se desobrigava nas Quaresmas. Tratou por hum vez dar de maõ ao trato , e para isso fallou com hum Sevilhano , Capitaõ de hum navio , se lhe queria comprar hum mulata de grandes partes ? E para que tomasse conhecimento dellas o convidou a jantar , e que o preço della feria , o que sua mercé julgasse em sua consciencia. Avizou-a que tinha hum hospede de importancia , e que se esmerasse para o dia seguinte no jantar , a que o tinha convidado : meteo a innocente velas , e remos , e fez de pessoa com todo o empenho hum banquete , que se pudera dar a hum Emperador , e servio á mesa , como criada , dando-se por autora de todos os guifados , e acipipes. Ficou o Castelhanao satisfeito , tanto , que talhou a compra em duzentos cruzados , que logo contou em patacas ao picaõ : e ficaraõ de acordo , que lha entregaria no dia de sua partida levando-lha a bórdo ; e assim o fez enganando-a segunda vez ; porque o Sevilhano a queria regalar no seu navio em retorno do banquete. Poz-se ella de vinte e quatro , como se fora a bodas ; e ficou nos

P

piozes,

piozes, voltando-se o amigo para terra dizendo comfigo: veremos agora, se me negaõ a absolvição os Padres Curas. O navio deu á vela: gritava a triste, que era forra! Consolava-a o Castelhana: *Que luego se le iria aquella passion, como se viesse en Sevilla, que era tan buena tierra como Lisboa, y que iba para ser señora, mas que esclava, de una casa muy noble, y rica, &c.*

Estas são as unhas agudas, que fazem a sua fem deixarem coimas: e destas ha milhares, que na fazenda delRey fazem grandes estragos com alvitres, e conselhos, que desponção de agudos, e levaõ a mira em encherem as bolças; como se vio nos das maçarocas, e bagaços, de que não resultou mais que gastos da fazenda Real para Ministros. E destes ha alguns taõ déstros, que provém todos os officios em seus criados, para lhes pagarem serviços proprios com salarios alheyos: e são os peores; porque com as costas quentes em seus amos, procedem affoutos nas rapinas. Outras unhas ha destas, que pro não encontrarem fazenda Real, em que empolgem, aproveitaõ-se da authoridade do Rey, para dar no povo com admiraveis traças, e habilidades, que arte lhes ensina: e bem de exemplos a este proposito deixamos referidos no cap. 4. em que mostramos, como os mayores ladroens são, os que tem por officio livrarnos de ladroens.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O XXXIV.

*Dos que furtaõ com unhas singelas.*

**M** Elhor differa rombas , ou grosseiras , para as contrapor com as agudas , de que atégora fallamos : mas tudo vem a ser o mesmo , e muito mais ainda ; e logo contraporemos estas com as dobradas , que se seguirãõ. E para intelligencia de hum , e outra Capitulo , devemos presuppõr , que assim como ha unhas dobradas , tambem as ha singelas. Dobradas saõ , as que se aprestaõ de varios modos , e invençoens , com tal arte , que nunca lhes escapa a preza. E daqui se infere , que as singelas eraõ as que naõ tem mais , que hum modo , e caminho , por onde furtaõ ; naõ armaõ mais que a hum lanço , e se erraõ o tiro , ficaõ sem nada. E accrescento mais , porque singelo quer dizer simples ; que furtao ninherias , e de modo , que vos ápanhem , tambem he ser ladraõ de unhas singelas. Furtar cinco , ou seis mil cruzados abrindo portas com gafúas , ou arrimando escadas ; e destelhando as cazas para descer por cordas , e dar no thesouro , modos saõ de furtar , que sabe qualquer ladraõ , antes de ser graduado , ou marcado , que he o mesmo. Mas levar o thesouro sem gafúas , sem escadas , sem cordas , nem sobrefaltos , aqui está o subtil da arte , e o naõ ser aprendiz singelo. Furtar esse thesouro , e dar comfigo na forca , porque o apanharaõ com o furto nas mãos , ou

com as mãos no furto, isso he furtar de ladroens-zinhos novatos, que não sabem, qual he a sua mão direita. Mas furtar esse thesouro, mas que seja de hum milhaõ, e outro em cima, e ficar taõ enxuto como hum inhame; e taõ escoimado, como hum noviço cartuxo, sem deixar indicio, de que lhe peguem, aqui bate a quinta essencia da ladroíce; e o que assim se porta, bem se lhe póde passar carta de examinação, com foro, e privilegio de mestre graduado nesta ciencia: e destes doutores ha mais de hum milhaõ, que cursaõ as Cathedras, e escolás de Mercurio, e Caco. E quem saõ estes? Perguntastes bem; porque como não trazem insignias de seus grãos, nem final manifesto de sua profissão, saõ mãos de conhecer; e entaõ melhores mestres, quando peores de achar: sendo assim, que em achar o mais escondido, e em arrecadar o achado, saõ insignes.

Seraõ estes, os que vos sayem nas estradas com carapuças de rubuço, e espingardas no rosto? Tiray là, que ainda que lhes chamaes saltadores por antonomasi, saõ formigueiros por profissão; e taõ singelos, que nunca levantaõ casa de sobrado, nem tem bens de raiz, nem ajuntaõ moveis, que não cabiaõ de baixo do braço; saõ como o caracol, que traz a casa comfigo, e como o Philospho, que dizia: *Omnia mea mecum porto*. Tudo, quanto tenho de meu, trago comigó. E ainda menos, pois o que trazem, tudo vem a ser alheo. Seraõ os alfayates, que lançando o giz além das medidas, e metendo a te-zoura por mais duas dobras, do que cortaõ, tiraõ  
a lim:

a limpo, fujando a consciencia, hum gibaõ de córte, e cortaõ hum calçaõ de veludo para si, e huma anagoa para sua mulher? E tambem saõ ladroens singelos; porque saõ casciros, criados à mãõ, naõ mataõ, nem ferem: quanto tomaõ, cabe em huma arca, que chamaõ rua; e porisso juraõ; quando lhes perguntaes pelos retalhos, que sobejaõ, ainda que sejaõ muitos, e grandes, que os botaraõ na rua: e ficaes sem escandalo do que vos levaõ. Seraõ os Taballiaens, e Escrivaens, que ha sem numero nesta Corte, e em todo Reyno, que com huma penada tiraõ, e daõ cem mil cruzados a quem querem? Ellès grandes ladroens saõ, mas singelos, principalmente quando se applicaõ a si o que furtaõ, porque logo se lhes enxerga; como aquelle, que fez humas casas em Lisboa, junto a S. Paulo, que ainda hoje se chamaõ da Penada; porque vendo-as ElRey D. Sebastiaõ, disse. Boa penada deu alli o Taballiaõ! De mais de que, como poem por escrito tudo, saõ faceis de apanhar seus erros de officio: e te dobraõ o partido com outro, para se justificarem, ficaõ á revelia de quem farà, que percaõ feito, e o por fazer: e là hirã quanto Martha fiou, por se fiarem, de quem lhes naõ deu fiança a lhes guardar segredo no cõluyõ..

Seraõ os Soldados de cavallo, que quando se vêm montados em ginetes, que naõ saõ de seu gofso, lhes daõ tal trato, que em quatro dias daõ com elles no almargem, e no monturo, para que os provejaõ de outros? Tambem saõ ladroens singelos; porque dando com isso grande damno a Sua Magestade, fiesõ com novos provei-

tô. Outros ha neste genero mais esculpulosos, que por naõ serem homicias da fazenda Real, lhes ataõ sedas nos artélhos dos pés, ou das mãos com tal arte, que os fazem manquejar, até que os provêm de outros. E o furto està no damno, que se dá a ElRey, e à milicia; porque se vende o cavallo manco por dous, ou tres mil reis, para huma atafona, ou norã, tendo custado quinze, ou vinte. E dahi a quatro, ou cinco dias, vay o soldado transformado em alveitar, e diz ao comprador: quanto me quereis dar, e darvoshey este rocim saõ em duas horas? Concertaõ-se em dez, ou doze tostoens; applicalhe hum emplasto de herva moura, para dissimular a tezoura, que vay por baixo, e cõrta a sedella, que lhe pescou os tostoenszinhos, e fica o cavallinho saõ como hum pero no mesmo instante; e quem o mancou, e desmancou, taõ quieto na consciencia, como maré de rosas. Os infantes coitadinhos, querem alguns Criticos especulativos, que sejaõ de unhas dobradas, porque saõ multiplicados os seus furtos: mas naõ tem razaõ, que assás singelos andaõ; e se agasalhaõ huma marrãa, ou hum cabrito, mas que seja hum carneiro, ou huma vaca, quando vaõ de marcha por esses campos de Jesu Christo, he, porque os achaõ desgarrados, para que os naõ coma o lobo; e assás ténue vay tudo, e assás singelo. Andem elles fartos, quero dizer pagos, e póde ser que tenha tudo emenda. A obrigaçaõ, que a todos corre, já o disse no capitulo 21. das unhas Militares.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XXXV.

*Dos que furtaõ com unhas dobradas.*

**J**A' dissemos , que unhas dobradas saõ , as que se armaõ de varios modos , e invençoens , para furtar com tal arte , que nunca lhes escapa a preza. Ha na Dialectica hum argumento , que chamamos Dilema ; porque joga com duas proposiçoens , como com páo de dous bicos , que necessariamente vos haveis de espetar em hum delles. Taes saõ os ladroens , que chamo de unhaõ dobradas ; porque as aguçaõ de sorte , que por huma via , cu por outra lhes haveis de cahir nellas : com hum exemplo ficará isto claro , e corrente. Quando Sua Magestade . que Deos guarde , manda fazer cavallaria para as fronteiras , he certo , que ha grandissima variedade nos preços , e que nunca se ajustaõ os avaliadores , humas vezes por alto , outras por baixo ; com quẽ fica armado o Dilema , de que naõ póde escapar o furto : quando levantaõ o ponto , no escudo delRey vay dar o tiro ; quando o abatem , na bolça dos vendedores descarrega o golpe. E succede ordinariamente a pesca , sem os Ministros delRey ferem fazedores das redes , com verem abertamente os lanços : ainda que pela experiencia bem puderã advertir na desproporçaõ dos preços : furta-se a ElRey , que manda comprar os cavallos , ou furta-se aos vendedores : e a restituicaõ de ambos os furtos , se bem a averiguarmos , vem a ficar ás

coſtas dos avaliadores ; que ordinariamente ſaõ os alveitares das terras , onde ſe fazem as reſenhas , e eſcolhas dos potros , cavallos , e dragoens mais aptos para a guerra : e succede aſſim , que ſe o vendedor he poderoso , intimidã os ferradores , ou os peita , para que ponhaõ em quarenta , o que não vale vinte ; e fica defraudada a fazenda Real em mais de ametade ; e ſe o vendedor não tem ardil , nem poder , para agencear , e ſeguir eſta trilha , avaliaõ-lhe o que vale trinta em quinze , e em dez , levados do zelo do bem cõmun , a que ſe encoſtaõ , para engolir o eſcrupulo : e aſſim por huma via , ou por outra ordinariamente ſe aſaltaõ , e poucas vezes ſe ajustaõ com o legitimo preço , errando o alvo , ora por alto , ora por baixo . E he certo , que Sua Mageſtade , que De os guarde , não quer nada diſto : não quer o primeiro ; porque defrauda ſeus theſouros : não quer o ſegundo ; porque offende ſeus vaſſallos ; que tambem não ſaõ contentes de ſerem enganados em mais da ametade do juſto preço : com que fica certiffimo , que he furto manifeſto por huma via , e por outra . Neſta agua envolta eſcorreraõ às vezes os executores tambem com os poderes Reaes , tomando para ſi os melhores potros por preços muito baixos : e talvez succede tomarem hum , e dous , e tambem tres por dez mil reis , e por oito cada hum , a titulo de hirem ſervir com elles às fronteiras , e dahi a quatorze mezes o vendem bem pensado por ſeſſenta , e por cem mil reis , por ſer de boa raça , e melhores manhas . Se niſto ha furto , perguntem-no a ſeus Confeffores , e  
veraõ

verão o que lhes respondem com Navarro." Mas má hora, que tal perguntem.

Outro modo há mais feguro de furtao com unhas dobradas, e póde ser, que mais proveitofoso: e he, quando dous vão forros, e a partir no interesse, e succede na mesma cavallaria, quando della se fazem resenhas para as pagas; e tambem acontece o mesmo na infantaria. Tem hum Capitaõ oitenta cavallos sómente, passa mostra de cento e vinte, porque pedio quarenta emprestados a outro Capitaõ seu amigo, a troco de lhe fazer a barba do mesmo modo, quando fizer a sua resenha: e assim embolçaõ ambos oitenta praças de ausentes, que bem esmadas por mezes, fazem fomma de mil e duzentos cruzados cada mez; e se durar a tramoya hum anno, chega a pilhagem a pouco menos de quinze mil cruzados: e se usarem della muitos cabos, teremos de pór de portas a dentro pilhagens, e pilhantes peores, que os que nos vem de Castella saltar os boys, e ove-lhas. Mas o General das armas (peço a sua Excellencia lincença para o nomear aqui) o Conde de S. Lourenço contraminou já tudo, e tem as couzas taõ correntes com notas, e contra divizas, que não pòde haver engano: como tambem nas innumeraveis praças de infante, que se gualdripavaõ com achaque de doentes, e vinhaõ a ser pcor que praças mortas; porque taes doentes, e taes soldados não os havia no mundo: e mandando os ver à cama, e não os achando, descobrio a maranha: e ainda deu alcance a outra peor, em que punhaõ de cama soldados saõs com nomes muda-

mudados. Nada escapa á subtileza desta arte de furtar: mas o zelo, e destreza do Conde General excede, e vence todas as artes no serviço delRey nosso Senhor.

Em Vianna de Caminha me ensinou hum Castellaõ a furtar com unhas dobradas com mais destreza; porque jogando o páo de dous bicos, trancava ambas as pontas infallivelmente. Concertava-se com os navios, que vinhão de fóra, a quanto me haveis de dar por cada fardo, ou caixa, e provos-hey tudo seguro, onde quizerdes? Admittia de noite barcadas de fazendas na fortaleza, que cõmunica com o mar, e com a terra, e davalhes passagens segura para as loges dos mercadores. E feito este primeiro salto; dava ordem ao segundo por via de hum alcaide, com quem hia forro, e a partir nas ganancias das prezas, que lhe inculcava: davalhe ponto, e avizo infallível das paragens, onde acharia taes, e taes fazendas furtadas aos direitos. E assim era, que ficavaõ no cabo defraudados os mercadores em duas perdas, huma das grossas peitas, que davaõ ao Castellaõ, e outra do muito mais, que eraõ forçados a dar ao meirinho, para que os deixasse: e nesta segunda bolada tornava o Castellaõ a empolgar a segunda unha; e assim furtava com unhas dobradas effectivamente sem errar o tiro de nenhuma.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O XXXVI.

*Como ha ladroens , que tem as unhas na lingua.*

**M** Elhor differa nos dentes , porque tem duas ordens , com que dobraõ a preza , e afferãõ melhor que a lingua ; e tambem porque tudo , quanto se furta , vem a parar , ou desapparecer nos dentes. Espada na lingua já eu ouvi dizer , que a havia , e tambem pudéra dizer setta ; porque fere ao longe como setta , e corta ao perto como espada ; e peor , porque muitas vezes de feridas incuraveis , como espada columbrina , e setta hervada : mas unhas na lingua he couza nova. Ainda mal , de que he taõ velha , e tantas vezes renovada em gente Aulica. Vêllosheis andar no Paço fazendo mezuras a cada passo , e tirando a gorra à legua , chapéo queria dizer , que já se não usaõ gorras : não lhes taxa a cortezia , que he virtude muito propria da Corte ; mas noto a intensaõ , e palavrinhas , com que a acompanhaõ ; as quaes examinadas na pedra de toque da experiencia , saõ unhas de aço , que não só arranhaõ creditos alheyos , mas empolgaõ para si , que he o principal intento , em tudo o precioso , que cuidaõ se poderá dar a outros. E para isso não ha provimento , que não desdenhem , nem despacho , que não menoscabem ; até o que he nos outros paga de justiça , fazem negoceaçaõ de adherencia , para levarem a agua ao seu moínho , e fazerem cano das minguas alheas para

as

as enchentes proprias , de que andaõ sequiozos. Façamos praça de exemplos , e correrà a verdade deste Capitulo clara como agua.

Olhaimo para aquelle Capitaõ , que entra na Audiencia com hum braço menos ; porque lho levou na guerra huma bala : vede dous soldados, que vem com elle , hum com hum olho vasado de huma estocada , e outro com huma perna quebrada de huma mina ; porque para os fazer affinalados sua fortuna os marcou com taes desgraças, E como nos mayores riscos tem sua ventura a valentia , allegaõ a seu Rey , o que em seu serviço padeceraõ , para que os remunerere com os despachos , que merecem : hum péde a Cõmenda , outro a tença , outro o Habito : todos merecem muito mais. Mas o invejoso , que está de fóra , e taõ de fóra que nunca entrou em taes baralhas , temendo que lhe vóe por aquella via o passaro , a que tem armado a costella , e que se lhe vá da rede a preza , que pertende pescar ; puxa da espada da lingua ; porque nunca arrancou outra para cortar o direito , que vé vaõ adquirido , e diz do torto : olhay , o com que vem agora cá o tortéles Polifemo ! Por hum olhinho que perdeo , Deos sabe aonde , póde ser que bebendo em alguma taverna , quer que lhe dém mais do que val toda a sua cara : ainda lhe ficou outro olho , isso lhe basta. Pois o outro Briareu , devia de querer cem braços , bastandolhe huma maõ para empinar , quanto tem furtado com ambas ; e per hum bracinho , que lhe cortaõ , quer que lhe talhem huma Cõmenda , que naõ sonharaõ seus

ayes :

avós: e o outro que por huma perninha lhe dêm hum habito. Quanto melhor lhes fora a todos tres tomarem o habito de huma Religiaõ, para fazerem penitencia de quantas maldades obraraõ, para acharem estas manqueiras, de que vem fazer gadoanho para estafarem mercês, que só nõs merecemos a ElRey, como se vé ao perto. E por esta solfa se deixa este, e outros taes como elle, hir descantando semelhantes letras, ate que sayem com a sua por escrito, estoivando, e tirando os despachos a que os merece, para os incorporarem em si. E ainda mal, que lhes succede. Testemunha seja hum Capitaõ, que eu ví despedirse de hum amigo nesta Corte, para se voltar para as fronteiras com quatro mezes de semelhantes requerimentos: e perguntadolhe o amigo, como se hia sem esperar o seu despacho? Respondeo palavras dignas de se imprimirem: Vou-me desta Babylonia para a campanha; porque me he mais facil, e honroso esperar lá as balas do inimigo com o peito, que aqui com os ouvidos as dos ditos, e repostas dos Ministros, e Aulicos de Sua Magestade.

Vedes aqui, amigo leitor, como os que tem as unhas na lingua, não descansão, até que não enxotaõ toda a sorte de requerentes benemeritos, para lhes ficar o campo franco a suas pertençaõs, que por esta arte alcançaõ; e assim furtaõ, e peccaõ com os anzões, e unhas da lingua o que não merecem, e de justiça se deve dar, a quem arriscou a vida, e não a quem a traz empapelada: e estes são os ladroens, que tem na lingua as unhas, com que empolgaõ no que não he seu, nem.

nem lhes he devido. Facil tinha tudo o remedio, e escrito está, e marcado com sellos de chumbo, que os premios da guerra não se applicuem a serviços da paz. Se os Summos Pontifices largaraõ a este Reyno os dizimos de innumeraveis Cõmendadas, que he sangue de Christo para os Cavalheiros, que à custa de seu sangue propagaõ a Fé, e defendem a patria: como se pôde permittir, que logre estes premios, quem nunca defendeo a Fé, nem honrou a patria? Não sey se o diga? Que vija Cõmendas em peitos inimigos de Deos, e algozes da patria. Calate lingua; não te arrisques: olha que temo chamem muitos a isto murmuraçãõ, tomando-o por si: porque tudo o que pica desagrada: e o que desagrada, he final que lhe toca. Toquemos a recolher; e vamonos dizer antes sape a hum gato.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XXXVII.

*Dos que furtaõ com a mão do gato.*

**L** Adroens ha, dos quaes podemos dizer, que tem mais mãos que o gigante Briareu, porque não lhes escapa conjunçãõ, lugar, nem tempo; e como se tiveraõ mil mãos, *à dextris*, e *à sinistris*, não erraõ lanço: e isto vem a ser furta com mãos proprias, que não he muito; mas furta até com as alheyas: he destreza propria desta arte, que vence na malicia a subtileza de todas as artes. Diz Lactancio Firmiano, que a mayor maldade, que commette o demonio, he a de tomar cõrpos

córpas fantásticos para commetter abômi-naçoens : porque não pôde haver mayor malicia , que des-pirse huma creatura de seu proprio ser , e vestir-se da natureza alheya , sahindose de sua esfêra , para poder mais offender a Deos. Taes são os horrens ladroens , que se ajudaõ de mãos alheyas : sayem se de sua esfêra , e vaõ mendigar nas alheyas modos , e instrumentos , com que mais furtem. Não se contentar hum ladraõ com duas mãos , que lhe deu a natureza , e com cinco dedos que lhe poz em cada huma , armados com muito formosas unhas , e hir buscar mãos alheyas , e enprestadas , para mais furtar , e poupar as suas para outros lanços , he o summo da ladroíce. No como se verifica isto , está ainda a mayor difficuldade , que será facil de entender , a quem olhar para a mão de Judas , quando no officio das trevas apaga as candéas. Obrigação he que corre por conta dos Sacristaens : mas porque não chegaõ ás velas , ou por se não queimarem , valem-se da mão alheya : e assim vem a ser mãos de Judas todas , as que ajudaõ ladroens em seus artificios.

Ainda se não deixa ver , em que cabeça vay dar a pedrada deste discurso. Os senhores Assentistas me perdoem , que elles haõ de ser aqui o primeiro alvo deste tiro. Digaõ-me Vossas Senhorias ( e não estranhem o titulo , que he cortezia , que nos introduziraõ cá os Berlanguches , que logo entraráõ tambem nesta neste ) se ElRey nosso Senhor lhe concede licença para recolherem comprado no novo o paõ , que baste para o provimento das fronteiras , o que podem fazer por si ,  
e seus.

e seus criados , para que empenhão nisso os Juizes , Ouvidores , Corregedores , e Provedores de todo o Reyno ! E porque estes são escoimados , e haõ medo de tomar peitas , á força lhas fazem aceitar , alcançando-lhe licença de Sua Magestade para isso ? Que he isto ? Donde vem tanta liberalidade , em quem trata de sua ganancia ? Interesse he tudo proprio : mãos de gato armaõ , e com faguates lhas aguçaõ as unhas , para as prezas serem mais copiosas passando dos limites , de cujas crecenças fazem negoceaçaõ , e venda a seu tempo com exesso , levando de codilho a substancia aos povos famintos , obrando tudo com as mãos da justiça , que he , o de que me queixo ; que a justiça chegue a ser entre nós maõ do gato , para que não lhe chamemos maõ de Judas , que atixa este incendio , em quanto os sobreditos tem as suas de reserva em luvas de ambar para agafalharem os lucros , que com tantas mãos nego cearaõ.

Démos huma de maõ aos Berlanguches , já que lha promettemos , e elles não querem , que lhas faltemos com o promettido. Ha perto danofsa barra de Lisboa huns ilhéos , que chamamos Berlangas ; e porque passaõ por elles todos os estrangeiros , que vem do Norte , chamamos a todos Berlanguches. Estes pois deraõ em nos virem meter na cabeça , que só elles sabem fazer baluartes , attacar petrados , disparar bombas , artificioar maquinas de fogo , e engenhos de guerra. Sendo assim , que de tudo , quanto obraõ , não vimos até agora fruto , mais que de immensas patacas , e dobrões , que recolhem para mandar à  
sua

fu  
ta  
ne  
qu  
ber  
em  
hu  
mil  
qui  
jara  
qu  
da  
mo  
adr  
só  
lo  
he  
Aq  
gat  
sou  
tud  
gu  
nos  
for  
bal  
do  
bri  
qu  
lha  
co  
qu  
na

fua terra: até agora não vimos bomba, que matasse gigante, nem petardo, que arrazasse Cidade, nem maquina de fogo, que abrazasse armada, nem queimasse se quer hum navio. Porisso disse muito bem o Doutor Thomé Pinheiro da Veiga (que em tudo he discreto) respondendo à petição de hum destes engenheiros, que demandava hum milhaõ de mercês pelas barcas de fogo, que architectou contra os Parlamentarios, que nos pejarão a barra do Tejo no anno de 1650. que o queimassem com ellas, por nos gastar a nossa fazenda com engenhos, que no cabo nada obrarão. Somos como crianças os Portuguezes nesta parte: admiramo-nos do que nunca vimos, e estimamos só, o que vem de fóra, e apalpado tudo, he farello: porque no fim das contas só o nosso braço he o que obra tudo, e leva ao cabo as empresas. Aqui me pergunta hum curioso pelas unhas do gato? E eu lhe respondo, que olhe para os thesouros delRey, e para as nossas bolças, e verá tudo arranhado com estas invençoens dos Berlanguches, peores para nós, que maõ de gato; pois nos furtaõ, e levaõ com seus gatinhos, o que fora melhor dar-se aos filhos da terra, que o trabalham, e o merecem: e no cabo andão despidos, e os Berlanguches rasgando cochonilhas, e brilhando télas. Basta hum tostaõ, para qualquer homem de bem passar hum dia: hora demoflhe a elles dous, com que pódem beber vinho, como boys agua; para que he dar-lhe setenta e quatro mil reis cada mez de ordenado? Desordenada couza chamára eu a isto; pois lhes vem a

Q fahir

fahir a mais de hum tostaõ para cada hora , e mais de dou mil e quatro centos reis para cada dia , e hum conto para cada anno. Parece isto conto de velhas , e discurso de gigantes encantados : Gigantes de ouro saõ isto , que se nos vaõ do Reyno , conquistados por Pigmeos de palha , de que fazem a maõ do gato ; que de palha borrifada com polvora vem a fer o fogo , com que abrazaõ mais a nõs , que a nossos inimigos : e elles o saõ mais verdadeiros, que os Castelhanos; porque estes nunca nos deraõ tal faco, nẽ entraõ cá por taes esfolagatos.

E para que naõ pareça que só em estranhos damnos com este discurso , viremos a prõa delle para nossas conquistas , e acharemos mãos de gato façanhosas , de que usaõ Portuguezes. Já toquey esta treta succintamente o §. ultimo do Capitulo IX. a outro proposito ; mas agora a contarey mais diffusa a este intento , em que tem mais artificio. Quer hum Capitaõ , ou Governador tornar para lua casa rico sem escandalos , nem revoltas : mete-se de gorra com os mais opulentos do seu destrito , vendendo bullas a todos de valias , e pedreiras , que tem no Reyno : mostra cartas suppostas , com avizos de despachos , habitos , Cõmendas , e officios , que fez dar a seus afillhados : e como todos , os que andaõ fóra da patria , tem pertençaens nella , cresce lhes a todos a agua na boca ouvindo isto ; e vaõ-se para suas casas discursando o caminho , que teraõ para terem entrada com taõ grande valia , que tantos compadres tem em todos os Conselheiros , e logo lhes occorre a estrada coimbrãa das peitas ; porque dadivas  
que-

quebraõ penedos ; e armaõ logo hum presente para adoçar o senhor Capitaõ , ou Governador , e o hir dispondo ao favor , que pertendem : e já se imaginaõ dando alcance à graça , que taõ altos lhes voou sempre : crescem as visitas , chovem os donativos de huns , e de outros ; e quando chega a monção de navios para o Reyno , chegaõ os memoriaes , e achaõ aos sobreditos senhores fazendo listas para a Corte , escrevendo cartas , arrumando negocios de mil pertendentes , e de tudo fazem rede para pescar os donativos , com que naturalmente se despenhaõ. Chega hum , e diz : Senhor , bem sabe Vossa Senhoria que ha vinte annos sirvo a Sua Magestade à minha custa , e que he já o tempo chegado de lograr alguma mercé por isso : e para que eu deva esta tambem a Vossa Senhoria , espero que me favoreça por meyo de seus validos , a quem protesto ser agradecido. Tenha maõ v. m. acode a Senhoria , para que veja como trago a v. m. na casa dianteira , e suas couzas diante dos olhos. Senhor Secretario , léa v. m. lá as cartas , que escrevi hontem para Sua Magestade , e para o Concelho da Fazenda , e Ultramarino. E o Secretario , que está de avizo , puxa pelas primeiras duas folhas de papel , que acha escritas ; e com a destreza , que costumaõ , relata logo de cada huma seu capitulo , que de repente vay compondo , talhado para as pertençaens do supplicante , em que o descreve taõ valente , leal , e bizarro , que nem a mãy , que o pario , o conheceria por aquelle retrato. Toma-lhe as petiçoens , e memoriaes Sua Senhoria , e manda ao Secretario,

Q ij que

que ás anexas àquelle ponto : e ao sobredito diz, que durma descançado , que em boa mão jaz o pandeiro : e elle mais solícito , que nunca , vay-se para casa , e manda logo o melhor que acha nella, para não ser ingrato ; e por esta maneira de mil modos com estas abuiſes caçaõ os mais gordos tralhoens da terra , e metem nas redes os mayores tubaroens do alto : papos de almiscar em Macão , bocetas de bafares em Malãca , bisalhos de diamantes em Goa , alcatifas de seda em Cóchim , barras de ouro em Moçambique , pinhas de prata em Angòla , caxas de açucar no Brasil ; e em cada parte de tudo tanto , que enchem navios , que vem depois dar à costa : *Male parta , male dilabuntur*. A agua o deu , a agua o leva. E ficaõ desfeitos como sal na agua todas as maquinas das pertençaens dos innocentes , e elles no limbo da suspenſaõ , e no Purgatorio do arrependimento , porque deraõ ao gato , o que não comeo o rato.

Tambem para ElRey nosso Senhor ha mãos de gato , que lhe arranhaõ a fazenda , e arrastaõ a grandeza de suas datas , e mercés ; e saõ os empregos tantos , que me não atrevo a contalos , assim por muitos , como por arriscados. Direy hum imaginado , que poderia acontecer , e servira de molde para muitos. Vaga em Coimbra huma Cadeira : vem consultada em tres oppositores. O primeiro he melhor , o ultimo o sômenos : tem este por si mais amigos na Corte : temem fallar a Sua Magestade , porque saõ conhecidos ; e sabem , que especula muito bem os que saõ apaixonados , para não admittir suas informações : buscaõ huma  
mão

maõ de gato , e armaõ os páos ; que venhaõ a cahir nella : espreitaõ a occasiaõ , em que Sua Magestade vé as consultas : fallaõ-lhe , como a caso : Senhor , para que se cança Vossa Magestade em apurar gente , que naõ conhece ; consultas da Universidade saõ muito apaixonadas pelos bandos das opposiçoens , que muitas vezes poem no primeiro lugar , quem havia de vir no ultimo : aqui anda o Lente Fulano , que tem grande conhecimento de todos os fugeitos , e he desinteressado nestas materias : informe-se Vossa Magestade delle , e verá logo tudo claro como agua. Tendes razaõ. Toca a campainha : acode o Moço Fidalgo : manday recado a fulano , que me falle á tarde. Aqui está na Sala , responde o mesmo : Deos o trouxe sem duvida , acodem os conjurados , que de proposito o trouxeraõ , e deixaraõ no posto bem instruido. Sayem-se todos para fóra , e entra o louvado : cõmunica-lhe Sua Magestade a duvida : resolve-a elle fazendo-se de novas no ponto , que traz estudado : e affirma que os conhece a todos melhor que as suas mãos ; que nunca Deos queira , que elle diga a seu Rey huma couza por outra , que nem por seu pay mudará huma cifra contra o que entende : e com estes enfalmos apeya os melhores do primeiro lugar , e levanta o ultimo aos cornos da Lua : e como naõ presume malicia , quem naõ trata enganõs , persuade-se ElRey , que aquella he a verdade ; e tomando a penna despacha a consulta , e dà a Cadeira ao que menos a merece : e faça-lhe bom proveito : e estes saõ os modos , suave leitor , com que cada dia se tiraõ sardinhas com a maõ do gato.

\*\*\*\*\*

C A P I T U L O XXXVIII.

*Dos que furtab com mãos , e unhas postigas de mais , e accrescentadas.*

**D**E hum ladrao se conta , que tinha huma maõ de pão taõ bem concertada , que parecia verdadeira , e devia de fer a direita , porque entostando-a à esquerda por entre as dobras da capa , se punha de joelhos muito devoto nas Igrejas de concursõ junto aos que lhe parecia , que poderiaõ trazer bem providas as algibeiras ; e com a outra maõ , que lhe ficava livre , lhes dava faco subtilmente ; e ainda que os roubados sentiaõ alguma couza , olhando para o visinho , de quem se podiaõ temer , e vendõ-o com ambas as mãos levantadas como que louvava a Deos , persuadiaõ-se , que seriaõ apertoens da gente , o que sentiaõ. Assim me declaro nisto , que chamo furtar com mãos postigas , de mais , e accrescentadas : e melhor ainda me declarey , com os que occupaõ muitos officios na Republica , comendo , e devorando a dous carrilhos , como monstros , a substancia do Reyno : como se lhes naõ bastara a maõ , que tomaõ em huma occupação , metem pés , e mãos no meyo alqueire com seu Senhor , e ajuntãõ moyos de rapinas , porque dando-lhe o pé tomaraõ a maõ ; e ja lhes eu perdoára , se só huma maõ meteraõ na massa ; isto he , se só com hum officio se contentaraõ : mas manejar tres , e quatro com mãos postigas , he quererẽ agarrar este mudo , e mais o outro.

A San-

A Santa Madre Igreja Catholica Romana, que em tudo acerta, tem mandado com sua milagrosa providencia, que nenhum Clerigo coma dous beneficios curados, por amor da assistencia, que não sendo Santelmo, nem S. Pero Gonçalves, que appatece na mesma tempestade em dous navios, he impossivel télla em duas partes; e não quer, que coma, e beba o sangue de Christo, sem o merecer pessoalmente. E como ha de haver no mundo, quem coma, e beba o sangue dos pobres, e a fazenda delRey, e substancia da Republica, hum homem secular occupando dous postos, e dous officios incompativens: e porque são mais que muitos, chamo tambem a isto ladroens, que furtao, e comem a dous carrilhos; e ainda mal que comem a tres, e a quatro, como monstros de duas cabeças. Muitas cabeçadas se dao, e tolérao em Republicas mal governadas: mas que na nossa tao bem regida, e disposta se sofrao estas, he para dar os bem entendidos com as cabeças por essas paredes. Ver que faça dous officio, e tres, e quatro, e sete occupaçoens hum só homem, que escassamente tem talento para hum cargo, he ponto, que faz fugir o lume dos olhos: e pouca vista he necessaria para ver, que não póde estar isto sem grandes ladroices: e a primeira he, que come os ordenados, com que se pudéaõ sustentar, satisfazer, e ter contentes quatro, ou cinco homens de bem, que o merecem. A segunda, e mayor de todas, que como he impossivel assistir hum só sugeito a tantas couzas diferentes, passaõ-lhe pela malha mil obrigaçoens de justiça, não dando

dando satisfação às partes, trazendo-as arrastadas muitos mezes, com gastos immensos fóra de suas patrias: e no cabo despachão mil disparates por escrito, para serem mais notorios; porque não tem tempo, para verem tantas couzas, nem memoria, para comprehenderem as certezas, que se lhe praticaõ: e quando vão a alinhar as resoluçoens, escapaõ-lhe os pontos, e embaraçaõ-se as linhas, que tinhaõ lançando hums, e outros; e perde-se o fiado, e o comprado, e o vendido; e vem a ser mais difficultoso encaminhar hum desarranjo destes, que começar a demanda de novo. Perdem-se petiçoens, somem-se proviçoens, faltão os Oraculos, respondem sêsta por balhésta, fazem-vos do Ceos cebola, metem-se no escuro dos segredos, com mysterios, que não ha: e Deos nos dé boas noites. Baldaraõ-se as peitas, frustraõ-se as intercessõens, perderaõ-se os gastos, e a paciencia; e appellay para o barqueiro, que de Deos vos pôde vir o remedio; porque se o buscades na fonte limpa, que reprende com sua clareza tantas aguas turvas, arriscais-vos a huma enxurrada de Ministros, que vos tiraõ o Oleo, e mais a Chrisma.

Finalmente digo, que assim como ha heresias verdadeiras, que encontraõ verdades catholicas; assim ha heresias politicas, que encontraõ as verdades, que escrevo: e assim como seria heresia de Calvino, e Lutero dizer que he mal feito ordenar a Igreja, que nenhum Clerigo coma dous beneficios curados; assim he heresia na politica do mundo admittir que hum homemsinho de nonnada occupe dous officios, que requerem duas

assisten-

assistencias. He nota de alguns Escriurarios, que nunca Deos provéo dous officios juntos em hum só fugeito: e para significar a importancia disto mandava, que ninguem semeasse dous legumes na mesma terra: e quando occupava algum servo seu em huma empreza, dava-lhe logo com ella os talentos necessarios, e forças convenientes: e isto não pôdem fazer os Principes da terra, que se bem são Senhores dos cargos, para os darem a quem quizerem, não o são dos talentos, nem os pôdem dar, a quem os não tem, como pode Deos; e porisso deve hir attento nos provimentos, que fazem, porque até hum só, e singular requer homem capaz, para ser bem servido. E para que se veja, como as couzas vão muitas vezes nesta parte, contarey o que succedeo ha poucos annos em huma praça, onde foy provido por Capitaõ mór certo Cavalheiro, que presumia de grande soldado: e no primeiro dia, em que tomou posse do seu feliz governo, lhe foraõ pedir o nome para as rondas daquella noite. Estava elle em boa conversação de amigos, e senhores, que o visitavaõ com o parabem de sua boa vinda: perguntou ao Cabo, que era o que demandava? Que me dé Vossa Senhoria o nome para esta noite, he o que peço, respondeo elle: e o senhor Capitaõ instou muito admirado; ainda me não sabem o nome nesta terra? E muito mais o ficaraõ os circunstantes do seu enleyo. Acodio o Sargento: bem sabemos o nome de Vossa Senhoria, o que peço he o nome para a ronda. Aqui arcou mais o Capitaõ. E para não se arriscar a responder

dêr outro despropósito, disse o peor, porque o mandou embora sem resolução, e que não lia seguinte trataria o ponto com mais defafogo. E enfaqui que taes succedem fer os senhores, que occupão grandes postos: é sendo taes, que farão, se os puzerem em muitos.

He engano manifesto dizer-se, e cuidar-se, que não ha homens para os cargos, e porisso os multiplicaõ em hum Ministro. He o nosso Reyno de Portugal muito fertil de talentos muito cabaes para tudo: prova boa sejaõ todas as sciencias, e artes, que em Portugal acharão seus Autores. A nobreza, e fidalguia, authoridade, e christandade entre nós andaõ em seu ponto. Todas as Naçoens do mundo podem andar conosco á soldada nesta parte: mas não apparecem os talentos por tres razõens: Primeira, porque não ha quem os busque. Segunda, porque ha quem os devie. Terceira, porque não são entremetidos; e isso tem de bons. Não ha quem os busque, porque não ha quem os estime. Ha quem os devie, por se introduzir inutil. Não se offerecem, por não padecerem repulsas. E daqui vem andarem Scipioens valentes pelos pés das moutas comendo terra; e Versifites cobardes pelos thronos cevando vaidades: andaõ Anibaes prudentes guardando gado, e Nabaes estultos dominando opulencias. Andaõ Heitores leaes arrastrados á roda dos muros da patria, que defenderão, e Sinões traidores embolçando vivas, e trianfando em carros. Sejaõ ouvidos varoens desinteressados, sabios, e Religiosos, e elles descobrirão as minas, onde es-

tá o buro dos talentos mais preciosos : elles co-  
nhecem as talhas de barro, que conservaõ melho-  
res vinhos, que jarras de ouro.

\*\*\*\*\*

### C A P I T U L O XXXIX.

*Dos que furtão com unhas bentas.*

**U**Nhas bentas, parecerá couza impossivel;  
porque todas são malditas, e peçonhentas,  
como as dos gatos, que ha pouco discursamos.  
Mas como não ha regra sem excepção, desta se ti-  
raõ algumas: taes são as da grão besta, de quem  
dizem os naturaes grandes virtudes: e com tudo  
isso também affirmão os meimos, que até essas  
virtudes são furtadas as conjunções da Lua; para  
que nenhuma unha se possa gabar, que escapou  
da Estrella, que os Astrologos chamaõ Mercurio  
ladraõ famoso. E entre tantas unhas não ha duvi-  
da, que ha algumas bentas; não porque tirem  
almas do Purgatorio com perdoens de conta ben-  
ta; mas porque lançadas as contas, lançando  
bênçãos, e apoyando virtudes, e clamando mi-  
sericordias, e amores de Deos, purgaõ as bolças,  
que enontraõ, melhor que pirolas de escamonea.  
A mais de quatro Criticos se me vay o pensamento  
neste passo, não de pällagem, mas de proposito,  
e reixa velha, a certos servos de Deos, a quem  
murmuradores chamaõ por desdem da Apanhia,  
levantandõ-lhes que mandaõ olhar a gente para  
o Ceo, em quanto lhe apanhaõ a terra. Mas isto  
he

he praga; que só se acha, em quem não val testemunha conforme a sentença de Luiz Rey de França, que só hereges, e amancebados fallão mal dos taes fugeitos: estes, porque os reprehendem com sua modestia; e aquelles, porque os convencem com sua doutrina. E o certo he, que effes mesmos Zoilos, que murmuraõ, quando querem a sua fazenda segura, ou o seu dinheiro bem guardado, que nas mãos destes Anjos da guarda depositaõ tudo.

As unhas; que usurpaõ a titulo de bentas, faõ aquellas, que empolgando piedades, fazem a preza em latrocinios. Explico isto com alguns exemplos, que daraõ noticia para outros muitos. Seja o primeiro de dous soldados da fortuna, que vendo-se mal vestidos (desgraça ordinaria em todos) acordaraõ valer-se do Sagrado, para que o profano os remediasse. Houveraõ às mãos huma Hostia, que pediraõ em certa Sacristia para huma Missa das almas: daõ comsigo, e com ella na rua Nova: pedem a hum mercador, dos que chamaõ de negocio, lhes mostre a melhor pessa de Londres: encaixaõ-lhe em huma dobra a Hostia dissimuladamente, mostraõ-se descontentes da cór, e pedem outra: vistas assim algumas, appellaõ para a primeira, e mandaõ medir vinte covados, regateando-lhe primeiro muito bem o preço, como he costume. Mal eraõ medidos quatro, quando apparece a Hostia, a que elles fingindo lagrimas se prostraraõ batendo nos peitos. Fica o mercador sem sangue, temendo lhe impu-tem de novo, o que em Jerusalem tomaraõ sobre si seus

si seus antepassados. Não he necessario declarar os extremos , que de parte à parte passaraõ : Resultou por fim de contas , que levaraõ a bom partido a pessa toda , sem outro custo , que o de jurarem , que ninguem saberia o caso succedido. Não sey se he isto furtar com unhas bentas ? Selo-haõ mil esmolos pelo menos , que cada dia vemos pedir com capa de piedade , e misericordia , para pobres , para Missas , e Irmandades , as quaes vaõ arder na mesa do jogo , ou da gula. Hum mullato conheci , que tinha huma ópa branca , que comprou na roupa velha por dous tostoens , com a qual , com huma bacia , e duas voltas , que dava por quatro ruas todos os dias pedindo para as Missas de Nossa Senhora , ajuntava , o que lhe bastava , para passar alegremente a vida. Tambem este furtava com unhas bentas.

Que direy de infinitos , que a titulo de pobres se fazem ricos ? Abrem chagas nas pernas , e nos braços , com causticos , e hervas : mostraõ suas dores com brados , que moverás as pedras : *Mira la plaga, mira la llaga!* Pelas Chagas de Christo nosso Redemptor , que me dêm hum esmola ! Dizia hum destes na ponte de Coimbra de outro , que tinha huma perna muito chagada : boto a tal , que tem aquelle ladraõ huma perna , que val mais de mil cruzados ! E assim he , que muitos mil ajuntaõ estes piratas : e lá se conta de hum aleijado , que morrendo em Salamanca , fez testamento , em que deixou a ElRey Filippe I. ou II. de Castella a albarda do jumento , em que andava ; e acharaõ-se nella cinco , ou seis mil cruzados em  
ouro.

ouro. Hum Fidalgo piedoso lançou pregaõ na sua terra , que tal dia dava hum vestido novo por amor de Deos a cada pobre: ajuntaraõ-se no seu pateo infinitos; e a todos deu vestidos nõvos, mas obrigou-os a que logo os vestissem, e tomoulhes os velhos, e nelles achou bem cosida, e escondida por entre os romendos mayor quantidade de dinheiro vinte vezes, que a que tinha gastado nos vestidos. Estes taes nõ ha duvida, que sãõ adroens, que com unhas bentas esfolãõ a Republica, tomando mais do que lhes he necessario, e fora melhor distribuillo por outros, que por nõõ pedirem padecem.

Tambem em mulheres ha exemplos de unhas bentas notaveis. Innumeraveis sãõ, as que professaõ benfedeiras, e tem mais de figanas, que del-beatas. Entra em vossa casa huma destas com nome de fantinha; porque dizem della, que adevinha, faz vir à mãõ as couzas perdidas, e depãõra cazamentos a orfãns, e despachos aos mais desesperados pertendentes. Pedis-lhes remedio para vossos dezejõs: pedevõs huma cadãa de ouro emprestada para seus ensalmõs, quatro aneis de diamantes, meya duzia de colheres, e outros tantos garfos de prata, cinco moedas de tres mil e quinhentos, em memoria das cinco Chagas: mette tudo em huma panella nova com certas hervas, que diz colheo á meya noite, veõpora de S. Joãõ, e enterra-a muito bem coberta de traz do vossõ lar, fazendo-võs fechar os olhos, para que nõõ lhe deis quebranto: e a hum virar de pensamento, emborca tudo nas mangas do sayõ, e fica vazia a ólha;

a ólha, ou para melhor dizer chea de preceitos, que ninguém bula nella, sobpena de se converter tudo em carvoens, até passarem nove dias em honra dos nove mezes; e nelles se passa para Castella; ou França, com a preza nas unhas, que chamo bentas, pois por taes as tivestes, quando a poder de bençaõs vos roubaraõ. Vedes vòs isto piedoso leitor, pois sabey de certo, que succede cada dia por muitas maneiras a gente muito de bem, e obrigada a não se deixar enganar taõ parvoemente.

Mas deixando ninherias, vamos ao que importa. Admittimos todos neste Reyno as décimas para a defenfa delle, e a todos contentou muito esta contribuiçaõ; porque não ha couza mais racionavel, que assegurar tudo com a décima parte dos rendimentos, que vem a ser pequena parte comparada com o todo. Dizem os Ecclesiasticos neste passo, que são izentos de gabelas por Diplomas Pontificios; e eu não lho nego; mas quizera-lhes perguntar, se gostaõ elles de lograr os lucros, que das décimas resultaõ, que são terem as suas fazendas seguras, e as vidas quietas das invasoens dos inimigos, que os nossos Soldados rebatem, alentados com as décimas? Não podem deixar de responder todos, que sim. Pois se assim he, como na verdade he, lembrem-se do ditado, e do Direito que diz: *Qui sentit commodum, debet sentire, & omnis* E vem a ser o que diz o nosso proverbio, que quem quizer comer, depenne. Que se depenne, quem gosta de viver sem pennas; e estando isto taõ poiso em boa razãõ,

zaõ , segue-se logo a consequencia verdadeira, que devaõ dar seu consentimento na contribuiçaõ das décimas : e vindo elles nisto como saõ obrigados pela razaõ sobredita : *Et scienti, & consentienti non fit injuria*, digaõ me , onde encalha o seu escrupulo ? Encalha nos Diplomas , de que fazem unhas bentas , para surripiar do cõmum , o que affectaõ para seus cõmodos particulares ? E naõ se vio mayor sem-razaõ , que quererem conservar suas queixadas sans á custa da barba longa. E se ainda persistem na sua teima , ou interesse , que assim lhe chamo , e maõ escrupulo ; responde-me a este argumento. Se he licito aos Reys Catholicos tomarem a prata das Igrejas , para as conservarem , e defenderem em extrema necessidade : porque naõ lhes serà licito recolherem décimas dos Ecclesiasticos , para os defenderem no mesmo aperto ? Licito he , naõ ha duvida ; porque esta consequencia naõ tem reposta : e della se colle outra , que reprehende de muita cobiça , e avareza , o que elles querem , que seja escrupulo , e excõmunhaõ : e vem a ser rapina verdadeira , a com que se levantaõ á mayores fazendo unha da Religiaõ , para agarrarem o capital , e os redditos , sem entrarem nos riscos , que sempre grandes lucros trazem consigo. E vedes aqui as verdadeiras unhas bentas : bentas na opiniaõ de sua cobiça , e malditas na de quem melhor o entende : e para que elles entendaõ , que sabemos tambem o respeito , que se lhes deve , e que naõ ha diplomas , que encontrem esta doutrina , direy claramente , o que ensinaõ os Theologos nesta parte ;

te , e he , que são obrigados os Ecclesiasticos a concorrerem igualmente para os gastos publicos das calçadas , fontes , pontes , e muros : porque todos igualmente se servem , e aproveitão destas couzas : e ha de ser em tres circumstancias. Primeira quando a contribuição dos leigos não basta. Segunda , com exame , e ordem dos Prelados. Terceira , sem força na execução. Mas logo se accrescenta , que os Prelados são obrigados a executalos : e isso he , o que queremos na contribuição das décimas : e melhor fora não se chegar a isso , pois em gente sagrada se devem achar mayores primores.

Naõ posso deixar aqui de acodir a huma queixa ; que anda mal enfarinhada com reçaibos de unha benta , e topa no Fisco Real , quando pelo Santo Officio recolhe as fazendas dos comprehendidos em crime de confiscação. Poderião alguns zelosos dizer , que se gasta tudo no Tribunal , que o arrecada , e que he tanto , o que se confisca , que excede seus gastos : e que dos sobejos nunca resulta nada para Sua Magestade , que com grande piedade remette tudo nas consciencias de tão fieis Ministros. Materia he esta muito delicada com ser pezada : e por credito da inteireza , que tão Santo Tribunal professa , convém que lhe demos satisfacção adequada em Capitulo particular , que será o seguinte.

\*\*\*\*\*

## C A P Í T U L O XL.

*Responde-se aos que chamão Visco ao Fisco.*

**P** Or fabula tenho, o que se conta do Sayvedra, que dizem meteo neste Reyno, por enganoso de breves falsos, o Tribunal, e Fisco da Santa Inquisição; porque não ha memoria disso nos Archivos do Santo Officio, nem na Torre do Tombo, onde todas as couzas memoraveis se lançaõ: nem ha outro testemunho, mais que dizello o mesmo Sayvedra, por córar com isso outros crimes, que o lançaõ nas galès. O certo he, que o Rey Catholico D. Fernando lançaõ de Castilla os Judeos na era de 1482. porque tinhaõ juramento os Reys de Espanha, por preceito do Concilio Toledano, de não consentirem Hereges em seus Reynos. Muitos destes, ou quasi todos, deraõ comfigo em Portugal. Admittio-os El Rey D. Joaõ II. por tempo determinado, que sehiriaõ deste Reyno, sobpena de ficarem seus escravos, os que se não fossem. Muitos se foraõ: e os que se deixaraõ ficar, correraõ a fortuna de escravos, e como taes eraõ vendidos: até que El Rey D. Manoel os tornou a notificar com as mesmas, e mayores penas, que lhe despejassẽ todos o Reyno; alguns obedeceraõ, e os mais pediraõ o Santo Bautismo, e com isso aplacaraõ as penas: e ficaraõ taõ mal instruídos, que El Rey D. Joaõ III. vendo, que não só professavaõ a Ley de Moyses publicamente, mas que tambem a ensinavaõ até aos Christãos velhos, alcançou do Papa Clemente VII. o Tribu-

nal

nal do Santo Officio no anno de 1531. e o fez confirmar por Paulo III. no anno de 1536. com Breves Apostolicos na conformidade, em que até hoje dura, e durará com o favor Divino por te dos os seculos; porque a este Santo Tribunal se deve a inteireza da Fé, e reformação de costumes, com que este Reyno florece em tépos taõ calamitosos, q̃ abrazaõ todo o Orbe Christaõ com corrupções, e herefias.

A mayor pena, que tem os Hereges além da de morte, he a que lhes executa o Fisco da confiscação, e perda de todos seus bens: e he muito justa; porque as herefias nascem, e cévaõ-se com a cobiça das riquezas, com as quaes se fazem os Hereges mais intolerantes, e pervertem outros, e com lhas tirarem, ficaõ mais enfreados; e só o Summo Pontifice pôde applicar os bens confiscados, a quem lhe parecer mais conveniente; porque he causa meramente Ecclesiastica. Os bens dos que forem Clerigos, applicaõ-se por Direito a Igreja, os dos Religiosos á sua Religiaõ, os dos leigos a seus Principes, onde os taes bens existem, e não onde se condemnaõ. Em Espanha, e Portugal pertencem os bens dos leigos aos Reys por particular concessaõ; e os dos Clerigos, mas q̃ tenhaõ beneficios, por costume geral em toda a parte, pertencem ao Fisco seculares. De tudo isto se colhẽ tres côclusões certas.

Primeira conclusaõ: que os Principes seculares não podem remittir aos Hereges as penas do Direito Canonico, nem do costume Ecclesiastico; nem ainda das leys, que os metmos Principes puzeraõ, se foraõ approvadas pela Igreja, porque pela approvação ficaõ Ecclesiasticas. Segunda: que  
naõ

naõ pôdem os Inquisidores remittir os bens confiscados sem consentimento do Principe, porque lhos concedeo o Papa ao seu Filco; mas o Papa pôde, porque he Senhor Supremo. Terceira: que depois de dada sentença, de tal maneira ficaõ os bens confiscados sendo proprios do Principe pela doaçã do Papa, que pôde delles dispôr, e dallos a quem quizer, mas que seja aos mesmos Hereges, a quem se tomaraõ, depois de reconciliados; mas antes de reconduzidos, naõ pôdem pelas tres razoes, que ficaõ tocadas, que com as riquezas se cèvaõ, e crescem as herefias, e os Hereges se fazem insolentes, e pervertem outros: e tambem, porque he causa Ecclesiastica, e naõ tem direito aos bens, que lhes naõ estaõ ainda sentenciados. Destas tres conclusõens se colhe huma consequencia certa, que a confiscaçã he pena Ecclesiastica, e que como tal naõ pôde o Principe secular impedir a execuçã della sem licença do Summo Pontifice, que lha pôde dar como Senhor Supremo da Ley, que tem dominio alto sobre tudo.

De tudo o dito fórmõ agora hum argumento, com que acudo à queixa, que nos obrigou a fazer este Capitulo. Os Reys em Portugal sãõ Senhores dos bens confiscados, depois de sentenciados, de tal maneira, que õs pôdem dar atè aos mesmos Hereges reconciliados: *ergo à fortiori*, poderãõ dar a administraçã, e dominio dos taes bens absolutamente aos Senhores Inquisidores, para que õs gastem, como melhor lhes parecer; e que lhes tenhaõ dado este poder, he notorio, e se prova do facto, e da permissãõ continua sem repugnan-

pugnancia, nem contradição. E ainda que a massa do Fisco he muito grande, não são menores os gastos da sustentação dos penitentes, das agencias de seus pleitos, das fabricas dos edificios, dos ordenados dos Ministros, das maquinas dos cadafalsos, e mil outras couzas, que empresas tão grandes trazem consigo, que he facil conhecellas; e difficuloso julgallas; porque o menos, que aqui se pondéra, he o que vemos, e o mais, o que se nos occulta com o eterno segredo, alma immortal do Santo Officio. Nem se póde presumir que haja desperdiços, onde ha tanta exacção, e pureza de consciencias, que apuraõ o mais delicado de nossa Santa Fé: antes se póde ter por milagre o que vemos, e experimentamos, que só com a confiscação dos Réos se sustente maquina tão grande, tão illustre, e tão poderosa! E dado, que passe alguns annos a receita além da despeza, succedem outros, em que a despeza excede os bens confiscados: e providencia economica iguala as balanças de hum anno com os contraprezos do outro: e vimos a concluir, que tudo, o que se póde metafysicar de sobejos, he pequena remuneração para tão grandes merecimentos. Nem ha no mundo interesse, com que se possa gratificar, o que este Santo Tribunal obra em si, e executa em nós. O que obra em si, he huma observancia de modestia, e inteireza, que affombra, e confunde aos mais reformados talentos; porque o mesm o he entrar hum homem Ecclesiastico, ou secular no serviço do Tribunal da Santa Inquisição, que vestir-se logo de huma composição de acçoens, palavras, e costumes, que fazemos

R

pouco,

pouco, os que os vemos, quando não lhes fallamos de joelhos. O que em nós executaõ, bem se deixa ver na reformação dos uicios, na extinção das herefias, e no augmento das virtudes. Seria Portugal huma charneca brava de maldades; seria huma sentina de vicios, seria huma Babilonia de erros, se o Santo Officio não vigiara as maldades, não castigara os vicios, e não extingui-  
 ra os erros. He Portugal hum Promontorio commum de todas as Naçoens: nelle entraõ, e sayem continuamente todos os hereges do mundo, sem que os vicios das Naçoens nos damnem, sem que os erros das herefias se nos peguem. Não ha Reyno, nem Provincia na Christandade, que se possa gabar de intacto nesta parte: só Portugal persevera illeso. A quem se deve taõ gloriosa fortuna? Ao Santo Officio, que tudo atalha vedando livros, açamando Seitas, castigando erros, e melhorando tudo. E vendo os Reys Serenissimos de Portugal a importancia de taõ grande serviço, como a Deos, e á Republica fazem taõ fieis Ministros, não fizeram muito em lhes largarem todo o Fisco á sua disposição.

E se ainda se não derem por satisfeitos os zelosos na sua queixa, ouçaõ, o que respondeo El-Rey Philippe o Prudente em Madrid a outra semelhante, que involvia notas com titulo de excessos no uso do poder: *Dexallos, que mas estimo yo tener mis Reynos quietos, y Catholicos cõ treinta Clerigos, que todos effos interesses, y respetos.* Fallou como Prudente que era; porque interesse, e respeitos temporaes, não tem comparação com lucros sobrenaturaes. Este mesmo Rey passando pela Pra-  
 em

ça de Valhadolid com todo seu acompanhamento, e pompa Real, encontrou dous Inquisidores, e em os vendo, se sahio do coche, e com o chapéo na mão os levou nos braços, dizendo: *Assi es bien, que honre yo, a quien tanto me honra a my, y defiende mis Reynos como vòs!* Sabia conhecer, o que nós não ignoremos: e porisso affoutamente concluo, que cada hum diz da feira, como lhe vay nella. Quero dizer, que só gente suspeita poderá grunhir, onde desapaixonados cantão a gala, e o parabem ao Santo Officio com os vivas, que merece. E nós descantemos por diante os excessos de outras unhas, pois nas do Fisco não achamos o visco, que só gente satyrica pela toada de orelha de Midas lhe apoda.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XLII.

*Dos que furtaõ com unhas de fome.*

**N**As gazetas de Picardia se escreve, que houve hum moço taõ inclinado a seu accrescentamento, que assentou praça de pagem com hum Fidalgo, que tinha fama de rico: mas ao segundo dia achou, que assentara praça de galgo; porque nem cama, nem vianda se usava naquella casa; e porisso o senhor della era rico, porque adquiria com unhas de fome o que enthesourava. Succedeo hum dia, que hindo o novo pagem comprar huma moeda de rabaõs para a cca de todos, encontrou huma grande preciffaõ de Religiosos, e Clerigos, que levavaõ a enterrar hum defunto,

e de traz da tumba se hia carpindo a mulher, e lamentando sua desgraça, e ouviu que dizia entre lagrimas, e suspiros: aonde vos leuão meu mal logrado? A' casa, onde se não come, nem bebe, nem tereis cama, mais que a terra fria? Em ouvindo isto o rapaz, voltou para casa como hum rayo fogindo, trancou as portas, e disse espavorido a seu amo. Senhor ponhamo-nos em armas, que nos trazem cá hum homem morto! Tu deves de vir doudo, disse o amo, pois cuidas, que a nossa casa he Igreja. Bem sey, disse o moço, que esta casa não tem Igreja mais que o adro, que he v. m. ao meyo dia; e porisso entrey em suspeitas, se veriaõ cá enterrar aquelle finado: e confirmey-me de todo, porque a gente, que o traz, vem dizendo, que o leuão á casa, onde se não come, nem bebe, nem ha cama, mais que á terra fria: e como aqui ninguem come, nem bebe, nem tem cama, bem digo eu, que cá o trazem; e que fiz bem de fechar as portas, pois alláz bastaõ os defuntos, que cá jazemos mortos de fome, que he peor que de maleitas.

Com esta historia se explica bem, que couza saõ unhas de fome, que poupando furtaõ á boca, á saude, e á vida, o que lhes he devido; e assim chamamos unhas de fome a hunz, que tudo escondem, e que tudo guardaõ, sem sabermos para quando, e he certo, que para nunca; porque primeiro lhes apodrece, que faya á luz o que reservão: e quando vos daõ alguma couza, he sempre o peor, e o que não presta, ou de modo, que melhor fora não vos darem nada. Saõ estes como a rapoza de Hisopete, que banqueteu a  
cego-

cegonha com papas estendidas sobre huma lagem, para que as não pudesse tomar com o bico. E se me perguntardes , onde está aqui o furto , que parece o não ha em guardar cada hum o que he seu, e em poupar até o alheyo? Respondo, que o caro he barato, e o barato he caro. Direis que tóo isto a despropósito : mas eu não vi couza mais certa, se a entenderdes, como a entendo; e já me não haveis de entender, se me não declarar com exemplos. Seja o primeiro do que cada dia vemos em provimentos de náos da India, e de galeoens, e navios, que manda ElRey nosso Senhor ao Brasil, Angola, e outras partes: provém-se de chacinas podres, bacalháo corrupto, biscouto mascavado, vinho azedo, azeite borra; porque achão tudo isto assim mais barato na compra; e saye-lhes mais caro no effeito, porque adoecem todos os passageiros, morre a ametade, malogra-se a viagem, perde-se tudo; porque forão providos com unhas de fome: e por pouparem o que se furta, fizeraõ com que o barato custasse caro a todos.

Segundo exemplo seja do que succede nas armadas: manda-as Sua Magestade provér para tres mezes com liberalidade Real: encolhem os Provedores as mãos para encher as unhas, e daõ provimento para tres semanas: eis que na segunda semana já falta a agua, e na terceira já não ha paõ. Tornam-se a recolher sem obrarem o a que hiaõ, e por milagre chegaõ cá com vida. Eisaqui que couza são unhas de fome, que por matarem a sua, põem em desesperaçãõ a allheya. Os provi-

mentos Reaes , como os de toda a casa bem governada , devem ser como os de Deos , que sempre nos dá remedios superabundantes. Não devem hir as couzas tão guizadas, nem tão cerceadas, que nada sobeje : o que sobeja no prato , he o que satisfaz mais , que o que se come. Tres açoutes tem Deos , com que castiga o mundo , e o primeiro he fome : açoutar quer nossa Monarquia , quem mete em suas forças fome. Nada poupa , quem aguarenta a fartura , porque vos vem a levar o rato , o que não quizestes dar ao gato. Perdem-se immensos thesouros de gloria , e interesse nos commercios do mar , e nas vitorias da campanha por falta do provimento liberal , e conveniente. Deos nos livre da ganancia , que nos occasiona tão grandes perdas.

Tambem roubaõ com unhas de fome , os que por forrarem de gastos, aguarentaõ os ordenados , privilegios , e favores aos Ministros , e Officiaes del Rey, ou das Republicas. Nos marinheiros das náos da India temos bom exemplo. Concedelhes o Regimento antigo trinta mil reis de praça, hum lugar na náo capaz de sua pessoa , e fato , quatro fardos de canéla livres , e sem taxa , para que engodados com estes interesses , e liberdades, abracem o trabalho , que he desmedido. Vem o Regimento moderno , aguarentalhes tudo a titulo de poupar á fazenda Real : e segue-se dahi não haver, quem queira arriscar sua vida por tão pouco , e hirem forçados, e por isso negligentes em tudo. Nem ha , para que buscar outra causa de se perderem tantas náos de poucos annos a esta parte.

As

As náos no mar são como os carros, que caminham carregados por terra: se tem quem os guie, e governe com cuidado, e sciencia, escapão de atoleiros, e barrancos, onde se fazem em pedaços; se os deixão meter nelles. Como não haõ de dar as náos á costa, e em baixos, se os que as guião, e governão, vão descontentes, e ignorantes? Vão descontentes, porque vão forçados, e vão forçados, porque não vam bem remunerados: e daqui vem serem ignorantes; porque ninguém estuda, nem toma bem a arte, de que nam espera mayor proveito: e assim nos vem a custar o barato muito caro; porque houve unhas de fome, que fabricaraõ ruinas, onde armaraõ interesses.

Aqui me vem a curiosidade de perguntar qual he a razam, porque nenhuma náõ, nem galeam nosso, ou vá de viagem, ou de armada, nunca leva boticas, nem medicamentos communs, para as febres da Linha, nem para as feridas de huma batalha, nem para o mal de Loanda, nem para nada? Huma de duas; ou he ignorancia, ou escaceza: ignorancia não creyo que seja; porque nam ha, quem não faiba, que se adoce no mar mais, e mais gravemente que em terra: he logo escaceza; por não gastarem dous, ou tres mil cruzados nos aprestos para a saude, e vida dos passageiros, e soldados, sem os quaes se perde tudo: perde-se a gente, que he o mais precioso, morrendo como mosquitos, e alojando-os ao mar aos feixes; e perde-se tudo, porque tudo fica sem quem o defenda das inundaçoes do mar, e vio-

lencias dos inimigos. Muita ventagem aos fazem nesta parte os estrangeiros, em cujos navios vemõs boticas, e aprestos muitas vezes, para curar doentes, e feridos, que valem muitos mil cruzados: e nós escassamente levamos hum barbeiro, nem hum ovo para huma estopada.

\*\*\*\*\*

### CAPITULO XLII.

*Dos que furtaõ com unhas fartas.*

**A** Rapoza, quando saltéa hum galinheiro faminta, céva-se bem nos primeiros dous pares de galinhas que mata; e como se vé farta, degola as demais, e vay-lhe lambendo o fangue por acipipe. Isto mesmo succede aos que furtam com unhas fartas, que não páraõ nos roubos, por se verem cheyos, antes entaõ fazem mayor carniçaria no fangue alheyo: faõ como as fanguixugas, que chupaõ até que arrebentaõ. Andam sempre doentes de hidropesia as unhas destes: entaõ tem mayor fede de rapinas, quando mais fartos dellas. E ainda mal, que vemos tantos fartos, e repimpados á custa alheya; que não contentes, da mesma fortuna fazem razão do estado, para sustentarem faustos superfluos, engolfando-se mais para isso nas pilhagens, para luzirem desperdiçando; porque só no que desperdiçaõ achaõ gosto, e honra: chamara-lhe eu descredito, e amargura de consciencia, se elles a tiverão.

Olhem

Olhem para mim todos os Ministros del-Rey, que hontem andavã a pé, e hoje a cavallo: estejam-me attentos a duas perguntas, que lhes faço, e respondam-me a ellas, se souberem; e se nam souberem, eu responderey por elles. Se os officios de vossas mercês dão de si até poderem andar em hum macho, ou em huma faca, quando muito; e suas mulheres em huma cadeira: como andam vossas mercês em liteira, e ellas em coche? Se a sua mesa se servia muito bem com pratos, saleiro, e jarro de louça pintada de Lisboa, como se serve agora com baixelas de prata; salvas de bastioens, confeiteiras de relevo. Nam me diram, de donde lhe vierão tantas colgaduras de damasco, e téla, tantos bofetes guarnecidos, escriptorios marchetados, com pontas de abbada em cima? Derão de fartos em fome canina? Já que lhes nam dá do que dirá a gente, nam me diram, onde acharão estes thesouros, sem hirem á India; ou que arte tiveram, para medrarem tanto em tam pouco tempo, para que os desculpe-mos no menos com a visinhança? Já o fey, sem que me digam: houveram-se como a rapoza no galinheiro, em que entraram: cevarão-se não só no necessario, senão tambem no superfluo. Não se contentão com se verem fartos, e cheyos, como esponjas, querem engordar com acipipes: e porisso lançaõ o pé além da mão, e estendem a mão até o Ceo, e as unhas até o Inferno, e metem tudo a faco, quando o enfacaõ: e são como o fogo, que a nada diz, basta. E se querem saber a causa de suas demazias, leão com attençaõ

o Capitulo, que se segue.

CAPI-

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XLIII.

*Dos que furtão com unhas mimosas.*

**A** Ssim como ha unhas fartas , tambem as ha mimosas , que sam suas filhas , e porisso peores , por mal disciplinadas , porque para regalarem a seus donos furtão mais do necessario. Furtar o necessario , quando a necessidade he extrema , dizem os Theologos , que não he peccado ; porque então tudo he commum , e não ha meu , nem teu , quando se trata da conservaçam das vidas , que perecem por falta do que ham mister , para se sustentarem : mas furtar o superfluo para animar o corpo , e regalar a alma , he caso digno de reprehensam : ainda mal , que succede muitas vezes. Como agora : Ponhamos exemplos ; porque exemplos declarão muito. He certo , que a qualquer Ministro delRey basta o ordenado , que tem com as gages licitas do officio para passar honestamente conforme a seu estado. Pois se lhe basta hum vestido de baeta , para que o faz de veludo ? Se lhe sobeja hum gibam de tafetá , para que o faz de téla , quando ElRey o traz de olandilha ? Para que rasga Ollanda , onde basta linho ? Para que come galinhas , e perdizes , e tem viveiro de rolas , se pôde passar com vaca , e carneiro ? Para que dispende em doces , e confervas , o que bastava para cazar muitas orfans ? Bastando paças , e queijo para assentar o estomago,

go, sem lhe causar as azias que padece pelos muitos guizados, que nam pôde digerir. Para que sam tantas mostras do Reyno, e de Canarias, bastando huma de Caparica, ou de mais perto: Por verdade affirmo, que vi em casa de hum nesta Corte mais de quinze frasqueiras, e nam era Flamengo; e outro que mandava borrifar o ar com agua de flor para aliviar a cabeça, que melhor se aliviaría, nam lhe dando tanta carga de licores.

Muitos mimos sam estes, e que não pôdem estar sem empolgar as unhas na fazenda, que lhes corre pela mão; e por isso lhes chamo unhas mimosas. *Quien cabras nò tiene, y cabritos viende, donde le vienen?* Meu irmão Ministro, ou official, ou quem quer que sois, se vossa casa hontem era de esgrimidor, como a vemos hoje á guiza de Principe? E até vossa mulher brilha diamantes, rubis, e perolas sobre estrados broslados? Que cadeiras sam estas, que vós vemos de brocado, contadores da China, catres de tartaruga, laminas de Roma, quadros de Turpino, brincos de Veneza, &c. Eu nam sou bruxo, nem adevinho; mas atrevome sem lançar peneira affirmar, que vossas unhas vos grangearam todos esses regalos para vosso corpo, sem vos lembrarem as tiçoadas, com que se ham de recambiar no outro mundo: porque he certo, que vós os não lavastes, nem os roçastes, nem vos nascerão em casa como pepinos na horta; e mais que certo, que ninguem volo deu por vossos olhos bellos, porque os tendes muito mal encarados. Logo bem se segue, que os furtaastes: e vós sabeis o como,  
e eu

e eu tambem : e para que outros o faibaõ , volo direy ; porque estou certo o naõ haveis de confesar , mas que vos dêm tratos.

Entregaraõ-vos o livro das despezas , e receitas Reaes , enxiristes-lhe huma folha portatil no principio , outra no meyo , outra no cabo : acabou-se a lenda ; levantastes as follias com quanto nellas se continha , que eraõ partidas de muitos contos ; e ficastes livre das contas , e encarregado nos furtos , que só no dia do Juizo restituireis ; porque ainda que vos vendais em vida , naõ ha em vós substancia , porque a desperdiçastes ; nem vontade , porque a naõ tendes , para vos descarregar de taõ grande pezo. Por esta , e outras artes de naõ menor porte , que deixo , fazem seu negocio asunhas mimoiãs ; e tudo lhes he necessario , para manterem jogo a seus appetites : e naõ houvera melhor Flandres , se o bicho da consciencia as naõ roéra. Hum licenceado destes picado do escrupulo correo , quantos Mosteiros ha em Lisboa antigamente buscando hum Confessor , que o absolvesse : e a razaõ q̄ dava para ser absoluto era , que naõ tinha mais que duzentos mil reis de ordenado , e gages , e que havia mister mais de quinhentos mil para governar sua casa ; e que naõ havia de ser contente ElRey , que a sua familia perecesse. Respondiaõ-lhe todos ( porque todos estudavaõ pelos mesmos livros ) he verdade que naõ quer Sua Magestade que seus criados morraõ de fome ; mas tambem he verdade , que naõ quer , que o roubem : e se esse officio naõ vos abrange , moderay os gastos , ou largay-o , que naõ faltará,

faltará, quem o sirva com o que elle dá de si sem  
 elles furtos: fois obrigado a restituir, quanto  
 tendes furtado: aqui perdia a paciencia o suppli-  
 cante, allegando, que era muito o que estava  
 comido, e bebido, e que não havia posses para  
 tanto: mal mudarey de estylo, dizia elle, até  
 agora tomava a ElRey diminuindo nos pezos, e  
 nos preços, e nas cifras; daqui por diante accres-  
 centarey tudo, e sahira das partes cabedal, com  
 que fatisfaça, já que não ha outro remedio: e  
 como as partes são muitas, e de mim desco-  
 nhecidas, tomarey a bulla da Composição daqui  
 a cem annos, e ficará tudo concertado. Mas não  
 faltou quem o advertisse, que não vale a tal bul-  
 la, a quem furta com os olhos nella; e que me-  
 lhor remediaria tudo aguarentando os mimos, e  
 regalos, em que dissipava tudo.

\*\*\*\*\*

#### C A P I T U L O XLIV.

*Dos que furtaõ com unhas desnecessarias.*

**E**Xcusadas são no mundo quantas unhas ha,  
 que o arranhaõ com ladroices, e porisso bem  
 desnecessarias todas. Mas este Capitulo não as com-  
 prehende todas; porque só trata das superfluida-  
 des, que destroem as Republicas, peor que ladrões  
 as bolças, a que dão caça. E bem pudemos aqui  
 fazer logo invecção contra os trajés, invençoens,  
 e costumes de vestidos, que se vão introduzindo  
 cada

cada dia de novo, esponjas do nosso dinheiro, que o chupaõ, e levaõ para as Naçoens estranhas, que como a bugios nos enganaõ com as suas invençoens: cada dia nos vem com novas cores, e receduras de lãa, e seda, que na sua terra custaõ pouco mais de nada, e cã no las vendem a pezo de ouro: e como o que vem de longe, sempre nos parece melhor, e o que nos nasce em casa, não agrada; desprezamos os nossos pannos, e sedas, que sempre se fizerão no Reyno com melhoria. Insania marcada, e politica errada foy sempre, antepor o alheyo ao proprio com dispendio da commodidade. Haverá quarenta annos, que Castella lançou huma Pragmatica com graves penas, que ninguem vestisse seda, se não fosse fidalgo de bastante renda: e attentava nisto, ao que hoje se não atenta, que não gastassem superfluamente os vassallos furtando á boca, e aos filhos, e á Republica, o que punhaõ em luzimentos desnecessarios. Queixão-se hoje, que não tem para pagar as decimas, com que ElRey lhes defende as vidas; e nós vemos, que lhes sobeja para gastarem, no que lhes não he necessario para a vida. Apodão este tempo com o antigo: chamão ao passado idade de ouro, e ao presente seculo de ferro: e nós sabemos, que quem então tinha hum anel de ouro com hum par de colheires, e garfos de prata, achava que possuia muito. Então mandava ElRey D. Diniz, o que fez quanto quiz, as arrecadas da Rainha á Cidade de Miranda quando se murava, dizendo: não parem as obras por falta de dinheiro; empenhem se

se essas arrecadas, que custarão cinco mil reis, ou vendão-se, e vão os muros por diante, que logo hirá mais foccorro. Estes são os thesouros antigos! E hoje não ha mecanico, que não tenha cadeas de ouro, tranfelines de pedraria, e baixellas de prata. Não tornou o tempo para traz; mas a cobiça he, a que vay adiante pondo em couzas superfluas, e particulares, o que houvera de empregar no augmento do bem commum, e defenfa da patria.

Esta he a opiniaõ de muitos politicos Estadistas, que não sabem adquirir augmentos para o commum sem minguas dos particulares. A minha opiniaõ he, que todos luzão, porque a opulencia dos trajes ennobrece as Naçoens, e causa veneraçãõ nos Estrangeiros, e terror nos adversarios: pelos trajes se regula a nobreza de cada hum, e naturalmente desprezamos o mal vestido, e guardamos respeito ao bem ataviado: e quasi que isto he fé: pelos menos assim o diz Santiago na sua Canonica, ainda que reprehende aos que desprezãõ os pobres; porque ás vezes: *Sub sordido palio latet sapientia*. O luzimento com moderaçãõ he digno de louvor; o superfluo com prodigalidade he o que táxamos. Dou-lhe, que não valha nada esta invecctiva: façamos outra, que por ventura valerá menos na opiniaõ dos poderosos, que ella ha de ferir de meyo, a meyo. He certo que se gasta neste Reyno todos os annos das rendas Reaes quasi hum milhão, ou o que se acha na verdade, em salarios de officiaes, e Ministros, que assistem ao governo

verno da justiça, e meneo das couzas pertencentes á Coroa : e he mais que certo , que com a ametade dos taes Ministros, e pôde bem ser que com a terça parte delles , se daria melhor expediente a tudo ; porque nem sempre muitos alentaõ mais a empreza ; e se ella se pôde effectuar com poucos , a multidaõ só serve de enleyo. Se basta hum Provedor em cada Provincia, para que saõ cinco, ou seis ? Se basta hum Corregedor para vinte legoas de desfrito , para que saõ tantos , quantos vemos ? Tantos escrivães, meirinhos, e alcaides, em cada Cidade, em cada Villa, e Aldea, de que servem ; se basta hum para escrevinhar, e meirinhar este mundo, e mais o outro ? Este alvitre se deu ao Rey de Castella não ha muitos annos, e não pégou ; pôde bem ser, que por ser bom para nós. Se esmarmos bem as rendas Reaes das Provincias, e as discutirmos, acharemos que lá ficaõ todas pelas unhas destes galfarros despendidas em salarios, e pitanças. Entremo nas sete Casas desta Corte, mas que seja na Alfandega, e casa da India, acharemos tantos officiaes, e ministros, que não ha quem se possa revolver com elles : e todos tem ordenados : e todos saõ tão necessarios, que menos pôde ser fizessem melhor tudo. A hum Mister de Lisboa ouvi dizer, que bastavaõ na Camera tres Vereadores, e que tinha sete; e que fora melhor poupar quatro mil cruzados para as guerras, e acrescentava : para que saõ na mesa do Paço oito, ou dez Dezembargadores, se bastaõ quatro, ou cinco ? Na casa de Supplicação, para que saõ vinte, ou trinta, bastando meya duzia ?

zia  
tos  
tro  
ma  
ha  
fan  
ge  
dis  
ve  
ult  
co  
a e  
na  
mu  
mi  
ter  
De  
ga  
rio  
  
no  
co  
es  
pé  
da  
tan  
ter  
re  
po  
ve  
de  
co  
C

zia? E em todos esses Tribunaes, para que são tantos Conselheiros, que se estrovaõ huns aos outros. Engordão particulares com salarios, e emmagreecem as rendas Reaes no commum, e não há porisso melhores expedientes: muita couza fantastica se sustenta mais por uso, que por urgencia. Estive para dizer a este Licurgo, o que disse. Apelles ao çapateiro, que lhe emendava o vestido, e roupagem de hum retrato: *Ne sutor ultra crepidam*. Quem te mete João topete com bicos de canivete? Que muitas vezes nos metemos a emendar, o que não entendemos. E em Tribunaes mayores, que constão de ancianidade, tem muitas licenças, e privilegios a velhice, que ha mister ajudada, e alentada, e porisso se permitem mais Ministros, e mayores ajudas de custo. Deos nos livre de Ministros, que antes de lhe chegar o tempo de os aposentarem, vencem salarios sem os merecerem, e sem trabalharem.

As guerras de Flandres estiverão muitos annos de quedo, sustentando exercitos grossissimos com immensos gastos, e soldados de Cabos, que os comiaõ com huma mão sobre outra, pondo em pés de verdade, que tudo era necessario, porque dalli viviaõ. Das galés, que o estreito de Gibraltar nunca vio, e das de Portugal, que não existem, se estaõ vencendo praças, que pagaõ as rendas Ecclesiasticas; e ninguem repara nisto; porque se reparaõ com esses lucros, os que houveraõ de zelar estas perdas. Chegaraõ os motins de Flandres hum dia a estado, que se haviaõ de concluir com huma batalha, em que meteraõ os

S

levan-

levantados o resto. Entraraõ em conselhos os Castelhanos, e sabio por voto de todos, que pelessem, porque estavaõ de melhor, e mayor partido. Advertio-os o Presidente, que ficavaõ todos sem rendas, e sem remedio de vida, se as guerras se acabavaõ: e retratarãõ-se todos, mandando dizer aos adversarios, que guardassem a briga para tempo de menos frio. E praza a Deos não succeda isto mesmo cada dia entre nós nas occasioens, que se offerecem opportunas, para concluirmos com guerras: porque huma boa lança o caõ do moinho: e quando vem a occasiaõ, deixaõ-lhe jurar a calva, para que lhes fique nas unhas a gadelha, que os sustenta.

\*\*\*\*\*

## CAPITULO XLV.

*Dos que furtaõ com unhas domesticas.*

**J**Oãõ Eusebio Escritor insigne, e Autor eruditissimo da Companhia de Jesus, refere na sua Philosophia natural, que ha no mundo Novas humas plantas, que poderãõ ser como cá melões, eujos frutos saõ viventes, e imitaõ a especie de borregos, ou cabritos: estes em quanto verdes estaõ amortecidos, e vão crescendo com o suco da planta: como amadurecem, levantaõ-se vivos, e comem a herva circumvisinha, até que se despedem da vide, em que nascerãõ: e se os não vigiaõ, nada lhes pára em toda a horta, tudo abocanhaõ

canhão, e tudo he pouco para a fome, com que foyem da prizaõ materna, e vem a ser o que diz o Proverbio: *Criay o corvo, e tirarvos ha o olho.* Tais são as unhas domesticas, que não contentes com o que lhes dais, e basta, querem dominar tudo, quanto encontraõ na casa, em que as admitteis, e tudo he pouco para sua cobiça, e voracidade. Criados, e escravos a seus senhores, filhos a seus pays, e mulheres a seus maridos, e tambem aos que o não são; não ha duvida que furtaõ muito, e por mil maneiras; e que são estas verdadeiramente unhas domesticas; porque de portas a dentro vivem, e fazem suas pillagens muito a seu salvo; os criados sobindo o preço no que seus amos lhes mandão comprar; os filhos desfrutando as propriedades, e os celeiros nas ausencias de seus pays; e as mulheres escorchando os escritorios com chaves falsas. Dera eu de conselho aos amos, pays, e maridos, que sejaõ mais liberaes, para que de sua escaseza não resultem perdas mayores, que as com que a liberalidade costuma reparar tudo. Mas não são estas as unhas domesticas, que a mim me canção; porque o que estas pescão, pela mayor parte na mesma casa fica, e em couzas usuais se gasta. As que me tocão no vivo, declararey com huma resposta, que dey a hum velho astuto, que me fez esta pergunta.

Folgara saber, dizia o bom velho mais sagaz que zeloso, que couza he hum Rey dando audiencia publica? Devia de querer, que lhe respondesse, que era hum pay da Patria, que se expunha

a todos para os amparar , e remediar como a filhos : e fazerme desta reposta alguma invectiva para feu interesse : mas eu furtoylhe a agua ao intento , e respondilhe. Hum Rey dando audiencia a seus vassallos debaixo do feu docel he o Martyr S. Vicente nosso Padroeiro posto no Eculeo , cercado de algozes , que o estão desfazendo com pñtens de ferro , e unha de aço ; porque todas , quantas petiçoens lhe appresentaõ , saõ garavatos , e ganchos , que arnaõ a lhe derriçar a substancia da Coroa : e he couza certa , que nenhum lhe vay levar couza de feu proveito , e que todos lhe vaõ pedir o que haõ miister , allegando serviços como criados , e merecimentos como filhos ; e que ElRey he Pelicano , que com o sangue do peito os ha de manter a todos : sem attentarem , que padece o Rey , e o Reyno mayores necessidades que elles , e que se deve acodir primeiro ao commum , que ao particular. E atrevome a chamar a estas pertençaena furtos domesticos neste tempo , em que deveramos vender as capas para comprar espadas , como disse Christo a seus discipulos , e não despir ao Reyno até a camiza. O nosso Reyno he pequeno , e assim tem poucas datas : e he muito fertil de fugeitos , e talentos ; e porisso não ha nelle para todos : mas tem as Conquistas do mundo todo , aonde os manda ser senhores do melhor dellas , para que venhão ricos de merecimentos , e gloria , com que comprem as honras , e melhores postos da patria : e pertendellos por outra via será furto domestico notorio , e digno de castigo.

Senho-

Senhores pertendentes , levem daqui este defengano , que o Rey , que Deos nos deu , he de cera , e he de ferro : he de cera para nós , e he de ferro para si , e para nossos inimigos : he de cera para nós pela brandura , e clemencia , com que nos trata ; nenhum vassallo achou nunca na sua boca má reposta , nem nos seus olhos mão semblante : exercita naturalmente o conselho , que Trajano guardou por arte , com que se conservou , e fez o melhor Emperador ; que nunca nenhum vassallo se apartou d'elle desconsolado , nem descontente. He de ferro para si ; bem vemos como se trata. E tambem o he para nossos inimigos com valor mais invencivel , que o aço ; e para sustentar o impeto adversario necessita , que o ajudemos com nossas forças : e será muito estolido , quem neste tempo tratar de lhe diminuir as suas. O dinheiro he o nervo da guerra , e onde este falta , arrisca-se a vitoria , e o pro do bem commum , de que he bem se trate primeiro que do particular ; que totalmente se perde , quando se não allegura o commum : e para que a nós , e a nada se não falte , he bem que nós não faltemos da nossa parte , contentandonos com o que o tempo dá de si , e com a esperanca certa da prosperidade , que he infallivel depois da fortuna aspera , beatificando com excessos , o que malogra na adversidade.

E para todos os Reys me seja licito por acui tambem huma advertencia , que não sejam tanto de cera , que se deixem imprimir ; não tanto de ferro , que não se possam dobrar : não se deixem

imprimir de conselhos peregrinos: não se deixem dobrar a exacções rigorosas; porque estas recompensão-se com furtos domesticos, lima furda dos bens da Coroa; e aquelles tem por alvo lucros particulares com detrimmentos cômuns. O dictame, e accordo de hum Rey vale mais que mil alheyos, não reprovó conselhos: antepoño o do Rey a todos, porque he menos arriscado a erros: esta resolução para mim he evidente; não só pela experiencia, mas tambem pela certeza, que nos allegura o commum dos Santos, e Theologos, que os Reys tem dous Anjos de guarda, hum que os guarda, outro que os ensina; e porisso são mais illustrados, que todos seus Conselheiros. Donde quando as opinioens se baralhão, o mais seguro he seguir o discurso do Rey, se não for intimado por outrem, que Rey não feja. E assim pedirão os Reys, o que lhes he necessário, e não tomarão, o que lhes he superfluo: darão a seus vassallos o que merecem, e não o que lhes não he devido: e em nenhum haverá occasião de se recompensar com furtos domesticos.

\*\*\*\*\*

## CAPITULO XLVI.

*Dos que furtaõ com unhas mentirofas.*

**P**essoas ha que tem unhas marcadas com pintas brancas, a que chamão mentiras; mas não são estas as unhas mentirofas; que mais tem

tem de pretas , que de candidas ; e furtão de mil e quinhentas maneiras, sempre mentindo. Testemunhas sejam , os que com certidoens falsas pedem mercês a Sua Magestade allegando serviços , que nunca fizeraõ , e dando testemunha , que tal não virão : e porque ha nisto muitos enganos , não me espanto da exacção , com que semelhantes papeis se examinão , ainda que seja com molestia das partes. Outros ha , que levão as mercês com serviços equivocos , que tem dous rostos , como Jano , com hum olho para Portugal , com outro para Castella. Jogão com pão de dous bicos : contemporizão com ElRey D. João , e fazem obras , que lhe pódem servir de desculpa com ElRey D. Philippe : cá tem hum pé , e lá outro ; cá o corpo , e lá o coração. E por vida delRey meu Senhor , que se fora possivel ao Doutor Pedro Fernandes Monteiro dar de repente , em quantos escritorios , e algibeiras ha nestes Reynos , que houvera de achar em mais de quatro cartazes Castelhanos , que promettem titulos , e Comendas , a quem der ordem , com que se baralhem as couzas ; isto he , que sayão as náos tarde , que nam haja galés , que se malogrem armadas , e frotas , que se desfaça a bolça , que nam se façam cavallos , nem infantes , que nam se paguem estes , nem dem cevada a aquelles , que nam se criem potros , que nam se peleje nas occasioens de urgencia , que nam se fortifiquem as praças , que se altérem as décimas , que se gaste o dinheiro em couzas superfluas , e fantasticas ; e em conclusam , que nam se paguem serviços. E quando

praticação, ou votão estas couzas, o fazem com taes tintas, e destreza, que fazem crer fésta por balhésta aos mais acordados. E tudo lhe perdoara, porque no cabo não me enganam, se no fim nam quizerem, que lhes paguemos com beneficios claros os maleficios escuros, que com seus embustes nos causam.

Outros ha, que com serem muito leaes, furtam a trecho com unhas mentirofas, porque à força fazem parecer serviço trabalhoso, e digno de grande mercé, o que pudéramos reprehender de grande calaçaria: sem sahirem da Corte, nem de suas casás, e Quintas, empolgam nos premios de campanha; levam ás barretadas, o que se designou para as lançadas: e nam se correm de tomarem com mãos levadas, o que só parece bem em mãos que se enforparaõ no sangue inimigo: cheyos como colmeas ao perto, se estaõ rindo dos que por fervirem longe estaõ vazios. Falta a estes senhores a generosidade, que sobejou ao Serenissimo Duque D. Theodosio, dignissimo Progenitor de nosso invictissimo Rey D. Joáo o IV. de gloriosa memoria, o qual convidado por El Rey Filippe III. de Castella, quando veyo a Portugal na era de 620. que lhe pedisse mercés, respondeo palavras dignas de cedro, e de laminas de ouro: Vossos, e nossos avós encherãõ nossa casa de tantas mercés, que não me deixaraõ lugar para aceitar outras. Em Portugal ha muitos fidalgos pobres de mercés, e ricos só de merecimentos, em quem V. Magestade póde empregar sua Real magnificencia. Este grande Heróe apurando assim verdades  
noto-

netorias ensinou harpias domesticas, que acabem já de ser sanguixugas de ouro, esponjas de honra, cameleoens fingidos, e Pioteos falsos.

Outros ha, que seguindo outra marcha, empolgaõ effectivamente com mentiras em grandes montes de dinheiro, que usurpão a seu Rey, e á sua patria: por taes tenho, os que vencem praças mortas sem aleijoens, nem merecimentos: os que fingem praças fantasticas, que tem na lista, e nunca existiraõ no terço: os que embolçaõ os salarios de soldados, e officiaes defuntos, e ausentes: na Ilha da Madeira vi dous meninos, que nos braços venciaõ praças de Capitaens: os que dizem, que trazem nas fabricas dos galeoens, e das fortificaçoens duzentos obreiros, trazendo só cento e cincoenta. Os que vaõ para a India, a quem ElRey paga tres, ou quatro criados, para que ostentem authoridade em seu serviço, e vaõ sem elles servindo-se dos marinheiros, e soldados; e assim comem os ordenados dos criados, que não levaõ: os que introduzem officios com ordenados sem ordem delRey; e fintaõ os subditos com qualquer achaque para couzas, que não se obraõ. Todos estes, e muitos outros, que não relato, são milhafres de unhas mentirofas. Mas os mayores de todos a meu ver, são os que tratão em escravos,

Este ponto de escravaria he o mais arriscado, que ha em todas nossas Conquistas: e para que todos o entendam, havemos de presuppor, que o natural dos homens he, que todos sejaõ livres, e só pôdem ser escravos por dous principios. Primeiro de delicto. Segundo de nascimento. Por delicto

delicto são verdadeiros escravos nossos os Mouros, que cativamos; porque elles contra justiça fazem seus escravos os Chriitãos, que tomão. E os negros tem entre si leys justas, com que se governão. por virtude das quaes cõmutaõ em cativo o castigo dos crimes, que mereciãõ morte; e tambem os que tomãõ em suas guerras, aos quaes pôdem tirar a vida. Por nascimento só pôdem ser cativos descendentes de escravos, mas não de escravos, pela regra: *Partus sequitur ventrem*. Posta esta doutrina, que he verdadeira, vaõ Portuguezes a Guiné, Angóla, Cafraria, e Moçambique, enchem navios de negros, sem examinarem nada disto. E para estas empresas tem homens ladinos, que chamaõ *pombeiros*, e os negros lhe chamaõ *tangomaos*; estes levaõ trapos, ferramentas, e bugiarias, que dão por elles, e os trazem nus, e amarrados, sem mais prova de seu cativo, que a de lhos vender, e entregar outro negro, que os caçou, por ser mais valente: e succede muitas vezes fugir hum negro da corrente aos Portuguezes, hir-se aos mattos, e apanhar ao mesmo, que o vendeo, e levallõ a outros mercadores, que lho compraõ a titulo de escravo seu por nascimenro. Outros os tem em carceres, como em açougues, para os hirem comendo: e estes, para se livrarem da morte injusta, rogãõ aos Portuguezes, quando lá chegaõ, que os comprem, e que querem ser seus escravos, antes que serem comidos. E ainda que esta compra parece menos escrupulosa, por ser voluntaria no padecente, que he senhor de sua liberdade, com tudo tem sua raiz na violencia, que

que faz o voluntario extorto. Portuguezes houve , que para caçarem escravos com melhor consciencia, se vestiraõ em habitos de Padres da Companhia , dos quaes não fogem os negros pela experiencia , que tem de sua muita caridade , e enganando-os assim com capa de doutrina , e pretexto de Religião os trazem , e metem na rede do cativoiro. E em conclusãõ todo o trato , compra de negros he materia escrupulosa por mil enganos , de que usaõ , assim os que lá os vendem , como os que os compraõ.

Que direy dos Chins , e Japoens ! Ha ley entre nós , que não os cativemos ; e com tudo vemos em Portugal muitos Chins , e Japoens escravos. Tambem para os Brasís ha a mesma ley , e sabemos , que não se repara em os cativar. E não sey que diga a estes cativeiros tolerados sem exame ? Direy , o que ouvi prégar muitas vezes a Varroens doutos , e de grande virtude , e experiencia , que a razão , porque Portugal esteve cativo sessenta annos em poder de Castella injustamente , padecendo extorçoens , e tyrantias , peores , que as que se usaõ com escravos , foy , porque injustamente Portuguezes cativão Naçoens innocentes. Justo juizo de Deos , que sejião saqueados com unhas mentirofas , os que com as mesmas roubão tanto.

## CAPITULO XLVII.

*Dos que furtaõ com unhas verdadeiras*

**S**E ellas são unhas, verdadeiras unhas devem fer; e assim não haverá unha, que não seja unha verdadeira, e todas pertencerão a este Capitulo. Nego-vos essa consequencia: porque huma couza he fer verdadeira unha, e outra couza he fer unha verdadeira. Verdadeira unha he qualquer unha; mas unha verdadeira he sua, que trata verdade, e destas só trata este Capitulo; e parece muito, que haja unhas, que fallando verdade furtem; porque onde ha furto, ha engano, que a verdade não permite: mas essa he a fineza desta arte, que até fallando verdade vos engana, e estáfa. Vem hum pertendente á Corte com dous, ou tres negocios de summa importancia; porque quer lhe dêm huma Commenda por serviços de seus avós; e pelos de seu pay quer lhe dêm huma tença grossa para sua mãy: que está viuva; e quer por contrapezo sobre tudo isto, que lhe dé Sua Magestade para duas ir-mans dous lugares em hum Mosteiro. Toma este tal o pulso ás vias, por onde ha requerer; informa-se das valias dos Ministros, correr-os todos com memoriaes. Hum lhe diz, que traz sua merce requerimentos para tres annos: e fala verdade; mas que forrará tempo, se souber contentar os Ministros: e falla verdade. Outro lhe diz, que se não vem armado de paciencia, e provido de di-nhei-

nheiro para gastar, que se pôde tornar por on-  
 de veyo; porque nada ha de effectuar: e falla ver-  
 dade; mas que elle sabe hum cano occulto, por  
 onde se alcanção as couzas: e falla verdade: e se  
 v.m. me peitar, logo lhe abrirey caminho, por onde  
 navegue vento em popa: e falla verdade. Outro  
 lhe diz: Senhor, isto de memoriaes he tempo per-  
 dido, porque ninguém os ve: e falla verdade:  
 trate v. m. de couzas, que leve o gato, e melhor  
 que tudo de gatos, que levem moeda, e fará ne-  
 gocio; porque os fins de Santo Antão por dar  
 dão, e assim o diz o Evangelho: *Date, & dabi-*  
*tur vobis*: e falla verdade. A mulher de fulano pô-  
 de muito com seu marido, e este com tal Minif-  
 tro, e este com tal Prelado, e este com fulano,  
 e fulano com sicrano, que tem grandes entradas,  
 e sahidas: e assim tece huma cadea, que nem com  
 vintem de ouro poderá contentar a tantos o pobre  
 requerente. E passa assim na verdade, que bate  
 todas essas moutas, de casa em casa, sem lhe bastar,  
 quanto dinheiro se bate na casa da Moeda. Con-  
 tarey hum caso, que me veyo ás mãos ha poucos  
 dias, e apoya tudo isto bellamente. Veyo hum  
 pertendente da Beira requerer hum officio, se não  
 era beneficio; trouxe duzentos mil reis, que jul-  
 gou lhe bastavão para seus gastos: dispendeo-os  
 em peitas: errou as poldras a todos como bisonho,  
 e achou-se em branco, e sem branca na bolça; mas  
 rico de noticias para armar melhor os páos em  
 outra occasião. Para achar esta com bom suc-  
 cesso, tornou à patria, fallou com duas irmãas,  
 que tinha, desta maneira: Irmãas, e senhoras mi-  
 nhas

nhas, haveis de saber, que venho da Corte tão cortado, que lá me fica tudo, e só esperanças trago de alcançar alguma couza: se vós quizerdes, que vendamos o meu patrimonio, e as vossas legitimas, e que façamos de tudo até mil cruzados, tenho por certo haõ de obrar mais que os duzentos mil reis, que se me forão por entre os dedos. Aqui não ha senão fechar os olhos, e lançar o resto, e morrer com capúz, ou jantar com charamelas. Vierão as irmãas em tudo: deu comigo em Lisboa com os mil cruzados á destra, e lançou-os em hum canno de agua clara, que lhe tirou a limpo sua pertençaõ com este presuppõsto: Se v. m. me alcançar hum officio, ou beneficio, que renda duzentos mil reis, darlhe-hey trezentos para humas meyas, sem que haja outra couza de permeyo. Ajustarão suas promessas de parte a parte com as cautélas costumadas de afinados de dividas, e emprestimos: tudo foy huma pura verdade: e todos ficaraõ ricos empregando unhas verdadeiras; hum nas datas del Rey, e o outro nas do pertendente, que foy brindar o jantar de suas irmãas com charamelas.

Nos Advogados, e Julgadores ha tambem excellentes unhas, e todas verdadeiras; porque não se pôde presumir, que minta gente douta, e que professa justiça, e razaõ. O que me admirá he, que tomem dous Advogados hum demanda entre mãos, e entre dentes; hum para a defender, e outro para a impugnar; este pelo Autor, e aquelle pelo Réo, e que ambos affirmem a ambas as partes, que tem justiça. Como pôde ser, se

se contrarião, e hum diz que sim, e outro que não. Necessariamente hum delles ha de mentir, porque a verdade consiste em indivisivel, como diz o Filosofo. Com tudo isso ambos fallaõ verdade; porque cada hum diz á sua parte, que tem justiga; isto he, que terá sentença por si, se quizerem os Julgadores: e falla verdade. Dada a sentença contra a parte mais fraca, como ordinariamente acontece, queixa-se, que lhe roubarão a justiga: melhor differa, que lhe roubarão as peitas, pois de nada lhe serviraõ. Respondem os Juizes, que deraõ a sentença, assim como a julgaraõ: e fallaõ verdade. Diz o Advogado da parte vencida, que não andou diligente de pés, nem de mãos o requerente: e falla verdade. E todos fallando verdade se encherão de alviçaras, donativos, e esportulas: e estas são as unhas verdadeiras.

Outras ha mais verdadeiras, que todas, e são as dos que agenceão, e defendem causas Reaes. Deve ElRey quinze mil cruzados a huma parte por huma via, e deve por outra a mesma parte cinco mil a Sua Magestade; citaõ-se, e demandão-se por seus procuradores em Juizo competente: e saye logo sentença, que pague a parte os cinco mil cruzados a Sua Magestade. Replica, que se paguem os cinco mil dos quinze, que lhe deve a Coroa, e que lhe dem os dez, que restaõ, ou pelo menos ametade. Tornaõ a sentencear, que pague os cinco, como está mandado, e que demande de novo a Coroa pelos quinze, que diz lhe deve, e senão, que o executem até lhe venderem a camisa,

za,

za, se não tiver por onde pague; e que ElRey  
 há mister o que se lhe deve: e assim he na verda-  
 de. E tambem he verdade, que quebra a corda  
 pelo mais fraco. E segue-se deste lanço, e de ou-  
 tros semelhantes, que não conto, abrirem-se huma,  
 e mil portas francas, por onde entraõ unhas ver-  
 dadeiras na fazenda Real recompensando-se, para  
 remirem sua vexação. E quando não encontraõ  
 cabedal da Coroa, em que se empreguem; des-  
 carregaõ-se no foro da consciencia com outros  
 acrédores, a quem devem; e dizem-se huns aos ou-  
 tros: Senhor, vós deveis a ElRey quinze mil cru-  
 zados, de que elle não sabe parte, e porisso nun-  
 ca vos ha de demandar por elles: ElRey deve-me  
 a mim outros quinze, como muito bem sabeis: eu  
 devo-vos a vós outros tantos: tomay-me por pa-  
 ga, os que me deve Sua Magestade, e assim fica-  
 reis desobrigado a lhe restituir, o que lhe deveis, e  
 todos ficaremos em paz. E assim passa na verdade,  
 de que succede isto cada dia com grandissimo de-  
 trimento da fazenda Real, onde seus Ministros  
 negando sahidas para pagar, abrem entradas a es-  
 tas unhas para a destruir.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XLVIII.

*Dos que furtaõ com unhas vagarosas.*

**A** Maxima desta arte he, que todo ladrão se-  
 ja diligente, e apressado, para que o não  
 apa-

apanhem com o furto na mão. Com tudo isso ha unhas, que em serem vagarosas tem a maxima de feu proveito: são como o fogo lento, que porisso menos se sente, e melhor se atea. Qual he a razão, porque arribão náos da India tantas vezes? Porque partem tarde. E qual he a razão, porque partem tarde? Porque as avião de vagar? Porque em quanto se apreção, tem unhas vagarosas, em que empolgar. Mas deixando o mar, onde posso temer alguma tempestade, saltemos em terra, e seja á véla, e com vigia; porque tambem acharemos pégos sem fundo nesta materia, em que podemos temer alguma tormenta, porque não são bons de vadear. Deos me guie, e me defenda.

Que couzas são as demoras de hum Ministro, que não despacha? São despertadores continuos, de que lhe deis alguma couza, e logo vos despachará. E porque o tal he pessoa grave, e que se peja de aceitar á escancara donativos, remette-vos ao seu official, quando apertais muito com elle; e o official traz-vos arrastado hum mez, e dous mezes, e ás vezes seis com escusa ordinaria, que não acha os papeis, porque são muitos os de seu amo, e que os tem corrido mil vezes com diligencia extraordinaria, que os encomendeis a Santo Antonio: e a verdade he, que os tem na algibeira, e de reserva, esperando, que acabeis já de lhe dar alguma couza. Allumiou-vos Santo Antonio com a candeinha, que lhe offerecestes: daís hum diamante de vinte e quatro quilates ao sobredito, e dá-vos logo os papeis pespontados de vinte e quatro alfinetes, como vós quereis: e o menos, que

vós roubou com seus vagares, foy o diamãte; porque sendo obrigado a despachar-vos no primeiro dia, vos deteve tantos mezes com gastos excessivos fóra de vossa casa, onde tambem perdestes muito com taõ dilatada ausencia. Em Italia ha costume, e ley, que sustente a Justiça os prezos, em quanto estiverem na cadeia: e he bom remedio, para que lhes apressem as causas. Em Portugal ainda a justiça não abriu os olhos nisto: prendem milhares de homens por dá cá aquella palha; se acertaõ de ser miseraveis, como ordinariamente faõ quasi todos, na prizaõ perecem sem cama, e sem mantimento, porque a Misericordia não abrange a tantas obrigaçoens da justiça, que as pôdem temperar todas só com lhe apressar as causas. Se houvera ley, que pagassem os Ministros as demoras culpaveis, pôde ser, que elles, e os seus officiaes andassem mais diligentes.

Ministros ha incorruptos, e que fazem sua obrigação nesta parte, e até nestes fazem seu officio unhas vagarosas. Explico este ponto com hum caso notavel. Importava a humia parte, que se detivesse o seu feito hum anno nas mãos de Rodamanto, em cuja casa nunca nenhum feito dormio duas noites: armou-lhe por conselho de hum Rabula esperto com outro feito, que comprou na Confeitaria muito grande, pezava mais de humia arroba, e altou sobre elle o seu, que era pequeno, e deu com elles, como se fora hum só, em casa do Julgador; o qual em vendo a maquina esmoreceo, e mandou-a pôr de reserva para as ferias, com hum letreiro em cima, que assim o declarava. A  
outra

outra parte requeria fortemente, que não tinha o feito que ver, e que em hum quarto de hora o podia despachar: agastava-se o Dezembargador com tanta importunação, e ameaçava o requerente, que o mandaria meter no Limoeiro, se mais lhe fallava no feito, que era de qualidade, que havia mister mais de hum mez de estudo, e que porisso o tinha guardado para as ferias: chegarão estas dahi a hum anno, vio o feito, descobrio-se a maranha do parto supposto, e alcançou o grande mal, que tinha feito á parte com as detenças, que pudéra evitar, se desatára o envoltorio. O que neste passo estranh o mais que tudo, he soffrerem-se neste Reyno Letrados procuradores, os quaes se gabaõ, que farão dilatar huma demanda vinte annos, se lhe pagarem. O premio, que taes letras mereciaõ, era o de duas letras: L. e F. impressas nas costas, e não lhe esperarem mais, para o que ellas significão,

De Campo Mayor veyo hum Fidalgo requerer serviços a esta Corte: aconselhou-se com hum Religioso letrado sobre o modo, que havia de seguir, e communicou-lhe tudo. Perguntou-lhe o servo de Deos, que cabedal trazia para os gastos? Respondeo, que hum cavallo, e dous homens de serviço, e oitenta mil reis, que fez de hum olival que vendeo. Traz v. m. provimento para oitenta dias quando muito, lhe disse o Religioso, visto trazer tantas bocas comsigo: e só para entabellar suas pertençoens ha mister mais de trezêtos dias: e se o não sabe, dirrho-hey: Ha v. m. de fazer huma petição, que ha de gastar mais de oito dias,

aconselhando-se com Letrados: segue-se logo eſperar dia de audiencia geral, e ter entrada, e niſto ha de gasta outros oito, ſe não forem quinze. Sua Mageſtade no meſmo dia, em que lhe daõ as petiçoens, logo lhes manda dar expediente; mas não ſayem na liſta ſenaõ dalli a ſeis, ou ſete dias, que v. m. ha de gasta eſpreitando na ſala dos Tu-deſcos, para ver aonde o remettem. Acha que ao Conſelho da Fazenda. Corre logo os Secretarios, e ſeus officiaes, gasta dez, ou doze dias, perguntando-lhes pelos ſeus papeis; até que apparecem, onde menos o cuidava. Buſca valias para os Conſelheiros, e gasta outros tantos em alcançar as entradas com elles: e no cabo dão-lhe por deſpacho, que requeira no Conſelho de Guerra, e he o meſmo, que gasta outra quarentena, até haver o primeiro deſpacho; que he: *Justifique*: e em juſtificar ſuas certidoens gasta muitos dias, e não poucos reaes. Torna o juſtificado, e tornaõ a rebatello com *Viſta ao Procurador da Coroa*, ou da Fazenda, que ordinariamente reſponde contra os pertendentes, porque eſſe he o ſeu officio: e com eſte deſpacho máo, ou bom, tornaõ os papeis á Meſa dahi a muitos dias: e gastaõ ſe logo mais que muitos na fabrica da Conſulta, porque ſe paſſaõ ás vezes ſemanas, ſem haver Conſelho de Guerra. Feita a Conſulta, a *Dios que te la depare buena*, fõbe a Sua Mageſtade, ou para melhor dizer a outros Secretarios, os quaes a detem lá quanto tempo querem; e o ordinario he dous, e tres mezes; e ſe paſſa de ſeis, he neceſſario reformar outra vez tudo; e he o meſmo, que  
 tornar

tornar a começar do principio : e isto succede sem culpa muitas vezes ; porque estão lá outros papeis diante , que por hirem primeiro , tem direito para o tempo , e por serem muitos , o gostão todos. Desceo por fim de contas a Consulta despachada , com parte do que v. m. pedia , ou com tudo : he vista no Conselho de Guerra com os vagares costumados , e dahi a tempos remettem a execução della á Mesa da fazenda , onde se movem novas duvidas ; e a bom livrar , quando o Alvará saye o feito dahi a hum mez , para hir affinar por Sua Magestade , negoceou v. m. muito bem. Torna affinado dahi a dous mezes , lança-se nos Registros , e delles vay correr as sete estaçoens de Chancellarias , Mercês , direitos novos , e velhos , ou meyas natas , &c. E tendo dito a v. m. o. que ha , ou ha de passar , e ainda lhe não disse tudo : mas se o quizer saber mais de raiz , falle com pessoas , que ha nesta Corte de tres , de cinco , e de oito annos de requerimentos , e ellas lhe dirão o como isto pica. A resposta , que o Fidalgo deu ao Religioso , foy , que se ficasse embora , que se tornava para Campo Mayor :

Alguns requerentes ha tão pouco considerados , que attribuem estes vagares à pessoa do Rey , como se os Reys tiverão corpo reproduzido , e de bronze , que pudesse assistir a todos os negocios , em todas as partes , e a todas as horas. Os mais penitentes Religiosos tem seu dia de fuéto cada semana , e suas horas de descanso entre dia , para que se não rompa o arco , se estiver sempre entezado com a corda do rigor : e del Rey nosso

Senhor sabemos, que não dorme entre dia, nem joga, nem gasta o tempo em couzas superfluas; e se algum entretenimento tem, he muito licito, e só lhe dá as horas, que furta do descanso, que lhe era devido; e o mais todo o gasta no expediente das guerras, e em compor as tormentas de negocios innumeraveis, sem admittir regalos, nem ostentaçoens de festas, que o devirtão. Cada hum quer, que se lhe assista ao seu negocio, como se outro não houvera; e daqui nascem as queixas, que porisso são muito desarrezoadas. Da Villa de Goes veyo a esta Corte certo homem de bem com huma appellação em caso crime; e no primeiro dia, em que lhe deu principio, passando pelo terreiro do Paço, vio huma mó de homens; chegou-se a elles, e perguntou-lhes, se estavaõ fallando sobre o seu pleito? Responderaõ-lhes, que o não conheciaõ, nem sabião que pleito era o seu. Pois em Goes (acodio elle) não se falla em outra couza. Assim passa, que cada hum cuida que só d'elle, e no seu negocio se deve fallar. Senhores requerentes, levem daqui averiguado este ponto, para saberem, de quem se haõ de queixar: que os negocios são muitos, e que na mão de Sua Magestade não fazem detença: vejaõ lá, onde encalha a carreta, e untem-lhe as rodas, se querem que ande; e com isso serãõ apressadas unhas vagarosas, e ainda com isso duvido se serãõ diligentes; porque póde acontecer, o que Deos não queira, ou não permita, que haja Secretario, ou Official, ou Conselheiro, que não despache cada dia mais que sete, ou oito papeis, accrescentando-lhe

do-lhe cada dia quinze, ou vinte de novo. E se isto assim for; já não me espanto dos montes de papeladas, que vejo por essas Officinas, nem das queixas, que ouço por essas ruas. Trabalhem os Officiaes, e Ministros, que bons ordenados comem, e não dem com o seu descanso trabalho a tanta gente. De hum me contáraõ, que tendo seiscentos mil reis de ordenado, quatro centos para si, e duzentos para Officiaes, nunca teve mais que hum, a quem dava cincoenta mil reis, e mamava os cento, e cincoenta para si, e por isso não se dava expediente a nada.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O XLIX.

*Dos que furtaõ com unhas apressadas.*

**P**Ara intelligencia deste Capitulo contarey a historia, que aconteceu a hum Fidalgo Portuguez com certa Dama do Paço na Corte de Madrid. Foy elle, como hiaõ todos, requerer seus despachos, e levou para elles, e para seu luzimento quatro mil cruzados em boa moeda. Gastou hum anno requerendo sem effectuar nada: olhou para a bolça, e achou que tinha gastado mais de mil cruzados. Lançou suas contas: se isto assim vay, là hirá quanto Martha fiou, e ficarey sem o que espero, e sem o que tenho. Bom remedio, busquemos unhas apressadas, já que não me ajudão unhas vagarosas. Informou-se, que Dama

havia no Paço mais bem vista das Magestades ; e como as de Castella são de poucas ceremonias , facilmente fallou com ella , e disse-lhe claramente que tinha tres mil cruzados de feu , e que daria dous a sua Senhoria , se lhe fizesse despachar logo huma Commenda por grandes serviços , que offerecia. *Dè acà sus papeles Señor mio*, lhe disse a Dama, *y buelva-se a ver conmigo daqui a quatro dias , y traiga los dos mil en oro ; porque el oro me alegra , quando estoy triste*. Côtou as horas o bom Fidalgo até o termo peremptorio , e voltou pôtualmente cõ os dous mil em dobroens , e achou a Dama com o despacho nas mãos , sem lhe faltar huma cifra ; e pondo-lhe nellas o promettido , recebeo o que não houvera de alcançar por outra via. E estas são as unhas apressadas, de que fallo, e destas ha muitas.

Outro Portuguez Soldado da India na mesma Corte gastou jannos allegando innumeraveis serviços , para o despacharem com hum pedaço de paõ honrado para a velhice. Vendo que se lhe go-ravão suas pertençaens pelas vias ordinarias , tratou de se ajudar de unhas apressadas , que he o ultimo remedio , ou para melhor dizer , o primeiro , em quem trata de remir sua vexação ; e achou-as com pouco dispendio do feu cabedal , que era já bem limitado , no pincel do melhor pintor de Madrid : mandou-se retratar muito ao vivo quasi morto , com quantas feridas tinha recebido no serviço delRey , que passavaõ de vinte , todas penetrantes , e em todas ellas as armas offensivas , com que os inimigos o feriraõ , que por serem diversas , fazião com o sangue hum espectáculo horrendo no

retra-

retrato. Na cabeça tinha huma alabarda, no rosto dous piques, e nos braços quatro frechas, que lhos atravessavão; sobre a mão esquerda hum alfange, que lha decepava; e de huma parte, e outra dous bacamartes, e hum mosquete vomitando fogo, e mandando balas aos pares, que lhe rompião o peito: huma perna de todo quebrada com huma roqueira, e dez, ou doze punhaes, e espadas pelo corpo todo, que o faziaõ hum crivo. Com esta pintura, e seus papeis se appresentou diante del Rey Philippe em audiencia publica, e desenrolando-a lhe disse em alta voz: Senhor, eu sou o que mostra este retrato: nestes papeis authenticos trago provas de como recebi todas estas feridas no serviço da Coroa de Portugal na India; e a melhor prova de tudo trago escrita em meu corpo, que Vossa Magestade póde mandar ver, e achará, que em tudo fallo verdade. Seja Vossa Magestade servido de me mandar despachar, como pedem estes serviços, e merecimentos. Enterneceo-se o Rey, pasmarão os circunstantes, e sahio logo dalli despachado o pertendente com huma Commenda grande, a que poz embargos a inveja, e lha fez commutar em outra pequena; porque não era Fidalgo, ou porque não encheo unhas apressadas, que tudo alcançaõ, ou tudo estorvão.

Acabo este Capitulo com hum exemplo da nossa Corte de Lisboa, que anda nas historias de Portugal. Na porta da Casa da Supplicação está huma argóla, em que hum Rey nosso mandou enforcar hum Dezembargador, porque aceitou huma  
bol-

bolça de dobroens , que huma velha lhe offerceo para lhe favorecer , e apressar certa causa de importancia , que lhe movia huma parte rija. Foy o Rey em pessoa á Relação para averiguar a peita , que tirou a limpo por excellente modo , e não se sahio dalli sem o deixar colgado. Louvo a reprehensão : não approvo o rigor. Antes sou de opiniaõ , que não devem ser enforcados homens Portuguezes : e porque não tenha alguém esta conclusãõ por inutil , seja-me licito provalla aqui com o apostrophe seguinte.

Em Roma havia ley , que nenhum Romano fosse açoutado ; porque se tinhaõ todos por muito nobres ; ou porque a infamia acanha os espiritos bellicos , que os Romanos queriaõ nos seus sempre vigorosos Portuguezes saõ a gente mais nobre do mundo por seu valor , e por seus illustres feitos , e heroicas emprezas ; e quando mereção morte por delictos , tem Portugal conquistadas , aonde os póde mandar por toda a vida , que he hum genero de morte mais penoso , que o de forza ; porque esta acaba-se em huma hora , e aquella dura muitos annos com trabalhos peyores de soffrer , que a mesma morte. Costumavaõ os nossos Reys antigos mandar aos condemnados á mortè , que lhe fossẽ descobrir terras : e se morrião na empreza , empregavaõ bem a vida , e se escapavaõ , era com proveito da patria. Quando vejo enforçar mancebos vallentes por quasi nada , tenho grande lastima , porque me parece que fora melhor mandallos á India , ou a Africa. Custa muito hum homem a criar , e he muito facil

emen-

emendar-se de hum erro. Se Deos castigara logo, quantos o offendem mortalmente, já não houvera gente no mundo, e ha Dezembargadores, que dão sentenças de morte, por sustentar capricho. E se na sua mão estivera, despovoariao o Reyno. Vi hum Padre da Companhia de Jesus propor huns embargos, para livrar hum pobrete da forca: fallava com hum destes Ministros, que era o Relator, na escada da Relação; e allegava-lhe, que o réo não peccára mortalmente no homicidio, por quanto fora *motus primo primus*, e em sua justa defeza; e que tinha sua merce naquella razaõ, de que pegar para favorecer a Misericordia. Perguntou-lhe o Dezembargador muito sabio, se era Theologo? Respondeo o Padre muito modesto, que sim. Pois he Theologo (disse o Dezembargador já picado) e allega-me que póde hum homem matar outro sem peccar mortalmente! O Padre lhe instou muito sereno: v. m. vay agora matar hum homem, porque vay sentencear este á morte, e cuida que vay fazer hum acto de virtude: e o algoz, que o ha de enforcar, não tem necessidade de se confessar disso: hum bebado, hum doudo, e hum colerico matão vinte homens, e não peccaõ: logo bem digo eu, que póde hum homem matar outro sem peccar. Não soube o senhor Doutor responder a isto com toda a sua garnacha, e deu as costas, e levou ávante a sua opiniaõ, sem querer amainar da sua teima. Eis aqui como morrem muitos ao desamparo, entregues ao cutêlo destes sabios, porque não tem, quem acuda por elles, nem cabedal, para lhes

mo-



os Seculares: e para melhor intelligencia desta verdade, havemos de presuppôr, que este mundo he como o corpo humano, que não se pôde governar sem cabeça: e até os brutos, diz S. Jeronymo Epist. 4. *Ductores sequuntur suos: in apibus principes sunt; grues unum sequuntur ordine literato.* Os Grous seguem hum que os guia; as abelhas tem huma que as governa: e todos os animaes reconhecem dominio em outros. Os homens levados deste dictame da natureza, que he ley muito forçoza, para não serem mais estolidos, que os brutos, fizeraõ Reys, e escolheraõ Magistrados, a quem se submeteraõ, para serem regidos. Deos no principio creou o homem livre, e taõ livre; que a nenhum concedeo dominio sobre outro: e até Adã cabeça de todos, por ser o primeiro, só de animaes, aves, e peixes o fez Senhor. Mas a todos juntos em communidades deu poder, para se governarem com as leys da natureza. E nesta conformidade todos juntos, como senhores cada hum de sua liberdade, bem a podiaõ fugeitar, a hum só, que escolheffem, para serem melhor governados com o cuidado de hum, sem se cansarem outros. E a este escolhido pela comunidade dá Deos o poder, porque o deu à comunidade, e transferindo-o esta em hum, de Deos fica sendo. E neste sentido se verificaõ as Escrituras, que dizem, que Deos faz os Reys, e lhes dá o poder. E se alguem cuidar, que só de Deos, e não do povo, recebem os Reys o poder, advirta, que esse he o erro, com que se perdeo Inglaterra, e abriu a porta ás heresias, com que se fez Papa o Rey, admit-

admittindo, que recebia os poderes immediatamente de Deos, como os Summos Pontifices. Nem val aqui o argumento de Saul escolhido por Deos para Rey; porque o poder, e a aclamação do povo o recebeo, e Deos não fez mais, que escolhello, e appresentar-lho como digno da Coroa. E advirtão tambem os povos, que por fazerem o Rey, e lhe darem o poder, não lhes fica livre o revogar-lho, nem limitar-lho; porque a ley da verdadeira justiça ensina, que os pastos legitimos se devem guardar, e que as doações absolutas valiofas não se podem revogar.

Defta potestade livre, e legitima dos povos, para fazerem Rey, nasce poderem fer muitos os Reys, assim como as Naçoens o faõ; e não ser necessario, que seja hum só para toda a Christandade, ainda que seja huma em sua cabeça espiritual. E tambem se colhe, que o Papa não he Senhor temporal de tudo; porque Christo só o poder espiritual lhe deu, e o temporal só os povos lho podião dar, e consta que não lho derão. Postas assim estas duas potestades secular, e Ecclesiastica, derivadas de seus principios, como temos dito: para chegarmos ao nosso ponto, de qual he o poder, que os Reys tem sobre os Sacerdotes, he necessario averiguarmos as potestades, que ha no Sacerdocio, para assim conhecermos, por onde pode o Rey entrar na jurisdicção Ecclesiastica.

Ha no Sacerdocio duas potestades, huma, que se chama das Ordens, e outra da Jurisdicção. A das Ordens de Christo a recebem, e só para o  
cul-

culto Divino, e administração dos Sacramentos, e esta claro está, que não tem lugar nella os Reys. A da Jurisdição se distingue em duas, huma para o foro interno, e outra para o externo. A do foro interno tambem he notorio, que não póde pertencer aos Reys. A externa tem outras duas, huma de espiritual, e outra temporal, e são distintas, como o Ceo, e a terra; porque huma he terrena, e outra celestial. A espiritual de Christo procede, que a communicou só aos Sacerdotes, e nunca houve Rey temporal Catholico, que presumisse tal potestade. A temporal ha duvida, de donde, e como procede; se de Christo, se dos homens? E ainda se divide em duas; huma, que domina os bens dos Ecclesiasticos, e outra, que se estende ás pessoas dos mesmos. E sobre estas duas he a nossa questão, se as tem os Reys de alguma maneira sobre os Sacerdotes, e Ecclesiasticos.

Que fossem os Ecclesiasticos exemptos do foro secular por Christo immediatamente, he questão controversa: que o Direito Canonico, e os Summos Pontifices os eximão, he certo: e daqui bem podemos dizer, que Christo os exime, porque os Papas os eximem com o poder, que receberam de Christo. E daqui se colhe conclusão certissima, que não poderão nunca ser privados deste privilegio sem consentimento do Summo Pontifice, que o concedeo; assim porque legitimamente o podia conceder, como tambem, porque os Emperadores, e Principes Catholicos o admittirão. E desta mesma exempção se colhe,  
que

que pódem ser fugeitos aos Reys , e Magistrados seculares nos casos , que permittivem os Summos Pontifices , que os eximirão : porque a exempção não lhes vem das Ordens , como se ve nos Clerigos cazados , que não gozaõ o privilegio do foro Ecclesiastico , porque os Papas lho tiraraõ. E procedendo neste sentido , digo , que ha muitas razoes , e occasioens , que habilitaõ os Reys , para procederem contra os Ecclesiasticos : as principaes saõ , Costume , Concordia , Privilegio , Justa defençaõ. Costume ; porque este tolerado pelos Papas tem força de ley. E assim vemos os Clerigos fugeitos ás leys Civis , que olhaõ pelo bem commum ; como os que taxaõ os preços das couzas , as que irritaõ contratos , as que prohibem armas , &c. Concordia : porque quando consentem o Ecclesiastico , e o secular em huma couza , a nenhum se faz injuria : e esta deve ser a razão , porque em França saõ julgados os Ecclesiasticos , assim como os leigos , no juizo secular em causas civeis ; e crimes ; e neste Reyno pódem ser Autores , ainda que não possaõ Réos. Privilegios : porque se o Papa o conceder nos casos , que pódem , he valioso ; como se ve nos feudos , cujas causas se demandão sempre no Juizo secular , e nos bens da Coroa , quando se dão a Clerigo com tal obrigação ; moeda falsa , e crime *Læsæ Majestatis* tem em alguns Reynos o mesmo privilegio. Justa defençaõ: porque *Vi vim repellere licet*. E para defender hum Rey sua pessoa , e a seus vassallos innocentes , pódem proceder contra a violencia dos Ecclesiasticos. E esta he a razão ,  
por-

porque vimos neste Reyno muitos Ecclesiasticos, assim Clerigos, como Religiosos, e tambem Bispos prezos, e confiscados, por conspirarem contra a pessoa Real, e bem commum de todo o Reyno: e no tal caso, por todos os principios de necessidade, costume, concordata, privilegio, e justa defenſaõ, foy tudo licito, e bem obrado, ainda que de outro principio não constasse, mais que do da justa defenſaõ: e assás moderado, e modesto andou EIRey nosso Senhor em não fazer mais, que retellos prezos, para assim reprimir sua audacia, e força.

Tudo, o que tenho dito neste Capitulo, he a doutrina mais verdadeira, que ha nestas materias: e se algum admittir outra contraria a esta, arriscarse-ha a cahir nos precipicios, em que se despenhárão muitos Hereges. E baste isto para defenganarmos a piedade supersticiosa de alguns escrupulosos pouco sabios, que tomando as cruzas á carga ferrada, appellidão em suas consciencias zelos fantasticos, com que se inquietão sem fundamento; e vamos por diante com as unhas, de que nos divertimos.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O L I.

*Dos que furtão com unhas insensíveis.*

**D**O aspide escrevem os Naturaes, que morde, e mata com tanta suavidade, que não se

se sente: e por isso Cleopatra escolheu esta morte enfiada da vida pelo repudio de Marco Antonio. Taes são as unhas insensíveis: tiram a vida aos Reynos mais robustos, e esgotam a alma aos thesouros mais opulentos, com tanta suavidade, que não se sente o damno, senão quando está tudo morto. Estas são as unhas dos Estadistas, Alvitristes, aspides do Inferno, que persuadem aos Reys com razoens suaves, e sofisticas, que lancem fintas, que ponham tributos, que peçam donativos aos povos sem mais necessidade, que a de sua cobiça. Digo que são suaves as razoens que dão, porque não ha couza mais suave, que recolher dinheiro; e digo que são sofisticas, porque as vestem de apparencias do zelo do bem commum, e na realidade são cutelos, que degolam as Republicas. Declaro isto com hum discurso, ou consequencia, que vi fazer ao diabo: caso he, que me passou pela mão haverá vinte annos; Navegamos de Lisboa para a Ilha da Madeira, quando de repente entrou o demonio no corpo de hum marinheiro natural de Setuval, grande palreiro: dez, ou doze homens muito valentes não bastavam ao ter mão, até que acodio hum Sacerdote Religioso, que com os Exorcismos o subjogou. Muitas perguntas lhe fizeram? A todos deu repostas tão ladino, que bem mostravam sahirem de entendimento mayor que á rusticidade de hum marinheiro. E que fosse espirito máo, mostrou-o bem nas faltas occultas, que descobrio a hum soldado meyo Castelhanao, que com demasiada sanfarrice o atruou chamando-lhe perro, apostata, e outros nomes afront-

fro  
lho  
no  
q̄ c  
cir  
fab  
tar  
o l  
ap  
xat  
da  
tuo  
e d  
par  
da  
ob  
qu  
cor  
nh  
par  
as  
o E  
que  
ren  
Ma  
dit

tam  
lar  
rec  
ton  
rier

frontosos , que até o diabo o não sofre ; e porisso lhe revidou , pondo-lhe em publico couzas não menos affrontosas , que elle tinha obrado em secreto , de q̃ corrido , por não ouvir mais , se retirou . Fum dos circumstantes (devia de ser Sebastianista) dezejoso de saber se era vivo ElRey D. Sebastião , tudo era apertar com o Padre Exorcista , que lho perguntasse . Mas o Padre lhe respondeo humilde , que seu officio era apertar seriamente com o espirito maligno , que deixasse aquelle homem , e não fazer perguntas escuzadas . O diabo , que nada lhe cahe no chão , acodio a tudo ; e pôde ser o faria por divertir os Exorcismos : e disse estas palavras formaes : Se vós tendes Rey , para que quereis outro Rey ? Sabeis , qual he o verdadeiro Rey ? He o dinheiro , porque ao dinheiro obedece tudo : porque quem o dá he senhor , e quem o toma he ladrao . O Rey , que faz merces , corrobora seus vassallos ; o que lhes toma o dinheiro , debilita seus Estados , e abre caminho para perder tudo . Sabeis como he isto ? He com o as fintas , com que agora andaõ , para defender o Reyno , e erraõ o meyo da melhor defensaõ , que seria espalhar dinheiro pelos pobres , para terem todos que defender , e vigor , com que servir . Mais arengas infiou a esta : tudo deixo , porque o dito basta para o intento .

Bem sey que o diabo he pay da mentira : e tambem sey que o obriga Deos muitas vezes a fallar verdades , para advertir homens , que não merecem melhores mensageiros , como se vio na Pitonfia de Saul , e na que jurou S. Paulo ; e a experiencia nos tem mostrado a certeza , com que fal-

lou este espirito; pois vimos que os tributos, e fintas de Castella, de que até o diabo se queixava então, vieraõ a ser a unica causa de sua total ruina. Suave, e insensivelmente foy desfrutando tudo o pingue de seus Reynos; e porisso os acha agora tão debilitados, que não se pôdem sustentar a si, nem resistir a seus contrarios. Se tivera de reserva os vinte, ou trinta milhoens, que gastou nas superfluidades do Galinheiro; ou se os deixara estar nas mãos de seus vassallos, outro galo lhe cantara, e não os achara todos galinhas, quando lhe servia serem Leoens; titulo, e nomeada, de que se prezão.

Confôrme a isto, não foy pequeno indice de perpetuidade a resolução generosa, com que ElRey D. João o IV. nosso Senhor, que Deos guarde, e prospere, mandou levantar todos os tributos, que Castella nos tinha posto, tanto que tomou posse pacifica destes seus Reynos de Portugal. Nem se condemnão com isto as décimas, que poz para a defensão de sua Monarquia; porque he tributo, que Deos approva, e a Ley Divina pede a todos os fieis, para a conservação, e augmento da Igreja Catholica: tais são os dizimos de todos os frutos temporaes. O que se estranha, e deve reprehender, e castigar em exacção tão justa, he o rigor, e desaforo, com que alguns Ministros vexão as partes, executando-as por pouco mais de nada, até nos giboens, que trazem vestidos as pobres mulheres, e até nas enxadas, com que ganhão seu sustento os pobres maridos, e até na pobre manta, com que se cobrem, porque não  
achão

achaõ outra couza. E destas violencias fazem ser-  
viço para serem despachados com mayores Offi-  
cios de vendo ser castigados severamente ; porque  
no mesmo tempo dissimularaõ com décimas de  
ricos , e poderosos , taes , que a unica de qual-  
quer delles faria quantia mayor , que a de todos  
os pobres , que esfolaraõ : e porque se não dá fé  
disto , chamo tambem a isto unhas insensiveis : as-  
sim porque o não adverte , quem o devera emen-  
dar , como porque o não sente , quem se deixa  
ficar com a contribuiçaõ , que por abranger a to-  
dos , o não desobriga na consciencia ; porque logra  
o bem , que da contribuiçaõ dos outros resulta , e  
sem sentir o gravame.

Outro exemplo ha melhor que todos de  
unhas insensiveis nas armadas , que se apréstaõ , e  
fayem por essa barra fóra : todo o tempo que se  
detem no rio , que ordinariamente he muito , e  
he hum perpetuo canno , por onde desagua , e  
desfoya todo o provimento á formiga por tantas  
mãos dobradas , quantos saõ os soldados , offi-  
ciaes , e passageiros , que continuamente estaõ a  
mandar para terra pelos filhos , parentes , e ami-  
gos ; que os visitaõ todos os dias os lenços , e fa-  
cos de biscouto , que ao pé do Paço delRey se  
está vendendo ; as chacinas , e frascos de vinho ,  
azeite , vinagre , meadas de murraõ , cartuxos de  
polvora. E se algum nota algum lanço destes ,  
respondem rindo : Rica he a ordem : isto não he  
nada. He verdade , que nada he hum lenço de  
biscouto , e quasi nada hum faco d'elle , mas tan-  
tos mil vem a ser muito. Bom fora porem-se guar-  
das , quando fayem , assim como se poem , quan-

do vem ; aos navios de carga ; pois mais váy a Sua Magestade em assegurar sua fazenda , que a alheya , e não sejaõ como hum , que vendeo por seis mil reis huma amarra del Rey ; que tinha custado setenta mil ; que assim guardaõ elles , o que lhes mandaõ vigiar.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O L I I .

*Dos que furtaõ com unhas , que não se sentem ao perto , e arranhaõ muito ao longe.*

**Q**uem bem considerar a monstruosa fabrica do Galinheiro de Madrid , que no Capitulo antecedente picámos , ao qual depois chamaõ Bom retiro , para lhe emendarem o primeiro nome , que merecia ; achará nelle hum espelho claro deste Capitulo ; porque he certo se gastaraõ nelle mais de vinte milhoens , que com perdidos , fintas , e tributos , foraõ roubando aos poucos , que entaõ o não sentiaõ , porque lhes hiaõ dando os xaqes aos poucos ; é á formiga : até que veyo o tempo a dar volta , convertendo-lhe a bella paz em feróz guerra , para a qual acharaõ menos os milhoens , que tinha devorado o Galinheiro como milho : e se os tiveraõ de reserva , não lhes cantaraõ tantos galos contrarios no polciro. He couza muito ordinaria não se sentirem damnos ordinarios , que parecem leves , senaõ quando de pancada chega depois delles a ruina , como na casa , que se vay calando pouco , e pouco com a goteira.

Na Villa de Montemór o Novo conheci hum

hum Juiz de fóra bom letrado , que deu em hum modo de furto , qual effou certo não achou em Bartholo , nem Acurfio. De toda a carne , que fe comia em fua casa , apartava os óffos ; e os tornava ao açougue , mandando de potencia absoluta , como Juiz que era , que lhe déffem outra tanta carne por elles , allegando , que não comprava óffos , nem era cão para os comer. O marchante os foy ajuntando , e no cabo do triennio tinha huma medra delles , que pezava muitas arrobas : deu-lhe com elles na residencia allegando a perda , que lhe dera na fua fazenda , ainda que a não sentira ao perto , por ser aos poucos , que vinha a ser muito confideravel ao longe , tomando-a por junto. Achou-lhe o Sindicante razão , e fez-lhe justiça , mandando que o Juiz pagaffe logo o preço de outra tanta carne , como pezavaõ os óffos ; e deu-lhe hum boléo na bolça muito bastante , e outro no credito que perdeu , em fórma que nunca mais entrou no ferviceo del Rey , até que morreo em Evora viuvo. Ambos Juiz , e marchante , fe arranharaõ no fim das contas asperamente , ainda que o não sentiraõ no principio : mas foy com differença , que o marchante achou cura para as fua entranhas , e o Juiz não achou remedio , e peorou do mal até morrer.

Nas armadas , e frotas desta Coroa fuccedem cafos notaveis de grandiffimas perdas , por furtarem , ou pouparem ninherias. Parece que não vay nada em prover de vasilhas , para os foldados tomarem fua raçoens de agua , e mantimentos ; e segue-fe dahi , que por não terem , em que guardem a agua , quando fe reparte , haõ de

bebella, ou vertella a deshoras : comem depois o toucinho salgado, e mal assado em espeto, que fazem dos arcos das pipas, e ficam estalando á sede. No biscouto ha tambem mil erros, por falta de industria, ou sobeja malicia : a cama he a que achão pelas taboas, ou calabres do navio ; e como a vida humana depende de todos estes abrigos, e elles são tais, adoecem todos, e morrem aos centos, e fente-se no fim da jornada o mal grande, que se urdio no principio cõ faltas leves, e faceis de remediar na primeira fonte. Sepulta, e sorve o mar, o que com huma bochecha de agua se pudera salvar.

Nos exercitos, e campanhas se experimenta o mesmo, que por falta de corda, ou de bala, ou de plovora, se perdem vitorias ; e por não meterem mais cevada nas garupas, ou mais mantimento na bagagem, se recolhe sem concluir a empresa, que era de mais ganho, e proveito, que o que se poupa na reserva. Lá chorou o outro, que por poupar hum cravo de huma ferradura, perdeu huma gloriosa victoria, e foy assim ; que por falta do cravo cahio a ferradura, e por falta desta mancou o cavallo, e faltou o Capitão, que hia nelle, em seu officio, e faltou logo o governo, e perdeu-se tudo. Em huma viagem, que fiz por elles, mares, foy tal a injuria no provimento, que por não comprarem pipas novas fizeram aguada em humas, que tinham fervido de chacinhas, e falmouras : e a graça he que ellegão ser melhor a agua de pipas velhas : e era tal a destas, que fora melhor beber a do mar. Seguiu-se desta bolada tão judiciosa, que esteve toda a gente do navio arriscada a morrer de sede, se Deos nos não levara em

em breves dias a parte , onde tivemos agua , e refrescos , com que emendámos erros de unhas , que não se sentindo ao perto, arranhão muito ao longe.

Tomára aqui todos os Reys, e Principes do mundo , para lhes dar este avizo de summa importancia, que fação muito caso do que parece pouco; quando he repetido; porque de muitos grãos se faz hum grande monte. Parece que não he nada hum defabrimento hoje, e outro á manhã: parece ninheria negar huma merce a este, que a pede por serviços, e huma esmola áquelle, que a pede por necessidade: e vem-se a congloubar de muitas repulsas hum motim de desconfolados, que se achão menos na occasião de pref-timo: e o peyor de tudo he, que estes corrompem outros, e os damnão com suas queixas, e vay muito em correr linguagem de bom Principe temos: ou dizer-se, mas que seja por entre os dentes, que falta á sua obrigação. A obrigação do Principe he lutar com este gigante, que he o impossivel de trazer a todos contentes; e para isso ha de ser Proteo, e Achelóo, que se transfórme em leão, e em cordeiro; que se vista humas vezes das propriedades de fogo, e outras das de agua. Socega-se este mundo bem com huma politica, a que os prudentes chamão sagacidade, e por esta toca de vicio, chamara-lhe eu antes advertencia, que tem mais de virtude: advirta nos principios o fim que poderão ter; e pouca vista he necessaria para conhecer, que de má semente, ainda que seja pequena, não póde nascer bom fruto: e que huma pequena faisca desprefada póde causar grandes incendios; e assim succede, que o q̃ não se sente ao perto, damna muito ao longe. CA-

\*\*\*\*\*

CAPITULO LIII.

*Dos que furtaõ com unhas invisiveis.*

**R** Ara he a unha , ou nenhuma , que não apanhem com o furto nas mãos , e a agarrem melhor , do que ella agarrou a preza. Mas ha algumas , que por mais invisiveis , que se fação , sempre se manifestaõ em seus effeitos ; tanto , que por mais luvras de sahidas , e escuzas , que lhes calceis , não póde o juizo aquietar-se , e está sempre latindo , e gritando : *Latet anguis in herba*. Aqui ha harpias. Entrey hoje em casa de hum homem , que conheci hontem pagem çafado de hum Ministro opulento : vejo-lhe colgaduras , e quadros , escritorios , e cadeiras , bugios ás janelas , e papagayos em gayolas de marfim , espelhos de crystal na sala , relgios de madre perola , e outras alfayyas , que as não tem taes o Rey da China ; e fico pasmado sem saber , quem me diga a isto ! E digo cá comigo : *Quien cabras no tiene, y cabritos viēde, de donde le viene?* Este homem não foy á India , nem achou thesouro ; porque se o achara , El Rey havia levar pelo menos a ametade delle. Isto he thesouro encantado : e se quereis , que volo defcante , direy o que dizem todos ; que este homem he hum grandissimo ladraõ : perdoe-me sua ausencia : e isso está affás provado , e manifesto nestes effeitos : nem ha mister mais devaça.

Em minha casa estou eu trancado , porque quem

quem não se tranca no dia de hoje, não vive seguro: e estou tirando devaças, que taes as foubra tirar a justiça delRey, que deve de andar dormindo, pois não dá fé do que olhos fechados, e trancados vem. Vejo que anda a cavallo com dous lacayos aquelle Ministro, que não tem de ordenado mais que oitenta mil reis: sey que anda em coche o outro, e sua mulher em andas, sem terem de ordenado, nem de renda mais que, quando muito, até duzentos mil reis. Elles não trazem navios no mar, nem tem bens patrimoniaes na terra; nem os pavoens de Juno em casa, que lhes ponhão ovos de ouro! Pois que he isto? São unhas visiveis, e bem se mostraõ em estes effeitos, e em outros, que calo de tafularias, amifades, &c. Hum molde, de como isto se obra visivelmente, porey aqui, que eu vi ha poucos dias na casa da India: despachava-se a fazenda de hum passageiro: e vieraõ a juizo tres, ou quatro escritorios bem enfardelados com seus couros, e lonas, porque o mereciaõ, e debaixo destas capas, para virem mais bem acondicionados, trazião varios godrins muito bons, que os estofavão, e erão de preço. Ha hum regimento naquelle despacho, que fiquem as capas dos fardos, que se abrem, para os officiaes, que assistem a estas véstorias: abrião os escritorios até a ultima gaveta, e dados por livres, lançarão mãos dos godrins chamandolhes capas, e com elles se ficarão, que bem valião vinte mil reis. Levantando mil falsos testemunhos ao regimento, que na verdade só as capas de couro, e lona lhes concede, e não o mais, que vem registrado, como fazenda.

Em Villa Viçosa conheci hum criado de grande

de, e Real Casa de Bragança, que gastava os dias, e as noites em continuas queixas de não lhe mandar pagar o Serenissimo Senhor Duque D. Theodosio seus ordenados: e chegaraõ a tanto as queixas, que se foy valer do Confessor, para que puzesse a Sua Excellencia em escrupulo aquelle ponto com todas as razoes de sua justiça. Assim o fez o Reverendo Padre Confessor: e o Duque prudentissimo com o animo Real, e grandioso, de que Deos o dotou, lhe respondeo: Não sey se sabeis vós, que esse fidalgo entrou no serviço desta Casa, sem trazer de seu mais que huma capa de baeta, e hoje anda em coche, e sua mulher, e filhos vestem galas, e comem tão bem, como os que se sustentão da nossa mesa. Perguntay-lhe vós, se lhe faltou depois que nos serve, algum dia alguma couza? E dizey-lhe, que affás merce lhe fazemos, em não mandar ao nosso Dezembargo, que lhe tome contas, e examine as superfluidades de sua casa, e de seu trato; porque se puxarmos porisso, he de temer, que alcancemos delle queixas mais graves, que as que dá de nós. Admiravel exemplo! Eis aqui como se fazem visiveis as unhas em seus effeitos, por mais que se escondão.

Mais claramente se fizeraõ em Evora as unhas invisiveis de certos ladroens, que ha mais de vinte e cinco annos deraõ de noite no Mosteiro de Santa Clara, em cuja portaria dentro no claustro tinha depositado hum Maltez dez, ou doze mil cruzados em dinheiro. Abriraõ as portas subtilmente, arrancando as fechaduras com trados, para não fazerem estrondo: tambem levarãõ farellos, para mençarem a moeda, sem chocalhada. Deraõ nos  
cai-

caixoens da pecunia, encherão alcofas, e sacos; sua boca, sua medida, até mais não quererem, ou não poderem levar para suas casas: onde começarão a lograr os frutos de sua diligencia, mas tão incautos, que sendo trabalhadores de enxada, já nam hiam puxar por ella no serviço das vinhas, como costumavam. Nem fora isto bastante para os descobrir a grande diligencia, com que a justiça por todas as partes batia as moutas. Até que em huma festa feira notou hum argueireiro na praça do peixe, que hum destes comprava folho para jantar a tostem o arratel, costumando a passar com sardinhas. Deu assopro ao Juiz de fóra, que lhe deu em casa de repente, e com poucos foroens descobrio a caça, e achou a mina, de donde sahiam os gastos, que o fizeram manifesto, com prova bastante para o pór no potro, onde chorou seu peccado, e cantou os cumplices, cujas cabeças vimos sobre as portas da Cidade fazendo suas unhas ainda mais manifestas.

\*\*\*\*\*

#### C A P I T U L O L I V .

*Dos que furtaõ com unhas invisiveis.*

**T** *Ela prævisa minus nocent.* Diz o Proverbio de S. Jeronymo. Ver o mal, antes que chegue, he grande bem para escapar delle: mas o rayo, que nam se vé, a bala, que nam se enxerga, senam quando vos sentis ferido, sam males irremediaveis: e tais saõ as unhas invisiveis em suas rapinas. E passa assim na verdade, que não damos

damos fé dellas , fenaõ quando sentimos seus danos. Raro he o ladraõ , se naõ he de estrada , que naõ trate de esconder as unhas , e fazer-se invisivel , quando furta : e por esta via pódem pertencer a este Capitulo quasi todos : mas eu trato aqui dos que vendendo gato por lebre , fazem o allalto ainda mais invisivel , pondo-vos á vista o harpéo, com que vos esfoláo, sem dardes fé delle.

Abroquelem-se os mecanicos , que começa esta bateria por elles. Vende-vos hum çapateiro. hum par de obra por boa , e legitima , e com tal lhe talha o preço , que vós desfembolçais muito contente , e elle agarra pouco escrupuloso : dahi a dous dias arrebentaõ as costuras , porque o canamo do fio era podre , ou singelo ; devendo ser saõ , e dobrado : vistes as entrefolas , que eraõ de pedaços , devendo ser inteiras , e os contrafortes de badana , que deveraõ ser de cordovaõ , ou vaqueta. E tudo fez invisivel a destreza do trinchete ; e quanto vos deu de perda , tanto vos furtou em Deos , e em sua consciencia. Vende-vos hum alfayate o vestido feito , ou faz-vos o que lhe mandastes talhar : mete lãa por algodão nos acolchoados , trapos por hollanda nos entreforros , linhas nos pespontos , que querieis de retroz , pontos de legua nas costuras : e paga-se , como se tudo fora direito como huma linha ; e tem para si , que nada fica a dever , porque de nada déstes fé , fenaõ quando se foy gastando a obra , e appareceraõ estes furtos no vosso negro , a quem déstes o vestido , porque naõ dizia com vossa pessoa. Hum Fidalgo da primeira nobreza , que todos conhecemos neste Reyno , mandou fazer humas calças altas no

tem-

tempo, que se usavaõ, e deu para os entreforros dous covados de baeta muito fina; e o senhor mestre, que as talhou, e pesponteou, tomando a baeta para si, poz-lhe em seu lugar hum sambenito, por se forrar dos custos, que lhe tinha feito; feitas as calças, sem nenhuma suspeita do que levavaõ dentro, achou o Fidalgo, que pezavaõ muito, e que o aqueitavaõ mais que muito: mandou-as abrir para ver se tinhaõ chumbo, ou fogo dentro, e achou o sambenito de mais, e a sua baeta menos: naõ conto o mais que succedeo, porque isto basta para se ver, que ha nos alfayates unhas invisiveis.

Os cerieiros, que espalmaaõ cera preta debaixo da branca. Os confeiteiros, que cobrem açucar mascavado, e borras com duas mãos de fino. Os pasteleiros, que picaõ hum gato em meya duzia de covilhetes. Os estalajadeiros, que bautizaõ o vinho, e daõ vianda de cabra por carneiro. O tofador, que sem pór tesoura na pessa de vinte-dozeno, vos levaõ hum vintem por cada covado. O ferrador, que ençrava a besta, e tambem de noite as acutila, para ter que curar, e de que comer. Os boticarios, que mexem azeite da candéa no emplastro, que pede oleo de minhocas na receita. O cordoeiro, que vende por nova do trinque a amarra, que teceo de duas velhas, que desmanchou. O sombreireiro, que trabalhou láa grossa, e podre, debaixo de huma pasta fina, para vender o chapéo, como se fora de castor. O ferralheiro, que amaçou ferro tal, onde havia de forjar aço de prova. O ourives, que descontou a pezo de ouro o azougue, com que ligou o dou-  
ramen-

ramento, e a pezo de prata a liga, e cobre, que misturou na pessa. E todos, quantos elles são, (que seria muito correllos todos) tem estas tretas, e outras mil, com que escondem as unhas, que invisivelmente nos roubão.

Mas dirá alguém, que tudo isto são ninhe-  
rias, que não tiraõ honra, nem desmandaõ ca-  
tamentos. Seja assim. Vamos ávante: *Paulo maio-  
ra canamus*. Levantemos de ponto, e venha a  
juizo gente mais granada, e os que provem as ar-  
madas, e frotas delRey nosso Senhor, sejam os  
primeiros. Não tem conto as pipas de vinhos, e  
azeites, que nellas arrumaõ, para provimento,  
e droga: tudo vay fechado cravado o batoque: e  
se no fim da jornada se acha o vinho vinagre, e  
o azeite borra, a Linha tem a culpa nas influencias,  
com que corrompe tudo, e o ladrão a desculpa  
na mão, com que gualdripou, o que vay de mais  
a mais entre vinho, e zurrapa, azeite, e borra:  
e fica o salto, que foy invisível em Lisboa, ma-  
nifesto álem da Linha; como Santelmo, que se fáz  
invisível em tempo sereno, e na tempestade appa-  
rece.

Os ladroens nocturnos são ainda mais invisí-  
veis, como aquelle, que mudou hum transfelim  
da cabeça de seu dono para outra, a que não  
pertencia; era elle de diamante; e de muitos  
mil cruzados de preço, que tinha no ouro, pe-  
dras, e feitio: e foy o caso, que quando ElRey  
Filippe III. de Castella veyo a este Reyno, lan-  
çou o Duque de Aveiro esta gala, com que bri-  
lhou mais que todos: Encheo os olhos de huma  
ave de rapina, que se fez nocturna, para lhe dar  
caça

caça mais segura: esperou que o Duque se recolhesse do Paço Real alta noite; investio-o no coche pela poupa, abrindo com ferro da banda de fóra entrada bastante para ter boa sahida o chapéo, e pessa, que voou pelos ares com seu segundo dono; que ainda não se sabe, se o engolio a terra, ou se o levarão os ventos; porque se fez logo tão invisível, como clandestino.

Pela trilha deste se desempenhaõ muitos, a que chamaõ neste Reyno capeadores: esperaõ que anoiteça: fazem-se invisíveis por elles cantos das ruas de melhor passagem: espada, e broquel com pistóla saõ os seus fiadores: e em passando couza, que lhes arme, desarmaõ de repente com huma tempestade de espadeiradas, e ameaços de morte: e se lhes resistem, applaca logo tudo a pistóla pósta nos peitos; e com largar a capa, e a bolça, rime sua vexação o passageiro, sem conhecer o autor da presente perda, ou do ganho da vida, que diz lhe dá de baroto, quando tão caro lhe custa o tornalla para sua casa illesa. Nas Chronicas de Portugal se conta, que houve hum Rey em Lisboa antigamente tão solícito de atalhar furtos, que até aos investiveis dava caça. Deraõ-lhe avizo os seus espias, que se furtava muito na casa da India, e na Alfandega, é que de noite se abriaõ as portas, e levavaõ fardos de toda a droga com tanta affoiteza, que os mariolas da Ribeira eraõ os portadores alugados. Disfarçou-se o bom Rey á guiza destes, e entre elles passou huma noite, e outra, até que chegou a infausta para todos: deixou-se hir ao chamado dos officiaes, que os leva-

raõ todos á Alfandega ; e o seu mayor cuidado foy dar tesouradas nas capas de todos sem ser sentido. Fez-se tudo , como os pilotos da facção mandaraõ , pagaraõ seu trabalho aos mariolas , e recolheo-se o Rey com boa ordenança. E em amanhecendo mandou vir perante si todas as Justiças , Ministros , e officiaes de seu serviço com os mesmos vestidos , com que tinhaõ rondado aquella noite : e al naõ faças , com pena de morte. E como os mandados dos Reys inteiros faõ leys inviolaveis , assim vieraõ todos : foy-lhe vendo as capas , e poz de reserva todas , as que achou feridas , para pôr a seus donos de dependura. E assim passou o negocio , que com tesouradas invisiveis assegurou thezouros , que unhas invisiveis lhe roubaraõ.

Nunca faltaõ aos Reys traças , e modos , para evitar damnos , mas que pareçaõ irreparaveis por invisiveis. Taes foraõ , os que padeceo a Alfandega de Lisboa muitos annos nos direitos Reaes com hum Ministro , que tirava folhas dos livros do recibo taõ subtilmente , que ficava invisivel a falta ; mas viraõ-se logo as sobras dos restos das contas no largo , que invidava o resto na casa do jogo : e se soubera fazer invisivel o lucro dos direitos , como fez invisivel o salto , com que os roubava , ainda estariaõ invisiveis as unhas , que o levariaõ á força : por final que endondeceo sua mulher : e ainda naõ se sabe , se foy de prazer por perder o marido , se de pezar por lhe confiscarem a fazenda. Por tudo seria,

\*\*\*\*\*

## CAPITULO LV.

*Dos que furtaõ com unhas occultas.*

**P**Arecherà a alguém este Capitulo semelhante ao passado das unhas invisiveis, mas elle he muito differente; porque as unhas o faõ tambem muito entre si, como logo mostrarão os exemplos; e a razaõ tambem o mostra; porque as invisiveis saõ, as que de nenhuma maneira se podem conhecer no fragante, e as occultas bem se podem alcançar logo, se fizermos diligencia. Succedeo o caso, e eu o ví em huma feira de tres, que se fazem todos os annos em Villa Viçõsa, haverà defasete annos. Vinha alli muito açafraõ de Castella, e naõ taõ caro como hoje val: no primeiro dia naõ havia achallo por menos de dous mil reis, e isto em muitas tendas: no segundo dia só hum vendedor se achou delle, e davaõ liberalmente a mil e quinhentos reis. Deu isto que cuidar, porque naõ havendo mais, que hum mercador de huma droga, a razaõ pedia que lhe levantasse o preço, mas a femrazaõ, que ella usava, o ensinou ao abater, para se expedir mais depressa, e pôr-se em cobro com os ganhos. Quaes ganhos? Chamara-lhe eu antes perdas, pois comprou tanta fazenda a dous mil reis, e a vendeo toda a mil e quinhentos. Assim passa: mas ahi val a unha occulta, que misturou com o açafraõ puro outro tanto pezo de flor de cardo

tinta de amarello, feveras de vaca, arêa miuda, nervos desfeitos: e multiplicando assim a massa, cresceo a drôga outro tanto, ou mais: e ainda que lhe abateo a quarta parte do preço primeiro, dobrando a quantidade, ficou interessandô no segundo outra quarta parte, que vinha a ser muito em taõ grande quantia. E ainda que as partes se acharaõ no primeiro jantar defraudadas, não foy com tanta pressa, que a não puzessem mayor as unhas occultas, em se porem em cobro, antes de as fazerem manifestas.

Hum segredo natural ha nesta materia de unhas occultas, que succede cada dia, de que só aos Confessores se dá parte, e porisso os Senhores ficaõ defraudados nesta parte. Logo me declararey. Ninguem cuide que taxo os Confessores de descuidados em mandarem restituir: pôde ser que se governem neste caso pelos conselhos de Sanches. He couza certa, que o paõ, quando se recolhe das eiras para os celleiros, que vem secco, e istitico do mayor Sol; que nellas padece: e outro sim he certissimo, que os celleiros pela mayor parte saõ humidos: e daqui vem, que o paõ penetrado da humidade incha em seu tanto de maneira, que está averiguado, que cada dez moyos lançaõ hum de crescenças. Entrega ElRey por essas Lyrias mil moyos de paõ a seus Almojarifes no Veraõ, e quando lho pede no Inverno, he mais que certo, que fazem a restituicão dos mil moyos, e que lhes ficaõ cem nos celleiros pela regra infalivel das crescenças, que temos dito. O Almojarife, que he bom Christaõ, acha-se enleado:

por

por huma parté o pica a consciencia, vendo em sua casa bens ; que não herdou ; e por outra parte também se lhe socega , porque ninguem o demanda por elles , e ve que ElRey está satisfeito. Vay á confissão da Quaresma, e diz: Accuso-me , que comi cincoenta moyos de trigo , que não semeey , nem herdey , nem comprey ; e também declaro , que os não furtey ; porque me nasceraõ em casa dentro em huma tulha , assim como me podia nascer hum alqueire de verrugas nestas mãos. E destrinchado o caso, fica a couza occulta, e em opiniaõ ; e quem a quizer ver decidida veja o Doutor , que já toquey , que eu não professo aqui ensinar casos de consciencia : ainda que sey , que a praxe deste está resoluta nos celleiros do Estado de Bragança , onde se pedem as crescenças aos Almojarifes.

Mais occultas tem as unhas outro exemplo, que tem feito variar no expediente d'elle muitos Theologos. Dey a vender huma pipa de vinagre ; e a regateira foy taõ ardilosa , que a foy cevando com agua pelo batoque ao compasso , que a hia aquartilhando pela torneira : e aqui está escondido outro segredo natural , que aquella agua botada aos poucos , se vay convertendo em vinagre , e ás vezes mais forte , porque se destempéra ; e nesta parte he como o caõ damnado , que irritado se azéda mais : e vem a fazer a senhora vendeleira de huma pipa tres , ou quatro ; e fica-se com o resto , que he mais outro tanto em dobro : e alimpa o escrupulo com lhe chamar fruto de sua industria.

Aqui pôdem entrar os tafues , que jogaõ com dados falsos, e cartas marcadas, cujas unhas occultas com taes disfarces se manifestaõ, e fazem sua preza com mãos continuadas em ganhos, para quem vay senhor do jogo, e sabedor da maranha. E nisto naõ ha opiniaõ, que os escuse de furto mais aleivoso , que a do ladraõ, que saltea nas estradas. Tambem he occulta a treita , de quem poem mal com EIRey a poder de mexericos o Capitaõ , que vem de álem-mar muito rico, para que naõ lhe de audiencia, e o traga desfavorecido , até que solcito busca caminho, para se congraçar com seu Senhor : e como o de boas informaçoes he o melhor , trata de buscar quem lhes desfaça as más , e apoye seu credito : e naõ falta logo quem lhe diga : Senhor valey-vos de fulano, que tem boas entradas, e poderá dar melhor sahida á vossa pertençaõ ; e pôde ser, que vem este mandado pelo mesmo , que o poz em desgraça , para o trazer a estes apertos de o buscar com os donativos costumados , que ás vezes passaõ de vinte caixas de açucar , porque em mais se estima a graça de hum Principe. É tanto que se alcança este intento das caixas, peffas, ou bisalhos, segue-se o segundo de desfazer a maranha, e abonallo, até pôr em pés de verdade restituído a seu primeiro ser, e valimento.

\*\*\*\*\*

## CAPITULO XIX.

*Dos que furtaõ com unhas toleradas.*

**T**Errível ponto, e arriscado he, o que se nos offerece para deslindar neste Capitulo, porque parece, que offende a justiça, e bom governo dizermos, que ha unhas, que furtaõ, e se toléraõ. Males ha necessarios, como diz o proverbio, e que se toléraõ nas Republicas para evitar mayores males. Tal he a de mulheres publicas, comediantes, e volatins, que se soffrem para divertir as más inclinaçoens, e evitar outros vicios mayores: mas o furtar sempre he taõ máo, que não se póde tolerar para desmentir vicio mayor, pela regra que diz: *Non sunt facienda mala, ut veniant bona.* Donde o tolerar ladroens nunca he bom; porque havelos he máo, e consentilos peor: e outra regra diz, que tanta pena merece o consentidor, como o ladraõ. Nem se póde dizer, que a justiça os consente, nem que os Reys os dissimulaõ; porque a razaõ não os permite. Pois que unhas toleradas saõ estas, que aqui se nos entremetem, para serem descuidadas? Para serem emendadas, folgára eu de as propor, e declaralashy com hum par de exemplos, taõ notorios, e correntes, que por serem taes, ninguem repara nelles. Seja o primeiro de longe, e o segundo de perto; este de Portugal, e aquelle de Italia.

Em Italia está Roma, Cabeça do mundo,  
 X iv que

que pelo fer, nos deve dar documentos de justiça, e fantidade, e porisso não estrarhará taxarmos, o que se desviar desta regra. Lá ha hunis officiaes, que chamaõ Banqueiros: e estes tem por todo o mundo, onde se acha obediencia Romana, seus correspondentes, que intitulaõ do mesmo nome: e assim hunis, como outros, aganceaõ dispensaçoes, graças, e indulgencias, e expediente de Igrejas, e Beneficios, que vem por Breves, e letras Apostolicas dos Summos Pontifices, para partes, que não pôdem lá hir negociallas; e por tal arte medeaõ as couzas, que não lhas trazem senaõ a pezo de dinheiro; e vem a fer neste Reyno hum rio de prata, para que não lhe chamaremos de ouro, que está correndo continuamente para a Curia Sacra, por letras de Bispados, Igrejas, e Beneficios, e mil outras graças; tudo por taõ excessivos preços, que vem a fazer mais de hum milhaõ todos os annos; sendo assim, que nas Bullas de tudo se diz, que daõ tudo de graça: *Gratia sub annulo Piscatoris*. E assim he na verdade, que Saõ Pedro pescador; e nada logra de taõ copiosa pesca. Os pescadores, que engordaõ com estes lanços, bem se sabe quaes saõ: e porque saõ, os que não corvêm, se livrou França delles, com dar por cada Bulla dez cruzados para o pergaminho della, e chumbo do sello, sem avaliar o muito, ou pouco, que se concede, porque isso todas as Bullas dizem, que vem de graça. Castella se suspeita, que tem a culpa do que Portugal padece nesta parte; porque alargou a maõ para seus intentos; ou porque a tinha entaõ mais cheya, que hoje com as  
enchen-

enchentes de ouro , e prata ; que lhe vinhão do mundo Novo ; e como Portugal he era fugeito , e sempre foy liberal , e grandioso , foy feguindo fuas pizadas ; e vendo-se picado , e opprimido com tal cargo , e com o pé Italiano sobre o peçoço , tudo toléra a titulo de piedade ; como se não fora impiedade defraudar-se a fi , para cncher as unhas de milhafres Banqueiros ; cuja fé não allegura a verdade das letras , que apraza a Deos não fejaõ falsas. Doutores houve já , que considerando o muito ouro , que dispensaçõens só dos matrimõnios levavaõ deste Reyno , resolveraõ , que podia ElRey nosso Senhor fazer Ley , que annullaffe todo o contrario de matrimonio entre parentes : mas mais facil era mandar com pena de confiscação de todos os bens , que ninguem passe lá dinheiro para táes graças , pois concedem que vem de graça , e atalharfe-hia affim de pancada tudo ; pois não ha razaõ , que nos tolha fazermos o que faz França , quando mais Christianiffima.

Que venha hum Colleitor a este Reyno por tres annos a governarnos as almas , e que puxe tanto pelos corpos , que ponha em Roma perto de hum milhaõ , quando nada , para si , e seus officiaes , he couza , que não entendo , e poriflo não lhe fey dar remedio : e se o entendo , não me atrevo a receitar-lhe a mézinha , porque não me levantem , que sinto mal do Ecclesiastico. E a verdade he , que sinto n alma ver chagas incuraveis , em quem tem por officio curar as nossas. Chamo-lhe incuraveis , não porque não tenhaõ remedio , mas porque são toleradas de tanto tempo ,  
que

que de velhas não tem cura, e porisso ninguem se cura já dellas. Aqui se me poem huma instancia: tal qual he, eu a deitroçarey: dizem os que de nada se doem: como pôde hum só Colleitor com tres Monfenhores Varoens de letras, e virtude, recolher tanta pecunia, se elles só trataõ do espirito? Respondo, que ha neste Reyno mais de dez mil Frades, e mais de quinze mil Freiras, e mais de trinta mil Clerigos, e mais de cincoenta mil embaraços de consciencia em leigos; e todos movem demandas de lana caprina; porque o Frade quer comer na mesa travessa; a Freira quer janela sem grade, e grade sem escuta; o Clerigo quer viver á ley do leigo, e o leigo quer ordens sem cabeça, em que lhas ponhaõ, e descasar-se de duas, ou tres, que o demandaõ; & *sic de reliquis*: e todos para fahirem com a sua entraõ com Monsieur Auditor, e com Monsieur Albornós, e com Monsieur Catrapuz; huns daõ ouro, outros prata, e outros pedras, que se não achaõ na rua; porque de frasqueiras, capoeiras, canastras, coftaes, &c. já se não faz caso, por serem drogas de mais volume, que lume: e com estas pedradas daõ a batalha, e alcançaõ a vitoria, e alimpaõ o bico, pondo em pés de verdade, que Roma não se move por peitas, assim he, porque tudo saõ graças. Não sey, se me tenho declarado! Mas sey que tudo se toléra, porque corre tudo por canos inexcrutaveis, e que fora bom haver hum breve de contramina, que annullasse tudo o que por taes minas se agenciaffe.

E tornando ao primeiro ponto dos Banqueiros; remato esta teima com hum caso, que me  
 pas-

passou pelas mãos ha poucos dias. Com tres tratey huma dispensação, ou absolvição importante: hum pedio duzentos mil reis, outros cem mil, o terceiro foy mais moderado, e disse que por menos de oitenta era impossivel impetrar-se. Não havia nos penitentes cabedal para tanto: fallou-se à pefsoa, que tinha intelligencia na Curia Romana, e proposto o negocio, respondeo, que era de qualidade que se expedia na Curia sem gastos de hum ceutil, e se offereceo para mandar vir o Breve de amor em graça; e assim foy, que de graça veyo: contey por graça isto ao matalote dos duzentos mil reis, respondeo marchando os beiços: são lanços, que não tiraõ seus direitos aos homens de negocio; e melhor dissera lançadas de Mouro esquerdo, que merece gente, que com sua infernal cobiça infama a sinceridade da Igreja Catholica, a qual de nenhuma maneira soffra simonias; como actualmente o tem mostrado a Santidade de Innocencio X. depondo, enforcando, e queimando muitos por falsificarem letras.

Até aqui unhas toleradas neste Reyno, no qual tambem ha outras suas proprias, que toléra, e todas tomàra cortadas. Arma hum fronteiro huma facção por feu capricho; entra por Castella com dous, ou tres mil Portuguezes, gasta na carruagem, muniçoens, e bastimentos da cavallaria, e infantaria, oito, ou dez mil cruzados: succedelle mal a empreza; e a inda que lhe succeda bem, perde em armas, cavallos, e infantes mais de outro tanto, e recolhe-se dizendo: bela maré levá-vamos, se não se virára o barco. E dado que na  
da

da perca, e que traga huma grande preza, está bem esmada, e mal baratada: lança ao quinto delRey ao mais arrebenatar duzentas cabeças de toda a forte, que não bastaõ para recuperar mais de duzentos mosquetos, e outras tantas pistólas, que desappareceraõ; piques, que se quebraraõ, e gastaraõ em assar borregos; capacetes, de que fizeraõ panellas, para cozer ovelhas com nabos, e outras mil couzas, que não se contaõ; com que lançadas as contas, sempre as perdas excedem os ganhos. Alem de que na giravolta se destroça o fiado, desconta o vendido; e perde o comprado, quando o inimigo torna a tomar vingança, e dá nos nossos lavradores, que o não aggravaraõ, deixando-os, sem boyos, nem gados, para cultivar as terras. Tornaõ lá os nossos a satisfazer esta perda, e he outro engano; porque com o que trazem, não se recuperaõ os lavradores; tudo he dos soldados, que o malograõ, e dos atraveçadores, que o dissipãõ. E assim se vaõ encadeando perdas sobre perdas, que unhas toleradas vaõ causando sem remedio; porque não se deu ainda no segredo desta esponja. Olhaõ para o applauso da valentia, e as medras, dos que se empenhaõ nellas, lançaõ hum véo pelos olhos de bizzarria a todos, e outros de lizonja sobre a ruina da fazenda Real, que paga as custas; e os lavradores choraõ, o de que se ficaõ rindo os pilhantes, que nesta agoa envolta saõ os que mais pescaõ.

E que direy das innumeraveis unhas, que se toleraõ na grande Cidade de Lisboa! Envergonhala-hemos com Cidades muito mayores, que ha na Chi-

China , nas quaes ha taõ grande vigilancia nisto de unhas de gente vadia , que de nenhuma maneira escapa pessoa viva , de que se naõ saiba quem he , o que trata , e de que vive , para evitar roubos, e outras defordens, de que saõ autores os ociosos, e vagamundos em grandes Republicas. E na nossa ha destes tanta tolerancia, que andaõ as ruas cheyas, sem haver quem lhes pergunte, se se sabem benzer , nem quem se benza delles; porque delles nascem os roubos nocturnos, raptos clandestinos, homicidios quotidianes : nelles achareis testemunhas para vencer qualquer pleito , e quem vos faça huma escritura falsa , e huma provisãõ , que até ElRey , que a naõ assignou, a tenha por verdadeira: tudo se toléra , porque naõ ha quem vigie. Sou de parecer , que assim como ha Meirinho mór para resguardo do Paço Real , haja segundo Meirinho mór , para guarda de toda a Corte nesta parte dos vadios , e gente ociosa; e que prenda todo o homem , que naõ conhecer , sem lhe formar outra culpa: se provar no Limoeiro, que he homem de bem, será solta; e se for da vida airada , vá para as Conquistas , onde terá campo largo para esprayar suas habilidades , e ficaremos livres desta praga , que tanto á nossa custa se toléra.

\*\*\*\*\*

## CAPITULO XVIII.

*Dos que furtaõ com unhas alugadas.*

**T**oleradas são também estas unhas , pois se alugaõ ; mas são peores nas correrias , que fazem, como mulas de Alquiler. Os Doutores Theologos tem para si , que não ha mayor maldade , que a que se ajuda de forças alheyas , quando as proprias não lhe bastaõ , para executar sua paixãõ , e esta em boa razaõ , porque saye de esfêra , e limite daquillo que póde: e obrar huma pessoa mais do que póde para o mal , he grandissima maldade ; assim como obrar mais do que póde para o bem , he grandissima virtude. Não póde hum ladrãõ arrombar a porta de hum mercador á meya noite , que remedio para lhes pescar hum par de peffas sem estrondo , nem difficuldades ? Aluga hum trado , e com elle como com lima furda , faz hum buraco , quanto caiba huma maõ ; mete hum gancho agudo taõ comprido , quanto baste para chegar ás pessoas , que esmou de olho ao meyo dia ; físgalhe huma ponta , e como camisa de cocra as revira , e escõa todas pela talisca. Mas não são estas as unhas alugadas : que fazem os mayores danos na Republica. Outras ha , de que Deos nos livre , mais nocivas , estas são as serventias de quantos officiaes de justiça ha no mundo ; correlos todos he impossivel : direy sómente de varas , e escrevaninhas , o que vemos

vemos, e choramos, e não remediamos, porque  
 não ferem seus damnos, a quem pudéra dar-lhe  
 o remedio. Que couza he a vara de hum meirinho,  
 ou de hũ alcaide, no dia de hoje? Se Aristoteles fora  
 vivo com todó o seu saber não a havia de defi-  
 nir ao certo; mas eu me atrevo a declarala com a  
 de Moysés. A vara de Moysés na sua mão vara  
 era; mas fóra da sua mão era serpente. Tal he qual-  
 quer vara destas, de que fallamos: na mão de seu  
 dono vara he, se he bom Ministro; mas fóra da  
 sua mão he serpente infernal, e se anda alugada,  
 he todos os diabos do inferno; porque hum dia-  
 bo não tem poder, para se transformar em tantos  
 monstros, como huma vara de serventia aluga-  
 da se transforma: e elles mesmos o confessão,  
 que não póde al fer, para pagarem ao orsaõ, ou  
 á viuva, cuja he, e ficarem com ganho, que os  
 sustente a todos á custa das perdas de muitos.  
 Olhay para a vara de hum aguazil daminho, pare-  
 cevos vaqueta de arcabuz; e ella he espingarda de  
 dous cannos; porque vay por effes campos de Jesu  
 Christo, a melhor marrãa, que encontra, e o  
 melhor carneiro, aponta nelles, e quando volta  
 para casa, acha-os estirados na sua loge, sem gastar  
 polvora, nem dar estouros. Tambem he canna de  
 pescar fóra da agua: vay á Ribeira, lança o anzol  
 na melhor pescada, e no melhor congro, ou sa-  
 vel, e sem cedella, que puxe, dá com elles no  
 seu prato. Tambem he bésta de pelouro, que ma-  
 ta galinhas aos pares, e pombas ás duzias; perdi-  
 zes nenhuma lhe escapa, se as acha nos açougues,  
 porque no ar erra a pontaria. Tambem he cadéla  
 de

de fila , e quando a agúla a huma vitéla , mas que seja a huma vaca , berrando a leva aonde quer. Tambem he covado , e vara de medir , e quanto mais comprida , tanto melhor : assim como he , entra em casa do mercador , e mede como quer panno , e seda. Tambem he garavato de colher fruta , e sem se abalar por hortas , nem pomares , colhe , e recolhe canastras cheyas. E vedes aqui irmão leitor a vara de Condaõ , com que nos embalavaõ antigamente , que fazia ouro de pedras , e paõ de palhas , e da agua vinho ; e esta ainda faz mais , porque faz , e desfaz , quanto quer , quem a alugou.

O mesmo , e muito mais pudera aqui dizer das escrivatinhas alugadas ; mas naõ quero nada com penas mal aparadas , naõ acerte de lhes vir a pello este nosso tratado , que no lo depennem , ou jarremem com alguma sentença grega , ou defalmada. Só direy , que saõ alguns , ou quasi todos , taõ fracos officiaes , que he grande valentia faber-lhes ler , o que o escrevem. Eu sey hum , que o fizeraõ vir de Evora a esta Corte , para que lesse o que tinha escrito em hum feito , que naõ era pequeno , e naõ se achava em toda Lisboa , quem em tal escritura attinasse com boya , como se fora a de ElRey Balthasar. E com estes gregotins alimpaõ as bolças ás partes , e sujaõ quantas demandas ha no Reyno , escrevendo sêsta por balthêsta , e alhos por bugalhos : e já lho eu perdoara , senaõ succedera muitas vezes tirarem dos feitos as sentenças por tal estylo , que naõ se daõ á execuçaõ , porque naõ ha entendellas. Muito ha

que

que reformar nas officinas, e cartorios destés fe-  
nhores, como em todos, quantos officios andão  
no Reyno arrendados.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O LVIII.

*Dos que furtaõ com unhas amerozas.*

**Q**uem dizia no Capitulo 39. que não ha  
unhas bentas, porque todas são malditas,  
e fugeitas a mil excõmunhoens, quando fur-  
taõ; tambem dirã agora, que não ha unhas amo-  
rosas, porque todas arranhaõ; mais fernos-ha facil  
desenganalo com quantas unhas ha de damas, que  
estafaõ a seus amantes. E taes são tambem as unhas  
de todos os validos, mimozos, e paniaguados dos  
grandes, daõ-lhes francas entradas em seu feyo,  
sem verem que abrem com isso sahidas enormes a  
seus thesouros. Ouçame o mundo todo huma Fi-  
losofia certa: he certo, que animaes de diferentes  
especies não se amançaõ: caens com gatos, aguias  
com perdizes, espadartes com baléas nunca sus-  
tentaraõ bom cõmercio: e se algum dia houve  
bruto, que se fugeitasse a outro de diferente es-  
specie, foy, não porque a natureza o inclinasse a  
isso, mas por alguma conveniencia util para a con-  
servaçãõ da vida. Ha entre os homens estados taõ  
diversos, que se distinguem entre si mais, que as  
especies dos brutos. Hum Fidalgo cuida, que se  
distingue de hum escudeiro, mais que hum leaõ

de hum bugio : e hum escudeiro presume ; que se differença de hum mecanico , mais que hum touro de hum cabrito. E que ferà hum Duque , ou hum Rey , comparado com qualquer desses ? Será o que he hum elefante com hum cordeiro. Donde se infere , que quando ha uniaõ de amor entre taes sujeitos , não he , porque a natureza os incline a isso , he a conveniencia do interesse ; e como esta vay diante sempre , sempre vay fazendo seu officio , aproveitando-se do amor para suas conveniencias.

Entra aqui outra circumstancia , que dá grande apoyo a este discurso ; e he , que o mayor ama ao menor , como couza sua ; e o menor olha para o mayor , como para couza , que o domina : e isto de ser dominado , nunca causa bom labor ; e porisso vicia o amor , que não sofre disparidades. Donde se colhe evidente : e infallivelmente , que póde haver amor verdadeiro do superior para o inferior , e que não he certo havello do inferior para o superior ; porque leva sempre a mira no que dahi lhe ha de vir ; e essa he a pedra de toque , em que aguça as unhas , que chamo amorosas ; porque com achaque de benevolencia , e amor , que seu amo lhe mostra ; mete a mão no que a privança lhe franquea com tanta segurança , como se tudo fora seu pela regra , que diz : *Amicorum omnia sunt communia*. O grande nunca sofre igual , quanto mais superior , e porisso não se humana senão com o inferior ; e este porque tem iguaes , com quem faça sociedade ; não necessita do bafos dos grandes , mais que para engodar ; e he quan-

to lhe permite o careyo, que lhe daõ, e usaõ delle os valídos com insolencia; porque o acicate, que os move, estriva mais em medras proprias, que em serviços, que pertendaõ fazer aos seus Mecenas. Reciprocã-se o amor do grande, e o interesse do pequeno: o amor abre a porta, o interesse estende as unhas; e como na arca aberta o justo pecca, empolga sem limite; e como o amor he cego, naõ enxerga a damno; e se acerta dar fé delle, porque às vezes he taõ grande, que às apalpadelas se sente, tambem o dissimula; e assim se vem a refundir na afeição todos os damnos, que padece, e grangeaõ titulo de amadas, e amorosas as unhas, que lhos causaõ.

Naõ se condemna com isto terem seus valídos os grandes; porque nem os Summos Pontifices se podem governar bem sem Nepótes, a quem de todo se entregaõ, para descangarem nelle o pezo de seus negocios, e segredos: e os Principes seculares necessitaõ muito mais deste auxilio, porque as couzas profanas naõ se domesticaõ tanto como as sagradas. O que se taxa he a demazia, e desaforo de alguns valídos: dos mãos ha duas castas, huns que escondem as medras, e outros, que as assoalhaõ: estes duraõ pouco, porque a inveja os derruba armando-lhes precipicios, como a D. Alvaro de Luna; e sua propria fortuna, e insolencia os jarreta, como a Belisario: aquelles mais duraõ, e he em quanto se sussteem em seus limites; mas por mais, que se dissimulem com trajas humildes, e alfayas pobres, logo seus augmentos os manifestaõ; porque saõ como o fogo,

Y ij que

que se descobre pelo fumo; e abraza mais, quando mais se oculta. Se nós virmos hum destes comprar Quintas como Conde, receitar dotes como Duque, e jogar trinta, e quarenta mil cruzados como Principes; e soubermos, que entrou na privança sem humas luvas, como havemos de crer que cortou as unhas? Cresceraõ-lhe sem duvida com o favor como planta, que regada medra. Grande louvor merecem nesta parte todos os Ministros, que assistem a ELRey nosso Senhor, porque vemos, que tudo o que possuem, com não fer muito, he mais para o servirem, que para o lograrem. Nem se pôde dizer de Sua Magestade, que Deos guarde, que tem validos mais que dous, que se chamaõ, Verdade, e Merecimento. Como pôdem, e devem os Principes ter validos para se servirem, e ajudarem de suas industrias, e talentos, já o dissemos no Capitulo 30. ao titulo dos Conselheiros §. 1.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O L I X .

*Dos que furtaõ com unhas cortezes.*

**N** Aõ sey, se he certa huma murmuraçãõ, ou paga, que corre em todas as Cortes do mundo, que mais se ganha no Paço às barretadas, que na campanha às lançadas. Se ella he certa, he grande roubo, que se faz á razaõ, e justiça, que está pedindo, e mandando, que se  
dém

dém as couzas , e fação as mercés , a quem mais trabalha , e padece. Privilegio he de chocarreiros , que ganhem feu paõ com lizonjas ; mas a honra guarda outro foro , que sendo muito cortez , não pertende , nem espera premio por sua cortezia , porque lhe he natural ; e pelos actos naturaes , dizem os Theologos , que nada se merece , nem desmerece. E daqui vem , que o que se leva por esta via , vem a ser furto.

Homens ha , e conheço alguns , a quem propriamente podemos chamar estafadores. Andão no terreiro do Paço , no Rocío , e por essas ruas de Lisboa ; e como são ladinos , e versados , conhecem já de face a todos ; e tanto que vêm algum de novo , ou que parece estrangeiro , chegam-se a elle rasgando cortezias , envoltas com louvores de v. m. me parece hum Principe , a cuja sombra se prostra hoje minha pobreza : sou hum homem nobre , e forasteiro , sustento aqui pleitos para remediar filhas orfãs , que trouxe comigo para vigiar sua limpeza : semanas se passão , em que não entra paõ em nossa casa ; e pondo a mão na cruz da espada , jura que não traz camisa : e por esta toada diz mil couzas , que traz estudadas , como oração de cego ; até que remata com a petição , a que foy armando todas suas arengas , com o chapéo na mão , o pé atraz , e o Joelho quasi no chão. O pobre novato , que he às vezes mais pobre , que elle , movido por huma parte da compaixão , e por outra picado das cortezias , abre a bolça , e pedindo perdoens dà-lhe a pataca , ou ao menos o tostaõ , que o supplicante vay

brindar logo na primeira taverna: e sabida a couza, nem filhas, nem demanda teve nunca, e sempre foy estafador cortezaõ, que he o mesmo que ladraõ cortez.

Tem hum official de vara, ou escrivaninha no seu regimento dous, ou tres vintens, que se lhe taxaõ por esta, ou por aquella diligencia: acha nos aranzeis de sua cobiça, que he pouco: teme pedir mais com medo do castigo, que naõ falta, quando Sua Magestade sabe as defordens: pergunta o requerente bisonho o que deve? Responde-lhe: de graça dezejara servir a v. m. mas vive hum homem alcançado, e sustenta casa com este officio, dé v. m. o que quizer. E se o requerente insta, que lhe diga ao certo o que deve, por que naõ traz ordem para dar mais, nem he bem que dé menos? Torna a responder, que em mayores couzas o dezeja servir, que se naõ quizer dar nada, que o póde fazer; e que taõ seu cativo ficará assim como de antes. Bem se vé, que isto he estafa, pois nunca o vio em sua vida, fenaõ aquella vez; e para lhe aguçar a liberalidade, mostra-lhe hum livro muito grande, e o muito, que nelle se rabiscou, &c. Pasma o supplicante, lança-lhe hum par de patacas Mexicanas, onde só devia dous vintens: recolhe-as o senhor escriba, de prata Fariseo, e despacha-o com aquime tem v. m. a seu serviço taõ certo, como obrigado. E se estes mancebinhos puzerem no fim de seus despachos os preços delles, como saõ obrigados, saberaõ as partes o que devem, e naõ haverá enganos; mas quando o salario he pouco, naõ  
o escre-

o escrevem , para ter lugar a tréta ; e se he muito , gallhardamente o explicaõ. Seja suspenso todo o que o callar : e eisahi o remedio.

Isto faõ ninherias em comparaçaõ de outras prezas , que a cortezia agarra sem muitas ceremonias ; como na India , em Cóchim , e outras praças semelhantes de mayor cômercio. Quer hum Capitaõ Mór oitenta , ou cem mil cruzados de boa entrada , pede-os emprestados a bom pagar na sahida com esta arte , que o desobriga para o futuro , e não dá molestia ao presente. Haverá em Cóchim , e seu districto , mais de cincoenta mil mercadores entre Christãos , e Baniães de bom trato : manda-os visitar pelos corretores com mil cortezias , de como he chegado para os servir , e que lhes faz a saber , como vem pobre , e que trata de armar hum empregosinho para a China , e que por não ser molesto a suas mercés , quando vem para os ajudar a todos , não quer de cada hum mais que dous , ou tres xerafins emprestados em boa cortezia ; e que com a mesma os pagará pontualmente até certo tempo. Nenhum repara em emprestar taõ pouco , e muito menos em o cobrar a seu tempo , porque haõ mister ao Senhor Capitaõ para muito ; e assim se fica com tudo , que vem a passar muitas vezes de cem mil cruzados em leve cortezia. E que muito que succeda isto na India , acolá taõ longe ; quando vemos cá mais ao perto dentro em Portugal casos semelhantes ! Hum Prelado grave , ou para melhor dizer gravissimo , conheci neste Reyno , que com achaque de huma jornada á Corte de Madrid pe-



he a que tem as unhas, de que falla este Capitulo; é para sabermos, que taes ellas são, he necessario averiguarmos bem de raiz, que couza he Politica? E apósto que se o perguntamos a mais de vinte; dos que se prézañ de politicos, que nenhum a faiba definir pelas regras de Aristoteles, assim como ella merece?

Todos fallañ na Politica, muitos compoem livros della; e no cabo nenhum a vio, nem sabe de que cór he. E atrevo-me a affirmar isto assim; porque com eu ter pouco conhecimento della, sey que he huma má peffa, e que a estimañ, e applaudem, como se fora boa: o que não fariañ bons entendimentos, se a conhecerañ de pays, e avós, taes, que quem lhos souber, mal poderá ter por bom o fruto, que nasceo de tañ más plantas: e para que não nos detenhamos em couzas trilhadas, he de saber, que no anno, em que Herodes matou os Innocentes, deu hum catarro tañ grande no diabo, que o fez vomitar peçonha; e desta se gerou hum monstro, assim como nascem ratos *ex materia putridi*, ao qual chamarañ os Criticos Razañ de Estado: e esta Senhora sahio tañ presumida, que tratou de cazas; e seu pay a despozou com hum mancebo robusto, e de más manhas, que havia por nome Amor proprio, filho bastardo da primeira desobediencia: de ambos nasceo huma filha, a que chamarañ Dona Politica: dotarañ-na de sagacidade hereditaria, e modestia politica. Criou-se nas Cortes de grandes Principes, embrulhou-os a todos: teve por ayos o Machavello, Pelagio, Calvino, Luthéro, e outros Doutores

tores desta qualidade , com cuja doutrina se fez taõ viciosa ; que della nasceraõ todas as Seitas , e heresias , que hoje abrazaõ o mundo. E eis aqui , quem he a Senhora Dona Politica.

E para a termos por tal , basta vermos a variedade , com que fallaõ della seus proprios Chronistas ; que se bem advertirmos , cada qual a pinta de maneira , que estamos vendo , que leva toda a agua a seu moinho. Se he Letrados , todas as regras da Politica vaõ dar , em que se favoreçaõ as letras , que tudo o mais he aire : Se professa armas o Autor , lá arruma tudo para Marte , e Belona , e deixa tudo o mais á porta inferi. E se he Figalgo , tudo apoya para a nobreza , e que tudo o mais he vulgo inutil , de que se naõ deve fazer conta. E he a primeira maxima de toda a Politica do mundo , que todos seus preceitos se encerraõ em dous , como temos dito , o bom para mim , e o máo para vós. E pósta neste primeiro principio , entra logo sua máy Razaõ de Estado , ensinando-lhe , que por tudo córte , sagrado , e profano , para alcançar este fim ; e que naõ repare em outras doutrinas , nem em preceitos , mas que sejaõ do outro mundo , porque só do cómodo deste deve tratar , e de seu augmento , e da ruina alhea ; porque naõ ha grandeza , que avulte á vista de outra grandeza. Minguas de outros saõ meus accrescentamentos ; sou obrigado a me conservar illeso ; e naõ estou seguro , tendo junto de mim , quem me faça sombra : e para nos livrarmos deste çoçobro , demos-lhe carga , tiremos-lhe a substancia. E para isso estende as unhas ,  
que

que chamaõ Politicas, armadas com guerra, hervadas com ira, e peçonha de inveja, que lhe ministrou a cobiça: e nada deixa em pè, que não escale, e meta a sacco. Este Reyno he meu, e esta Província he o menos, de que se trata: Os Imperios mais dilatados, e opulentos, saõ pequeno prato para estas unhas; e o direito, com que os agarrãõ, escreve o outro com poucas letras, sem fer Bartholo, na boca de huma bombardã; e vem a fer: *Viva, quem vence.* E vence quem mais pòde, e quem mais pòde, tenha tudo por feu; porque tudo se lhe rende. E fica a Politica cantando a gala do triumpho, e sua mãy Razaõ de Estado rindo-se de tudo, como grande Senhora, e seu pay Amor proprio logrando prões, e precalços; e seu avó o Diabo recolhendo ganancias, embolçando a todos na caldeira de Pero Botelho; porque fizeraõ do Ceo cebola, e deste mundo Paraíso de deleites, sendo na verdade labyrintho de defasocegos, e inferno de miserias, em que vem dar tudo, o que nelle ha; porque tudo he corruptivel.

Este he o ponto, em que a Politica errou o nõrte totalmente, porque tratou só do temporal, sem pór a mira no eterno, aonde se vay por outra esteira, que tem por roteiro dar o feu a seu dono, e a gloria a Deos, que nos creou para o buscarmos, e servirmos com outra ley muito differente, da que ensina a Politica do mundo. E lá virã o dia do defengano, em que se acharãõ com as mãos vazias, os que hoje as enchem da substancia alhea.

Testemunhas sejaõ o famoso Belisario, terror de Vandalos, aflolação de Persas, estragador de milho.

milhoens , que dos mais altos cornos da Lua o poz sua fortuna sem olhos em huma estrada á sombra de huma choupana , pedindo esmola aos passageiros : *Date obolum Belisario.* E o grande Tar-molaõ , cujo exercito enxugava rios , quando matava a fede ; taõ poderosa , que trazia Reys ajou-jados como caens debaixo da sua mesa roendo ossos ; o qual à hora da morte mandou mostrar a seus soldados a mortalha , com hum pregaõ , e defenga-no , que ãe tanto , que adquirio , só aquelle lan-çol levava para o outro mundo.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O L X I .

*Dos que furtaõ com unhas confidentes.*

**Q**ue tenha a minha maõ confiança comigo , para me servir , e coçar , lisonja he , que bem se permite ; mas que a tenhaõ as mi-nhas unhas , para me darem huma coça , que me esfolem a pelle , não se sofre. Pois taes saõ , os que os Reys applicaõ , como mãos proprias , a seu Real serviço , e elles esquecidos da confiança , que a Magestade Real faz delles , estendem as unhas , para applicarem a si , o que lhes mandaõ ter em re-serva para o bem cõmum , e de muitos particu-lares , que esfolãõ. Ha neste Reyno Thesourei-ros , Depositarios , e Almojarifes sem conto ; to-dos arrecadaõ em seus depositos , que chamaõ ar-ças , grandes copias de dinheiro , hum delRey ,  
outro

outro de orfaõs , e muito de outras muitas partes : e sendo obrigados a tello a ponto para toda a hora , que lho pedirem , aproveitando-se da confiança , que se faz delles , metem o dito dinheiro em seus tratos de compras , e vendas , com que vem a ganhar no cabo do anno muitos mil cruzados. E se lho pedem no tempo , em que anda a pecunia nos boléos da fortuna , com riscos de se hir o ruço a traz das canastras , fingem ausencias , e que tem a arca tres chaves , que dahi a quinze dias virà da feira das Virtudes Bento Quadrado , que levou huma , que ahi està o dinheiro cheo de bolor na arca : e passaõ-se quinze mezes , e não ha dar-lhe alcance. E por fim de contas vem a residencia , e alcança os sobreditos em muitos contos. E estes são os confidentes da nossa Republica , que fazendo-se proprietarios do alheo , alienaõ o que não he seu , e daõ atravéz com os thesouros alheos :

Nas fronteiras succedem casos admiraveis nesta parte. Està hum destes ( pouco digno em hum , podendo dizer mais de cento , mas hum exemplo declara mil. ) Està hum destes a la mira espreitando , quando voltaõ as nossas facçoens de Castella com grandes prezas de boys , cavalgaduras , porcos , carneiros , e outros gados : e como os soldados vem famintos de dinheiro , mais que de alimarias , que não pôdem guardar , nem sustentar ; e o sobredito se vê Senhor dos depositos dos pagamentos , que foy atrezando , para não lhe faltar moeda nesta occasiaõ , atravessa tudo , resgatando-o por pouco mais de nada , sem haver quem lhe vá á mão , porque todos dependem del-

le ,

le, e o affagaõ, para o terem da sua maõ: e dahi a quatro dias, e tambem, logo ao pé da obra, vende a oito, e a dez mil reis a lavradores, e marchantes os boys, que comprou a quinze tostoens quando muito, e o mesmo computo se faz no mais. E vem a ser o mais rico homem do Reyno, sem meter no trato vintem, que ganhasse, nem herdasse de seus avós. Melhor fora venderem-se os taes gados aos nossos lavradores pelos preços dos soldados, para se refazerem de semelhantes prezas, que os inimigos nos levarão, e não ficarem exhaustos de criaçoens, os que sustentão a Republica, e cheyos, os que a destroem com as unhas, que chamo confidentes. Cortem-se estas unhas; e se não houver puxavante, que as entre, porque a confidencia as faz impenetraveis; tirem-lhe o cabedal, e ponha-se, onde haja vergonha, e honra, que se péje de comprar para vender.

Na Cidade de Lisboa conheci hũm barbeiro, o qual enfadado do pouco, que lhe rendia a sua arte, se deu a sangrar bolças, e fazer a barba aos mais opulentos escriptorios: e para o fazer a seu salvo, e com credito de sua pessoa, foy-se metendo de gorra com seus freguezes, dando-lhes alvitres, de que se fazia corretor. Ao principio começou com penhores, pedindo dinheiro emprestado para taes, e taes empregos, que se lhe offerenciaõ rendosos, e que partiriaõ os ganhos dentro de breves dias: e com a pontualidade foy ganhando terra para acrescentar as partidas: e com o lucro, que dava aos acrédores, os foy cevando, e meten-

metendo na baralha , e cobrando credito , até que os obrigou a invidarem o resto. Já se não curavaõ de fianças , nem penhores , para com elle. E vendo assim o campo seguro , deu de repente em todos abonando hum laço , que fingio se lhe abria de grandissimo interesse , e que convinha meter nelle todo o cabedal , para ficarem todos rico. Nenhum reparou em largar quanto dinheiro tinha ; e tal houve , que lhe entregou cinco mil cruzados , outros a dous , a tres , e a quatro , sem saberem huns dos outros. Deu com tudo em hum navio estrangeiro , que estava a pique , e deu á vela pela barra fora : e o mancebinho nunca mais appareceo , nem novas delle , nem rasto do dinheiro , por mais Paulinas , que se tiraraõ. E esta são as verdadeiras unhas confidentes. E não são menos damninhas as confiadas , de que já digo casos memoraveis.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O LXII.

*Dos que furtaõ com unhas confiadas.*

**P** Ara que não pareça este Capitulo o mesmo , que o passado , contarey huma historia , que declara bem o muito que se distinguem. Succedeo em Lisboa , que fazendo huma Confraria em certa Igreja a festa do seu Orago muito solemne , ajuntou para isso muita prata de castiças , alampadas , pevitteiros , e caçoulas , que pedio por empref-

emprestimo a outras Igrejas , Mosteiros , e Irmandades : e como o thesouro era de muitos , tinhaõ direito todos para virem buscar , e levar as suas peffas. Entre os que vieraõ , acabada a festa , foy hum ladraõ cadimo com dous maráos , que alugou na Ribeira por dous vintens cada hum , e duas canastras mais grandes , que pequenas : e entrando muito confiado , como se fora mordomo mór de toda a festa , póz a capa , e o chapéo sobre hum caixaõ , assegurando primeiro a ausencia dos que lhe podiaõ pór embargos : abaixou diante de Deos , e de todo o mundo , as melhores duas alampadas , e tirando dos altares os castiçaes , que bastaraõ para encher as canastras , póz tudo às costas dos mariolas , e facodindo as mãos , tomou a capa , e guiou a dança ; e escapou por sua arte dando com a pratra , onde nunca mais appareceo ; ficando mil almas , que estavaõ na Igreja , persuadidas , que aquelle homem era o legitimo dono , como manifestava a confiança , com que fez o salto , que não foy em vaõ. E isto he , o que chamo unhas confiadas , sem serem confidentes : e destas ha muitas a cada passo , e no serviço del-Rey não faltaõ ; mas falta-me a mim coragem para mostrar aqui , o que recolhem , como se fora seu , com tanta confiança , como se o cavaraõ , e o roçaraõ , ou o herdaraõ dos senhores seu avós. E assim digo , que não me meto com averiguaçoens , de que a pezar da verdade posso fahir desmentido. Só aos affoutos fizera eu huma pergunta em segredo ( chamolhe assim , por não especificar cargos , de donde se possaõ colligir pessoas com quem não quero

quero pleitos ) perguntamos a estes , com que authoridade , ou para que fazem tornar a traz os pagamentos da micilia, que Sua Magestade despacha? Ou com que ordem os repartem ultra do que rezaõ as ordens verdadeiras? Nada respondem : metem-se no escuro das razoens do Estado, e he couza clara , que accrescentaõ seu estado: e ainda mal que vemos accrescentados, os que para bem houveraõ de ser diminuidos. Estes saõ, os que com grande affoiteza, e confiança , metem a faco a Republica , cujos sacos vasaõ para encher taleigos , que já medem aos alqueires : e isso he o menos , e mais he o volume immenso de outras drogas , de que enchem sobrados , que haõ mister espeqes para sustentar o pezo , sem temor da força , que fora melhor fabricasse desses pontoens. Aponto sãõ o damno, naõ trato , de quem leva o proveito ; porque a confiança , com que nelle apoyaõ suas unhas , as faz impunes. Mas deixando pontos intelligiveis , passemos a outra couza.

Ahi naõ póde haver mayor confiança , que a de hum Cabo , a quem daõ cem mil reis para hum pagamento de seus soldados ; e em vez de o fazer logo , para lhes matar a fome , que os traz mórtos , vai-se á casa da tafularia , poem o dinheiro na taboa do jogo, como se fora seu , ou lhe viera da casa de seu avô torto ; e sem nenhum direi-o , que para elle tenha , o lança a quatro mãos , e o perde com ambas , sem lhe ficar nellas , mais que o taleigo vazio, e o focinho cheyo de paixãõ , com que fatisfaz ás partes ; de forte que nenhum soldado ouza apparecer diante delle : e he

estremada traça para não lhe puxarem pela divida. Mais confiados que estes são outros, que ha na casa da India, e nas Alfandegas, que não sey como se chama seus officiaes, nem o quero saber, por não ser obrigado a nomealos por seu nome: estes tem por obrigação ver todos os fardos, e examinar todas as fazendas, que vem de fóra, para orçar ao justo os direitos, que se haõ de pagar a Sua Magestade; e elles por quatro patacas examinaõ as couzas taõ superficialmente, que deixaõ passar por estimaçãõ de anil o pacote, que vem cheyo de basares; e contaõ por cascaveis o barril, que vem recheado de coraes, e alambres. Que fardos de télas finas, e borcados de tres altos corraõ praças de bocachim, e calhamaço, não o creará, senaõ quem o vio. Ballas de meyas de seda fazem figura de resmas de papel. E he facil deslumbrar os olhos de todos os Argos, a quem está encomendada a vigia disto, com hum par de pessas resplandecentes de vidros de Veneza, crystaes de Genova. E para que não se diga, que não viraõ tudo, mandaõ abrir costaes, que já vem marcados, e preparados para o effeito: os quaes trazem na primeira superficie, o que val menos; mas o amego he do mais precioso. Já se vio caixaõ, e quartola, que trazia na boca chocalhos, e no fundo pessas de ouro, e prata. E se algum Ministro fiel requerer, que se examine tudo, respondem, que não seja desconfiado: e com duas gracetas passaõ desgraças, que não conto. Declaro sobre tudo isto, que já esta moeda não corre, como em tempo de Castella; porque está seu Dono em  
 casa,

cafa, que a vigia, e faz a todos, que não sejaõ  
 tão confiados, como o Carvalho.

Naõ sey, se ponha aqui huma confiança ad-  
 miravel, que não podia crer até que a vi. Bem he  
 que saiba Sua Magestade tudo, para que o emeu-  
 de com seu Real-zelo, e para isso digo. E he que  
 todas as dividas, que ElRey nosso Senhor manda  
 pagar, ou esmolas, que manda fazer por via da  
 fazenda, achaõ todos os despachos correntes até  
 o thesouro, onde topaõ com ordem secreta, que  
 a todos diz, que satisfará como tiver dinheiro,  
 e consta por outras vias, que os tem aos montes  
 para outros prestimos; mas para isto de dividas,  
 e esmolas, não ha tirar-lhe hum real das unhas: e oc-  
 casionaõ com isto a se cuidar, que a tal ordem  
 baixou de cima: e he ponto, que nem hum Tur-  
 co o presumirá de Sua Magestade, mas he confian-  
 ça de Ministros, que devem de presumir, que o  
 não virá a saber sua Magestade, que deve sentir  
 muito lanços, que tem mais de aleivozia, que de  
 zelo. Com as palavras vos dizem que sim, e com  
 as obras que não. Doutrina he, que Christo reprehen-  
 deo muitas vezes severamente aos Fariseos: e assim  
 se deve estranhar entre Christãos. E eu não acabo  
 de dar no alvo, a que tira esta confiança, quando  
 tira aos pobres, o que seu dono lhes manda dar.  
 Dizerem que he zelo da fazenda Real, que não  
 querem se esperdice, ainda pecca mais de confiada  
 esta reposta; que não deve o criado ter mais amor  
 á fazenda, que seu Senhor; álem de que seria es-  
 tolida confiança tomar sobre si os encargos de tan-  
 tas restituicoens, de que o Senhor fica livre, só

com mandar que se paguem. E em conclusãõ le-  
vem todos daqui esta verdade, que naõ empobre-  
ce, o que se dá por esmola, nem faz falta, o que  
se paga por divida. Vejaõ lá naõ enriqueçaõ estas  
demoras a outrem: e este he o tópe, em que vem  
esbarrar todo o discurso, que se póde formar nes-  
ta materia: e nem isto he bem que se creya de gen-  
te honrada.

Neste Capitulo entraõ de molde mulheres,  
que ha em Lisboa, as quaes vivem de despir meni-  
nos, assim como os acima dito de despir pobres:  
tanto que achaõ alguma crianca na rua, sem que  
olhe para ella, fazem-lhe quatro affagos, como  
se foraõ suas amas, levaõ-na nos braços, reco-  
lhem-se na primeira logea, e a titulo de lhe darem  
o peito, ou pensarem, lhe despem toda a roupa;  
em taõ boa hora, que lhe deixem a camisa. Se  
acerta alguẽm de as ver, daõ tudo por bem feito,  
ajudando-as por domesticas, como mostra a lhane-  
za, e confiança, com que lhe metem a papa na  
boca: e feita a preza, fazem-se na volta do çara-  
gaço a buscar outra; e tiray lá carta de excommu-  
nhaõ, para vo la restituirem no dia do Juizo.

Huma mulher houve taõ confiada nesta Cor-  
te, que contentando-lhe huma cruz de ouro, e  
pedraria, que estava por ornato de huma festa no  
altar de certa Igreja, esperou que seus donos se  
ausentassem, e pósta no meyo da Igreja, porque  
naõ podia chegar perto com o concurso, levanta-  
tou a voz dizendo: alcancem-me cá aquella cruz, e  
venha de maõ em maõ, por me fazerem mercẽ. To-  
dos julgaraõ que feria sua, pois com tanta confir-  
ança.

ança a demandava; e de mão em mão veyo, até chegar ás da harpía, que deu ao pé com ella sem ajuda de Simão Cyrineo, porque lhe custou menos a achar que a Santa Helêna. Tambem ha muitos, que furtao confiados, em que Deos perdoou tudo; mas já Santo Agostinho os defenganou a todos, que não se perdoa o peccado, sem se restituir o mal levado. E neste mundo, ou no outro haõ de pagar pela bolça, ou pela pelle.

\*\*\*\*\*

### C A P I T U L O LXIII.

*Dos que furtao com unhas proveitosas.*

**G**Raças a Deos, que foy servido de nos deparar humas unhas boas entre tantas ruins. Mas dirá alguém, que nenhuma ha, que não sejaõ proveitosas para seu dono, no que agarraõ. Não fallo dessas, que affaz damnosas são até a seu Senhor, pois muitas vezes daõ com elle na forca. Trato das que são proveitosas para ambas as partes sem risco de danos: e explicalas-hey logo com hum exemplo. No Crato, Villa bem conhecida neste Reyno pelo seu grande Priorado de Malta, houve hum cavallo não ha muitos annos, cujas unhas eraõ de tal qualidade, que todos os cravos, que nellas entravaõ, depois de sahirem tórtos com a ferradura, serviaõ de anzões a seu dono, com que pescava infinito dinheiro, por que fazia delles aneis, que póstos em qualquer de-

do da mão, eraõ remedio presentissimo para gota arterica. Toda a virtude lhes vinha das unhas do ginete; e assim não será coufa nova acharem-se unhas proveitosas para ambas as partes: tiravaõ de si dinheiro, os que levavaõ os cravos para remediarem a outrem, e remediavaõ-se todos.

Taes feraõ, os que no governo de hum Reyno, e no menêo de suas fabricas, e empresas, tirarem de huma parte para remediarem outra, e será o mesmo, que acodir a tudo. Desfalece a India com accidentes mortaes, peores, que de gota coral, e arterica, que mal será acodirlhe o Brasil com alguma substancia, que a alente, ainda que seja por modo de emprestimo: nem correrá nisso o ditado, que não he bom descobrir hum Santo para cobrir outro., pois tudo respeita, e serve o mesmo corpo debaixo de huma Corôa. Padece o Brasil falta de mantimentos, não vejo razão, que tolha acudirem-lhe as Alfandegas do Reyno, e de outras Conquistas, supprindo-lhe os gastos, e foccorros, até que se melhore. O mesmo digo de Angóla, Mina de S. Jorge, Moçambique, e outras praças. Bom se pararia o corpo humano, se a mão esquerda não ajudasse a direita, e a direita a esquerda, e hum pé ao outro. A Republica he corpo mystico, e as suas Colonias, e Conquistas membros della; e assim se devem ajudar reservando, e reparando suas fortunas, e conveniencias. Superstição he, e não axioma politico de Estados, negarem-se auxilios, os que vivem juntos na mesma communitade: e aqui corre certissimo o Proverbio, que huma mão lava a outra.

Hum

Hum Rey empresta ao outro, e tira de seu cabedal soccorros, com que ajuda o visinho; quanto mais o deve fazer hum Rey a si mesmo, e a seus vassallos, que são partes integrantes da sua Coroa. A contribuição das décimas neste Reyno he muito grande, pois chega a milhaõ e meyo: he verdade, que as daõ os póvos para as fronteiras, e he o mesmo, que para se defenderem dos inimigos, que nos infestaõ por mais de cem leguas de terra, que correm do Algarve até Traz os montes. E o outro lado, que fica descuberto por outro tanto districto de mar, parece que o não consideraraõ, e que ha mister muitos mayores gastos de armadas, e muniçoens, que guarneçaõ as costas; e que as forças Reaes acodem a mil soccorros de além-mar, de donde estaõ outros tantos Portuguezes, como ha no Reyno pouco menos, pedindo continuamente auxilios, e que não he bem lhos neguemos. Não vêm olhos cegos, o que se gasta em Embaixadas, e conveniencias de pazes com outras Naçoens, que ainda que não nos ajudem, he bem que os componhamos, para que não nos descomponhaõ. Em que apertos nos veriamos, se França, e Catalunha, não divertissem o Castelhano no tempo, em que estavamos menos apercebidos? Estas correspondencias não se alcançaõ sem gastos; estes de nós haõ de sahir, como do couro as correas: que mal he logo, que se tomem estas das décimas com unhas taõ proveitosas, quando vemos, que os outros cabedaes não bastaõ para seus menãos proprios.

Naõ posso deixar de picar aqui em hum es-

crupulo de alguns zelotes, que tem para si, que se faz thesouro; e que he já tao grande, que ha mister espeques: e a graça he, que grunhem sobre isso. Provêra a Deos, que assim fora, e que arruinassem já com o peso as casas, que o recolhem, que devem ser encantadas, pois as não vemos: mas para me consolar quero crer, que assim he, e assim o fio da grandissima providencia de ElRey nosso Senhor, que sabe muito bem, que foy costume celebre dos mais acordados Reys terem erarios publicos para as guerras repentinas: e nós não estamos fóra de as termos mayores, que as que vemos: e para huma occasião de honra costumavaõ os prudentes reservar cabedal; que lhes tire o pé do lodo, ainda que tirem da boca dos filhos o dinheiro, que inthesouraõ. Tudo vem a ser unhas proveitosas.

Neste passo se enviaõ a mim, os que tem pensoens de juros, e tenças na Alfandega, na Casa da India, ou nas sete Casas, Almojarifados, &c. e me fazem o mesmo argumento dizendo: e se he bom, e licito tirar de huma parte para remediar outra, como ha de haver no mundo, que não se nos paguem da casa da India as tenças, e os juros, aos que os temos na Alfandega, quando nesta faltaõ os rendimentos, para satisfazer a todos? Aos mesmos pergunto, quando tem duas herdades, huma dizima a Deos sem nenhuma penção, e outra carregada de fóros, ou juros; se esta ficou estéril hum anno sem os poder pagar, porque os não satisfazem da outra, que deu muitos frutos? Respondem, que a outra he livre.

livre. Pois tambem a casa da India no nosso caso está livre dos encargos da Alfandega. Acudo a outra instancia, que Donas costumão pôr, e he: que do mesmo modo, que a herdade, que este anno não pagou fóros, nem juros, porque não deu frutos, fica desobrigada a pagar os encargos do tal anno no anno seguinte, ainda que dê frutos em dobro; assim a Alfandega fica desobrigada para sempre do anno, que não teve rendimentos, ainda que em outro tenha grande copia delles. Mayor duvida póde fazer, quando ElRey toma todos os rendimentos deste anno para acudir a alguma necessidade urgente (chamão a isto tomar os quartéis) se será obrigado a refazer esta tomadía no anno seguinte, quando a Alfandega estiver mais pingue, e elle mais defafogado? Responde-se a isto, que as unhas proveitosas são muito privilegiadas, quando empregão no bem commum as prezas que fazem em bens propios, ainda que obrigados a outras partes da mesma comunidade: e nisto se distingue o dominio alto dos Reys do dominio particular dos vassallos; que estes são obrigados a refazer, o que gastarão de partes em usos propios, e os Reys não, no caso, que o gastão em bem de todos: assim o ensinão os Doutores Theologos: e isto basta.

\*\*\*\*\*

## CAPITULO LXIV.

*Dos que furtaõ com unhas de prata.*

**E**M Sevilha, Cabeça de Andaluzia, e Promontorio maximo de todos os commercios de Hespanna, entrou o diabo no corpo de hum Castelhano, e devia de ser muito licenciado, ou pelo menos grande bacharel; porque com todos argumentava, e de tudo dava razãõ: e entre as couzas notaveis, que se deixou dizer, foy huma a mais admiravel de todas, que já elle teria posto de ré a Fé de Christo, embrulhado o genero humano, e se teria feito senhor do mundo absoluto, se Deos lhe não prohibira tres couzas: a primeira bulir na Sagrada Escritura: segunda falsificar cartorios: terceira dar dinheiro. Com a primeira dizia, que desfaria nossa Santa Fé pervertendo, e mudando nas impressoens, e em todos seus volumes os sentidos da Escritura Sagrada. Com a segunda, que confundiria os homens variando-lhes as provas de suas demandas, e falsificando-lhes as sentenças. Com a terceira, que levaria o mundo todo a traz de si, dando-lhe dinheiro, prata, e ouro, que elle sabe muito bem aonde está. E não ha duvida, que discursou a proposito, e que falou verdade, com ser pay da mentira; porque se Deos com sua admiravel justiça o não aferrolhara da maneira, que nenhuma destas tres couzas póde executar, já teria concluído com o genero humano,

no, e com o mundo universo, que Deos por sua infinita misericordia assim conserva. E só a ultima couza de dar dinheiro, que lhe concedera, com ser a menos nociva, ella só bastara, para se fazer o demonio senhor do mundo: porque isto que aqui chamamos unhas de prata, são as mais poderosas garras, que ha para arrastar, e levar tudo a traz de si. Não podendo Alexandre Magno render huma Cidade por inexpugnavel, e inacessivel, perguntou se poderia lá chegar, ou sobir huma azemola carregada de dinheiro? E tanto que essa bateo á porta, logo se lhe abriu, e deu entrada a todo o exercito de Alexandre, que com taes unhas empolgou nella.

Famoso invento foy o do dinheiro, pois com elle se alcança tudo, e não ha couza, que se lhe não renda: do mais incorrupto Juiz alcança sentença: da mais ariscada dama tira favores, no mais invencivel gigante obra ruinas, do mais numeroso exercito alcança vitoria, nos mais inexpugnaveis muros rompe brechas, arromba portas de diamantes melhor, que petardos; arraza torres, quebra homenagens, tudo se lhe fugeita, nada lhe resiste! As fabulas antigas dizem, que Plutaõ inventou o dinheiro, e que foy tambem inventor da sepultura, e Deos do inferno: nem podiaõ deixar de dar taes nomeadas, a quem se soube fazer senhor do dinheiro, que tudo rende, como a sepultura, e morte; que tudo violenta, como o inferno. Os Lidios foraõ os primeiros, que fizeram moeda de ouro: Jano foy o primeiro, que formou moedas de cobre; e porque foy o inven-  
tor

tor das coroas, pontes, e navios, lhe esculpirão tudo isto nas suas moedas; porque o dinheiro dá passagem, como ponte, para as mayores coroas; e navega vento em poupa aos mais dilatados Imperios. Hermodice, mulher de Midas Rey dos Phrygos, foy a primeira, que bateo moeda de prata: e estas são as unhas de prata, que propoem este Capitulo, que do dinheiro fazem garras para pilharem mais dinheiro; como o pescador, que com hum caramujo, que lança no anzol, apanha grandes barbos. Pescadores ha de anzol, e pescadores ha de redes: até os que pescaõ com redes, usaõ de isca, e cevadouros, com que engodaõ o peixe: e os pescadores, de que aqui tratamos, não tem melhor engodo, que o do dinheiro, se foubarem usar bem delle, pescaão quanto quizerem, e enredaraõ o mundo todo.

Bem ufou do dinheiro hum mercador em Africa para pescar cincoenta mil cruzados, que se lhe hiaõ pela agua abaixo. Arribou com tempestade a hum porto de Marrocos, tomaraõ-lhe os Mouros a não por perdida em ley de contrabando, tratou de a recuperar por justiça; mas não achou quem lha fizesse, porque he droga, que não se dá bem naquelles paizes. Tinha ainda de feu quatro, ou cinco mil cruzados, que escapou em joyas, e boa moeda: fallou com o Rey, offereceo-lhe tres mil por huma leve merce, que lhe pedio, e elle lhe concedeo facilmente: que déssem hum passayo ambos a cavallo pelas ruas, e praças da sua Corte, fallando sós amigavelmente. Feita a merce, dado o passayo, e pagos os tres  
mil

mil cruzados, tudo foy o mesmo : mas muito differente o que se seguiu ; porque conceberaõ todos os Mouros opiniaõ , que aquelle homem era grande pessoa, e muito privado, e valido do seu Rey : todos o visitaraõ logo por tal ; mandavaõ-lhe presentes, e donativos de grande póрте, imaginando , que por aquella via abriaõ porta a suas pertengoens : e elles abriraõ-na para a ref- tauração do mercador , que assim se hia refazen- do ; em tanto, que até os Juizes, que tinhaõ con- demnado a não , lha abfolveraõ : e assim pescou com unhas de prata de tres mil cruzados, que soube dar , mais de cincoenta mil, que hiaõ perdidos. E por esta arte pescaõ muitos ladroens no dia de hoje, até o que não he feu, com grande destreza.

Aportou á Ilha da madeira huma não de carga, saltáraõ em terra os passageiros a fazer vi- niagas , e entre elles hum Clerigo, que eu vî (grande pirata devia de ser pelo tear, que armou para fazer seu negocio melhor, que todos) Vi- sitou o Bispo no primeiro lugar, e a quantos po- bres achou no páteo , fez esmola de tostaõ, e ás mulheres de manto a pataca : e em quanto fallou com o Bispo, sahiraõ estas campainhas pela Cida- de , dando huma alvorada do Clerigo, que bas- tava para o canonizarem em Roma : huns lhe chamavaõ o Clerigo Santo, outros o Abbade rico, outros o Peruleiro ; em tanto , que cresceo a cobiça nos mercadores da terra, e se picaraõ a fa- zerem negocio com elle. Este servo de Deos, depois de dar obediencia , e beijar a mão ao Bispo, lhe pedia fosse servido de lhe mandar di-

zer duas mil Missas , e que daria avantajada esmolla por ellas, para que Deos lhe dêsse bom successo em hum emprego de mais de cem mil cruzados, com que navegava. A segunda visita , que fez depois do Bispo , foy aos prezos da cadeia, dando a cada hum seu tostaõ de esmola : e quando daqui foy dar volta á Cidade, já a achou disposta para lhe darem ao fiado tudo , quanto sua boca pedia : embarcou quanto quiz , e que logo mandava vir dous barris de patacas , para dar plenaria satisfação a tudo. Até aos Padres da Companhia mamou trinta cruzados , a titulo de emprestimo , para levar a bordo os empregos , que fazia , e que havia de dar huma pella boa para a Sacristia. Armava o mendicante a dar á vela no dia , em que tinha promettido o pagamento das patacas: e sem duvida sahira com a preza da grossa pilhagem , que tinha feita com dez, ou doze mil reis, que dispendeo á custa alheya, se o Bispo não presentira a tramoya por indicios, que teve; e se não se picára o tempo em fórma, que obrigou á náó a dilatar a jornada. Não conto o que daqui por diante se seguio, porque o dito basta, em fórma, de que entendamos, que ha unhas de prata , que com dispendios pequenos avançaõ grandes lucros : o ponto está na tempera, e na disposiçoens dos meyoys, para assegurar os lanços. E vem a ser isto hum jogo de ganha perde, perder para ganhar; como os que jogaõ com cartas, e dados falsos , que no principio se deixaõ perder lanços de menos invite para engodar o competidor, e enterreirar huma mão, com que lhe varraõ todo o cabedal.

Vejo

Vejo alguns mandar presentes, e donativos, a quem lhes não pertence; e sey, que são de condição, que nem a sua mãy daraõ huma vez de vinho, quanto mais frasqueiras, com que cantarão os Anjos, a quem nunca tratarão! Daõ cargas de fruta, taboleiros de doces, joyas de preço, sacos de dinheiro: e fico atordado examinando, de donde lhe vem a Pedro fallar galego? Irmaõ, se tu nunca entraste em barco, nem meteste o pé em meyo alqueire com este homem, como te dispendes com elle? Isto tem mysterio: e buscada a raiz, he ganancia grande, que sollicita com dispendios leves: adoça a passagem, para haver o que pertende, despachos de officios, commendas, Igrejas, titulos, &c. Para os quaes até a propria consciencia o acha inhabil: mas como dadivas quebraõ penedos, acha que por este caminho torcerá a justiça, e vem a fer hum genero de latrocínio de má casta; porque ás vezes cheira a simonia, e he hydropesia da ambição. Acabo este Capitulo com outras unhas de prata, muito mais cortezes que estas.

Na corte de Madrid se achou hum tratante de Indias com grande quantidade de esmeraldas lavradas, sem lhes achar gasto, nem sabida, para se desfazer dellas. Poz duas escolhidas em hum par de arrecadas, e fez dellas presente á Rainha Dona Margarida, que as estimou muito; porque tudo o dado de graça leva consigo agrado, e graça natural: e como as Rainhas são o espelho de todas as Senhoras de seu Reyno, em estas vendo a estima, que a Magestade fazia das esmeraldas,

das, cresceo nellas a estimaçaõ, e logo o dezejo, que o mercador estava esperando para as levantar de preço; e se tivera hum milhaõ dellas, todas as gastara talhando-lhes o valor, que em nenhum tempo viraõ. He irmão gêmeo deste successo outro semelhante, que outro mercador fabricou na mesma Corte, para dar expediente a vinte peffas de panno fino, que naõ tinha gasto por razaõ da côr: offereceo a ElRey hum vestido delle muito bem guarnecido, e obrado ao costume, pedindo-lhe por mercê fosse servido trazelo se quer oito dias: e naõ eraõ bem quatro andados, quando já o mercador naõ tinha na logea de todo o panno, nem hum só retalho, e se mil peffas tivera, tantas gastara. E estas saõ as verdadeiras unhas de prata, que com pouca perda della empolgaõ grandes ganancias, tirando por arte a substancia do vulgo ignorante, que se leva de vans apparencias.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O LXV.

*Dos que furtaõ com unhas de naõ sey  
como lhe chamaõ.*

**O**S Rethoricos daõ nomes ás couzas, tirando-lhos de suas propriedades, e derivaçoens; e assim o temos nós dado a todas as unhas desta *Arte*: e hindo já no fim della, se me offerecem algumas taes, que naõ sey, que nome lhes ponhas:  
por-

porque se lhes ólho para os effectos , acho-as ne-  
 cias ; se para a derivação , acho-as sem principios ,  
 nem fim util. E chamar-lhes parucas , he descortezia ;  
 chamar-lhes sem principio , nem fim , he  
 fazellas eternas , contra o que pertendemos , que he  
 extinguiilas. Ora em fim a Deos , e á ventura ,  
 chamo-lhe tolas , e saya o que sahir. E passa af-  
 fim na verdade , que bem consideradas , achará  
 nellas até hum cego quatro tolices marcadas. Pri-  
 meira , furtar só para fazer mal ao proximo sem  
 utilidade propria. Segunda , furtar o que haõ de  
 restituir. Terceira , furtar para outrem. Quarta ,  
 furtar o que lhes haõ de demandar , e fazer pa-  
 gar , em que lhe pez. Quanto á primeira , furtar  
 só para fazer mal ao proximo sem nenhuma utili-  
 dade para si , naõ ha duvida , que he tollice gran-  
 de ; como o que bota no mar , ou entrega aos  
 piratas a fazenda alheya , ou poem em fogo a seára  
 de seu visinho , só por se vingar de huma paixãõ ,  
 que teve contra elle : e se o tal he Christãõ , cres-  
 ce nelle a tollice , pela obrigaçaõ , que sabe lhe  
 accresce de refazer o damno , que deu : donde se  
 segue , que a si fez todo o mal , e naõ ao prox-  
 imo , pois he obrigado a lho recompensar por inte-  
 ro. E ha homens nesta parte taõ cegos , que por  
 darem hum desgosto a seu inimigo , naõ reparaõ  
 no que porissõ sobre si tomaõ. Houve hum Rey  
 antigamente neste mundo , que sabendo de dous  
 vassallos seus , que eraõ grande inimigos entre si ,  
 mandou chamar ao mais apaixonado , e disse-lhe :  
 Quero-vos fazer huma mercê , e hade fer a que  
 vós me pedires com advertencia , que a hey de fa-

zer dobrada a fulano, de quem sey, fois grande inimigo. Beijou a mão ao Rey pelo favor, e pediu logo por mercê, que lhe mandassem arrancar hum olho; porque assim feria obrigado a arrancar dous ao outro, para que ficasse cego, ainda que elle ficasse torto. E bem cego estava, quando procurava damno alheyo sem proveito proprio.

Quanto á segunda: furtar o que haõ de restituir. Melhor dissera: o que naõ haõ de restituir, porque raro he o ladraõ, que restitua; mas fallamos da obrigaçãõ, que lhes corre, se he que saõ Christãos; e trataõ de se salvar. E bem devem de saber, o que dizem os Doutores, que naõ se perdoa o peccado, a quem podendo naõ restitue o mal levado. Todos dizem, quando se confessaõ, que haõ de restituir, como tiverem por onde. Pois nosso irmaõ, se vós o haveis de restituir, para que o furtastes? Respondem, que sabe melhor o furtado, que o comprado: e naõ poderãõ, que o amargor da restituiçãõ he mayor, que a doçura do furto; e porisso dissemos, que he grande tolice furtar, o que se hade restituir. Furtaraõ tres officiaes mancomunados nove mil cruzados á fazenda de Sua Magestade: repartiraõ-nos entre si, e navegaraõ com o cabedal, hum para a India, outro para Angóla, e para o Brasil outro; e depois de chatinarem valentemente, tomou os por lá a hora da morte. Tratou cada hum por sua parte de se pôr bem com Deos pelos Sacramentos da Penitencia, que he o ultimo valhacouto dos peccadores; e chegando ao setimo Mandamento, picavaõ a consciencia de cada hum os tres mil

mil cruzados, que lhe couberaõ, e declaravaõ; como tinhaõ de obrigaçaõ, que o furto ao todo fora de nove mil, repartidos igualmente por tres companheiros, e achavaõ-se todos com cabedaes, que tinhaõ adquirido, bastantes para restituir tudo. Dizia o Confessor da India ao seu penitente, que era obrigado a restituir os nove mil cruzados por inteiro, visto naõ lhe constar, se seus companheiros tinhaõ dado satisfacaõ á sua parte. O Confessor de Angõla, e do Brasil diziaõ o mesmo aos seus moribundos, que se achavaõ novos na nova obrigaçaõ, que se lhes impunha, e argumentavaõ: se eu naõ logrey mais que tres mil, como hey de restituir nove mil? Mas a resposta estava á maõ, e clara; porque fostes causa do damno por inteiro com a ajuda, que destes a vossos companheiros, consta-vos do furto, e naõ vos consta da restituicaõ; e assim sois obrigado a vos descarregar do que he certo, e naõ vos póde valer a descarga, que he incerta. Eis aqui outra toliffe mayor, furtar o que se ha de restituir dobrado, e tresdobrado, confórme o numero dos companheiros, que entraraõ ao escote. Alguns neste ponto fazem-se mancos por naõ remar: dizem que naõ tem posses para restituir, e que naõ saõ obrigados, senaõ quando os favorecer fortuna mais pingue; que primeiro está a obrigaçaõ de se sustentarem a si, e a sua casa, para que naõ pereçaõ: e nós vemos, que poderaõ aguarentar mil superfluidades, e estraiter os gastos, e pouparem para dar o seu a seu dono. Lá se avenhaõ: só lhes lembro, que haõ de viver mais no outro

mundo, que neste, e que tudo cá lhes ha de ficar, testemunhando ser justa sua condemnação.

Quanto á terceira tolice: furtar para outrem, digo que he mayor, que a primeira, e segunda; porque não ha duvida, que he infania muito grande empenhar-se hum homem, pelo que não ha de lograr. Os Reys devem pagar a quem os serve, e pagão-lhe com ordenados, e mercês; chega o tempo de cobrarem, passão-lhe os Reys portarias, e alvarás, com que se descarregão: vão com estes papeis os acrédores aos Veadores, e Thefoureiros, para que entreguem, o que nelles se contém; e fechaõ-se á banda como ouriços cacheiros, em que não ha mais, que espinhos de repostas picantes, e bem devem saber, que a retenção do que se deve he verdadeira furto: e tomara perguntar-lhes, para quem furtaõ isto, que não pagão? Não faltará, quem cuide, que para si; e se não for para si, será para o Rey, que já se desobrigou com mandar, que se pague; e assim vem a ser ladroens, que furtaõ para outrem, e he o que chamamos grande tolice: e a graça he, que se ficaõ rindo com estas retençoens, como se foraõ chistes, e habilidades, em que nem a Caetano, nem Cova-Rubias tem por si: e eu sey, que as marcaõ os mesmos por muito grande ignorancia. Por mayor tive a de certos Cavalheiros em Santarem, que meteraõ na cabeça a hum mancebo vagamundo, que se fingisse filho de hum homem nobre, e rico, para o herdar. Foy o caso, que este homem teve hum filho unico, que lhe fugio de nove annos, e havia mais de vinte, que não sabia delle: appareceo

receo neste tempo naquella Villa hum pobretaõ, que representava a mesma idade: amigos, ou inimigos do homem de bem, o ensayaraõ, como havia de dizer, que era seu filho, e lhe ensinaraõ historias, e circumstancias, para se dar a conhecer, e que os allegasse por testemunhas: o pay supposto negava-o de filho fortemente, e dava por razaõ, que não se lhe alvoroçava o sangue, quando o vio. O mancebo demandava-o diante do Juiz ordinariamente para alimentos em vida, em quanto o não herdava por morte: as historias, que contava, e testemunhas, que dava, confetaraõ de maneira, que deu o Juiz sentença pelo mancebo, e condemnou o velho a lhe dar alimentos, declarando-o por seu filho. Caso raro, e nunca visto, nem imaginado! Que no mesmo dia appareceo em Santarem o filho verdadeiro, que todos conheceraõ logo, e o velho dizia: este sim, que se me alvoroçou o sangue, quando o vi. O outro desappareceu logo, e eu perguntava aos embaixadores, se advertiaõ, que era furto os alimentos, que faziaõ dar com seu testemunho, a quem os não merecia? E que negoçavaõ para outrem, e não para si o fruto da demanda, que iniquamente venciaõ? Não deviaõ de ignorallo, ainda que se mostravaõ nisso grandes ignorantes, e tolos.

Alguns cuidaõ, que tem desculpa, quando furtaõ para darem remedio a seus filhos; mas creãõ, que não escapaõ da mesma nota, porque seus filhos não os haõ de tirar do inferno, quando lá forem, pelo que para elles mal, e fujamente

adquiriaõ. Em certo lugar deste Reyno tinha hum alfayate tres filhas sem dote para lhes dar estado: acordou de as casar com tres obreiros, e para ajuntar remedio para todos, deu comsigo, e com elles no Algarve: fingindo-se Conde vomitado das ondas, que escapara com aquelles criados de hum naufragio; tinha presença, e labia, para persuadir tudo; que vinha de Indias, e perdêra mais de meyo milhaõ em barras de ouro, e pinhas de prata, que até as panélas da sua cosinha eraõ do mesmo, e que se via como Job posto de lodo. E com estas, e outras imposturas, persuadia ás Cameras, e Cabidos, Nobreza, e póvos, por onde passava, que o ajudassẽm contra sua fortuna: todos se compadeciaõ, e para os mover mais, mostrava em pergaminhos sua grande profapia, e os famosos cargos, que fervira. O menos que lhe davaõ, até nos lugares pequenos, e humildes, eraõ os dez, e os vinte cruzados, que nas Villas grandes, e Cidades ricas, passava sempre o donativo de vinte mil reis, e ás vezes de quarenta. E depois de correrem assim o Reyno quasi todo pela pósta, achou-se o senhor Condé de Siganos no fim da jornada com mais de tres mil cruzados grangeados por esta arte, com que armou tres dotes para as tres filhas, como se foraõ tres Condessas: e elle ficou taõ alfayate como dantes, sem lograr de tantos furtos, mais que o pezar de os ver mal logrados nas unhas de seus genros, que se bem o ajudaraõ, mal lho agradecerãõ. E naõ diz mais a historia.

Quanto á quarta: furtar o que vos haõ de de-  
man-

ganhos proprios. Havia olheiros zelosos, que viaõ isto, mas andavaõ taõ intimidados, que nem boquejar se atreviaõ, até que o tempo descobridor de mayores segredos trazia tudo a luz; e para escurecer esta, tinha o sobredito na Corte outros officiaes, a quem respondia com os ganhos; e porisso o defendiaõ, e conservavaõ, fazendo-se as barbas com sabonetes de açucar, a pezar, que ficava tida por mentira, e talvez como tal castigada. Mas como a verdade traz consigo a luz, por mais que a eclipsem, sempre se manifesta: e provada esta, que será bom que se faça ao tal Ministro? Deixo isso a seu dono, que tem de casa a justiça, e lhe fará pagar pela fazenda, e corpo o novo, e o velho, para que não seja taõ tolo, que cuide poderá cobrir o Ceo com huma joeira; e que não saiba, o que já fica dito por boca de hum arganáz no Capitulo XXIV. que quem a galinha delRey come magra, gorda a paga.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O LXVI.

*Dos que furtaõ com unhas rediculas.*

**F**Urtar para rir he muito máo modo de zombar; porque ordinariamente se converte o riso em pranto, como aconteceu em Coimbra a huma corja de estudantes, por final que eraõ graves, e bem nascidos. Deraõ no galinheiro de  
Santa

mandar, e fazer pagar, em que vos pez, he a maior tolice de todas, como se vio no que succedeo ao Carvalho na semana, em que componho este Capitulo. Era guarda da Alfandega de Lisboa, e guardava as fazendas alheyas muito bem, porque as punha em sua casa, como se foraõ suas: foy demandado porisso; e porque naõ deu boa razãõ de si ás partes, o puzeraõ por portas repartido: pertendeo levantar cabeça á custa alheya, e levantaraõ-lha dos hombros á sua custa. Setecentos casos pudéra contar para apoio desta tolice; livro-me com hum deste particular, e de todo este Capitulo. Em Angóla tinha ElRey nosso Senhor naõ ha muitos annos hum Ministro ( tomara-lhe muitos semelhantes ) que empregava os direitos Reaes em escravos, que mandava ao Brasil com direcção, que se vendessem, e fizessem do procedido caixas de açucar para o Reyno: e assim se augmentasse a fazenda de Sua Magestade tres vezes ao galarim; mas o Ministro, que respondia ao Brasil, fazia seu negocio melhor que os alheyos. Chegava huma partida de trinta, ou quarenta negros, achava serem mórtos dous na viagem, lançava nos livros doze defuntos, e tomava dez para si resuscitados: eraõ os que restavaõ mancebos, e bem dispostos: mandava vir do seu engenho dez, ou doze, que tinha velhos, ou estropeados, punha-os no numero delRey, e tirava outros tantos para si moços, e de bom recibo: e vendida a partida assim como succedia, fazia o emprego da resulta nos açucares tanto a seu modo, que sempre as perdas eraõ Reaes, e os

Santa Cruz por galhofa; depois de cantarem os galos, e fizeram tal descante nas galinhas, perús; e ganços sem compasso, que meteram tudo a faco, sem deixarem mais, que dois, ou tres galos vestidos de luto, arrastrando capuzes de baeta, como viuvos. Queixou-se o Procurador do Convento á justiça, tirou-se devaça; e como tinhaõ contado em banquetes, o que depennaram, foy facil apanhalos a todos; e choraram as pennas, que mereciam, e se lhes perdoaram por misericordia, respeitando sua authóridade, e nobreza. Mais ardilosos se portaram outros taes na mesma praça: foubaram, que vinha do celebre Lorvaõ, por occasião de Natal, huma valente consoada para o Bispo: seis mulheres a traziam em outros tantos tabuleiros, fraca tropa, ainda que copiosa, para taõ alentados combatentes, que lhe cortaram o passo, antes de chegarem á Cidade; e aliviando-as da carga, as fizeram voltar de vazio, enchendo-se de doces para a festa, e carregando-se de amargozes para a Quaresma; ainda que sahiram em paz desta batalha, porque não deram com a lingua nos dentes, contentando-se, com darem a seu salvo com os dentes na consoada. Chegou a semana Santa, moderou-os a consciencia, como costuma; fizeram petição ao Bispo, que os perdoasse, sem se assignarem nella: poz-lhes por despacho. Apareçam os supplicantes, e perdoar-lhes-hemos. E foy o mesmo, que deixar-lhes a restituição ás costas a cada hum por inteiro, se todos juntos a não satisfizeram; e assim ganharão mayor pena, que o riso, que lograram.

Em

Em Villa Viçosa conheci hum Fidalgo, ha mais de vinte annos, no serviço da Real Casa de Bragança, o qual tomou por materia de riso calçar todo o anno, sem pagar nenhum pár de obra aos çapateiros, que vieraõ a dar-lhe na trilha, levantando-se ás mayores com palavra, que correo entre todos, que nenhum se fiasse delle, nem lhe dêsse calçado, sem lho pagar primeiro. Vendendo-se o Fidalgo posto em cerco, e que ninguem lhe queria dar çapatos, sem o dinheiro na maõ, mandou ao moço, que pedisse hum só çapato á prova; e que se lhe contentasse, mandaria buscar o outro com o dinheiro de ambos. Isso sim, disse o official, hum çapato levará vossê, mas dous naõ os verá seu amo, sem me pôr nesta banca o dinheiro. Como o Fidalgo teve hum nas unhas, mandou o pagem a outro çapateiro com o mesmo recado, e do mesmo modo ficou hum çapato delle, persuadindo-se, que mandaria buscar o outro com o dinheiro, ou lhe restituiria, naõ lhe servindo. Vendo-se assim com dous calçou-os, e foy-se ao Paço rir sobre a historia; e os officiaes ficaraõ bramindo a nova zombaria, sobre que se fizaõ boas Decimas, e Sonetos.

Tambem para bons despachos tem boa presa estas unhas; porque huma graceta, e dous chistes movem talvez hum Ministro, e tambem hum Rey enfadado, mais que discursos sérios. O sério do governo vexa, e cansa a natureza, que aceita, e estima o desafogo, que traz consigo alegria, e riso; e quem sabe mover a este com boa têmpera, e com boa conjunção, faz bom negocio:

cio : tal o fez huma Dona em Madrid com o Conde de Olivares, e com o Rey para seus despachos, por conselho de hum experimentado, que lhe notou a petição nesta fórma em tres.

Q U A R T E T O S.

*Soy Dona Ana Gavilanes,  
La de los bojos bunidos,  
Muger fuy de tres maridos,  
Y todos tres Capitanes.  
Murieron en la milicia,  
Sirviendo a Su Magestad,  
Quedé yo de poca edad,  
Y de muy poca codicia.  
Bebo tinto, y como assado,  
Por achaques de dolencia,  
Suplico a Vuestra Excelencia  
Me perdone este pecado.*

Deu a mulher a petição ao Conde Duque; sem saber o que levava nella: festejou-a elle como merecia; e levou a logo a El Rey, que rio infinito. E mandou que a despachasse com mais do que pedia. Cortes ha, em que médraõ mais bufoens com suas graças; que homens fezudos com grandes serviços.

Acabo este Capitulo, e todo o tratado, com hum gasto notavel, que se faz em Lisboa, para mim digno de lagrimas, e para a prudencia do mundo muito rediculo: e he, que ha nesta Corte huma casa, que chamaõ Collegio dos Catecumenos,

menos, o qual fundaraõ os Reys de Portugal, e o dotaraõ com sua grande piedade de bastante renda, para nelle se agazalharem, e sustentarem todos os infieis, assim Mouros, como Judeos, ou Gentios, que vierem de qualquer parte do mundo pedirem o Santo Bautismo, até serem indus-triados nos Mysterios da Fé, e aprendem todas as oraçoens da Santa Doutrina: e he certo, que passaõ annos, sem haver neste Collegio hum só Catecumeno; o qual tem seu Reytor, e officiaes, como se houvera nelle hum grande meneo de fugeitos. E he certissimo outrosim, que o Reytor tem sessenta mil reis de renda, e que não paga casas, sem fazer mais, que dar-se a S. Pedro, quando lhe vem algum Catecumeno, e chorar que não tem, que lhe dar a comer, nem cama, em que durma. O Escrivaõ desta fabrica tem setenta mil reis de ordenado, e casas de vinte e quatro mil, sem tomar a penna na mão em todo o anno, mais que para passar as quitaçõens dos recibos do seu estipendio. E o Medico tem doze mil reis, sem tomar o pulso mais que ao dinheiro, quando o recebe: e o barbeiro tem quatro mil reis, sem fazer mais que huma sangria na bolça del Rey, quando os arrecada. E estas saõ as verdadeiras unhas rediculas: e a graça melhor de todas he, que o trabalho de todas estas maquinas, que consiste em cathequizar, e bautizar os Neophitos, fica todo ás costas dos Padres da Companhia de S. Roque, sem terem porisso próes, nem precalços mais, que os do muito que merecem para com Deos, que lho pagará no outro mundo. Saõ porém

rém muito dignas de lagrimas as unhas, que a estas se seguem; porque em havendo Catecumenos, são tudo petiçãoens a Sua Magestade, que lhes mande dar esmolas para os sustentar, e se não que pertendem! Valha-me Jesu Christo, não fora melhor andar o principal diante do accessorio! O principal aqui he a educação, e ensino dos Catecumentos, e o accessorio são os Ministros, que os servem. Pois como ha de haver no mundo, que o carro vá diante dos boys! Que os servos tenham tudo o necessario de sobejo, e os servidos não tenham hum bataruco, se lho não derem de esmola! Sou de parecer, que *frangat nucleum, qui vult nucem*. Quem quizer comer, depenne; porque não se pescaõ trutas a bragas enxutas. Quero dizer, que se extingaõ os taes officios, sem ficar mais que hum administrador Ecclesiastico com quarenta mil reis, que he bastante porção, ajudada com sua Missa livre, e casas de graça, que tem no mesmo Collegio; e o mais, que passa de cento e cincoenta mil reis, que o logre seu legitimo dono, que são os Catecumenos. E quando for necessario Medico, ou barbeiro, paguem-se da mesma porção por aquella só vez, que vem a ser nada, porque passaõ annos, sem serem necessarios taes Ministros. Quanto mais, que bem podem passar, sem fazerem a barba tanta vezes. E eu a tenho feita bastantemente, a quantos ladroens ha neste Reyno; e se algum me escapou, perdoeme; porque não foy minha intenção deixallo sem chrisma: mas de ver, como ardem as barbas de seus visinhos, poderá apreuder para botar

tar as suas de molho. Restava agora cortar as unhas a todos, e tenho para isso tres tezouras excellentes de aço fino: a primeira se chama *Vigia*: a segunda *Milicia*: a terceira *Degredo*. Direy de cada huma duas palavras; e a todas as unhas tres defenganos: e daremos fim a esta obra.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O LXVII.

*Tezoura primeira para cortar unhas, chama-se Vigia.*

**B**aldado seria o trabalho, que tomey em descobrir tantos males da nossa Republica, se os deixasse sem remedio: e o melhor, que ha para achaque de unhas, não ha duvida que he huma boa tezoura, que as corte: e porque são muitas, as que aqui se nos offerece, offereço tres tezouras, que me parece bastaráo para as cortar todas. Digo pois que a primeira tezoura se chama *Vigia*; porque he grande remedio para escapar de ladroens, vigiallos bem. Ladrão vigiado he conhecido; e em se vendo descuberto, encolhe as unhas. Esta vigia corre por conta dos Reys, que devem mandar ás suas Justiças, que não durmao: muito dormem as Justiças de Lisboa, e á sua imitação as de todo o Reyno. Já não ha huma vara, que ronde de noite, nem quem casse hum milhafre; e porisso as unhas andaõ taõ soltas. E porque os Reys são, os a quem mais neste mundo se furta, porque tem

mais

mais de feu ; ou porque não se resguardaõ porisso tanto como os que tem menos ; sejame licito dar aqui huma palavra a ElRey nosso Senhor.

Senhor , eu offereci esta obra a V. Magestade , para ver nella os kannos , por onde se desbarata sua fazenda , e a de seus vassallos : façame V. Magestade mercê de a ver com ambos os olhos ; porque se os não tiver ambos abertos , nem a capa lhe escapará nos hombros . Mais de mil olhos tinha Argos , segundo contaõ os Poetas ; e nem isso bastou , para Mercurio lhe não furtar huma pessa , que trazia nelles , porque os fechou todos . Dous olhos tem V. Magestade como duas Estrellas ; e se tivera dous mil , cada hum como o Sol , todos teriaõ bem que ver , e que vigiar em seu Imperio ; taõ grande na extensaõ , que se mede com a do mundo ; e taõ alto , e soberano na grandeza , que se levanta até o Ceo . Das mãos dos Reys , disse Nasaõ , que saõ muito compridas ; porque abarcaõ seus Reynos , quando bem os governaõ : mais compridas considero as de V. Magestade ; porque chegaõ do Occidente , onde vive , ao Oriente Nórte , e Sul , onde Reyna , e he temido . Taes lhe tomára a V. Magestade os olhos , e taes os tem , quando em todas as partes do mundo , que domina , põem bons olheiros : e para estes serem melhores , desejavaõ muitos prudentes , que os illustrasse V. Magestade com os titulos , e prerogativas , que fazem os homens mais illustres ; e ficaria V. Magestade com isso mais illustrado , e o seu Imperio mais bem visto , e tudo mais venerado , mais amado , e temido .

Este

Este lustre dos olhos , e olheiros de V. Magestade , não sey se o diga ; porque temo dizello sem fruto ; mas sim direy , porque me assegura , que não será de balde , por ser muito facil , e de muito proveito , e nenhum custo. Ponha V. Magestade quatro Vice-Reys da tua mão nas quatro partes do mundo : grandeza he , a que não chegou Alexandre , nem Monarca algum do Univerſo ; porque nenhum teve , nem tem nas quatro partes do Orbe tanto , como V. Magestade possui. Na Asia Vice-Rey temos ; e pudéramos ter nella tres : o de Goa , que governa a Persia , Arabia , Ethiopia , prayas de Cambaya , e o Mogor , com a parte da India , que corre até Moçambique. Outro em Ceilaõ do Cabo de Comorim para dentro , que governe o Reyno de Jafanapataõ , ilha de Manar , costa da Pescaria , e Chořomandel , com innumeraveis ilhas adjacentes , e Reynos circumvisinhos. Outro em Malaca , ou Macáo , para Bengala , Pegú , Arracaõ , Malucas ; Japaõ , China , Cochinchina , &c. E todos para muitos outros Reynos , e Imperios , que não cabem neste rascunho , e será mais facil velos no Mappa , que pintalos aqui. Na Africa podemos ter outro Vice-Rey em Angóla ; na America , outro no Brasil , e outro em Europa no Reyno do Algarve. Para grandes officios buscaõ-se grandes fugeitos , e humana , e outra grandeza os obriga a darem boa conta de si , e do que se lhes entrega. Pasmaõ as Naçoens , quando vêm que o Monarca de Espanha tem quatro , ou cinco Vice-Reys ; dous , ou tres na America ; e outros tantos em Europa. Mas na Afri-

Africa, e Asia, não lhe he possível; porque não tem nestas duas partes dominio capaz de tão grande governo. Só V. Magestade o tem em todas as quatro partes capacissimo, para ser o mayor Monarca de todos: e porisso assombrará, que se leva muito destas nomeadas; e a cortezia, que se deve a estes titulos, mete veneração, terror, e obediencia até nos coraçoes mais rebeldes.

Sempre ouvi dizer, que o medo guarda a vinha; e os homens tanto tem de temidos, quanto de venerados. Venerados se fazem os homens, a quem V. Magestade entrega o cuidado de seus Imperios, com os titulos, e poderes, que lhes comunica; e quando estes são mayores, então são elles mais temidos: e sendo temidos, e respeitados, guardão, e vigião melhor a fazenda de V. Magestade. Estes são os olhos, com que V. Magestade vencerá os Argos, e vencerá aos lince. Onde ha muitos, sempre ha furto; porque os ladroens são em toda a parte mais que muitos: e como as coufas por muitas lhes vem á mão, as unhas não lhes perdoão; mas onde ha bons olheiros, não se furta tanto. Seja esta a primeira tezoura, que aguarentará muitos furtos, ainda que não diminua muito os ladroens; porque os que o são por natureza: *Naturam expellunt furcæ*. Mas para extinguir estes, ou moderallos de todo, he de grande importancia a segunda tezoura, que se chama *Milicia*; de que já digo grandes prestimos.

\*\*\*\*\*

## CAPITULO LXVIII.

*Tezoura segunda chamada Milicia.*

**O** Bocalino nas suas Cortes do Parnaço, ou Parabolas de Apollo, diz que se amotinaraõ as Republicas do mundo contra Jupiter, por não lhes dar instrumentos, com que pudessem alimpar facilmente a terra, e o mar de ladroens; e que leváraõ por seus procuradores esta queixa a Apollo, para que lha resolvesse, e remediasse. Achaõ-no dando audiencia geral no monte Pindo; recebe-os benigno, e propuzeraõ-lhe a sua embaixada desta maneyra. Senhor como ha de haver no mundo, que estejaõ os horteloens de melhor condiçaõ, que nós, no governo das suas hortas, e quintas? Deulhes Deos instrumentos para as mondarem; deulhes a enxada para arrancar as hortigas, e abroihos; deulhes a fouce para cortarem os sylvados, e todas as malêzas; e ás Republicas nenhum instrumento deu acõmodado, nem se quer hum anciinho, para as podermos mondar, e alimpar de tantos ladroens, que nos destroem, e de tantos males, que nos causaõ sem remedio! Indignou-se Apollo chamando-lhes barbaros! Pois não viaõ a mayor providencia, que Deos tem das Republicas, que das hortas: porque se ás hortas deu a enxada, e a fouce, para as mondarem; ás Republicas deu o pifano, o tambor; e a trombeta, para as alimparem. Tocay caixas, alistay todos effes.

esses, de que vos queixaes, ponde-lhe hum pique ás costas, mandai-os á guerra; lá amañaráo, ou acabaráo fervindo a seu Rey, e patria, e ficará a vossa Republica livre dessa praga. E vedes ahi a melhor fouce que ha, e a melhor enxada, para mondar, e cultivar as Republicas do mundo. Disse Apollo, e disse bem.

O mesmo digo aos Procuradores, e Governadores da nossa Republica, que se queixaõ de haver nella tantos ladroens, que naõ os pôdem extinguir: toquem caixa, toquem pifano, e trombeta; alistem-nos todos para os exercitos das fronteiras, para as armadas das Conquistas; empreguem suas unhas, e garras em nossos inimigos, e ficaráo livres de suas invasoens nossas fazendas. Esta he a melhor tezoura, que ha, para cortar todas as unhas. Naõ sey se notaõ os Criticos, o que tenho notado de dez, ou doze annos a esta parte, que tantos ha, que andamos em guerra viva com nossos inimigos; assim por mar, como por terra. Noto que antes disto, naõ nos podiamos ver livres de ladroens por essas estradas de todo o Reyno, nem podiamos dar passo, sem que nos salteassem pelas charnecas; naõ se fazia feira, em que naõ fizessem mil assaltos; nem havia justiça, que bastasse, para nos livrar desta praga, a qual cessou de todo com as guerras; e já naõ vemos no interior do Reyno ladroens em quadrilhas, como andavaõ dantes; e he, porque lhes démos, que fazer nas fronteiras, lá se cévaõ nas pilhagens do inimigo, com que nos deixaõ.

Nem me digaõ, que quem más manhas ha,

tarde, ou nunca as perderá, e que ainda fazem das suas, e agora melhor; porque andaõ armados, e a titulo de servirem a ElRey, se fazem izentos, e indomaveis; porque a isto se responde, que não haverá tal, se andarem bem disciplinados. São as regras da milicia muito ajustadas com o bem publico; e se os Cabos (que sempre são homens escolhidos) as fizerem guardar, como tem de obrigação, tambem os soldados fazem a sua, de andarem compóstos, ou por medo, ou por primor. Não sey, que tem o andarem os homens alistados, e com superiores continuos sobre suas açoens, que lhes tomaõ cada hora conta dellas, para lhes darem o galardão bom, ou máo, segundo o merecem; que nenhum se atreve a lançar o pé além da mão, antes lhe serve assim o premio, como o castigo de continuos estimulos, para serem bons, e tratarem da honra, e augmentos louvaveis, que por armas se alcançaõ.

Esta he a segunda tezoura, que offereço, para cortar de todo as unhas aos ladroens, que nos inquietaõ. E se esta ainda não basta para alimpar de todo a nossa Republica, e Reyno, porque ha nelle muitos incapazes da milicia, quaes são Siganos, e outros, que se parecem com elles nas obras, e se livraõ da guerra por varios principios, que se deixaõ conhecer, e não aponto; temos outra tezoura muito efficaç para os extinguir no Reyno, sem que escapem, assim haja quem a menêe. Esta se chama *Degredo*, do qual se contaõ, e escrevem grandes excellencias; e eu direy só, as que fazem para o nosso intento no Capitulo que se segue: e neste

nesto não digo mais da *Milicia*; porque tudo, o que della se póde disputar, fica apontado nos Capitulos 20. 21. e 22. das unhas militares.

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O L X I X .

*Tezoura terceira chama Degredo.*

**D**Uas couzas ha, que facilitaraõ muito os ladroens a furtar; huma he, o que sobeja nelles, e a outra, o que falta em nós: e parece que havia de ser ás aveças; porque na verdade o que falta nelles, e sobeja em nós, he o que os move a serem ladroens, para proverem as suas faltas com os nossos sobejos. Com tudo isso não he assim, se não que sobeja nelles cobiça para nos roubarem, e falta em nós justiça para os emendarem: bem está, assim he; mas tomara saber, de donde vem sobejar nelles a cobiça, e faltar em nós a justiça? Eu o direy, a quem estiver attento á historia, ou parabola, que se segue.

Duas Donas principaes, e senhoras muito conhecidas nesta Corte, vieraõ ás gadelhas sobre pouco mais de nada, e fizeraõ huma briga muito arriscada no terreiro do Paço; huma se chamava Dona Justiça, e a outra Dona Cobiça. A senhora Dona Cobiça, não sey se por mais moça, se por menos sofrida, deu huma punhada em hum olho á Justiça, taõ grande, que lho lançou fóra; e dando-a por morta, tratou de se pôr em cobro.

Acolheo-fe para o Paço, que lhe ficava perto; mas logo lhes disserão seus amigos (que lá não lhe faltaõ) que visse onde se metia, que não lhe havia de valer o couto; porque qualquer das Pessoas Reaes, que a encontrasse, a havia de mandar pôr na forca, assim por ser homicidia, e ladra, como por ser Cobiça, que não se permite no Paço. Deu comfigo no Corpo Santo, cuidando de achar guarda na companhia geral da Bolça; mas logo a avisaraõ, que se arriscava a fazerem estanque della para o Brasil; além de que poderia cair nas unhas dos Parlamentarios, ou Hollandezes, se para lá fosse, que lhe dariaõ máo trato, como daõ a tudo. Deu comfigo na rua Nova, para se esconder por essas loges dos mercadores, que todas são escuras, e sem janellas, para não vermos o que nos vendem. Mas temendo que a vendessem por baeta, dessa que compraõ a seis vintens, para a encaixarem a seis tostoens, passou de corrida para a rua dos Ourives; e não fez ahi muita detença, porque vio que mal se podia encobrir, onde tudo se poem á porta. Acolhamonos a sagrado, disse ella por ultimo remedio; mas em nenhuma Igreja a quizerão recolher; por ser vedado nos Sagrados Canons aos Ecclesiasticos todo o trato de cobiça. Tratou de se homiziar em algum Mosteiro, mas todos lhes fecharão as portas; os Religiosos, porque não lhes inquietasse as comunidades com ambiçoens; e as Freiras, porque não podia professar entre ellas, por ser cazada com hum mulato, que se chama interesse. Por fim de contas se recolheo no Castello, onde aturou pouco; porque não se dá  
lá

lá meza, nem cama aos hospedes; e fez porisso taes revoltas, que a degradaraõ para as fronteiras, onde naõ podendo aturar o paõ de muniçaõ, porque he muito mimozo, deu em ladra com tanto defaforo, que roubava a olhos vistos até os pagamentos dos soldados, e destruiu a fazenda del Rey por mil modos, que naõ se pôdem contar: e temendo, que a enforcassem os Generaes porisso, porque he põnto, que se naõ deve perdcar, passou-se para Castella, castigandõ-se a si mesma com degredo voluntario: e porque fugio sem passa por-te, naõ se atreveo a voltar; e lá se fez natural com tanta audacia, e excessõ, que em breve tempo assolou toda Espanha com tributos para engordar, porque hia muito magra deste Reyno. Enxergaraõ-se em Castella os damnos da cobiça, naõ só nos vassallos destruidos com as fazendas quintadas, e fintas, que lhes poz até no fumo, que se vay por elles ares; mas tambem na cabeça do Rey tirando-lhe della Coroas; e quebrando-lhe Sceptros á sua vista. Para se repararem de taõ grandes damnos, deraõ com a causa delles no mundo Novo, onde fez tal estrago, que só na Ilha de Cuba, que tem quinhentas legoas de comprido, e duzentas de largo, matou mais de doze milhões de Indios, para se encher de ouro. O que fez no Perú, no Mexico, e Flórida, naõ he para se referir: dos braços das mãys tirava as crianças, e feitas em quartos as dava a caens, com que andava á caça. Queimava vivos os Cacizes mais opulentos, esfolava Reys, degolava Emperadores, para mais a seu salvo devorar ferras de prata, e

montês de ouro , que mandava a Espanha , para fazer guerra a toda Europa , Africa , e Asia. Revolto assim o mundo todo , e posto em riscos de se perder por esta fera , tratou-se do remedio ; e resolveo-se com maduro conselho , que só a justiça direita lho podia dar ; mas esta estava torta com hum olho menos , que lhe tirou a Cobiça. Puzeraõ-lhe hum olho de prata , para a fazerem direita ; e dahi lhe veyo trazer sempre a prata nos olhos , e o olho na prata , com que ficou mais torta: só no Ceo se achava neste tempo justiça direita: tem-se pedido a Deos por muitas vias , que a mande á terra , e espera-se que venha cedo , e há disso já grandes pernuncios: e como ella vier , e degradar a Cobiça para o inferno , ficará tudo quieto.

Naõ sey se me tenho declarado? Quero dizer, que a Cobiça he mãy de todos os ladroens , e que a justiça se lhe acanha, quando naõ he direita. Haja, quem castigue tudo com o ultimo degredo , e ficaremos livres de taõ más pestes. E esta será a melhor tezoura, que cortará de todo as unhas a tantas harpias, como por todas as partes nos cercaõ. Dirá alguem , que a melhor tezoura de todas he a forca. Naõ a tenho por tal ; porque aqui tratamos de emendar , e naõ de extinguir o mundo ; álem de que naõ haverá forcas , que bastem para taõ grande pendura. Por mais capaz de tanta gente tenho o degredo , comaõ-se lá embora huns aos outros, isso meismo lhe servirá de castigo , e ficaremos livres delles , até que se melhorem , que he o que se pertende ; e os que se melhorarem , tornem a  
nos

nos ajudar com seu exemplo. As razoes, que me movem para não admittir, que se dem facilmente castigos de morte, ficaõ apontados no Cap. 49. das unhas apressadas, do meyo por diante §. *Em Roma havia.*

\*\*\*\*\*

## C A P I T U L O L X X .

*Desengano geral a todas as unhas.*

**M**Ais unhas ha; mas as que temos visto neste Tratado, bastaõ para as conhecermos todas, e para entendermos, quaõ perniciozas, e desarrefoadas saõ. *Ab unguibus leo*, diz o proverbio, pelas unhas se conhece o leaõ, e pelas melmas se conhece o ladraõ. Conhecidos assim bem todos os ladroens, suas unhas, e artes, boas tres tezouras vos dey, para lhas cortardes todas. E se essas não bastarem por poucas para tantas unhas, ou não vos contentarem por asperas, porque nem toda aspereza serve para medicamento, tenho tres desenganos efficacissimos para as emendar suavemente, fazendo-lhes entender, e abraçar a verdade, que he o melhor modo, que ha de correição. Assim he: e he impossivel não repudiar a vontade, o que o entendimento lhe mostra novicio. Peço a todos, os que virem este Tratado, que leaõ com attençaõ estes tres pontos.

DE-

## DESENGANO PRIMEIRO.

**A** Cobiça de riquezas he como o fogo , que nunca diz , *basta*. Quanto mais pasto damos ao fogo , tanto mais se acende , e mais fome mostra de mais pasto , accrescentando-a com aquillo , que a pudéra fartar , e extinguir. Tal he a cobiça , e fome , que os homens tem de riquezas : *Crescit amor nummi, quantum ipsa pecunia crescit*. Disse lá o outro , que cresce a cobiça ao compasso das riquezas , augmentando a fome dellas com a posse , que só a poderá satisfazer. E he o primeiro desengano , que damos a todas as unhas ; que furtaõ para fartar sua cobiça , e fome , que tem de riquezas , desenganem-se , que trabalhaõ de balde ; porque mayor a haõ de ter , quando mais se encherem , e mayores montes ajuntarem ; porque he hydropesia , que quanto mais bebe , tanto mayor sede tem.

Esquadrinhando eu a causa deste appetite infaciavel , acho que naõ procede de fome , mas que nasce de fastio , causado do enjoõ , que a todas as couzas do mundo he natural causallo , pela corrupçaõ , que tem de casa. E dahi vem , que enfatiados do que possuimos , suspiramos por mais , cuidando , que no que de novo vier , acharemos alguma satisfacaõ : e naõ he assim , quando lá vou ; porque tudo he do mesmo lote , e jahez , e em nada ha a satisfacaõ , que buscamos : e por isso digo , que se desenganem todas as unhas , que cançaõ , e trabalhaõ de balde , andando á caça do que nunca lhes ha de satisfazer a sede , que as  
pica.

pica Ora demos-lhe , que não seja assim ; o que assim he , que não achastes fastio em nada ; mas que lograstes muita doçura em tudo , quanto vossas unhas adquiriaõ , e que a vosso bello prazer com muito agrado fostes gostando de tudo , e saboreando-vos em cada couza : dayme licença , para discorrermos por todas , e vereis mais claro ainda o defengano.

### DESENGANO SEGUNDO.

**V**Enhaõ aqui todos os ladroens do mundo , tenha cada hnn tantas mãos como o Briareo Centimano , e em cada maõ outras tantas unhas : não fique unha , que aqui não venha a este exame: pesquem , cacem , empolguem , e pilhem tudo quanto quizerem , ouro , prata , perolas , joyas de pedraria mais preciosa , officios , beneficios , Cômendas , mórgados , titulos , honras , grandezas até não mais , e vamos por ordem discutindo tudo. Nascestes neste mundo nú ( que assim nascem todos ) abristes os olhos , e vistes , que com as riquezas medraõ os poderosos ; desejaistes logo ser hum delles , e tratastes de ajuntar as riquezas , com que os poderosos inchaõ. Esperay : não furtareis para as haverdes , eu vo-las dou todas ; porque só tratamos aqui por hora fazer a experiencia , que vou discursando , para cahirdes no defengano , que trato de vos intimar : e se as tendes já , porque as adquiristes servindo , chatinando , e roubando , que tudo vem a ser o mesmo : Dizime agora , se vos falta mais alguma couza , depois.

pois de vos verdes com grande cabedal, que he o que pertendeis? Pertendo, responde muito sezudo, hum ginetá de Capitaõ mór, para ter que mandar, e ser temido, e respeitado de todos, e merecer servindo a Sua Magestade, que me faça maiores mercês. Se o naõ haveis mais, que por hum ginetá, dou-vos hum bastaõ; e dou-vos, que servistes já com ginetá, e bastaõ, até vos enfadardes, e praza a Deos naõ vos enfadeis mais cedo do que convêm. Ao depois dessa Capitanã, e Generalatõ, tomára saber, o que se vos segue para appetecer? Segue-se hum Cõmoda famosa, para ter renda, que gastar, e com que viver na Corte, livre dos perigos da guerra, e das baixas da chatinaria. Se o naõ haveis por mais, dou-vos duas Cõmodas, e que sejaõ embora as mais grossas do Méstrado de Christo; e faço-vos Fidalgo nos livros delRey, para que com honra, e proveito fiqueis mais satisfeito. Ao depois de tanta cõmoda, e fidalguia, tomára saber, que he o que resta a v. m. Hum titulo de Conde para mayor credito meu, e lustre de minha geraçaõ. Titulo de Conde? Com pouco se contenta v. m. senhor Commendador, eu lho dou logo de Marquez: e diga-me por vida sua, senhor Marquez; diga-me Vossa Senhoria, ou Vossa Excellencia ( que já se naõ contentaõ com Senhoria ) ao depois deste titulo, que he o que se lhe segue? Segue-se passar hum velhice muito descansada, e lustrosa. Embora, seja assim, ainda que lho pudera negar; porque neste mundo naõ ha velhice descansada, nem lustrosa: *Senectus ipsa est moribus.*

*buz.* A mesma velhice em si he doença cheya de mil defalinhos. Essa velhice ha de ter o fim: e ao depois d'elle tomára saber, que he o que se segue a V. Excellencia, meu senhor Marquez? Seguirfeme-ha huma morte muito bem affombrada; porque farey hum testamento cheyo de mandas para meus parentes, e que me fação humas Exequias, em que se gastem duzentos mil reis, e dous trintarios de Missas pela minha alma: *Et requiescat in pace*; que representey meu dito. Bem está; mas ainda não tem dito tudo Vossa Excellencia. Demaneira meu senhor, que deixa quinhentos cruzados para Exequias, e trinta tostoes para Missas! Pois eu tomara-lhe antes os quinhentos em Missas, e os trinta em Exequias. E as mandas, que deixa a seus parentes, quem lhe disse, que não seriaõ demandas? E a morte bem affombrada, que se promete, quem lhe passou carta de seguro para ella? Não sabe que os velhos; quasi todos, morrem tontos, e que toda a morte no mundo sempre foy muito feya, e mal affombrada? Mas dou-lhe que a teve assim como a pinta, muito formosa, contra o que nos mostraõ seus retratos; e dou-lhes, que lhe fizeraõ seus parentes as Exequias, ainda mais magestosas. Ao depois de tudo isso, que he o que se lhe segue? Que he o que resta? Não me responde? Encolhe os hombros? Diz que não sabe? Pois este ponto, e este ao depois tomára eu, que o trouxera estudado desde o primeiro despacho da gineta, e desde o primeiro dia, em que entrou nú neste mundo, para prova, de que assim havia de sahir d'elle, sem  
 levar

levar nada de quanto ajuntou na vida: e se o não sabe, porque nunca cuidou nisso, eu lho direy, esteja-me attento.

Ao depois da morte, e das Exequias, segue-se hir para baixo, ou para cima; voar para o Ceo, ou descer para o Inferno. Quem servio o mundo, e se carregou do alheyo, esse pezo mesmo o leva para o profundo: Quem fugio do mundo, e desprezou tudo isso, fica ligeiro para voar ao Ceo. E este he o ponto mais essencial, e a maxima do nosso ser, que devemos trazer sempre diante dos olhos, para defengano, de que tudo dispara em nada: e desse nada resulta hum muito, que são eternas penas, as quaes cambiadas com o gofsto, que lograftes, ou comprastes, necessariamente vos haveis de achar enganado, em muito mais da ametade do justo preço. E para que não duvideis disto, ouvi a S. Paulo: *Raptores Regnum Dei non possidebunt*. Que a ladroens não se deve gloria, senão penas. Mas direis, o que já disse hum Grande de Castella em Madrid: *Esto del Inferno parece-me patranha; y lo del Limbo ninheria; que lo de Purgatorio nõ ay duda, que es invencion de Clerigos, y Frayles, para sacar dinero por Missas*. Não sey, como não disse tambem, que não havia gloria, nem Ceo! Mas temeo, que lho mostrassem com o dedo até os cegos: e não diria mais hum orate, nem Machavelo, nem Mafoma. E já que vos pondes em termos tão alcantilados, que vem a ser, que não ha mais que este mundo, estendey os olhos por todo elle, e achareis que tudo he corruptivel. Consideray, os que  
 mayo-

mayores bens, e glórias lograraõ, Salamoens, Alexandres, Cressos, Midas, Cefares, Pompéos; nem delles, nem de suas riquezas, e mandos, achareis rasto, mais que alguns rascunhos de memorias confusas, que foraõ, que acabaraõ, que disseraõ seu dito no theatro deste mundo. E se fois taõ Atheo, que nada disto vos move para crer, que ha outro mundo melhor, e que se naõ deve fazer caso deste, confesso que este defengano para Christãos o dava, que o devem crer: mas para Atheos será o defengano ultimo, que se segue.

### DESENGANO TERCEIRO.

**S**Upponho que naõ fallo com animaes brutos, mas com homens racionaes, que se entendem; mas que sejaõ Atheos, que naõ crem, que ha Deos, nem outra vida. Tratando só desta: dou-vos, que vos fez vossa fortuna; assim como vós quifestes, nobre, saõ, valente, gentil-homem; o que adquiristes por vossas artes, e industria tudo, quanto o mundo ama, e estima, e em que poem sua gloria. Tudo vem a ser riquezas, honras, e gostos; e nada mais ha neste mundo, nem elle tem mais que lhe possaes roubar. Senhor estaes de tudo: Dizei-me agora, quaes saõ as vossas riquezas? Saõ thesouros de ouro, prata, joyas, pellas, enxovaes, propriedades, rendas, &c. Se daes, ou gastaes isto, como mundano, fois pródigo: se o guardaes como escasso, fois avarento; e ambas as couzas saõ vicio. E se tendes entendimento, como suppomos, fois obrigado a crer, que

que em vicios não pôde haver gloria, nem defcanço; assim o alcançaraõ, e elcreveraõ até os mayores idolatras do mundo. Pelo meyo da prodigalidade, e avareza, corre a liberalidade, que dispende, e guarda com a moderação devida; e porisso he virtude; e porque o he, não atina com ella, quem serve o mundo, que traz apregoada guerras com as virtudes. E vedes aqui, como nas riquezas não pôde haver para vós a bemaventurança, que nos fingis.

Quaes são as vossas honras? São titulos, que vos fazem respeitado; apparatus de creados, e vestidos, que vos fazem venerado; são officios, que vos dão poder para foppear, e ficar superior a todos: e se bem considerardes tudo, nada disto tendes de vós; tudo vos vem dos outros, que volo pôdem tirar com vos negar huma cortezia. Bem fraca he a honra, que depende de huma barretada; de pouca estima deve ser o titulo, que se perde com hum delicto; os apparatus, que se desfazem com huma ausencia; e as superioridades, que se malograõ com huma defobediencia dos subditos: e tudo, o que chamaes honra, vem a ser hum vidro, que com a liviandade de huma mulher se quebra, e como o desconcerto de qualquer de vossa familia se tolda, com o espelho com hum baso. E se bem apertardes a honra buscando-a em vós mesmo, não a haveis de achar, porque toda he de quem a dá, e se vola negar, ficaes sem ella: e até a que chamaes de sangue, não consiste no vosso, senão em vossos antepassados, e em seus braçoens, que vem a ser pergaminhos velhos.

velhos roídos de ratos, folhagens, e fingimentos mal averiguados. E vedes ahi como não póde haver bemaventurança em honras; porque a bemaventurança verdadeira deve ser estavel, e as honras são mais mudaveis, que as grimpas.

Os deleites nesta vida nos cinco sentidos se cifraõ todos: e os da vista com ser dos sentidos o mais nobre, são de qualidade, que a noite es rouba; e nisso quo vemos de dia, ainda que nos alegre, vemos, que ha mais defeitos para aborrecer, que perfeiçoens para estimar; e até nas mesmas perfeiçoens vemos, que não são de dura, que se murchaõ como rosas, que se extinguem como luzes, e que fogem como auroras: e vem a ser tudo hum crystal de furta cores, que a hum virar de olhos desapparece tudo. Os gostos do ouvido são musicas, e lisongjas: lisongjas, que mentem, e enganaõ; musicas, que se compoem de vozes; as vozes do ar, o ar fugeito aos ventos, porque tudo nesta vida vem a disparar em vento. Os do cheiro nascem de fumos, e vapores, que em si mesmos se exhalaõ, e extenuaõ, até se consumirem: que couza mais corruptivel, que o fumo; que couza menos duravel, que o vapor ténue? Os do gosto são doçuras, e sabores de manjares, e licores? se os tomaes com demazia, mataõ-vos; se vos abstendes delles, já os não lograes, e se os usaes com moderaçaõ, continuados enfastiaõ, dilatados causaõ fome, e deixados são como se não fossem para defengano, que por todas as vias não se acha gosto nos mesmos gostos desta vida. Os do tacto, que consistem na brandura, no

Cc

carêo,

carêo, e afago, com que a sensualidade lisongêa a natureza, quem os logra confessa, que são momentaneos; e ainda que successivos, de tal maneira se alternaõ, que são mais as dores, que as suavidades, que de seu trato, quando he immoderado, resultaõ. E em conclusãõ todos os deleites dos sentidos rendem vassalagem ao somno, que os sepulta. O somno imagem da morte he senhor de todos os gostos, para os ter cativos, e sepultados: e quem a tal senhor se fugeita, bem certo he, que nada tem de bemaventurança, nem de dita.

Isto he, o que passa nesta Babylonia do mundo, onde tudo são confusões, e labyrinthos. Destas faco ao mundo, para viverdes nelle abastado, e satisfeito, e em nada achastes a satisfação plena, que buscaeis: seguisstes suas leys, que vos ensinaraõ a pertender, buscar, e estimar, o que elle estima; e achastes em tudo vaidades sem firmeza, amargóres sem doçura, inferno sem bemaventurança. Que resta logo? Cuidarmos, que toda a gloria he como esta, e que não ha outra, será engano, que até ao lume natural repugna; porque a grandeza, constancia, e formosura do Ceo nos testemunha, e assegura, que ha outra couza melhor, que isto que cá vemos, e que ha bemaventurança solida, e verdadeira. A esta não he possivel, que se vá pelo caminho, que segue o mundo, pois vemos, que nos leva ao contrario. Outra ley, e regra ha de haver necessariamente, que nos guie com verdade, e leve ao descanso firme, e que nos ponha na gloria, que não padece  
eclyp-

eclipses. Esta he a Ley Divina, que se reduz a dous preccitos, que saõ, amar a Deos sobre todas as couzas, e ao proximo, como a ti mesmo. Quem ama a Deos, naõ trata do mundo, porque lhe he opposto; quem ama ao proximo, naõ o offende: dar a cada hum o que he seu, he hum ponto; em que tudo se cifra; a Deos a gloria, e ao proximo o que lhe pertence. E quem chegar a esta felicidade, logrará a mayor bemaventurança, ainda nesta vida, e livrar-se-ha dos infernos deste mundo; que infernos vem a ser todas suas couzas nas penas, molestias, e tribulaçoens, que causaõ, até quando se gozaõ; e porisso com muita propriedade, e razaõ lhes chamou Christo espinhos. Quem quizer viver sem estes, viva sem o alheyo, trata só do que lhe pertence, e converte-se-ha esta vida em gloria, e achará no mundo o Paraíso: e bem se prova; porque se o naõ ha, em quem segue as leys do mundo, havello-ha necessariamente, em quem seguir a ley contraria, que he a de Christo, a qual se resolve naquella sentença sua: *Reddite ergo, quæ sunt Cesaris Cesari, & quæ sunt Dei Deo.* Que demos a cada hum o que he seu; a Deos a honra, e ao proximo o que lhe convém. Donde se segue, que quem naõ tomar o alheyo será bemaventurado.

*CONCLUSAM FINAL,*  
*e remate do desengano verdadeiro.*

**T** Eve hum Religioso santo huma visãõ, em que lhe appareceo huma matrona muito for-

mosa com huma tocha aceza em huma mão, e huma quarta de agua na outra. Perguntou-lhe o fervo de Deos, quem era? Respondeu: Sou a Ley de Christo. E que tem que ver com a Ley de Christo effes dous elementos fogo, e agua, que trazeis nas mãos? Com este fogo trato de abraçar o Ceo até o desfazer; e com esta agua quero apagar o inferno até o aniquilar: e depois de não haver Ceo, que espere, nem Inferno, que tema, ainda hey de guardar a Ley de Christo; porque só com a guardar acho, que terey gloria, e ficarey livre de penas. Assim passa, que até neste mundo tem gloria, e descanso, e se livra de penas, e affliçoens, quem guarda a Ley de Christo, que dá o seu a seu dono; e quem o nega, quem o defrauda, quem o rouba, não achará o que busca, se he que busca descanso; mas achará afflicção de espirito, cansaço de corpo, tormento para a alma, e vivirá em inferno.

Que fazes homens á vista de verdades tão claras? Abre os olhos, vê em que te occupas, trata do eterno, e celestial, deixa o temporal, e terreno; porque te affirmo, o que he certo, que hum milhaõ de arrobas de glorias temporaes não faz meya onça de bemaventurança eterna: esta custa muito pouco a haver, porque se alcança vivendo no descanso da Ley de Christo; e aquellas custão muito a achar, porque se buscão com o suor, e trabalhos, que consigo trazem as leys do mundo. Deixa de ser ladraõ, e terás o que has mister; porque terás a Deos, que para si te creou, e não para servires o mundo falso, e enganador, que

que-naõ tem que te dar mais, que dores disfarçadas com apparencias de mimos; suas glorias faõ relampagos, que se por huma parte luzem, por outra disparaõ rayos. Suas luzes faõ de candeia, que com hum alffopro se apagaõ. Seus affagos faõ rapozas de Sanfaõ astutas, que no cabo leuaõ fogo, que abraza. Sua formosura he a dos pomos de Pentapoli, por fóra dourados, e por dentro corrupçaõ, e fumo, em que poem seu termo todas as couzas do mundo, que naõ tem outro fim.

E eu ponho aqui remate a este Tratado, que intituley *Arte de furtar*; porque descobre todas as traças dos ladroens, para vos acautelar dellas: aqui vos ponho patente este espelho, que chamo de enganos, para que nelle vejaes os vossos, e vos emendeis conhecendo sua deformidade: Este he o theatro das verdades, se as conhecerdes, e seguireis, representareis melhor figura no deste mundo. Mostrador he de horas minguadas, para que fugindo as acheis huma boa, em que vos salveis. Tambem he gasúa geral, que se bem se occupou até aqui em abrir, melhor saberá fechar: chave he que fecha, e abre; se usardes bem della, fechareis para naõ perder, e abrireis para ganhar. Verdadeiramente he chave mestra, que vos ensinará a verdadeira arte, com que se abrem os thesouros do Ceo, os quaes lograreis, quando menos usurpardes os da terra. Em quanto estudaes esta *Arte*, vos fico compendo outra mais liberal, que se intitula: *Arte de adquirir gloria verdadeira*.

F I M.

